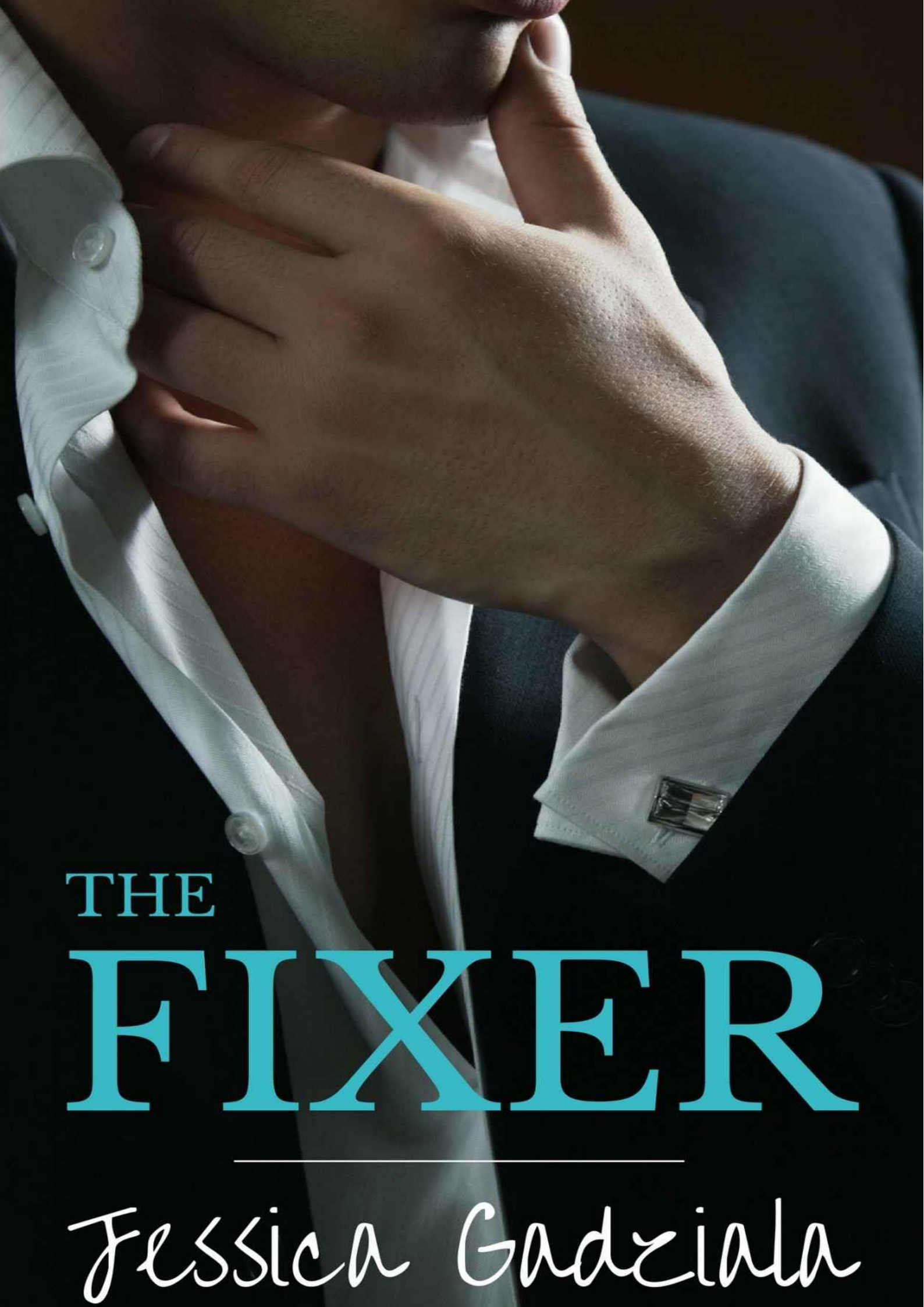




THE
FIXER

Fessica Gadziala



Jessica Gadziala

#1 The Fixer

Série Professionals



Tradução Mecânica: Criz

Revisão Inicial: Criz

Revisão Final: Aurora Wings

Leitura: Lili Wings

Data: 04/2019

The Fixer Copyright © 2017 Jessica Gadziala

SINOPSE

AVEN-

Há algumas coisas em que eu não acredito.

Como o Papai Noel. Um político honesto. E pressentimento.

Isso foi, claro, até que eu acordei com um.

E eu sabia.

Este era o dia em que eu ia morrer.

Os policiais, até agora, provaram-se inúteis e desinteressados em meus problemas. Quando você não conseguia ajuda dos canais legais, que outra opção você tinha, senão procurar em outro lugar?

Foi assim que me deparei com Quinton Baird.

Um Solucionador.

Seja lá o que diabos era isso.

Tudo o que eu sabia era que eu tinha um problema que precisava ser resolvido.

Esperava que antes de me matar.

QUIN-

Havia algumas coisas em que eu poderia colocar minha fé cegamente. Minha equipe. Pessoas fodidas, e precisando da minha ajuda. E meu intestino.

Então, quando minha recepcionista me informou que a mulher em um caso que eu decidi que não era o meu tipo de trabalho estava tendo um pressentimento sobre precisar desesperadamente de ajuda, sim, eu arrastei minha bunda pela cidade para checar as coisas.

Só não confiei no fato de que ela estava com problemas além do que eu poderia ter antecipado, mas ela também não era o que eu esperava. Linda, resistente e um inferno de distração que eu não precisava.

Quando as peças de seu estojo começaram a cair juntas, fiquei me perguntando se talvez essa nova sensação desconhecida no meu intestino estivesse me dizendo que Aven era muito mais do que apenas outro nome em um arquivo de caso...

A SÉRIE

Série Mallick Brothers

Jessica Gadziala



Capítulo Um

AVEN

Ele ia me matar.

Eu não estava sendo dramática. Não estava sendo uma mulher fraca, patética, exagerada, louca e histérica. Essa não era eu. Eu era realista, simples e singela.

E a realidade era que ele ia me matar.

Demorou muito tempo, na verdade.

Estava antecipando a eventualidade disso por oito meses exatamente. Porque, o fato era que eu sabia muito sobre homens como ele e o que acontecia quando eles se graduam de perseguidores para psicopatas. Culpe minha obsessão com a verdadeira TV e livros sobre crime.

E por causa desse conhecimento, eu não estava sentada em minhas mãos e esperando para morrer. Não tinha exatamente a vida mais incrível e selvagem. Na verdade, era um pouco idiota. Mas era minha, e eu meio que queria a chance de ter coisas interessantes acontecendo. Para fazer isso, eu precisava ser inteligente.

Em primeiro lugar, fui à polícia.

Isso era o que qualquer mulher bem ajustada com o meu problema faria, certo? Mesmo se você soubesse que o NBPD era corrupto. Eles deveriam ajudar as pessoas na minha situação.

Fui conduzida por fileiras de escrivainhas cheias de homens e mulheres que pareciam totalmente infelizes lidando com a papelada, onde um detetive de meia-idade me falou com um bigode bobo, mas de alguma forma encantadora, e olhos verdes quentes que, ele sentia muito. É uma droga, mas não há muito que ele possa fazer. Eles poderiam, é claro, pedir uma ordem de restrição, mas me avisaram que, na maioria das vezes, isso tendia a aumentar a raiva. Deixei a delegacia frustrada, mas determinada.

A primeira parada foi no pet shop. Em geral, era uma amante de coisas fofas tipo cães de bolsa, senti um arrepio quando passei pelas fileiras de jaulas ao ar livre, onde dezenas de cães sem-teto viviam em seus dias. As placas em suas portas os chamavam de “misturas de terrier”, mas não estavam enganando ninguém. Todos conheciam um Pitbull quando viam um. Robusto no peito, de cabeça larga. Não havia como confundir essas misturas de terrier que tinham que viver suas vidas em gaiolas sem brinquedos ou camas macias e fofas, porque toda a espécie tinha uma má reputação graças a algumas maçãs podres. Eu tive um Springer Spaniel quando criança, que ficava com raiva. O veterinário chamou de “raiva de Springer” e não era incomum. Mas as pessoas ainda compram essa raça às dúzias. Injusta, sua reputação.

Mas a reputação deles era exatamente o motivo pelo qual eu estava passando por eles, lendo seus sinais em busca de seus traços de personalidade. Eu queria algo que parecesse mau. Passei pelos que estavam alegremente balançando as caudas, pulando para cima e para baixo com a intensão de ganhar algum carinho.

Em vez disso, concentrei-me naqueles que andavam de um lado para o outro nos compartimentos, parecendo que estavam apenas esperando uma chance de sair dessas gaiolas para fazer a vida por eles mesmos nas ruas. Os que pareciam chateados que até me incomodava em estar perto deles.

Claro, eu iria fazer xixi tentando cuidar de um no primeiro ou no segundo dia até encontrarmos um ritmo. Mas se ele fosse assustador o suficiente para ser um impedimento, então teria que lidar com esse medo.

Ele empalideceu em comparação com o medo que eu estava enfrentando para começar de qualquer maneira.

Eu me decidi por um Pitbull de cor cinza chamado Mackey, que tinha “agressão à comida”, não gostava de estar na coleira e era propenso a latido crônico. Juro que o cachorro me deu um olhar que dizia: ‘você é uma idiota, senhora’, quando o cara que trabalhava lá o ajudou a ir para uma caminhada para fazer o seu negócio enquanto eu preenchia a papelada alegando que tinha experiência com cães difíceis.

Uma hora depois, Mackey estava no banco de trás, roendo casualmente o encosto de cabeça do lado do passageiro, com os olhos em mim o tempo todo, silenciosamente me desafiando a dizer algo sobre isso.

Que eu não disse.

Eu o levei para casa, cuidadosamente pegando a coleira, depois o libertando em minha casa para familiarizar com seu novo ambiente e, vamos encarar isso, destruir algumas coisas.

O número dois da parada foi a loja de ferragem. Consegui fechaduras e fechos, aquelas pequenas coisas de alarme que você pode colocar em suas janelas para que, se forem abertas, elas gritassem. Eu tenho luzes de movimento externas para colocar literalmente em todos os cantos da minha casa modesta.

A terceira parada foi a loja de artigos esportivos locais, onde carreguei botas de cano de aço, bastões, facas e spray de pimenta. Então, para o inferno disto, comprei repelente de urso também. Ele tinha um spray com mais alcance. Na minha opinião, quanto mais longe dele eu pudesse permanecer enquanto me defendia, melhor.

Mackey foi fiel às suas promessas. Ele andou de um lado para o outro, latiu até meus nervos sentirem que tinham sido destruídos pelo som. Pulou em mim quando fui colocar sua comida no chão, fazendo-me precisar prendê-lo preventivamente no banheiro antes de começar a preparar.

E apesar de sua maldade, ele não era o impedimento que eu esperava que fosse, embora me sentisse um pouco melhor em tê-lo por perto.

Mas ele ainda aparecia noite após noite.

E eram partes iguais, ridículas e aterrorizantes. Porque, realmente, como era clichê ter um perseguidor? Era o material de programas de TV durante o dia ou, alternativamente, programas policiais de horário nobre, e orçamento baixo com algum narrador de tom sombrio e reconstituições horríveis com o que só poderia ser descrito como atores de baixo nível.

Eu sempre os assisti com um tipo de entretenimento barato.

De alguma forma, eu dei de ombros sobre os avisos que eles sempre davam sobre como uma em cada seis mulheres seria perseguida em sua vida em diferentes graus, certa de que eu fosse uma das cinco.

Eu não era o tipo de mulher que seria perseguida.

Perseguidores gostavam de mulheres jovens, estupidamente lindas e extrovertidas que sorriam para eles na mercearia ou saíam em um encontro on-line desastroso.

Eu estava chegando aos trinta, eu era bonita o suficiente, mas não espetacular, era reclusa por natureza, e tinha uma cara de cadela em repouso que encolheria as bolas de um homem a cem metros.

Eu deveria estar segura.

Mas lá estava eu, noite após noite, observando um homem fora das minhas janelas. Às vezes ele apenas fica parado ali, sendo um trepadeira. Outras vezes, ele tinha uma câmera. Então, quando ele ficou mais confortável com a taxa de resposta incrivelmente lenta do adorável NBPD quando o chamei, ele decidiu começar a se masturbar enquanto estava lá, gozando por todo o chão ou, quando estava sendo particularmente repugnante, com a mão, depois espalhando tudo pelas minhas janelas.

Ele estava sempre fora quando os policiais apareciam, desaparecia na floresta ou na rua, onde ele poderia ter se escondido no bar de Chaz, ou no She Bean Around, uma cafeteria local, ou qualquer outro lugar que estivesse aberto.

E os policiais começaram a pensar que eu estava de brincadeira ou ficando louca, e seu tempo de resposta ficou ainda mais lento até que, uma noite, eles não apareceram até mais de uma hora depois da minha ligação. Foi então que parei de me incomodar em ligar.

Eles não podiam me ajudar.

E, para ser perfeitamente honesta, não podia pagar para ter segurança privada. Além disso, graças a uma hipoteca que estava me matando, não conseguia me mudar também. A única razão pela qual consegui a casa em primeiro lugar foi porque era, bem, uma merda, e eu tinha o requisito de vinte por cento para amortizar. Mas aqueles vinte por cento me amarraram completamente, e logo depois de me mudar, perdi meu emprego decentemente remunerado como esteticista quando o salão faliu. Dado que não havia outras vagas de emprego naquele campo particular em qualquer lugar dentro de cinquenta quilômetros, aceitei um emprego como depiladora. Sim, depiladora. Eu tinha minhas mãos nas partes das senhoras todos os dias. As horas eram irritantes. Era um inferno estranho e eu tinha pouco dinheiro sobrando depois de pagar as contas.

Você me acharia situada relutantemente entre uma pedra e um lugar duro.

Eu fiz o melhor que pude, mas estava provando que não era o suficiente.

Ele ficou mais ousado.

O olhar fixo, a captura de imagens e o ato de se masturbar haviam se transformado em anotações embaixo da porta com avanços sexuais que tinham tons de crescente violência.

A primeira nota foi inocente o suficiente, embora assustadora, dadas as circunstâncias. *Você é tão bonita. Eu amo quando você olha para mim.*

Me afastei para longe quando percebi que seu rosto na minha janela era mais parecido com isso.

Mas o da semana passada foi o suficiente para fazer meu estômago cair.

Eu vou te segurar e te foder até você gritar.

Não é exatamente uma nota de amor.

Então, finalmente, apenas algumas noites atrás, ele começou a bater nas janelas quando eu estava dormindo à noite ou tentando entrar pela porta da frente ou de trás. A porta dos fundos, cinco fechaduras à parte, também tinha a geladeira encostada nela. À noite, movi a estante de livros para a porta da frente também. Mas ele era um cara grande, se ele conseguisse passar pelas fechaduras, eu duvidava muito que minha geladeira ou estante de livros da Ikea pudesse mantê-lo fora.

Mas esta manhã acordei e *soube*.

Eu não era supersticiosa ou algo assim. Na verdade, eu nunca tinha tido o que era comumente referido como um “instinto” antes daquele momento.

Mas eu sabia.

Ele ia entrar hoje à noite.

Desesperada por alguém, qualquer um que pudesse me ajudar, procurei por qualquer pessoa no Navesink Bank por qualquer tipo de segurança ou músculo contratado que eu pudesse implorar para me ajudar... em algum tipo de plano de pagamento.

Foi quando me deparei com o nome dele Quiton Baird.

Era um nome pretensioso.

Seu site combinou.

Aparentemente, ele consertava as coisas. Ele era um *Solucionador*. O que diabos isso significava.

Mas eu estava desesperada, e minha situação estava precisando de algum conserto.

Liguei e falei com a garota na recepção. Ela me perguntou o que estava acontecendo. Eu dei a ela todos os detalhes sangrentos até o meu pressentimento sobre as coisas indo para o inferno naquela mesma noite. Então ela me colocou em espera, e outra pessoa atendeu, um homem, obviamente aquele que estava encarregado de dar a má notícia porque ele fez o caminho do band-aid, rápido e doloroso.

Solucionadores, ao que parece, só consertavam as situações depois que elas iam para o inferno.

Ele me disse que enviaria a mensagem para o “chefe” quando voltasse de manhã, mas não era para ter minhas esperanças.

Desliguei me sentindo tão desesperada que foi quase o suficiente para me deixar de joelhos.

Eu não podia contar com um cachorro que mal gostava de mim, muito menos o suficiente para me proteger, tacos de beisebol e spray de pimenta.

Tempos desesperados e medidas desesperadas. Havia uma razão que era uma expressão idiomática.

Respirei fundo, encurralei o cachorro na sala da frente, escorreguei na coleira, peguei o spray de pimenta, e fiz uma caminhada pela rua principal em direção a um lugar que nunca teria entrado antes de bom grado.

Eu tinha visto filmes e programas de TV suficientes sobre motociclistas para saber que eles geralmente viam mulheres como garçonetes e só pernas abertas.

Mas, se os rumores fossem verdade, eles estavam onde eu poderia pegar uma arma sem qualquer tipo de trilha que levasse a ela.

O complexo do Henchmen MC era comprido e sem janelas, com cercas gigantescas e homens assustadores andando pelos jardins o tempo todo.

— Hey baby, — o cara no portão disse, me dando uma rápida

olhada. — Posso fazer algo por você?

Eu estava tão envolvida no meu terror, e iminente possível estupro e assassinato que eu ignorei esse cara. Assustador? Certo. Mas quente também. Alto e em forma, ele estava coberto de tatuagens que saíam de suas mangas, e acima do colete de couro que ele usava com o logotipo do The Henchmen MC que sabia estar nas costas de vê-los andando pela cidade o tempo todo. Ele tinha cabelos escuros, estrutura óssea classicamente atraente e olhos cinzentos.

Eu não sabia exatamente como alguém fazia as atividades criminosas, nunca fiz algo ilegal, nem mesmo baixar músicas gratuitamente ou transmitir um filme pirata online. Eu imaginei que sem besteiras era geralmente o caminho a percorrer sobre essas coisas. — Eu preciso de uma arma, — eu disse, erguendo um pouco o queixo, tentando não ficar ofendida quando ele riu no começo.

— Você fala sério?

— Estou falando sério, — concordei, tentando manter meu rosto em branco, não querendo que ele visse o desespero que eu sentia.

— Para quê? — ele perguntou, interessado.

— Se eu quisesse fazer uma verificação de antecedentes, iria bater em uma loja de armas legal, — eu disse, ajeitando meus ombros, fingindo que não estava em risco de virar e correr a qualquer segundo.

— Justo o suficiente, — ele disse com um encolher de ombros casual. — Você tem o dinheiro? — ele continuou.

Isso realmente dependia de quanto a maldita arma custava, mas percebi que as armas, como qualquer compra, tinham uma ampla gama de preços. Eu não precisava da arma tipo fodona. Eu só precisava do tipo “pode colocar um buraco em alguém se eles estão tentando me estuprar e me matar”.

— Sim.

— Baixa ou alta cadência? — ele continuou, olhando outra vez. Se ele fosse uma mulher, eu imaginaria que ele poderia dizer que meus jeans eram de uma loja barata e meus saltos tinham manchas coloridas com um marcador permanente onde o couro falso tinha arranhado. Mas sendo ele um homem, percebi que tudo o que ele via era quadris, bunda e peito. Estranhamente, eu de alguma forma preferi isso.

— Baixa está bem. É... apenas para proteção em casa.

Seu sorriso foi um pouco diabólico então, os olhos brilhando. — Se você precisa de proteção em casa, baby, eu posso te proteger em sua casa. Na sua cama...

Senti meus lábios se curvarem, mas era sarcástico, não divertido. — Só a arma, obrigada.

— A oferta fica, — ele disse, acenando com a mão para um dos outros caras, em seguida, dando-lhe algumas ordens e o cara sumiu.

— O que eu devo a você? — eu perguntei, esperando que o que eu tinha no bolso de trás, literalmente, até o último dólar que eu tinha em meu nome, fosse o suficiente.

— Diga uma coisa, já que você é tão bonita e o fato de precisar dela para se proteger em casa significa que você não tem um homem, eu vou fazer um desconto. Digamos duzentos.

Duzentos?

Eu superestimei o custo de uma arma.

De repente, estava preocupada que talvez baixo nível significasse que a maldita coisa não iria disparar ou o tiro... sair pela culatra e destruir metade do meu rosto ou algo assim. Mas o que foi feito foi feito porque o outro cara estava correndo, fazendo algum tipo de movimento que, obviamente, de alguma forma, depositou a arma na pessoa dos outros motoqueiros, porque o outro cara correu de volta novamente.

— Venha até aqui, baby, — ele disse estranhamente, fazendo-me endurecer. — Não se preocupe, não vou tentar transar com você. Embora, eu não recusaria isso se fosse oferecido. Mas você precisa colocar sua bunda mais perto porque não posso simplesmente te entregar uma arma em plena luz do dia.

Certo. Ok. Dã.

Eu me inclinei, fingindo estar acariciando meu cachorro que choramingou e tentou se afastar enquanto eu me movia para pegar o dinheiro do meu bolso, então me levantei e me aproximei do muito quente, muito interessado motociclista que de repente chegou às suas costas quando ele me puxou até quase o seu corpo, seu hálito quente no meu ouvido. — Esta é uma pistola nove milímetros Smith & Wesson® SDVE. É pesada, mas é suave. Quando você for para casa, imagine que você pode querer ficar online e procurar como lidar com isso, pois é claramente sua primeira arma. — Com isso, senti sua mão tocar minha barriga, e o empurrei de volta, mas a outra mão foi para a

parte inferior das costas, me segurando ainda como algo longo, duro e frio deslizou para o cós da frente da minha calça e sua outra mão deslizou no meu bolso traseiro e eu senti o que eu assumi ser um saco de balas deixado lá.

— Certo, — eu concordei, engolindo um pouco enquanto a mão dele saía do meu bolso e movia-se para a minha bunda.

— Pagamento, baby, — ele me lembrou, fazendo-me balançar a cabeça como se para limpá-la.

— Oh, sim, — eu disse, mas esperei por instruções.

— Por que você não coloca no bolso da frente? — ele sugeriu, sorrindo de novo.

E bem, o negócio estava quase pronto. Eu tinha o que procurava e os policiais não tinham nos cercado, como se eu fosse paranoica.

Então eu não ia ficar abalada por algum motociclista arrogante que queria me apalpar. Estendi a mão, enfiei minha mão, em seguida, puxei-a para fora antes que ele pudesse sequer piscar.

— Ai. Estamos resolvidos, — declarei, me afastando e andando o mais rápido que pude sem parecer que estava fugindo.

Quando voltei para casa, soltei o cachorro que correu o mais rápido que pôde, tranquei as portas, coloquei minha estante de sempre na porta da frente, peguei meu notebook e subi para o meu quarto. Eu puxei a arma não tão assustadora como eu imaginei para fora do meu cós e coloquei cuidadosamente na minha cama. Era preto com um controle deslizante de aço inoxidável e pequenas manchas no cabo e perto do gatilho. Peguei as balas também, subi na cama e fiz o que me disseram, eu pesquisei. Pesquisei até saber que não havia nem margem de erro nos detalhes técnicos. Até que eu tinha carregado, descarregado, recarregado e deslizado dentro e fora da segurança uma dúzia de vezes, ficando confortável com o peso e onde tudo estava localizado.

Enquanto estava sentada na minha cama, a casa estranhamente silenciosa quando a noite caiu, meu estômago se contorceu em nós. Eu tive talvez um momento ou vinte de fraqueza absoluta, onde me perguntei se talvez me prostituir com um motociclista malvado em troca de proteção não fosse uma má ideia.

Ele era quente pelo menos.

Eu não era um tipo de garota que me prostituía.

Então, novamente, não achava que eu fosse exatamente uma garota que ‘compra uma arma ilegal de um motociclista e usasse para espantar um perseguidor’ também.

Era incrível as coisas que você aprende sobre si mesma quando se via encurralada em um canto.

Horas passaram. Longas e exaustivas horas de paranoia que se transformaram em uma preocupação genuína de que eu estava perdendo isso. Porque nada aconteceu. Nenhuma batida nas minhas janelas. Ninguém espiando. Nenhum cachorro latindo.

Não há nada.

Meu estômago desatou lentamente quando a última parte da noite passou por mim, me convencendo de que eu estava apenas deixando minha imaginação correr comigo.

Intuição, minha bunda.

O que estava errado comigo?

Coloquei a arma na mesinha de cabeceira, tomei minha primeira respiração profunda naquele dia, mudei para a minha camisola habitual, porque eu não conseguia dormir quando minhas pernas estavam em calças, eu sempre me senti presa, então recuei de volta contra os travesseiros.

Então adormeci.

Um flash me acordou em algum momento indeterminado depois, fazendo meu coração disparar em minha garganta enquanto eu acordei, confusa. Um flash? Oscilação de energia? Clareamento?

— Vou ter essa linda boceta hoje à noite, — disse uma voz, diferente de alguma forma que eu estava esperando. Acho que você sempre imaginou que os caras maus tinham aquelas vozes profundas e cheias de cascalho. Meu perseguidor soou nasal, como se ele tivesse uma infecção sinusal ou um desvio de septo.

Mas não importa o tom usado, a palavra “boceta” quase universalmente soava horrível e ameaçadora. Especialmente quando estava vindo de um homem que estava perseguindo você por meses e de repente estava em seu maldito quarto... tirando fotos de você.

Daí o flash.

Eu levantei, momentaneamente atordoadá demais para lembrar da minha compra anterior, enquanto a câmara voou para o colchão ao lado do meu corpo e sua forma escura se moveu para mim, o rosto torcido em um sorriso feio que fez meu sangue esfriar e meu estômago cair forte o suficiente para me fazer pensar seriamente se eu vomitaria em mim mesma.

Meus pés bateram no chão uma fração de segundo antes que uma mão se fechasse em volta da minha garganta, apertando com força o suficiente para imediatamente cortar o ar, empurrando até eu estava deitada de costas, seu corpo pairando sobre mim. Minhas mãos subiram, arranhando, batendo, tentando perfurar qualquer coisa perto o suficiente quando minha cabeça começou a ficar leve, meus lábios formigando, meu peito insuportavelmente apertado pela necessidade de oxigênio.

Eu tinha certeza que ia desmaiar, ia ter coisas doentias feitas para mim. Naquele momento, sabendo o que ia acontecer se eu estivesse acordada ou não, quase preferi o esquecimento da inconsciência.

Mas então seu aperto diminuiu, permaneceu, mas permitiu que eu respirasse freneticamente, limpando efetivamente minha mente, dando-me clareza. E lembrei-me de que, embora não fosse excessivamente extraordinário, não tivesse nenhuma habilidade de mudar o mundo de verdade, eu não era absolutamente o tipo de mulher que se deitaria lá e aceitaria, que não tentava lutar mesmo quando ela estava de costas contra a parede. Ou, no meu caso, contra o colchão.

Eu não tinha passado meses tentando me manter segura da única maneira que meu orçamento permitia apenas desistir na rodada final.

De jeito nenhum.

Sua mão pressionou duro novamente, cortando o ar, quando a outra mão se abaixou e apertou meu peito com força suficiente para me fazer arquear.

E isso foi quase o suficiente.

Puxei meu braço o mais para trás, quanto o colchão permitia, enrolei no meu punho, e bati a frente com tudo com o meu decididamente menor corpo no dele. Meu soco caiu em seu pau já duro, fazendo-o soltar minha garganta e meu peito simultaneamente quando ele soltou um grito alto, com as mãos segurando sua virilha.

— Sua puta estúpida! — Ele rugiu, estendendo a mão e batendo seu próprio punho no ponto mais alto da minha bochecha, fazendo meus olhos imediatamente lagrimejarem, e dor ricocheteou até que todo o lado esquerdo do meu rosto estava latejando de dor. — Você vai pagar por isso, — ele sussurrou, pegando seu zíper e começando a baixá-lo.

Eu recuei freneticamente no colchão, a única coisa que conseguia pensar era ficar longe dele. Meu ombro roçou a câmera, e eu estendi a mão para ela, o coração batendo tão rápido que eu juro que estava sufocando. Minha mão se fechou ao redor dela, e eu joguei em sua cabeça, sentindo nenhum alívio quando o atingiu no nariz, fazendo-o soltar outro rugido alto.

Porque o fato era que ele tinha tirado o seu pau duro da calça, e eu sabia, sabia como ele ia me fazer pagar por machucá-lo.

Então, não houve alívio da dor momentânea que eu causei a ele, sabendo que, se ele colocasse as mãos em mim, eu pagaria por isso de uma forma muito mais dolorosa.

Rolei para o chão na extremidade da cama, me levantando em um piscar de olhos, avançando em volta do meu quarto, tentando chegar até a porta. Havia janelas atrás de mim, mas eu nunca seria capaz de conseguir uma aberta antes que ele chegasse até mim. Elas eram velhas e ficaram presas nos bons dias, permaneciam teimosamente no lugar nos outros, não importando o quanto eu batesse nelas.

A única saída era a porta.

Gritar não me ajudaria também.

A casa à minha esquerda era de um banco estatal. A da direita teve um cano estourado uma semana atrás, e os donos estavam ficando com a família quando o lugar foi destruído. Atrás, havia um pequeno pedaço de mata que se amontoava em uma escola primária. Havia uma estrada tranquila na frente e nenhuma alma viva por um quilômetro em qualquer direção.

Eu estava completamente e totalmente sozinha no mundo.

Ninguém me ouviria.

— Eu gosto de um pouco de luta, — ele disse, ainda sorrindo, ainda certo de que ia me ter eventualmente.

As chances eram, ele estava certo.

Eu não estava delirando.

Seu corpo estava bloqueando a mesa de cabeceira onde minha arma estava situada. Mesmo se eu chegasse à porta, ele provavelmente me pegaria no meio da escada ou antes que eu pudesse atravessar a casa até a porta da frente onde fiz uma barricada de qualquer maneira.

Eu precisava daquela arma.

Era a única maneira.

Então fiz o que eu realmente não queria fazer, comecei a me afastar da porta, longe da improvável fuga. E me aproximei mais para o lado da cama que eu havia me jogado alguns segundos antes.

— Cadela estúpida, — ele murmurou baixinho, mas estava sorrindo como se estivesse encantado com a minha suposta estupidez enquanto se afastava do lado da cama onde minha salvação estava localizada e foi para bloquear minha rota de fuga para a porta quando ele se abaixou e se acariciou uma vez, me fazendo ter que lutar contra o desejo de levantar quando meu joelho bateu ao lado da minha cama e tentei respirar fundo, ainda meu coração frenético antes de fazer a última coisa que eu precisava.

Eu me joguei na minha cama, aterrissando duro no chão do outro lado, minha bunda doendo mais do que eu pensava que deveria ter sido capaz de experimentar, dada a adrenalina disparando através de todo o meu sistema.

Na minha frente, ele riu.

Olhei para cima para vê-lo avançando, uma promessa de horror em seus olhos enquanto ele continuava se acariciando.

Minha mão subiu e fechou em torno do metal frio, arrastando-o para baixo, deslizando a trava de segurança e levantando ambas as minhas mãos.

Graças à minha pesquisa, eu sabia tudo sobre armas.

Mas não tinha ideia de como era meu alvo.

— Isso não me assusta, prostituta, — ele rosnou, mas parou de se acariciar.

Então ele se lançou.

E meu dedo encontrou o gatilho e apertou.

Um.

Perdido.

Dois.

Batei no ombro dele, fazendo-o cambalear e amaldiçoar, mas continuou avançando.

Três.

Perdido.

Quatro.

Estômago.

Cinco.

Peito.

Seis, sete, oito...

Capítulo Dois

QUIN

Voo de dez horas.

Dez. Fodidas. Horas

O cara à minha esquerda tossiu todas as dez horas, e a mulher à minha direita tinha um bebê gritando que aparentemente estava tentando ensinar a se auto acalmar, porque ela nem sequer tentou calar a maldita criança.

Desnecessário dizer que eu não estava de bom humor quando entrei no escritório, estendendo a mão para minha recepcionista, Jules, enquanto entrava no meu escritório, puxando minha gravata e caindo no meu lugar. O que eu realmente queria era estar em minha própria casa, onde poderia tomar um banho e vestir roupas limpas, e talvez dormir um pouco.

Mas não tinha estado no escritório em quatro dias, e eles precisavam de mim para assinar trabalhos e aprovar orçamentos e toda aquela merda divertida que ser o chefe vem com isso.

Houve uma batida, e olhei para cima para ver Jules teimosamente entrando, com o queixo erguido, seus olhos azuis quase transparentes desafiadores. Foi por isso que a contratei. Eu quase a chutei quando ela veio para uma entrevista dois anos atrás, com vinte anos de idade, vestindo um terninho que deve ter pertencido à mãe dela porque não fez nada para mostrar sua boa figura, seus cabelos ruivos se amarravam severamente em um coque, com nada decente em seu currículo, nem remotamente relacionado ao trabalho de escritório. Mas quando tentei dispensá-la, ela levantou o queixo, levantou uma sobrancelha e isso me atingiu.

Se ela fosse mais velha, teria sido quente.

Mas, dado que ela era jovem demais, na verdade, era impressionante.

Eu não era geralmente o tipo de homem que outros homens crescidos iriam desafiar. Mas lá estava ela, um pequeno deslize de uma coisa jovem em roupas de segunda mão, me dando uma merda de um puxão de orelha.

Eu a contratei no mesmo momento e dei um salário alto demais, dizendo a ela que era melhor não deixar que eu ou qualquer um dos homens no escritório andasse por cima dela.

Ela prometeu que não iria e, até agora, cumpriu isso.

Admirei isso, mas naquele momento, queria bater em sua bunda.

— Você tem uma reunião as quatro horas com Finn, Smith e Lincoln. Você tem dez arquivos para assinar, — ela disse, soltando os arquivos. — Você tem treze ligações viáveis para possíveis clientes. Imediatamente. E você tem dois telefonemas para pessoas que Smith decidiu que não eram o nosso tipo de caso, mas disse que passaria por você antes que ele desse a elas um não, — ela disse, colocando duas notas com nomes e números.

Um era para um homem chamado Willy. Sim, porra do *Willy*. Ele queria que eu consertasse alguma merda de negócios em que ele se meteu. Parecia baixo nível.

O outro era uma mulher chamada Aven Armstrong. Tinha o seu número e simplesmente “perseguidor” escrito ao lado dele.

— Perseguidor? — eu perguntei, expirando, acenando com a mão para dizer que eu precisava de mais do que isso.

— Certo. Ela disse que tem um *John* espreitando por meses. Ele gradualmente aumentou.

— De....para? — eu rosnei, impaciente.

— Só de espiar e ocasionalmente tirar fotos para, ah... — Jules parou, suas bochechas ficando um pouco rosadas. Em nosso campo, havia muita merda. Jules sempre lidou com tudo isso com uma maturidade calma, tranquila e coletiva de uma pessoa com o dobro de sua idade. Vendo-a corar, bem, um pouco do meu humor azedo sumiu, e eu tive que lutar contra um sorriso que eu senti chegando.

— Para o que, Jules?

Ela respirou exageradamente e levantou o queixo ainda mais. — Se masturbar e esfregar, ah, ejacular por todas as janelas dela. Bater nas janelas dela. Tentando entrar.

Chegando em suas janelas.

Ele parecia um verdadeiro príncipe.

— Policiais?

— Ela disse que ligava toda vez. Eles nunca chegavam lá rápido o suficiente para pegá-lo, e teve a sensação de que eles pensavam que ela estava apenas tentando chamar atenção e começaram a ser deliberadamente mais lentos.

— Tudo bem, — eu disse, encolhendo os ombros. Nós não tratamos com perseguidores. Se eu tratasse, estaria nadando em casos de perseguição. — Vou ligar para ela e dizer para entrar em contato com um investigador particular ou uma empresa de segurança privada. Não é o nosso tipo de coisa. É isso?

— Sim, — ela disse, dando-me um aceno de cabeça e se afastando antes de parar de repente e voltar, um dedo levantado. — Só uma coisa...

— Que coisa? — eu perguntei, sobrancelhas baixas. Jules fez o trabalho dela, nem mais nem menos. Ela não se envolveu nos casos. Era estranho que ela parecesse estar tentando.

— É só que... ela disse que sabia, — ela disse, dando de ombros.

— Sabia o que?

— Ela disse que sabia que a noite passada era a noite.

— A noite? — eu perguntei.

— A noite em que ele iria finalmente chegar e estuprá-la ou matá-la. Ela disse que nunca acreditou em algo como um instinto, mas acordou com um, e sabia.

Eu sentei de volta, olhando para ela por um longo segundo, me perguntando se ela estava puxando minha corrente ou não. Porque ela, como todo mundo com quem trabalhei, sabia tudo sobre como eu confiava no meu instinto. A maior parte do tempo, as coisas precisavam ser tratadas racionalmente, precisavam ser pensadas. Mas às vezes, sim, era tudo sobre o instinto do caralho. O meu nunca tinha me enganado antes.

Decidi que Jules não era do tipo que fazia isso, eu assenti.

— Tudo bem, vou ligar para ela agora.

Ela assentiu e se virou para sair de novo, depois se virou de repente. — Ei, Quin?

— Sim, baby? — eu perguntei distraidamente enquanto pegava a nota com o número de Aven Armstrong.

— Você pode, talvez, apenas... ir? — ela perguntou, quase um pouco timidamente.

— Ir? — eu repeti, observando-a.

— Você não a ouviu. Ela só... parecia tão sem esperança, Quin, — ela disse, soando quase um pouco emotiva que, mais uma vez, não era como ela.

Se o instinto dessa mulher Aven estivesse dizendo que a merda dela ia cair, e o instinto de Jules estava dizendo que a merda dela já poderia ter... sim, talvez todos os meus relatórios pudessem esperar. Talvez eu precisasse ir.

Eu fiquei de pé, assentindo. — Tudo bem. Seu endereço não está neste papel, eu disse, pegando-o e colocando-o no meu bolso.

— Vou mandar uma mensagem para você, — ela disse, parecendo ao mesmo tempo mais relaxada e de alguma forma mais tensa ao mesmo tempo.

Com isso, balancei a cabeça e passei por ela e fiz meu caminho de volta para o meu carro, inspirando, respirando forte e repetindo. Meu telefone tocou e olhei para o endereço, depois liguei no meu GPS. Eu havia me mudado para Navesink Bank alguns anos atrás, mas não o suficiente para conhecer todas as malditas ruas da cidade ainda.

Eu saí, percebendo o sinal de venda no quintal de um vizinho e as janelas de tábuas na outra casa.

Situação perfeita para um perseguidor.

Então havia a maldita floresta atrás da casa dela também.

Era como se ela estivesse pedindo o mínimo de proteção possível. Dito isto, era em uma área de merda, e era uma pequena casa que precisava de um trabalho sério. Ela provavelmente tendo isso em uma música, e tinha, ao mesmo tempo, os vizinhos a distância de um grito.

Não é de se admirar que as coisas tenham aumentado, resolvi, estacionando meu carro ao lado do que deveria ser seu sedan prateado velho, uns bons vinte anos, e um que provavelmente tinha sido um bom carro.

Ela não teria condições de pagar a minha empresa. Essa era apenas a pura verdade. E ela, desde que não fosse uma idiota completa, devia saber disso.

Ela estava desesperada. Subi o caminho até a porta da frente, encontrando a tela fechada, mas a porta sólida se abriu.

Talvez alguém mais tenha perdido isso, mas eu os vi, os pequenos arranhões que diziam que alguém havia tentado (talvez com sucesso) pegar a fechadura.

Sentindo meu estômago apertar, a sensação inconfundível que eu tinha quando sabia que tinha dado merda, alcancei meu coldre para minha arma, puxando-a para fora e segurando-a apenas na metade quando abri a porta e silenciosamente entrei. Havia uma estante de livros no meio do chão, desajeitadamente. Era um lugar que ninguém em sã consciência colocaria uma estante de livros. Então, as chances eram de que estivesse na frente da porta e ela foi aberta.

Sim.

A mulher Aven devia estar certa sobre seu instinto.

Eu me preparei para o que eu poderia encontrar, sabendo que um perseguidor, uma vez que eles escalaram para invadir, sim, eles não queriam se sentar e conversar sobre chá e biscoitos. Não, eles queriam conseguir o que eles achavam ser o homem ou a mulher deles, aceitar o que eles achavam que era deles por direito. E vendo que não era deles por direito, eles o levaram à força.

Nada, nada pior do que estupro.

Última maldita coisa no mundo que eu queria lidar.

Um grunhido baixo e ameaçador me parou, congelando meu coração no meu peito por um momento. Cães eram um curinga. Às vezes eles apenas rosnavam porque sabiam que deveriam, mas nunca eram do tipo que poderiam atacar. Mas você não podia contar com isso. Muitos cobriam.

Virei-me devagar para ver um Pitbull parado na porta da cozinha, com os ombros curvados, mas a cabeça abaixada, soltando o grunhido

de novo. Vendo-me olhar para ele, ele choramingou um pouco e deu um passo para trás.

Decidindo que ele provavelmente não era uma ameaça, olhei ao redor do pequeno espaço antes de fixar meus olhos nas escadas, subindo-as de lado para que pudesse ver abaixo de mim, caso o cão decidisse encontrar suas bolas quando eu não estivesse de frente para ele. Fui até o segundo andar onde, imaginei, que o quarto estava localizado.

Eu podia sentir o cheiro.

Isso era o quanto tempo eu estava nesse negócio do caralho. Antes que eu estivesse na metade da escada, senti o cheiro de sangue.

Lembrando-me de respirar, para não ficar chateado que uma situação como essa tivesse escorregado em nossos dedos, embora não fosse o nosso tipo usual de caso.

Entrei na porta e ouvi. Mais uma vez, eu estava na minha linha de trabalho por muito tempo. Eu ouvi o deslize da trava de segurança.

Meu braço levantou completamente quando peguei o último degrau, apontando na direção em que ouvi o som.

Direto em Aven *fodida* Armstrong.

Ela não era o que estava esperando, não que eu soubesse o que esperar em primeiro lugar.

Ela estava na casa dos vinte ou trinta e poucos anos, com longos cabelos castanhos cortados da mesma forma que todas as mulheres tinham o cabelo nos dias atuais, longas e em camadas para enquadrar o rosto. E que rosto também. Porra. Era suave e doce, sobranceiras escuras e um olhar um pouco magro para seus lábios. Seus olhos, um profundo, profundo, azul estavam arregalados, dando-lhe um olhar de corça.

Bonita.

Ela era realmente muito bonita.

Além disso, ela estava pressionada contra a mesa de cabeceira, os joelhos contra o peito, um braço erguido com um Smith & Wesson® SDVE nove milímetros na mão.

Mas cada centímetro dela tremia tão violentamente que ela parecia ter uma convulsão.

Minha arma baixou e eu levantei minha mão livre. — Não vou te machucar, Aven, — eu disse, mantendo meus olhos nela, querendo ter certeza que ela não estava tão assustada que fosse atirar em mim.

— Você não parece um policial, — ela conseguiu através dos dentes batendo.

— Isso é porque eu não sou. Meu nome é Quin Baird. Não sou um policial, mas estou aqui para...

— Quinton Baird, — ela repetiu naquele mesmo tom aterrorizante. — Você não aceitou meu caso.

— Minha recepcionista pensou que eu deveria verificar você. Então, aqui estou eu. Você pode baixar essa arma agora? — eu perguntei, baixando a minha, segurando as duas mãos em direção a ela.

Ela olhou para baixo, parecendo quase chocada ao encontrá-lo em suas mãos, em seguida, se esforçou para colocar a trava de segurança de volta e jogou vários passos para o lado, envolvendo os braços ao redor de suas pernas. — Ele... — ela disse, balançando a cabeça, seu olhar indo para o lado de mim, em direção ao final da cama.

E foi quando eu deixei meu olhar se mover, e eu vi, a fonte do sangue.

Havia um corpo no chão.

E, caralho, estava lá sangue.

Encharcou as roupas do homem e formou um enorme círculo vermelho no carpete. Ela tinha conseguido o que parecia ser quatro tiros nele.

Certamente não escapou do meu conhecimento que seu maldito pau estava fora também.

E dado que ela estava de camisola, havia uma boa chance de o filho da puta tê-la machucado.

— Tudo bem, — eu disse tom calmo. Mais uma vez, no meu negócio, os corpos não eram algo que me apavoraram. Eu vi mais do que a maioria dos policiais já viu. — Aven, querida, olhe para mim, está bem? — eu pedi, abaixando a cabeça enquanto me movia para onde ela estava sentada, com a cabeça enterrada contra os joelhos e, a julgar

pelas fungadas, chorando. — Aven, — repeti, estendendo a mão para tocar o lado de sua perna, fazendo-a saltar em um pequeno grito. — Ei, tudo bem. Não vou te machucar. Eu só preciso que você responda algumas perguntas. Apenas segure por cinco minutos e então você pode deixar tudo sair, ok?

Ela fungou com força uma vez, engolindo em seco e estendendo a mão para esfregar as lágrimas nas bochechas. — Tudo bem, — ela concordou, levantando o queixo ligeiramente, determinada a não se romper. Dado que ela foi atacada e matou um homem, isso foi impressionante.

— Ok. Primeiro, há quanto tempo isso aconteceu? — eu perguntei, acenando com a mão em direção ao corpo.

Ela encolheu os ombros a isso. — Ainda estava escuro, — ela ofereceu, fechando os olhos por um segundo e balançando a cabeça antes de abrir os olhos novamente. — Mas não por muito tempo. Realmente cedo esta manhã.

Isso foi bom. Se isso acontecesse horas antes, isso significava que não havia praticamente nenhuma chance de os policiais aparecerem de repente. — Tudo bem. Bom. Agora, esta arma, — eu disse, batendo com a ponta do meu dedo nela. — Onde você conseguiu isso?

— Eu, ah, quando seu pessoal disse que não poderia me ajudar, eu simplesmente... desci a rua para o, ah...

— Henchmen, — eu forneci, imaginando que era o lugar mais provável que ela poderia escolher uma.

— Sim, — ela concordou, assentindo.

Outra coisa boa. Não foi registrado para ela. Ninguém poderia rastreá-lo até ela.

— Você sabe o nome dele? — eu perguntei.

— Não.

— Tudo bem, agora isto é importante, e eu preciso que você olhe para mim, — eu disse, esperando que seu olhar se erguesse para o meu. — Ele estuprou você?

Ela não apenas recuou. Ela pulou para trás com força suficiente para fazer a mesa de cabeceira bater contra a parede.

— Está tudo bem, — eu disse, tentando acalmá-la, sabendo que não era um tom que minha voz fez bem. — Querida, você tem hematomas na garganta e um olho negro e o pau...

— Não, — ela me cortou ferozmente, então estremeceu, alcançando e tocando sua garganta.

Qualquer um que já tivesse ficado sufocado em sua vida sabia que não era apenas uma contusão externa, era uma sensação dolorida. Como uma dor de garganta vezes mil.

— Aven, eu preciso que você seja...

— Ele não me estuprou, — ela disse, a voz mais baixa, provavelmente porque doía. — Ele estava... eu sabia que ele estava vindo. É por isso que eu tive que pegar a arma. Eu tive que... — ela interrompeu um pequeno soluço, fechando os olhos com força.

— Você está certa, — eu disse, tomando fôlego.

Seus olhos se abriram, sobrancelhas juntas. — Eu estou certa?

— Você está certa. Ele teria estuprado você. E está certa, você precisava pegar a arma. E, por último, você estava certa pra caralho, pegando-a e esvaziando-a em seu corpo.

Eu não vivia em um mundo de fantasia onde a morte sempre foi ruim, o assassinato sempre foi um crime. Esse era um conto de fadas. Assassinato muitas vezes não era apenas garantido, mas necessário em muitas situações. Uma mulher atacada em seu próprio quarto? Porra necessária. Porra, se o governo dissesse às mulheres para atirar em um estuprador, ou em pretensos estupradores seria um problema, aos olhos da lei, eu aposto que haveria muito menos estupradores por aí reincidentes.

— Eu... o matei, — ela disse, balançando a cabeça, obviamente, não vivendo no mesmo mundo feio em que vivi.

— Sim, — eu concordei.

— Eu vou para a cadeia, — ela disse, olhando por cima do meu ombro quando outra lágrima desgarrada deslizou por sua bochecha.

— Não. É aí que você está errada. Você não vai para a cadeia.

— Eu matei alguém, — ela sussurrou. — Os policiais vão me levar e me passar as impressões digitais, me questionar e me colocar em uma cela e...

— Tudo bem. Ouça, nada disso vai acontecer. Porque a partir de cinco minutos atrás, eu aceitei o seu caso.

Veja, eu não trato perseguidores. Nunca, nunca planejei no futuro. Mas assassinato? Assassinato, eu cuido.

— Mas...

— Não, mas, — eu disse, encolhendo os ombros.

— Eu não posso pa...

Pagamento.

Obviamente.

Balancei a cabeça, mas a interrompi. — Eu não sou um homem bom, querida. Não deixe essa situação te enganar. Sou tão sujo como eles vêm. Mas uma vez em uma porra da lua azul, eu faço as coisas só porque é certo. Esta é uma delas. Então você não tem que me pagar, mas você tem que concordar em me deixar lidar com isso.

— Lidar com isso... como? — ela perguntou.

— Corrigir, — eu dei de ombros.

— Corrigir como? — ela pressionou.

— Neste cenário e a partir daí, quanto menos você souber, melhor. Agora eu preciso que você fique onde você está. Não se mova, — eu disse, pegando meu bolso para pegar meu celular e ligando para o meu escritório. — Jules, coloque Finn, — eu lati.

— Finn? — ela perguntou, seu tom de voz guardado, tendo trabalhado comigo por tempo suficiente para saber o que aquilo significava. E, sabendo onde eu estava porque ela me enviou, sabia que era ruim. — Quin...

— Não ela, — eu a interrompi. — Coloque Finn, — eu exigi.

— E aí, Quin? — a voz de Finn aumentou, parecendo distraída.

— Limpeza completa, — eu disse e o ouvi parar.

— Quando onde?

— Agora. No Navesink Bank. Jules lhe dará o endereço. Estou aqui agora.

Outra pausa. — Tudo bem, — ele concordou, e podia ouvi-lo silenciosamente assinalando sua lista de verificação. — Eu estarei aí em vinte.

— Quem sabia sobre este perseguidor? Eu sei que você disse aos policiais. Namorado?

— Sem namorado, — ela disse, desviando o olhar como se fosse embaraçoso admitir.

— Família? — eu pressionei.

— Não.

— Amigos?

— Eu realmente não tenho ninguém que seja tão próximo.

— Tudo bem, então eu devo acreditar que uma garota como você mora sozinha em uma área de merda sem nenhum homem que queira cuidar dela, nenhuma família que se preocupe com ela, e nenhum amigo que a ame? Acorda, Aven.

— Uma garota como eu? — ela perguntou, perdendo um pouco do trauma quando uma sobranceira se ergueu um pouco arrogantemente.

— Sim, querida, uma garota como você.

— O que é uma garota como eu?

— Jovem, linda, parece ter pelo menos metade de um cérebro funcionando.

— Eu tenho quase trinta anos, não sou tão bonita assim, e tenho um cérebro totalmente funcional. E, no entanto, estou praticamente sozinha no mundo. Não é algo inédito.

— Não é tão bonita assim? — eu perguntei, bufando. — Esse comentário acabou de refutar o seu terceiro ponto em seu argumento. Porque se você acha essa merda, eu rescendo meu comentário original sobre metade do seu cérebro funcionando. É obviamente um maldito quarto.

Ela vacilou com isso, sua linda boca abrindo e fechando duas vezes antes de sacudir a cabeça. — Independentemente de quão atraente eu possa ou não ser, isso não muda os fatos. Eu não tenho

namorado ou amigos próximos. Minha família está do outro lado do país, e não sou próxima de nenhum deles.

— Não perto o suficiente para lhes dizer que algum idiota está se masturbando em todas as suas janelas? — Eu pressionei, não querendo acreditar que alguém iria manter essa merda completamente para si.

— Não perto o suficiente para lhes desejar um Feliz Natal, — ela disse, sacudindo a cabeça.

— Então ninguém vai notar que você de repente parou de falar sobre um perseguidor e ficou paranoica e talvez esteja um pouco fora por um tempo?

— Não.

— Colegas de trabalho? — eu continuei.

Ela bufou um pouco com isso. — Trabalho em um lugar com outras pessoas, mas meu trabalho é um pouco, ah, solitário.

— Qual é o teu trabalho?

Para isso, suas bochechas ficaram um pouco rosadas, e ela não encontrou meus olhos. — Tecnicamente, sou uma esteticista.

— E de alguma forma eu duvido um pouco de merda facial no SPA é o que está fazendo você corar agora, — eu adicionei, encontrando-me um pouco encantado com as pequenas marcas rosas em suas bochechas. Então poucas mulheres coraram. Eu não tinha certeza se já tinha visto desde o colegial.

— Eu sou uma depiladora, — ela forneceu, tentando não parecer envergonhada por isso e falhando epicamente.

— Então você está enterrada em boceta o dia todo, — eu perguntei, não se incomodando em segurar o sorriso quando suas bochechas ficaram rosa para vermelho imediatamente. — Sonho com esse trabalho do caralho, — acrescentei. — Tudo bem, Finn estará aqui em cinco, e ele vai precisar de suas roupas. — Eu me levantei, atravessando o quarto passando pelo corpo, certificando-me de não pisar em nada do sangue que saturou o carpete em alguns pontos quando fui até o armário dela e tirei uma calça legging e uma camiseta, voltando e vendo que ela ainda estava enrolada no chão ao lado da cama. — Baby, levanta, — exigi, fazendo-a se afastar como se tivesse esquecido que eu estava lá, e olhar para mim.

Houve um longo segundo em que ela olhou fixamente para mim antes de se levantar. — Ok, eu só vou... — ela começou, apontando para a porta.

— Não. — Eu pisei na frente dela, balançando a cabeça. — Você precisa trocar aqui e deixar a camisola no chão.

— Isso é alguma coisa de evidência, certo? — Ela olhou para mim com as sobrancelhas juntas. — Quero dizer... ele andou por toda a minha casa. Eu não vejo como...

— Vamos apenas dizer que Finn é paranoico e você precisa seguir as regras dele, ou ele estará fora e se estiver fora, não há como limpar isso sem deixar vestígios. Ele é muito bom. Então você pega isso. Eu vou dar a volta. E você vai colocar as roupas novas e deixar a camisola no chão.

Ela soltou um som fungado que foi incrivelmente semelhante a um suspiro, mas assentiu. Eu me virei e ouvi o farfalhar da camisola voando e batendo no chão enquanto ela ficava nua atrás de mim.

Eu não era santo em nenhum trecho da palavra.

E ela era linda para caralho.

Então fui em frente e pensei em seus seios nus, os mamilos rosados, duros da repentina nudez.

— Tudo bem, — ela declarou, cortando o que estava se moldando para ser uma bela fantasia.

Eu me virei, acenando para ela.

— As faixas em sua garganta e o olho roxo, isso é tudo? Você tem arranhões em algum lugar?

— Oh, hum... eu não... — Ela balançou a cabeça como se estivesse limpando e olhou para si mesma, em seguida, estendeu os antebraços para mim, onde havia vários arranhões longos e pequenos. Mas eles tinham sangrado e, se tivessem sangrado, o sangue dela estava sob as unhas, e ele provavelmente também transferiu alguma evidência para ela.

— Tudo bem. Aqui está o que acontecerá. Finn vai aparecer, e ele será ousado e sem sentido, fazendo perguntas e esperando respostas honestas. Que você vai responder tudo honestamente porque ele é a única maneira que você não acabará na frente de um juiz sobre isso.

— Ok.

— Tudo bem. Então nós vamos sair daqui, voltar para o meu escritório, e você terá suas unhas raspadas e cortadas. Então você tomará um banho e vestirá as roupas que minha secretária lhe der. Eu vou pegar estás, — eu disse, apontando para ela, — e as entregar a Finn para se livrar também.

— E de lá?

— De lá, temos muita merda para discutir. — Ela abriu a boca para me questionar, mas houve o som de uma porta do carro na frente. — Esse é Finn. — Eu podia ouvir as portas da van abrindo e fechando e o cachorro latindo, e então os passos dentro da casa. — Respire fundo. E não se ofenda com ele. Ele está no modo de trabalho.

Então Finn entrou.

Capítulo Três

AVEN

Eu não sei o que eu esperava que Quinton Baird fosse, ou até mesmo o que eu esperava que um *Solucionador* fosse, mas acho que a melhor descrição que veio à mente era *mais velho*. Esperava que ele fosse muito mais velho, experiente, cansado do mundo.

E enquanto esse homem falava como se passado por poucas e boas, e talvez estivesse um pouco cansado como um todo, mas ele não era velho. Embora fosse difícil dizer esse tipo de coisa além dos vinte e poucos anos, eu o colocaria em algum lugar nos seus trinta e tantos anos.

De todas as coisas que eu poderia ter imaginado que ele fosse, estupidamente bonito não era uma delas.

E lá estava ele. No meu quarto. Espalhando sua beleza por toda a parte.

Ele era alto e de ombros largos, pendurando o terno escuro que ele estava usando perfeitamente. No entanto sua gravata foi puxada, como se ele estivesse no carro por muito tempo, e estivesse ficando doente disso.

Seu corpo era impressionante sob o material que o cobria, era difícil dizer além de claramente ter uma barriga lisa. Mas o rosto dele, oh sim, foi aí que o calor entrava em ação.

Ele tinha uma mandíbula forte, com pelo menos dois dias de barba por fazer, rosto definido, cílios negros cercando os profundos olhos castanhos. Seu cabelo preto estava cortado em algum lugar entre curto e médio, e um pouco desgrenhado para combinar com seu terno e gravata.

Eu provavelmente não deveria ter notado coisas como o quão bonito ele era dado as circunstâncias. Mas estava bem na minha cara quase tão logo ele entrou no meu quarto.

Talvez meu cérebro estivesse tentando se concentrar em coisas

legais, como o rosto dele, em vez de coisas feias, como o corpo cercado de sangue ao pé da minha cama.

Sua voz também tinha algo especial. Suave, mas com uma borda estranha e cheia de cascalho. Deslizava sobre você, cobrindo com conforto, depois forçava o caminho de alguma forma também.

E ele estava aqui.

Essa foi talvez a parte mais insana de tudo isso.

Ele estava *aqui*.

Na minha casa.

Dizendo que ia consertar minha situação.

Depois de seu escritório me dizer que o meu tipo de casos era inútil.

Quando tirei minha camisola e vesti minhas roupas novas, percebi que talvez eu fosse apenas o tipo de caso deles agora que eu não tivesse mais um perseguidor; Eu tinha um homem morto no meu quarto.

Ugh.

Mesmo esse pensamento fez meu estômago vazio torcer dolorosamente, uma sensação que me fez pensar se eu estava prestes a correr para o banheiro para fazer com que a vontade de vomitar fosse embora.

No final, porém, segurei tudo.

Eu não fingiria que tinha algo a ver com a minha força real. Estaria disposta a colocar todo esse crédito nos pés de Quinton Baird. Foi graças ao tom calmo, coletivo e suavemente dominante que ele usou para transmitir como as coisas estavam, como iriam e o que era esperado de mim no processo.

Surpreendentemente pouco.

O que foi bom, porque eu tinha certeza que estava em estado de choque. Era a única maneira de explicar a dormência estranha que eu estava sentindo quando havia passos na minha escada, e então outro homem entrou.

Este não se parecia em nada com Quinton, que era claramente o

chefe da operação, talvez por isso ele se vestisse para combinar com a posição.

Finn era tão alto quanto Quinton e tão amplo no peito, mas estava vestido simplesmente com uma camiseta preta, calças pretas de trabalho que eram estranhas e simples. Suas feições não eram tão esculpidas, mas tinham um ar quase robusto, o que talvez fosse graças à barba toda loira e suja que combinava com o cabelo que parecia precisar de um corte.

Um saco preto gigante estava pendurado no ombro dele, estranhamente, bem, quase tão grande quanto ele.

Seus olhos, de um verde claro, foram para seu chefe por um segundo rápido, dando-lhe um empurrão de queixo viril, antes que seus olhos se movessem ao redor, indo direto para o corpo no chão, fazendo isso sem nem um piscar de olhos. Suas feições calmas, deixando-me imaginar que diabo esses homens enfrentavam diariamente em sua linha de trabalho, em seguida a arma na cama, o respingo de sangue na parede atrás do corpo, e finalmente, para mim. O olhar estava frio e avaliando, fazendo-me sentir que ele não podia ver apenas o meu olho roxo, os hematomas na minha garganta, e os arranhões nos meus braços, mas também o que estava por baixo das minhas roupas também.

— Ela foi... — ele começou a perguntar ao chefe.

— Não, — cortou Quinton, fazendo Finn acenar levemente enquanto se movia para a cama, largando o saco, o que quer que estivesse lá dentro, deixando-o pesada o suficiente para realmente comprimir meu colchão.

— Espero que você não seja apegada à colcha, carpete ou cortinas, — ele disse, fazendo parecer que ele não dava a mínima se minha amada Vó tricotou o cobertor, que ele seria “cuidado” independentemente do meu nível de apego.

— Tapete veio manchado além do reparo. E as cortinas e colchas vieram da loja de dez e então...

Ele olhou para mim de sua posição curvada sobre seu saco, tirando as coisas, seus lábios viraram-se levemente. — Então eles vão pegar fogo ainda melhor? — ele meditou, com um sorriso completamente inadequado puxando meus lábios também.

— Algo parecido.

Minha voz soou como se tivesse passado a noite gargarejando vidro. Sentia assim também.

— Ele já entrou antes?

— Não que eu saiba, — eu disse a ele, apertando a ideia de que talvez ele tivesse antes, só me vendo dormir, se masturbando no meu quarto. — Essa é a câmera dele, — os informei, apontando para onde posicionava preguiçosamente no centro do meu piso. — Provavelmente tem sangue nela, — informei quando Quinton foi em direção a ela. Ele parou de repente, olhando de volta para mim. — Eu joguei nele, — eu expliquei.

Houve um barulho de tapa, fazendo minha cabeça se mover em direção a Finn, sentindo meu batimento cardíaco acelerar, o único sinal em meu sistema sobre o que tinha acontecido há poucas horas atrás, mas o encontrei agarrando luvas de borracha e se movendo em direção à câmera. Ele girou em suas mãos por um segundo, ligou, sibilou, depois desligou novamente, tirando o cartão de memória e entregando-o ao seu chefe, que rapidamente o embolsou.

Eu estava no meu juízo perfeito o suficiente para sentir uma queda no estômago com a ideia dele, e talvez o resto de sua equipe, olhar para as imagens dentro daquela câmera. Provavelmente, todas imagens minha. E eu não sabia ao certo que tipo de fotos elas poderiam ser. Eram apenas o tipo de fotos de assediadores assustadores de eu indo e voltando da casa, e dos pontos de acesso locais? Eram fotos minhas através das minhas janelas antes de eu ter percebido que ele estava lá, sempre me certificando de que estava completamente coberta, puxando as cortinas. Ou, o pior de tudo, havia fotos de perto que ele havia tirado de dentro da minha casa?

A ideia me fez sentir enjoada.

Teria que tentar bloquear essa ideia no cofre mental para mais tarde.

Ou nunca.

Nunca era bom também.

— O que você precisa de nós, Finn? — Quinton perguntou quando Finn voltou para seu saco, pegando uma caixa com sacos pretos, tirando um, jogando a câmera dentro e pegando a arma também. Imaginei que talvez essa não fosse tão fácil de descartar quanto meus lençóis e cortinas. Ele estava separando as coisas para ajudá-lo a tirá-las.

Fora da minha casa.

Minha casa era uma cena de crime ativa.

Foi então que a enormidade da situação pareceu me pressionar.

Eles iam encobrir um assassinato para mim.

Assassinato.

Eu era uma assassina.

— Oh, Deus, — eu gemi quando meu estômago virou e se agitou, enviando bile pela minha garganta.

— Se você vai vomitar, faça isso na porra do banheiro, — Finn resmungou, fazendo-me empurrar para trás.

Quinton me deu de ombros. — Eu te disse como isso iria acontecer, — ele respondeu à pergunta em meus olhos.

E ele tinha.

Ele me disse que Finn ia ser duro, sem tolices, e iria ser direto comigo.

Não poderia esperar luvas de pelica de um homem cujo trabalho era se livrar de cadáveres, certo?

Balancei a cabeça um pouco com força, então fugi, batendo a porta do banheiro atrás de mim.

Tinha pensado que iria engolir de volta, mas quando o cheiro de cobre do sangue atingiu meu nariz quando respirei fundo, não havia como.

Tinha acabado de assoar o nariz e alcançado o enxaguante bucal quando houve uma leve batida na porta.

— Um minuto, — eu implorei, passando minhas bochechas com o ombro enquanto eu torcia a tampa do enxaguante, em seguida, inclinei a garrafa.

— Nós precisamos ir, Aven. Finn nos quer fora.

Eu gorgolejei e cuspi, repeti, em seguida, limpei minha boca, abrindo a porta.

— O enxaguante bucal, — ouvi Quinton dizer para Finn. — Está

pronta?

— Alguém pode estar pronta para algo assim? — eu perguntei, balançando a cabeça.

— Eu posso. Minha equipe pode, — ele me disse, a voz não admitia nenhum argumento.

— Eu não estava questionando suas habilidades, — eu disse a ele enquanto o seguia para fora.

Eu não duvidava que eles pudessem fazer isso, que era nisso que eles se destacavam. Corrigindo coisas. Esse era o trabalho deles. Estremeci ao imaginar a taxa cobrada por serviços como esses.

Mas, acho, se você quisesse ficar fora da prisão, o que, bem, todo mundo queria, então você faria o que fosse necessário, mesmo que isso significasse vender um rim para que isso acontecesse.

— Vamos lá, — disse Quinton quando chegamos à cozinha.

— Estou indo, — resmunguei um pouco, me perguntando por que ele estava me mordendo.

— Estou falando com o cachorro, — ele me disse, parecendo quase um pouco divertido que eu pensei que ele estava se dirigindo a mim naquele tom.

Mackey.

Como diabos todos, meu cara perseguidor incluído, passaram por ele?

— Ele não vem, — eu disse a ele, apontando para a coleira na mesa ao lado dele. — Você meio que precisa encurralá-lo em direção à porta, depois pegar a coleira.

A cabeça de Quinton se virou para mim, as sobrancelhas abaixadas como se eu fosse idiota. Ele voltou para onde Mackey estava fazendo um grunhido baixo e estrondoso na entrada que levava ao quarto dos fundos. Ele pegou a coleira, empurrando o clipe. — Vamos lá, vamos, — ele latiu para o cachorro, fazendo aquela voz de comando que apenas algumas pessoas pareciam capazes de fazer. E Mackey, incrivelmente, parou de rosnar e, lentamente, aproximou-se, deixando Quinton deslizar a coleira.

— Claro que ele vai. Você só precisa deixar claro que você é o chefe, querida, — ele disse, dando a guia um pequeno puxão para que o

cão entrasse em sintonia conosco enquanto nos dirigíamos para a porta. — Não, — ele exigiu quando eu fui pegar minha bolsa. — Eu duvido que você queira que nós continuemos destruindo sua merda, — ele explicou, pegando ele mesmo. — Então você precisa manter essa evidência para si mesma até ficar completamente limpa.

Com isso, nós nos movemos para fora, meus pés descalços batendo contra o chão frio e úmido de outono. Meus olhos pararam ao redor, paranoicos, imaginando se poderia haver alguém por perto para me ver deixando toda espancada e culpada como o inferno.

— Entre, — chamou Quinton, fazendo-me olhar para onde ele estava colocando Mackey no banco de trás de um carro de aparência muito cara.

Eu não mencionei como, quando o trouxe para casa, ele destruiu meu apoio para a cabeça, porque, bem, Mackey estava sendo incaracteristicamente sério, movendo-se para estender-se no banco de trás antes que Quinton batesse a porta.

— Você entra também, — ele me disse, me fazendo perceber que ele estava segurando a porta do passageiro aberta para mim.

— Certo, — eu disse, dando-lhe um aceno de cabeça, tentando esfregar a sujeira dos meus pés em um pequeno pedaço de grama fofa e sem cortes. — Não se preocupe com a porra do tapete, — ele me disse, balançando a cabeça como se eu estivesse sendo ridícula.

Eu tinha certeza que o carro dele custava tanto quanto a minha casa.

Então eu limpei mais duas vezes antes de entrar.

— Mantenha as mãos entrelaçadas no seu colo, — ele exigiu, depois fechou a porta, contornando o capô, entrando, depois arqueando-se sobre mim. — Só colocando o seu cinto, — ele me disse quando chegou até ele. — A porra da polícia gosta de me parar por razões de merda. Não vamos dar a eles uma quando eu tiver uma mulher espancada no meu banco da frente, ok?

Eu dei a ele um aceno de cabeça quando ele se curvou, em seguida, saiu da minha garagem rápido o suficiente para fazer meu estômago revirar novamente. Mas pareceu aceitar que não havia mais nada ali para vomitar, e acalmou-se de novo quando saímos da minha rua isolada, depois para a rua principal.

Acho que, de alguma forma, perdi o endereço do prédio dele,

concentrando-me no número de telefone de que precisava. Porque não havia como eu não ter recusado a parte da cidade em que ele estava. Ou seja, o lado ruim. O lado muito ruim. Eu estava do lado ruim, onde ninguém realmente mantinha suas casas muito bem, provavelmente porque eles mal guardavam comida em seus armários, então não restava nada para a nova pintura externa, e as luzes da rua meio que tremulavam. Aqui, porém, era onde você não estacionava seu carro se não queria que os aros e o rádio fossem levados. Este era o lugar onde você não andava sozinho à noite porque, bem, era um território de gangues.

Esta não era a parte da cidade onde você abria uma empresa.

Exceto, fazia sentido.

Reconhecia o prédio antes mesmo de estarmos perto dele, quando apareceu. Porque em meio a um mar de prédios meio desmoronados, com pessoas vagando por ali, havia um prédio que parecia completamente e totalmente deslocado com suas belas fachadas de tijolos vermelhos, sem uma única rachadura para ser encontrada, com argamassa fresca no meio, e o que parecia como um novo conjunto de escadas que levam até as portas da frente pretas e de vidro. As janelas todas brilhavam. Havia câmeras por *toda parte*. E todos andando por ali pareciam, curiosamente, atravessando a rua para evitar andar na frente dele.

Quinton estacionou o carro por um espaço estreito entre o prédio dele e o abandonado ao lado, o espaço tão pequeno que senti meus ombros se curvando enquanto ele corria através dele, pensando seriamente se ele estava a segundos de bater seus retrovisores.

Mas então o beco se abriu para um estacionamento com uma quantidade excessiva de luzes de segurança e uma única porta que levava ao prédio.

— Vamos lá. Vamos acabar com a parte de limpeza, — ele disse, abrindo meu cinto, depois saindo para abrir a minha porta, alcançando Mackey também.

Com isso, e nada mais, ele me levou através do estacionamento recém-pavimentado que eu tinha certeza que estava escurecendo a sola dos meus pés, mas pelo menos não estava raspando a pele. A porta dos fundos tinha um código que parecia ter quinze dígitos antes de ser aberta, e eu fui conduzida para dentro.

Eu gostaria de poder dizer que esta sala tinha o mesmo “fator uau” que tinha o exterior. Mas isso seria uma mentira descarada. Esta

sala estava, bem, cercada por vidros escuros, e só tinha uma porta lateral e piso de ladrilho. Era

isso. Eu me perguntei um pouco fugazmente se isso era porque pessoas como eu, todas cobertas de provas, vinham a esta porta em vez da frente.

Esse pensamento foi afirmado um momento depois, depois que Quinton conectou outro conjunto de números a um painel e abriu uma porta que levava direto ao banheiro. Mas não um banheiro normal. Era uma sala gigante de aço inoxidável com vaso sanitário, pia, chuveiro e um ralo no chão. Não havia banheira ou chuveiro real, o banheiro inteiro era o chuveiro. E cada último centímetro foi feito de aço inoxidável, o que, eu acho, era fácil de limpar. Sem argamassa. Nenhum lugar para pequenas partículas escaparem.

— Tudo bem, — disse Quinton, assentindo. Ele se aproximou para prender a coleira de Mackey a uma barra que provavelmente serviria para segurar uma toalha, depois pegou o celular. — Jules, eu preciso de um kit de unhas, um conjunto de roupas femininas. Eu não sei... médio? — ele disse, os olhos se movendo sobre mim da mesma maneira que Finn fez, avaliando, penetrante. — Sim, não. Ficarei bem. Apenas a bolsa. Ah, e um pouco de xampu de cachorro.

Com isso, ele desligou o telefone, e esperamos em silêncio tenso, até que houve uma batida leve do lado de fora da porta, fazendo com que Quinton se aproximasse, abrisse e puxasse uma caixa de transporte simples para dentro. Então eu observei quando ele alcançou dentro de uma pequena caixa e uma bolsa ainda menor. — Sente-se, — ele disse, sacudindo a cabeça em direção ao banheiro. — Isso não vai parecer muito bom, — ele me informou, mas sua voz não tinha remorsos, como se ele soubesse como era necessário, então não havia razão para se sentir mal com um pouco de desconforto.

Eu sentei.

Ele se ajoelhou na minha frente, pegando uma mão de cada vez, raspando sob as unhas, duro e profundo, doloroso o suficiente para fazer minha mão tremer automaticamente, enquanto ele lixava cada unha. As raspas caíram na sacola, depois ele pegou o cortador, cortando cada uma das minhas unhas com força suficiente para expor um pouquinho da unha embaixo, me deixando certa de que haveria uma dor na ponta dos meus dedos por um dia ou dois até se acostumarem com isso.

— Tudo bem, — ele disse, levantando-se para voltar para a caixa,

pegando uma sacola de compras de papel e colocando as raspas e as unhas cortadas. Ele saiu com o xampu para cachorro, olhou para Mackey enquanto ligava a água e pegou a coleira para arrastá-lo. — Sim, eu sei, — ele disse enquanto Mackey choramingou. — Confie em mim, eu não vou gostar disso também.

Ele prendeu a correia no gancho da parede e pôs-se a trabalhar, resmungando tanto quanto Mackey estava ganindo e rosnando. Mas mesmo com os dentes do cachorro se mostrando ameaçadoramente, ele apenas continuava fazendo o que estava fazendo, esfregando cada plegada do cachorro no caso de haver alguma evidência encontrada ali.

— Cristo, — ele rosnou quando terminou, levando Mackey para fora, e empurrando-o para o corredor em que entramos. — Jules, — ele disse em seu telefone novamente. — Sim, o cachorro. É tudo show quando ele rosna, — acrescentou como um aviso antes de colocar o telefone no chão perto da porta.

E eu pude assistir um pouco surpresa, e talvez até um pouco de excitação, quando este homem lindo realmente começou a tirar suas próprias roupas. Suas mãos soltaram sua gravata e depois a jogaram em um saco preto quando ele tirou os sapatos. Em seguida, seus dedos soltaram o cinto, que também entrou no saco. Então ele começou a desabotoar sua camisa, fazendo um trabalho rápido, depois jogando de lado também.

Era oficial, ele era lindo em todos os lugares.

Seu peito e abdômen eram todos pedaços sólidos de músculos sarados cobertos por um punhado de pelos negros que eram o suficiente para ser viril, mas não tanto que parecesse que ele tinha algum tipo de condição de homem-fera. Esse pelo desapareceu na cintura das calças, oh senhor, puxando fora.

Finalmente percebi o quanto eu estava olhando, minha cabeça caiu, meu olhar indo para o chão não reflexivo, mas brilhante, pegando seus pés quando ele saiu de suas calças, em seguida, a chutou para fora de suas meias.

Felizmente, mais nada bateu no chão depois disso.

— Aven, — ele chamou um momento depois.

— Sim?

— Eu não estou nu, — ele disse, soando quase um pouco divertido. — Você pode olhar para mim.

Ugh.

Foi quase como um desafio.

Eu respirei fundo, forçando minha cabeça a levantar, mas fazendo isso tão rapidamente que seu corpo ficou embaçado. Eu só consegui identificar um pouco de preto que era sua cueca boxer antes de meus olhos encontrarem seu rosto.

— Tudo bem, — ele disse quando teve contato visual. Ele enfiou a mão na caixa, tirando uma caixa menor, além de outro saco preto grande. — Você precisa tirar todas as suas roupas e colocá-las neste saco. Depois você precisa usar a escova de cabelo aqui para passar pelo seu cabelo. Faça isso até que seus malditos braços fiquem cansados, — ele disse, e eu acho que ele estava tentando se certificar de que os cabelos do meu atacante acabassem no saco e não grudados na minha cabeça. — Então você precisa entrar no chuveiro com estes, — ele disse, inclinando a caixa para me mostrar xampu e sabão, — e esfregue até ficar vermelho. Esfregue em todos os lugares. Cara. Orelhas. Pés. Lugares que você *sabe* que não há provas, precisamos desses pontos vermelhos e estridentes também. Uma vez que você acabe com isso, aqui estão as toalhas, — ele disse, mostrando um conjunto de toalhas brancas. — Seque, então entre nessas roupas, — ele me disse enquanto empilhava mais em cima da pilha. Inclusive, felizmente sapatos, eu odiava estar descalça — Entendeu?

— Entendi, — eu concordei.

— Uma vez que tudo esteja feito, bata nesta porta, — ele disse, quero dizer aquela em que entramos. — Jules virá pegar você e trazer você para mim para que possamos conversar sobre o seu caso.

— Tudo bem, — eu concordei, dando-lhe um aceno de cabeça porque a minha voz não soou quase convincente o suficiente.

— Respire, Aven, — ele disse, fazendo-me perceber que ele estava certo, estava segurando minha respiração principalmente, a julgar pelo aperto no meu peito, a maneira como meus pulmões estavam gritando. — Tudo está bem. Eu tenho muita merda, mas preciso que você continue focando no próximo passo. Agora, o próximo passo é ficar limpa. Depois disso, bata. Depois disso, siga Jules. É isso aí. Isso é tudo que você precisa focar. Isso, — ele disse, me dando um pequeno sorriso, — e *respirar*. — Com isso, ele se moveu em direção à porta, quase nu como no dia em que nasceu, me dando uma visão completa de sua cueca boxer e uma tatuagem singular nas costas do ombro esquerdo, algo que eu não conseguia distinguir do outro lado do banheiro.

Então ele foi embora. E eu tinha as instruções para seguir.

De alguma forma, disse repetidamente para mim mesma, isso parecia tornar possível manter minha mente em branco sobre o que aconteceu, apenas ficar presente, fazer o que precisava ser feito.

Eu não tinha certeza de quanto tempo fiquei ali. Mas meus braços pareciam gelatina quando terminei de arrumar o cabelo, depois caminhei para o chuveiro, girando a água para quente para aquecer o frio que parecia sentir até nos ossos.

Então esfreguei até que cada centímetro de mim se sentia excessivamente sensível, quase em carne viva.

Só então tirei a toalha, penteei os cabelos com o dedo desde que usei a escova para a remoção das provas e fiz meu caminho até as roupas que havia empilhado na pia. Encontrei uma simples camiseta preta que era, infelizmente, um pouco pequena para média. E estava me encontrando sem sutiã. Suspirei, puxando o material, tentando não me concentrar em como você podia ver o contorno completo dos meus seios e mamilos através do tecido. As calças eram simples de yoga, pretas com uma listra branca na lateral. Os sapatos eram do tipo que você compra para enfiar em sua bolsa para deslizar seus pés doloridos quando os saltos que você usava se tornasse muito doloroso. Eles ficaram um pouco apertado, mas se encaixaram bem o suficiente.

Eu respirei fundo, olhando para o meu reflexo no espelho.

Eu tentei evitá-lo, mas de alguma forma me encontrei curiosa demais para manter meus olhos desviados.

Meu olho parecia pior do que realmente senti. Foi fácil o suficiente em meio ao choque e depois à sensação horrível da minha garganta de não sentir a dor de todo, embora existisse, monótona, mas insistente. O semicírculo azul estava manchado de púrpura e eu me perguntei se ficaria melhor – ou pior – no final do dia. Minha garganta, bem, parecia que eu fui estrangulada. Não havia maneira de contornar essa suposição. Havia uma faixa clara na frente da minha garganta que se reduziu em pequenos círculos na borda onde seus dedos haviam penetrado. Como o meu olho, estava azul escuro com alguns detalhes roxos. E eu me perguntava como diabos eu poderia encobri-lo, que tipo de maquiagem aquelas pobres mulheres abusadas usavam para encobrir a evidência das surras do marido.

Acho que seria algo que eu poderia procurar no Google quando chegasse em casa.

Tomei outro fôlego, tentando me equilibrar, peguei toda a evidência do chão e bati na porta.

Difícilmente houve uma pausa antes da porta abrir para revelar uma mulher que não poderia ser muito mais velha do que a idade legal para beber. Magra, mas alta, ela era quase assustadoramente bonita, o tipo de beleza que quase faz você querer desviar o olhar com sua pele de porcelana com o mais ínfimo conhecimento de sardas se você olhasse perto o suficiente sobre a ponte de seu nariz e os topos de suas bochechas. Seus cabelos ruivos e lisos foram deixados para baixo para cobrir os ombros de seu vestido simples cinza-carvão que contornava perfeitamente a linha profissional e sexy. Seus pés estavam em saltos que fizeram meus próprios pés doerem apenas em solidariedade. E seus olhos azuis impossíveis estavam focados em mim, me olhando, certificando-se de seguir as regras.

Só então ela me deu um sorriso caloroso. — Seu cachorro está comendo a bola de futebol de Gunner, — ela me disse, sorrindo como se esta fosse a melhor notícia que ela tinha ouvido a semana toda. — Eu não posso esperar para vê-lo ficar chateado com isso. Não se preocupe, eu vou assumir a culpa, — ela me disse, fazendo-me imaginar que tipo de relacionamento os dois tinham se ela gostava de cutucá-lo. Parecia um irmão e uma irmã para mim. O que foi meio doce. Invejei estar perto de colegas de trabalho. Costumava ter isso no meu antigo salão. No meu novo, estava no quarto dos fundos como uma leprosa, esperando que todas as vaginas viessem em minha direção.

— Você gosta de café?

— Café. Expresso. Qualquer coisa para obter a minha concentração, — eu concordei quando ela me levou para fora, em seguida, caminhou comigo ao redor do prédio em direção à frente.

— Ótimo. Vamos parar e pegar um pouco para você. Eu sei que você ficou acordada a noite toda. Eu sinto muito que alguém não pôde ajudar antes que fosse tarde demais.

Ela realmente souou que sentia muito por isso também. E lembrei-me do que Quinton disse sobre a garota no escritório mandá-lo lá. Aquela garota tinha que ser Jules. — Obrigada por empurrar seu chefe para ir me ajudar, — eu disse a ela quando me levou até os degraus da frente. — Você não tem ideia do quanto eu aprecio isso.

Ela me deu um sorriso quando alcançou a porta da frente, mas não a abriu.

— Às vezes, esses caras ficam tão envolvidos no trabalho que se

esquecem das pessoas. E não tenho problema algum em dizer a algum político imbecil ou policial corrupto que ele pode ir chupar um ovo, mas nunca me sentirei à vontade em afastar uma mulher que parece desesperada. Eu não jogo minhas cartas frequentemente neste lugar, mas quando faço isso, é pelas mulheres como você. E porque não peço favores a Quin, ele ouve quando eu ocasionalmente pressiono um assunto. Ele pode não ter chegado lá a tempo, mas chegou lá. E porque ele chegou lá, e conseguiu ver o elemento humano, ele aceitou você. Às vezes, esses homens só precisam de um pequeno empurrão, sabe? Eles podem ser densos às vezes. — Ela acrescentou enquanto nos movíamos para dentro da área de recepção.

— Quem pode ser denso às vezes? — uma voz masculina, não a de Quinton, perguntou quando saiu de um corredor da esquerda. Ele era mais jovem, talvez apenas alguns anos mais velho que a própria Jules. E enquanto eu não era ótima em diferenciar feições, eu tinha certeza de que ele era coreano, com cabelos escorregadios, olhos escuros, pele clara e uma constituição alta e um tanto magra. Ele usava calça jeans cinza ajustada, mas não apertada, com uma camisa azul amassada que tinha rugas como se ele estivesse acostumado a relaxar nela como se fosse uma camiseta.

— Você, Kai. *Sempre* que estou falando, é sempre sobre você, — ela disse a ele, provocando, mas não indelicada quando nos levou para dentro.

— Se ao menos isso fosse verdade, — Kai declarou, segurando seu coração. — Se ao menos você se apaixonasse loucamente por mim como eu estou por você, eu poderia morrer como um homem feliz!

— Você não está namorando aquela doce menina que entrega os doces?

— Namorar é uma palavra muito forte, — disse Kai, sorrindo um pouco malvado.

— Prostituto, — Jules disparou para ele, puxando os cantos dos olhos.

— Eu ficaria feliz em ser seu prostituto, Jules. Só seu.

Havia um toque de sinceridade sob o tom brincalhão e jovial, fazendo-me pensar se talvez Kai não estivesse apenas brincando com sua colega de trabalho, ele genuinamente tinha sentimentos por Jules. Não seria muito difícil acreditar. Ela era bonita e parecia doce. E se ela tinha homens como Quinton e Finn que faziam coisas quando ela pedia às vezes, deveria ser uma boa funcionária e, portanto, ter uma boa

cabeça em seus ombros.

— Eu vou manter isso em mente, — disse Jules, seu tom um pouco cauteloso de repente. — Kai, esta é Aven. Quin apenas assumiu seu caso. Aven, este é Kai. Ele é um cachorro, — ela explicou, embora isso parecesse evidente.

— Aven, da pilha de rejeitados? — ele perguntou, então me enviou um olhar de desculpas. — Desculpe. Mas Smith não assinou com você.

— Eu assinei com ela, — Jules cortou, seu queixo levantando como se estivesse desafiando-o a comentar sobre isso, embora ele não parecesse do tipo.

— Bem, então! Se Jules assinou com você, então você deve ser muito legal. Veja, eu sei disso, — ele me disse, aproximando-se até nossos ombros quase roçarem, virando a cabeça como se ele estivesse me contando algum grande segredo. — Porque eu sei que Jules é muito legal mesmo.

Eu senti meus lábios se curvando apesar do meu dia de merda. Como você pudesse ajudar com alguém tão charmoso quanto ele?

— Kai, você talvez queira leva-la a Quin? Este maldito telefone não vai parar hoje, — ela disse quando começou a tocar.

Foi a primeira vez, desde que entrei, que estava ciente de que estava em um prédio de escritórios.

Um bom por sinal.

As coisas estavam decoradas de uma maneira que deixava claro que o lugar era – em sua maior parte – ocupado por homens. O que significa que tudo era simples a ponto de ser quase limpo e escuro.

Os pisos eram de madeira de lei, reluzentes, mas quase pretos, estavam tão manchados. Os sofás e poltronas dos dois lados da porta da frente eram azuis, assim como as paredes. A mesa de Jules estava no centro da sala, era longa e escura, a madeira combinava com o chão. Atrás dela na parede tinha uma placa prata declarando *Quinton Baird e Associados*.

— Oh, — ela disse de repente quando Kai estendeu um braço para mim. A mão dela estava cobrindo o receptor e seus olhos estavam se desculpando. — Eu prometi café a ela.

— Eu posso pegar o café dela, — ele assegurou, fazendo seus ombros relaxarem como se ela estivesse genuinamente preocupada com isso. — Por aqui, Aven, — ele disse, levando-me para o corredor que ele tinha saído quando chegamos. Havia portas nas laterais com nomes, mas nenhum título de trabalho. Eu li Finn. Smith. Kai Moleiro. Lincoln. Ranger. Gunner. No final do corredor, havia uma estação de café completa com um bule com coador, uma máquina de servir única, uma chaleira elétrica e uma geladeira frontal de vidro cheia de recipientes para creme ao lado de uma prateleira com vários cafés, chás e até uma seleção de chocolate quente.

Preparados, esses caras.

Para qualquer coisa, desde limpeza de cadáveres até súbito desejo de chocolate quente.

— Escolha o seu veneno, — Kai convidou, deixando-me escolher os grãos, mas depois assumindo o controle, preparando em um recipiente de papel para viagem. — Como você toma isso?

— Creme, três açúcares, — eu admiti, encolhendo-me um pouco com a minha doce preferência, mas sabendo que não seria capaz de beber sem os três.

— Doce para doce, — foi todo o comentário que ele fez enquanto preparava. Não, não, — ele disse, gentilmente dando um tapa na minha mão quando eu automaticamente fui pegar depois que ele apertou uma tampa sobre ele. — Não posso ter você queimando suas mãos, — ele me disse enquanto colocava um protetor de café em volta do copo, então estendeu para mim.

— Obrigada. Você é muito doce, — eu disse a ele, significando isso.

— Obrigado. Você pode falar bem de mim para Jules? — ele perguntou, provocando, mas havia uma seriedade com ele também.

— Em todas as chances que eu tiver, — eu concordei quando ele me levou para a porta ao meu lado, a que tinha o nome de Quinton, batendo suavemente.

— Obrigado, você é um pêssego, — ele declarou enquanto abria a porta. — Não se preocupe. Ele não é tão assustador quanto parece atrás daquela mesa grande e intimidante, — Kai me assegurou quando entrei.

A porta se fechou atrás de mim e estávamos sozinhos de novo.

Pelo menos desta vez, ele estava vestido. Seu cabelo também estava úmido, como se de algum modo tivesse encontrado outro chuveiro no prédio, e ele se vestiu com uma calça cinza perfeitamente passada, um cinto preto e uma camisa preta fosca. Nenhuma gravata desta vez.

Seu escritório era praticamente o mesmo que o resto do prédio, carregado no azul marinho, madeira escura e prata.

— Aven, sente-se, — ele ofereceu, acenando para as duas cadeiras em frente à sua enorme mesa executiva. Atravessei a sala, de repente, muito, muito consciente da minha bravura quando seus olhos se moveram sobre mim novamente. Eu juro que meus mamilos traidores pareciam endurecer um pouco sob a inspeção, fazendo-me levantar meus braços como se estivesse trazendo meu copo para cima quando me sentei. — Se sente um pouco mais humana? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça para isso. Tomando um pequeno gole do café ainda quente demais.

— Trouxe sua bolsa aqui, — ele disse, acenando para onde estava sentado em uma mesa atrás dele ao lado de uma impressora e um porta arquivos. — Agora, precisamos conversar.

— Tudo bem, — eu concordei.

— Vamos começar no primeiro dia, depois seguir nosso caminho até a noite passada. Quero todos os detalhes que você lembra sobre cada incidente, mesmo que não consiga manter a linha do tempo em sua cabeça. O que ele estava usando, o que estava fazendo, a que horas do dia ou da noite era. Quanto mais eu souber, melhor posso fechar tudo isso. As fotos na câmera dele sugerem que ele ficou muito perto de você, provavelmente antes de qualquer um dos comportamentos reais em sua casa começasse. Há fotos de você sentada do lado de fora do She's Bean Around, de pé ao lado do seu carro que parece estar soltando fumaça, andando até a casa Kennedy, onde eu penso que você trabalha.

— O incidente com a fumaça do carro foi há mais de um ano, — eu disse em um sussurro abafado. Tanto tempo? Ele estava obcecado comigo há um ano? Como diabos isso me escapou por todo esse tempo?

— Não comece a pensar demais nisso, — Quinton exigiu, balançando a cabeça um pouco. — Loucos encontram maneiras de rastejar. Isso é o que eles fazem. Não é sua culpa que você não percebeu isso. Agora, quando você primeiro se lembra de vê-lo?

— Dia dos Namorados deste ano.

Eu me lembrei perfeitamente. Estava ocupada no trabalho durante toda a semana em antecipação com toda a coisa do dia dos namorados que certamente continuaria. E todas as pessoas no salão receberam buquês de flores desagradáveis, extravagantes, mas dignos de inveja, e caixas de chocolate, ursinhos de pelúcia e joias entregues durante todo o dia. Aparentemente eu era a única pessoa solteira no prédio. Normalmente, eu estava completamente bem em ser solteira. Sempre escolhia o que estava na TV e o que pedir. Nada precisou ser comprometido. Era libertador. Mas nos dias que celebravam a união em todas as suas formas desde o Natal e o Ano Novo até o dia muito óbvio do amor em si, sim, sempre havia uma pontada. Pequena, mas estava lá.

Então eu saí do trabalho, peguei uma enorme encomenda de comida chinesa, um pouco de cidra e um pacote de seis danishes de queijo¹, com a intenção de comer, e beber, até o último pedaço de tudo enquanto me aconchegava no meu sofá assistindo a reprises de *Unsolved Mysteries* na TV.

Eu fiz tudo isso também.

Felizmente inconsciente das minhas janelas abertas e da escuridão lá fora. As portas estavam trancadas porque, bem, eu era solteira, não estúpida. Mas essa era a extensão do meu plano de proteção em casa.

Até que eu me levantei para levar meu prato para a pia.

E viu um rosto na janela.

Eu não era de gritar. Podia assistir a um suspense atrás de suspense em qualquer filme sem deixar um único som escapar dos meus lábios. Mas logo em seguida, sozinha em minha casa, sem sequer um morcego para me defender, o medo era algo que eu jamais conheceria antes.

Então eu gritei.

E, felizmente, naquela época, isso foi o suficiente para enviá-lo



1

correndo.

Me lancei em todos os outros incidentes, cada um ficando um pouco mais confuso à medida que todos começaram a rolar juntos com o quão frequente era tudo. Eu me lembrei de coisas, como o que foi dito, o que ele tinha feito, mas não conseguia lembrar o que ele usava, em que dias da semana acontecia, se havia algum padrão verdadeiramente perceptível para qualquer um deles.

Quinton levou tudo a sério, provavelmente acostumado a não ter todos os detalhes. Mas ele rabiscou em uma folha de papel enquanto eu falava.

— Por que tudo isso é necessário? — me vi perguntando quando falei novas informações, meu café estava vazio, e havia uma dor de cabeça latejante começando em minhas têmporas.

— Normalmente, não seria. Mas enquanto você estava tomando banho, Finn ligou. O filho da puta não tinha uma identificação com ele. Precisamos saber quem ele é, para que possamos descobrir se a casa dele está coberta de fotos suas.

— Se estiver, você acha que os policiais me questionariam sobre o desaparecimento dele? Quero dizer, ele era claramente um perseguidor se estivesse postando fotos minhas em sua casa.

— Sim, — ele concordou, sentando em sua cadeira, uma caneta entre as duas mãos. — Mas os policiais vão cobrir suas bases. Especialmente se ele tiver ligações com qualquer um dos sindicatos da cidade.

Certo.

Os sindicatos.

Você não poderia viver no Navesink Bank e não saber quem realmente comandava as coisas. Não os policiais ou quem quer que fosse o encarregado deles.

Mas os caras que deveriam manter fora das ruas.

O MC Henchmen que dirigia armas.

A família Grassi que dirigia a família italiana local.

A gangue da Third Street e suas drogas e prostitutas.

O estranho acampamento paramilitar na colina conhecido como

Hailstorm.

E enquanto eu não podia ter certeza disso, tinha certeza de que algo ilegal estava acontecendo à noite na escola primária abandonada do outro lado da floresta atrás da minha casa.

Então, se esse cara estava de alguma forma ligado a isso, e os policiais tinham as mãos untadas que eu tinha certeza, eles ajudariam os caras que deslizavam o dinheiro todo mês para descobrir o que aconteceu com um de seus homens.

— Espero que ele seja apenas um ninguém, — eu me ouvi dizer, soando um pouco derrotada.

— As chances são que ele seja. As organizações por aqui administram um barco bem apertado. Mas precisamos ter certeza disso. Então, quantas informações pudermos sobre ele, melhor.

— Acho que dei a você tudo o que existe. Oh, além das anotações.

— As da sua gaveta da cozinha sob o porta talheres? — Quinton perguntou, a borda dos lábios se curvou ligeiramente.

— O quão...

— Finn é completo, — ele me cortou. — Ele limpa o que ele precisa para limpar. Então ele faz uma varredura.

— Procurando o que?

— Qualquer coisa que pareça suspeita.

— Mas por quê?

— Segunda regra do nosso negócio. Nunca confie em seu cliente.

Ok, talvez eu achasse isso um pouco insultante, mas imaginei que eles lidavam com um monte de canalhas em uma base diária, e que tal regra era mais do que necessária.

— E qual é a primeira regra?

Quinton sentou-se para frente, colocando os cotovelos sobre a mesa, inclinando-se para mim um pouco como se estivesse prestes a compartilhar um enorme segredo. — Não seja pego.

Ah bem.

Dã.

Sim.

Essa seria a primeira regra.

Um silêncio caiu depois disso enquanto eu tentava me concentrar.

Isso foi o que ele me disse para pensar. Eu havia seguido todos os passos que ele havia estabelecido para mim. Não tinha ideia do que ia acontecer a seguir.

— O que está acontecendo aí? — ele perguntou, fazendo meu olhar disparar.

— O que vai acontecer agora? — eu perguntei, ouvindo um pouco de vulnerabilidade no meu tom que realmente esperava que ele não percebesse.

— Agora, eu vou levar você para o andar de cima onde você pode ter uma sala privada que trava, com seu próprio banheiro. E você pode dormir. Ou chorar em privado. Tudo o que você precisa fazer enquanto Finn termina em sua casa. Meus rapazes vão lidar com o cão e procurar pistas sobre quem era esse filho da puta.

— E depois disso? — eu perguntei. Em seu olhar interrogativo, encolhi os ombros. — Isso ajuda a ter os passos, — expliquei.

Para isso, ele assentiu, como se isso fizesse perfeito sentido, fazendo-me sentir um pouco menos necessitada do que tinha estado um momento antes. — Depois disso, você pode descer, comer alguma coisa e participar de uma reunião comigo e com a minha equipe sobre o que aconteceu. Depois disso, você voltará para a sua vida. Você terá um dia e um dia só, para perder sua merda, Aven. Depois disso, você precisa voltar para sua casa, mesmo que isso signifique que você precisa dormir no seu porão para se manter longe das imagens que sua mente vai atirar em você quando você pisar de volta nesse espaço.

— Você precisará se levantar amanhã, se vestir, usar uma maquiagem especial que Jules vai lhe dar para cobrir essas contusões, e ir para o trabalho. Você conversara com seus colegas de trabalho se essa for a sua norma. Você depilará todas as bocetas e se *manterá equilibrada*. Tudo tem que continuar como se nada tivesse acontecido. Porque daqui a cinco horas, nada terá.

Ele fez parecer muito mais fácil do que eu sabia que ia ser. Claro,

eu poderia seguir os passos. Poderia levantar e ir trabalhar. Poderia me forçar a fazer coisas no piloto automático.

O problema não era atividades diárias.

O problema estaria acontecendo naquela casa novamente.

Não parecia importar que ele estivesse morto.

O lugar inteiro de alguma forma ainda pareceria inseguro.

E contaminado.

Mas voltar lá não era o próximo passo.

Eu precisava me concentrar nisso.

— Pronta? — Quinton perguntou, movendo-se para ficar de pé, pegando minha bolsa e a entregando para mim.

Com pouca escolha sobre se estava pronta ou não, levantei-me e o segui para o corredor, onde ele fez uma pausa para me deixar tomar mais café antes de me levar de volta para a recepção, depois por uma porta ao lado da escrivaninha de Jules.

Nós subimos as escadas em silêncio, nada além do leve toque de nossos pés nos degraus para preencher o vazio. Chegamos a uma porta no topo, onde Quinton parou para apertar outro código.

A segurança neste lugar era louca.

— Tudo bem, esta é uma sala comum, — ele me disse, levando-me para dentro do que era muito parecida com uma sala de estar com sofás, poltronas, uma TV gigante, mesa de café e tapete cinza de pelúcia. Ao lado havia uma grande geladeira de aço inox, balcão, cafeteira, micro-ondas e o que parecia ser uma despensa. — Se você está com fome antes da reunião, sirva-se de qualquer coisa aqui. Seu quarto é por aqui, — ele me disse, conduzindo-me por um corredor ao lado da pequena cozinha improvisada. Muito parecido com o escritório no andar de baixo, havia portas alinhadas em cada lado. Dez no total. Um para cada funcionário mais uma sobressalente. Ou dez clientes que precisavam de um lugar para dormir. — Aqui vamos nós, — ele disse, levando-me a uma no final. — Se acomode. Tente descansar um pouco. Alguém estará pronto para buscá-la mais tarde hoje à noite.

Sem mais nada, ele se virou para ir embora.

Minha voz explodiu de repente, como se meu corpo não pudesse

mais conter. — Quinton!

Ele se virou devagar, uma sobrancelha levantada. — Quin, — ele corrigiu.

— Quin, — repeti. — Obrigada. Por... tudo isso. Quero dizer...

— Isso é o que fazemos, — ele deu de ombros, indo embora antes que eu pudesse falar de novo.

E, claro, isso era o que eles faziam.

Mas eles faziam isso para clientes pagantes.

O que eu não era.

Mas não adiantava falar nisso. Ele claramente sabia que eu não poderia pagar, mas queria ajudar independentemente. O que eles diziam sobre um cavalo dado não se olha os dentes?

Voltei-me para a porta, abrindo-a e movendo-me para dentro.

As luzes já estavam acesas no espaço confortável, mas esparso. Havia uma cama de tamanho normal com simples lençóis e edredons cinza-escuros, uma mesa de cabeceira e cômoda de madeira escura que combinava com a madeira no chão, um pequeno armário e uma porta que dava para um banheiro com um boxe compacto. Espelho do armário de remédios e o banheiro de sempre. O espaço era pequeno o suficiente para praticamente tocar os dois lados das paredes, mas vendo que era um alojamento temporário, não havia realmente nenhuma razão para ter um banheiro gigante e espaçoso.

Eu tomei fôlego, sentando na beirada da cama, e chutando meus sapatos enquanto vasculhava minha bolsa para encontrar meu telefone, agradecendo às minhas estrelas da sorte que as segundas e terças-feiras, ontem e hoje, eram meus dias de folga. Kennedy ficaria louco se eu simplesmente não aparecesse para trabalhar, já que eu era a única depiladora da equipe.

Estaria de volta ao normal amanhã, mas por enquanto, eu poderia me enrolar naquela cama e processar o que acabara de acontecer.

Tive a sensação de que precisaria de mais do que apenas algumas horas para fazê-lo.

Mas eu teria que pegar o que conseguisse.

Capítulo Quatro

QUIN

Que dia do caralho.

E era apenas um terço do caminho.

Não tinha dormido em quase trinta horas, mas, felizmente, não era tão incomum que meu corpo ou cérebro estivesse desistindo de mim sobre isso. Apenas me senti lento e mais lento do que o normal quando voltei para o andar de baixo depois de colocar Aven em um dos quartos.

Era uma situação de incerteza, seu caso.

Felizmente, nos especializamos em situações desastrosas.

O fato de não conhecer o corpo era a preocupação mais urgente enquanto eu batia nas portas enquanto me movia pelo corredor, chamando todo mundo para o meu escritório.

Finn ainda estava no lugar de Aven. Metodoso ao extremo, ele esfregava cada centímetro daquele lugar com água sanitária depois de aspirar. Então ele colocou um novo piso no quarto de Aven, usando a madeira manchada debaixo de seu tapete para acender toda a confusão de evidências em uma gigantesca fogueira que só ele conhecia. O corpo, bem, isso seria derretido. Eles sempre eram. Era a única maneira de garantir que eles não seriam encontrados, e algum dia ligariam de volta para quem fez a ação.

— Isso é sobre a menina bonita com as contusões? — Kai perguntou quando os homens se reuniram.

— Menina bonita com hematomas? — Smith perguntou, curioso. Ele foi o único a atender a ligação dela em primeiro lugar. Quando eu não estava por perto, ele estava no comando. O General, os caras do escritório o chamavam assim, graças ao seu ex-treinamento militar. Ele era alto e solidamente construído com uma mandíbula larga, olhos cor de avelã e cabelos castanhos que ele mantinha apenas um pouco mais longos do que seus dias militares.

— Aven Armstrong, — eu concordei, pegando a pilha de pastas de arquivo que Jules tinha eficientemente deixado na minha mesa sem que eu precisasse pedir. Ela precisava de um aumento em seu salário já ofensivo.

— Com o perseguidor? — Smith perguntou, sobrancelhas juntas.

— Ontem à noite ele escalou do potencial estuprador, e provavelmente assassino. Ele não teve a chance, no entanto, desde que Aven levou sua bunda até o complexo Henchmen quando não iríamos ajudar, e conseguiu uma arma.

— Finn está lá agora? — Smith perguntou enquanto folheava as páginas em suas mãos.

— Sim. Havia sangue pra caralho, — expliquei. — E esse pervertido gostava de se masturbar nas janelas dela. Existe DNA possível em todo lugar.

— Ele deveria receber um maldito aumento por essa merda, — Lincoln, conhecido carinhosamente como o Intermediário, comentou, com os lábios curvados em desgosto. Lincoln era tão alto quanto Smith e Kai, mas em algum lugar entre seus tipos de corpo. Onde Kai era quase magro, Smith era uma parede de músculo. Lincoln estava em forma e forte, mas mais compacto. Com pai jamaicano e mãe inglesa, ele tinha um tom médio de pele, careca e olhos castanhos com um forte tom de cobre.

— Nossa principal prioridade, — eu continuei, ignorando o comentário, já que todos nós sabíamos que Finn ganhava exatamente o quanto ele queria, — é descobrir quem é esse cara. Finn tem uma foto. Ele vai trazer quando terminar, e Jules vai imprimir algumas cópias. Só precisamos ter certeza de que ele não está conectado de forma alguma. Onde estão Gunner e Miller? Em algum caso? — Eu tinha ido embora por muito tempo para saber exatamente o que estava acontecendo e quando e onde. Enquanto eu controlava a operação como um todo, se a equipe tivesse um caso que eles pudessem lidar sozinhos, eles controlavam. Eu montei uma boa equipe de pessoas com habilidades muito distintas. Eles não precisavam de mim respirando no pescoço e aprovando cada movimento que faziam.

Quanto ao Gunner, ele era conhecido em todo o escritório como o fantasma. Miller era o Negociador. E nosso último membro da equipe, Ranger – codinome a Babá, enquanto ele tinha um escritório no prédio, talvez só visse uma ou duas vezes por ano. Ele estava fora em sua floresta, fazendo sua coisa até que precisássemos dele.

— Sim, Miller tem que trabalhar um pouco com os russos e os mexicanos na cidade. Gunner está, bem, fora da grade.

— Tudo bem, então, por enquanto, somos nós. Smith, Lincoln, eu preciso de você até que tenhamos respostas.

— E eu, chefe? — Kai perguntou, ele estava claramente entre trabalhos por muito tempo se ele estava procurando por uma ocupação. Kai era quem chamamos de o Mensageiro. Que era bastante autoexplicativo. Ele tinha todo o charme de um Golden Retriever, mas ele tinha um dos trabalhos mais perigosos de todos nós. Poucos homens se inscreveriam para entrar em uma situação desconhecida para entregar notícias que provavelmente levariam a armas em seus rostos, mas Kai fazia. Kai prosperou nessa merda.

— Você, eu o quero por aqui, desenterrando informações sobre a cliente.

Eu normalmente não dava a mínima para cavar a sujeira das pessoas. Isso fazia parte do pacote quando você vinha até mim. Eu arejava toda a sua roupa suja. Desenterrava todos os seus esqueletos. Eu me certificava de que você não me ameaçasse de maneira nenhuma e a minha equipe. Goste ou foda-se, isso fazia parte do pacote.

E quando chegava a ser invasivo, minha equipe cavava fundo o suficiente para saber quem tirou sua virgindade e quando foi sua última noite. Nada era deixado ao acaso.

Mas de alguma forma, só dessa vez, não gostei da ideia. Eu não gostava de ter que cavar na vida de uma pessoa em que alguém já sabia muito sobre ela.

E ele sabia muito, muito porra.

Porque as fotos que pareciam ser da noite antes de ele finalmente tentar atacá-la tinham vindo de dentro de seu quarto enquanto ela dormia, sua camisola branca e justa retorcia em sua parte superior das coxas. Ela estava de barriga para baixo, uma perna erguida no estilo do Capitão Morgan², deixando o material escorregar na sua bunda. Você poderia ver a linha da renda de sua calcinha azul clara. Então a próxima foto, sua saia foi levantada completamente. Não foi preciso ser um gênio para descobrir que ele próprio fizera isso, revelando sua bunda mal contida por sua calcinha. A foto seguinte parecia ser muito



mais tarde naquela noite, quase de manhã, a julgar pela luz. Aven estava de costas, e os botões que provavelmente haviam sido apertados antes de ir para a cama foram desfeitos, permitindo que os lados se abrissem e um de seus seios ficasse em perfeito estado, o mamilo rosa endurecido pela fria queda do ar pela janela aberta rachada.

Muito exposta.

Ela já estava exposta demais.

Incomodava-me expor mais de sua vida pessoal.

Mas esse era o trabalho.

Isso era o que precisava ser feito.

Mesmo que eu não gostasse disso.

Eu simplesmente não conseguia ser o único a cavar. Conhecia Kai. E Kai amava as mulheres. Ele faria uma busca minuciosa, mas seria delicado sobre isso, apenas compartilhando com a equipe o que ele considerasse relevante, e bloqueando o resto, para que nunca sáísse.

— Qualquer coisa, em particular, que você quer que eu me concentre?

— Eu não sei muito. Ela trabalha como depiladora na cidade.

— Kennedy, — Lincoln murmurou, chamando minha atenção.

— Por quê?

— Minha última menina. Ela disse que o único lugar na cidade para ser depilada é no salão de Kennedy.

Smith pensou, então, sobrelanceiras baixas. — Kennedy. Como a Kennedy de Pagan?

Pagan.

Ele era um membro do Henchmen MC local, um grupo há muito estabelecido que negociava armas em toda a costa leste. Sua garota possuía um salão de serviço completo na cidade. Onde, aparentemente, Aven trabalhava.

— Não acho que isso seja relevante. Parece que é apenas um trabalho. Ela não tem amigos, pelo menos é o que ela diz, então duvido

que ela seja próxima de seus colegas de trabalho. Mas a vida dela antes dela se mudar para cá. Não parece que ela está aqui há muito tempo. Gostaria de saber o que ela estava fazendo antes de tomar a decisão de se mudar para cá, de todos os lugares.

Navesink Bank, do lado de fora, não era um lugar ruim. Você tinha a área de merda, onde eu escolhi montar o meu negócio por uma infinidade de razões. Mas você também tinha o lado extremamente rico de McMansions. Havia também o meio termo onde todas as pessoas normais viviam. Os locais costumavam se referir a partes da cidade com precaução. Eu moro no East Navesink Bank. Onde a taxa de criminalidade era maior, e nenhuma mulher se sentia segura andando sozinha à noite. Então os outros diriam eu moro no West Navesink Bank com os narizes no ar, pensando que são melhores que todos os outros.

Havia a praia ao virar da esquina. Havia lojas. Edifícios de apartamentos, moradias e casas autônomas. Havia parques e boas escolas.

Se você estivesse se mudando de, digamos, a cidade, fazia sentido verificar o Navesink bank.

Também fazia sentido mudar para cá se você estivesse em algum tipo de atividade ilegal, de qualquer forma. Você poderia se juntar com uma equipe local e voltar a trabalhar em pouco tempo.

Não fazia sentido, contudo, mudar-se para cá do outro lado do país.

Então precisávamos descobrir por que Aven estava aqui em particular. Ela seguiu um namorado? Havia família aqui que morreu ou se mudou? Deveria ser um trampolim para a cidade de Nova York e algum sonho desenfreado de estar na Broadway?

— Entendi, chefe, — disse Kai, fechando a pasta.

— Nós nos encontraremos aqui para discutir por volta das sete. Aven também estará sentada. Dê a Jules o seu pedido para comida chinesa. — Que eu posso ou não ter escolhido porque tinha visto uma pilha de cardápios chineses em seu balcão, como ela ordenava do mesmo lugar com frequência.

Com isso, os homens saíram para trabalhar.

Sentei-me para lidar com a pilha de papelada que havia acumulado enquanto estava viajando a negócios, depois chamei Finn

que estava quase terminando na casa.

E eu não fiz, absolutamente não fiz, foi pensar em Aven um andar acima de mim. Literalmente. Seu quarto estava acima do meu escritório. Eu até tinha ouvido ela se mover como se estivesse andando, antes que não houvesse nada, nem um pio por horas. Ela provavelmente desmaiou.

Significava, no entanto, que ela não se perdeu, chorou, expurgou o que estava dentro dela em relação a toda a situação.

Isso não era bom.

Isso significava que em algum momento da estrada, e não havia como dizer quando isso poderia acontecer, ela finalmente ia quebrar, e tudo ia voltar correndo.

Matar não era fácil. Inferno, o mais cruel dos assassinos lá fora, lutava aqui e ali. Pesadelos, flashbacks, tendências compulsivas, problemas de raiva. Não havia assassinos perfeitamente ajustados no mundo.

Mesmo as pessoas que acidentalmente atingiram um pedestre tendem a lutar com a culpa por toda a vida.

Aven não passaria por isso ilesa. Isso lhe daria pesadelos e problemas de confiança e seria algo que sempre existiria no fundo de sua mente. Quando ela visse sirenes atrás dela quando estivesse dirigindo. Quando visse uma sombra fora de sua janela. Quando tentasse se aproximar de um homem e compartilhasse seus segredos como você normalmente faria, mas ela saberia que isto, teria que ir para o túmulo com ela.

Seria melhor para ela sair daqui, em privacidade, com pessoas que entenderiam apenas um andar abaixo, que não julgariam as pálpebras inchadas e as bochechas vermelhas.

Cristo.

O que estava errado comigo?

Eu não me preocupava com os clientes dessa maneira.

Eu me preocupava com eles em geral, claro.

E com certeza me preocuparia se seus lábios soltos revelassem os segredos, se suas ações parecessem suspeitas, se qualquer coisa que fizessem para estragar suas vidas pudesse me levar com eles.

Mas isso pareceu diferente. Isso pareceu estranhamente pessoal.

Isso parecia como um rolo no meu intestino que eu não acontecia com relação ao trabalho, a menos que houvesse uma arma apontada para mim.

Eu fui envolvido.

O que não suportava.

Eu precisava acertar minha cabeça.

Eu precisava de uma boa refeição, meu próprio lugar e um pouco de sono decente.

Eu me sentiria normal novamente.

Ou então eu estava dizendo a mim mesmo.

— Quin, — a voz de Jules chamou, um pouco mais aguda do que o habitual, como se talvez ela já tivesse me chamado uma vez sem uma resposta. Que, dado o quão zoneado eu me sentia, isso era possível.

Havia uma primeira vez para tudo, eu acho.

— Sim? — eu perguntei, chicoteando a cadeira em torno de onde ela estava de pé na borda da minha mesa, um café em uma mão, um arquivo em outro. Uma de suas profundas sobranceiras vermelhas estava levantada. — Sim, eu sei. Estou fora do meu jogo hoje, — eu admiti antes que ela pudesse me zoar.

— Isso não teria nada a ver com a linda morena de olhos azuis dormindo bem acima da sua cabeça, teria?

— Normalmente, eu amo seu atrevimento, Jules. Hoje, mantenha um limite nisso, — eu disse a ela, não indelicadamente. Ela era inteligente e segura o suficiente para não ficar ofendida quando um de nós era espinhoso. Qualquer um que dissesse que os colegas de trabalho tinham mudanças de humor, claramente nunca trabalhou em um escritório cheio de caras antes. Não havia um dia da semana em que alguém não estivesse com um humor azedo.

— Tudo bem, tudo bem. Sensível, — ela disse, sorrindo enquanto me entregava meu café. — Alguma ideia do que ela poderia gostar do lugar chinês? — ela perguntou, segurando um caderno. Essa mulher sempre tinha um caderno e caneta com ela. Onde diabos ela guardava isso estava além de mim desde que, mais frequentemente do que não, ela estava em um vestido. — Eu já tenho todos os outros. E eu sei o que você gosta.

— Ela parece gostar de todo o cardápio, — eu disse com um encolher de ombros, tinha notado brevemente que ela circulava itens em seus cardápios antes que ela pedisse.

Jules rabiscou alguma coisa, depois foi até a porta antes de se virar. — Ei Quin...

— Sim?

— Obrigado por aceitar o caso dela.

— Foi inteligente você pressionar, — eu respondi, e ela pegou o que foi um dos melhores elogios que poderia esperar de mim com um pequeno lábio curvo.

— O jantar deve estar aqui em trinta minutos.

Depois disso, os homens entraram, todos com os arquivos que eu lhes dei antes, mas mais grossos graças às suas pesquisas.

— Bem, — Kai disse no silêncio dos homens espalhados pela sala. — Você vai buscá-la ou o quê?

— Oh, certo, — eu disse, exalando.

Sério.

Eu precisava dormir um pouco.

O café claramente não estava funcionando com a minha falta de premeditação.

Me levantei da cadeira e fiz meu caminho para o segundo andar, ouvidos atentos enquanto caminhava pelo corredor, querendo ter certeza de que não estava interrompendo se ela finalmente deixasse a represa se romper.

Bati na porta três vezes, depois chamei o nome dela duas vezes.

Começando a me preocupar, fui em busca da chave principal, deixando-me entrar. Mas ela estava bem. Ela não quebrou sob a pressão e cortou os pulsos ou bebeu a garrafa de aspirina no banheiro. Isso soou dramático. Mas nem seria a primeira tentativa de suicídio neste mês.

Não.

Ela estava com frio em cima da cama, nem mesmo se incomodando em puxar os lençóis para baixo subindo neles. Seu cabelo, agora seco, estava espalhado sobre a fronha, brilhante, de aparência suave, o tipo de cabelo implorando para você passar os dedos.

Eu encontrei-me balançando a minha mão para evitar fazer algo tão ridículo quando me aproximei.

— Aven, — eu chamei, não obtendo resposta, fazendo com que meu foco fosse para o peito que estava subindo e descendo uniformemente.

A maioria das pessoas não dormia tão bem em novos lugares. Imaginei que fosse simplesmente porque ela estava completamente esgotada, corpo e mente. Seu cérebro estava apenas fechando tudo. E por mais que eu quisesse permitir isso, eu sabia que precisávamos terminar a reunião.

— Aven, — eu tentei novamente, tocando minha mão no joelho dela.

Você teria pensado que eu a havia cutucado com um picador de gado. Seu corpo inteiro se fechou na cama enquanto a respiração entrava em um suspiro.

— Calma, — eu disse, mantendo minha voz calma, reconfortante. — Sou eu. Quin, — acrescentei, imaginando que talvez o cérebro meio adormecido não juntasse dois e dois tão depressa. — Está tudo bem, você está segura, — eu tentei quando seus olhos desfocados ficaram enormes, e sua respiração ficou mais engatada. — Respire, — eu exigi quando ela levantou uma mão trêmula para tirar o cabelo do rosto.

— Desculpe, — ela disse, balançando a cabeça para si mesma, claramente envergonhada por sua reação, não importava o quão ridículo isso fosse.

— Eu bati e chamei antes de entrar, — eu assegurei a ela, não querendo que ela pensasse que eu estava ultrapassando, ainda trilhando seu direito à privacidade.

— Mesmo? — ela perguntou, sobrancelhas erguidas juntas. — Eu nunca durmo tão profundamente. Quero dizer, durmo profundamente. Mas uma batida normalmente me acorda.

— Você teve dois dias difíceis, querida. Você não é você mesma agora.

Ela assentiu um pouco, aceitando a verdade. — Que horas são? Já é hora da reunião?

— É sete. E sim. É por isso que vim buscá-la. Todos os caras estão prontos. — Uma sombra atravessou seu rosto, e eu observei enquanto seu corpo ficava cada vez mais tenso. — Ei, isso é apenas sobre os fatos que coletamos, e o que eles poderiam significar. No interesse da divulgação completa, sim, mandei um dos caras colocar um arquivo em você. Mas ele não vai arejar sua roupa suja na frente de todos. — Eu disse quando ela bufou e, se não estava enganado, revirou seus olhos para mim.

— Eu não tenho roupa suja no ar, tenho uma vida chata. Bem, eu tinha.

— Mesmo que você não tenha, não se preocupe. Isso não é sobre atacar você. Nós só precisamos ter certeza de que nada disso está de volta a qualquer coisa em seu passado. Não é pessoal. Mesmo que seja assim, — Eu adicionei, dando-lhe um pequeno sorriso, sabendo o que era estar em sua posição. Porque uma das tarefas que meus homens tinham que concluir antes que eu os aceitasse era trabalhar em um arquivo sobre mim, desenterrar toda a minha sujeira substancial, obter cada pedaço de informação sobre mim quanto possível. Nunca fiquei confortável ouvindo alguém lhe dizer todas as mulheres com quem você dormiu, quais namorei mais seriamente e as que você só teve uma noite. Era inquietante ouvir histórias de sua infância reveladas, eventos que você tinha esquecido que havia acontecido.

Eu entendia.

Mas isso era necessário.

— Ok, — ela disse, respirando fundo. — Vamos dar esse passo, — ela concordou, colocando os pés no chão, colocando-os nos sapatos que Jules havia lhe dado.

— A comida deve estar aqui também, — eu disse a ela enquanto estávamos na metade do corredor, e pude ouvir as reclamações de seu estômago vazio.

Eu a levei para o escritório, segurando a porta aberta para ela, deixando-a entrar primeiro.

Ela fez.

Mas quando todos os olhos se voltaram para ela, ela deu um passo para trás, batendo no meu peito, e não fazendo um movimento para se afastar novamente.

Acho que se você não estivesse acostumado com eles, eles poderiam ser um bando intimidador, especialmente ao enfrentar todos eles de uma só vez no modo de trabalho.

— Está tudo bem, — eu disse a ela, lábios para baixo em sua orelha, meu dedo pressionando em seu quadril tranquilizadamente. — Eles estão todos aqui para ajudar, — assegurei-lhe. — Pessoal, esta é Aven. Aven, você já conheceu Kai e Finn, — eu a lembrei, querendo que ela encontrasse um pouco de conforto na sala.

— Ei moça bonita, — cumprimentou Kai, dando-lhe um de seus sorrisos abertos.

— Espero que você goste do novo tapete. — Esse era Finn, um que nunca foi exatamente bom em graças sociais. Mas porque eu o conhecia, sabia que ele realmente queria dizer isso genuinamente. Ele realmente esperava que ela gostasse do tapete. Ele provavelmente até escolheu um substituto superluxuoso e mais caro só porque queria que ela gostasse.

— E então esses caras são Smith e Lincoln, — eu a apresentei a eles, feliz quando eles lhe deram sorrisos tranquilizadores, embora eles não fossem exatamente o tipo de homem propensos a sorrir.

Jules tinha trazido mais cadeiras dobráveis enquanto eu estava fora, junto com uma mesa coberta de sacos de comida, garrafas de bebidas, pratos e talheres.

Aumento.

Ela precisava de um.

— Tudo bem, — ela disse, movendo as pernas dela. Não importava quanto tempo fosse seu turno, ela nunca tirou a maldita

coisa. — Estou servindo. Façam seus pedidos, — ela disse a sala, indo até a mesa para fazer o que disse. — Aven, sente-se. Em uma das mais confortáveis, — acrescentou ela com um olhar penetrante para a equipe. — Esses brutos podem lidar com uma bunda dolorida. Você teve um dia bastante difícil.

Com isso, todos pegaram sua comida, colocando suas bebidas em seus pés, seus pratos equilibrados em uma perna para que pudessem abrir seus arquivos na outra. Como havíamos feito inúmeras vezes desde que abrimos.

Eu precisava dizer a Jules para adicionar carrinhos de jantar na sua lista de compras.

— Certo, coloque para fora. Kai, você primeiro. Arranque o band-aid. Eu sei que você está louco para começar.

— Eu? Inocente, eu? — Kai perguntou, fingindo parecer chocado. Inocente não era uma palavra que alguém usaria para descrevê-lo, mas ele deu um pequeno sorriso para Aven independentemente. — Certo. Enfim. Você é Aven Alicia Armstrong. Aliteração legal. Você cresceu em San Francisco com sua mãe e seu pai. Você estava feliz, parecia. Bem na escola. Então seu pai morreu quando você tinha doze anos, e sua mãe se casou novamente dentro de dois anos com um cara que, bem, vamos apenas dizer que ele é um idiota, não é? — ele perguntou, esperando por uma resposta.

— Isso é apropriado, — concordou Aven, cuidadosamente, cautelosamente. Ponto dolorido, esse era um ponto dolorido.

— E por causa disso, parece que você e sua mãe se afastaram, levando você a sair quando tinha dezoito anos, fazendo as aulas noturnas de SPA enquanto trabalhava durante o dia em uma creche cercada por um monte de ranho, — Kai gostava de desenhar fotos com suas histórias de fundo. Não era inédito para ele reencenar um evento. Usando vozes. — Você trabalhou lá por um tempo em um lugar agradável. Conseguiu uma multa de estacionamento quatro anos atrás. Namorou um homem chamado, não estou brincando, Snow. Esse é o nome legal dele, no caso de alguém estar se perguntando.

— Seus pais eram hippies, — Aven defendeu, bochechas um pouco rosa, envergonhada com a menção daquele namorado.

— Desculpe por falar nisso, cara de boneca, mas ele te traiu. Você pareceu tomar isso como a última gota em San Francisco, e pegou, e moveu seu traseiro em todo o país. Porque Navesink Bank, eu não consigo descobrir.

Ela deu de ombros para isso. — Eu queria estar perto da praia e da cidade. Aqui, está cerca de dez minutos da água, e uma hora da cidade de trem ou balsa. Algumas das casas custam um terço do seu valor real de mercado.

— Como você conseguiu um emprego em um SPA muito legal por aqui? Você sabe o tipo, — ele disse, dirigindo-se a todos os caras. — Onde sua garota pode ir planejando apenas fazer as unhas, mas acaba gastando muito.

— Você não podia sair por aquela porta por menos que muito dinheiro, — Aven concordou, fazendo-me imaginar que era um daqueles lugares extravagantes que atendiam os ricos do lado oeste da cidade.

— E, fazia um bom salário lá. Assassino, — ele disse, estendendo a mão para bater na nela, o que ela fez, embora um pouco desajeitadamente. — Isso levou você a comprar a sua casa. O que, na época, era ótimo desde que você tinha o dinheiro para o pagamento inicial e um emprego bem remunerado. Então o salão fechou logo depois que você se mudou. Você teve um corte na posição, mas também no salário. Você saiu em dois encontros com um homem chamado Roger. E depois um encontro com um homem chamado Rion. Nada nunca veio de nada disso. E é isso.

— Nenhum outro cara? — eu pressionei, as sobrancelhas juntas.

— O que é tão difícil de acreditar sobre isso? — Aven perguntou, referenciando quando eu não acreditei nela antes. — Não me importo de ficar sozinha. E minha CVD assusta os homens.

— CVD? — Smith perguntou, no escuro.

— Cara de vadia descansada, — Kai forneceu. — E desculpe por discordar de você nisso, mas seu rosto nunca poderia parecer uma vadia.

— Tudo bem. Seguindo em frente. Smith, Lincoln, Finn, e esse cara?

Finn começou. — Ele deve ter andado até a casa dela todas as vezes. Havia trilhas na floresta que desapareciam no interior. Nenhum carro abandonado em nenhuma rua lateral. — E ele quis dizer qualquer rua. Finn era metódico assim. — Ele não tinha identificação com ele, como eu disse. Nenhum metal ou plástico em seu corpo. — Eu estava feliz que ele não entrou em detalhes sobre como ele sabia disso na frente de Aven.

— Metal ou plástico? — embora ela perguntou.

— Equipamento cirúrgico tem números de série, — foi sua resposta. — Daí. Beco sem saída para mim.

Foi aí que Smith pegou. — Finn enviou alguns dados de DNA e impressões digitais. O laboratório vai demorar mais um ou dois dias. O reconhecimento facial não pegou nada desta parte da cidade. Estamos nos espalhando, mas isso vai levar tempo.

— Tenho alertas para pessoas desaparecidas, — continuou Lincoln. — E o scanner já está ligado. Estou gravando agora. Até agora, ninguém está sentindo falta desse cara. Mas é cedo. Ele tecnicamente não será considerado desaparecido por mais algumas horas.

— Nada em um M.O. semelhante na área? — eu perguntei.

Lincoln deu de ombros enquanto pegava seu chá gelado. — Você sabe como são os casos de perseguição. A maioria não é informada. Os que não entram em detalhes suficientes.

Isso foi justo o suficiente.

— Conferi a foto, — Smith continuou. — Eu não o reconheço. E nós mantemos um olhar atento sobre os sindicatos. Eu não acho que ele seja alguém. Pelo menos não alguém com quem precisamos nos preocupar dessa maneira.

Isso foi um alívio pelo menos.

— Isso é de alta prioridade até que tenhamos um nome. Finn vai precisa limpar a casa. E isso precisa acontecer antes que um pagamento de aluguel ou hipoteca passe, e alguém venha farejando por aí.

Os homens assentiram enquanto distraidamente comiam um pouco da comida.

— Não se preocupe, — disse Kai, gentilmente acotovelando o braço de Aven. — Nós temos você coberta. Nada para se preocupar.

Isso não era exatamente verdade.

Ela tinha suas próprias preocupações.

Mas nós nos certificariamos de que nada disso voltasse para mordê-la no rabo. De uma maneira legal.

— Eu sei que devo ir para casa e agir como se nada tivesse acontecido. Mas e quanto a vocês, enquanto vocês fazem progresso? Eu estou apenas no escuro a partir de agora? Não deveria ser vista com nenhum de vocês?

Essas eram boas perguntas, provando que ela estava conseguindo manter a cabeça reta, apesar de toda a insanidade.

Cheguei na minha mesa, pegando um telefone, anotando o número, depois passando para ela junto com um cartão de telefone. — Você levará isso para casa, configure, coloque alguns minutos de créditos. Então, mantenha-o ligado e carregado. Se precisarmos entrar em contato com você, é assim que faremos. Quando tudo isso acabar, isso será colocado em um saco de sanduíche marrom simples perto da sua porta da frente, e alguém vai pegá-lo para destruí-lo.

— Você é meticoloso, — ela disse, parecendo aliviada. — Então você vai me manter atualizada?

— Quando as informações forem importantes para compartilhar.

Como regra, isso não aconteceria.

Quanto menos o cliente soubesse, melhor.

Mas eu queria que ela tivesse esse conforto. Parecia que ela precisava disso. E ela tinha passado o suficiente por um dia. Eu a deixaria manter sua esperança.

— Então é isso? — ela perguntou, soando completamente esvaziada sobre ter que voltar para sua vida. Uma vida que nunca pareceria exatamente a mesma.

— Por enquanto, sim, — eu concordei. — Vamos discutir o seu vira-lata e voltar para sua casa em seguida.

Ela assentiu, embora não conseguisse manter contato visual.

E tanto quanto eu teria oferecido a ela o quarto acima pelo tempo que precisasse, ela não teria a sorte de ser o tipo de cliente que poderia fazer isso, escapar de suas vidas por um tempo. Ela precisava continuar. Por mais difícil que isso seja às vezes.

Então, quinze minutos depois, Mackey estava no banco de trás, contente desde que Lincoln lhe colocara alguns pedaços de costela desossada, e Aven estava ao meu lado no banco do passageiro.

— O que é esse cheiro? — ela perguntou, o nariz se enrugando.

— Oh, Finn limpou o carro. Ele usa algumas merdas potentes às vezes.

— Ele deve estar exausto, — ela observou quando virei para a rua em frente ao meu prédio. — Ele fez muito hoje.

— Ele fez, — eu concordei. — Mas esse é Finn. Ele não consegue trabalho todos os dias. Ou até mesmo toda semana. Ele faz longas pausas para recarregar. Mas quando está em um trabalho, ele está nele. Nada passa por ele.

Eu não tinha ideia do porquê estava contando isso a ela. Realmente não era uma merda que ela precisava saber. Parecia que ela precisava de barulho, e como se o silêncio fosse desfazê-la.

— Isso é bom de ouvir, — ela observou, enrijecendo quando entramos em sua rua, meus faróis pousando em sua casa.

Não parecia diferente.

Eu sabia que era o que ela estava pensando.

Considerando tudo, devia parecer diferente.

Mas era a mesma velha casa.

Exceto, como ela veria em um segundo enquanto caminhávamos pelo caminho, estava muito mais limpa do que ela sabia que fosse possível.

Eu não deveria pisar o limiar.

Eu não *podia* pisar na entrada e estragar o interior limpo.

Não era nem uma opção.

Isso nunca teria me ocorrido antes.

Mas com Aven ao meu lado, hesitando em entrar em sua própria casa, sabendo que fantasmas ela encontraria lá, tive à vontade quase irresistível de levá-la, para mostrá-la ao redor, para assegurar-lhe que nada iria mais acontecer com ela.

Eu simplesmente não podia fazer isso.

Eu tinha que ser profissional.

Esse era o trabalho.

— Aven, — eu disse, minha mão descendo para enrolar sobre a dela, que estava segurando seu celular pré-pago descartável como uma tábua de salvação. Sua cabeça se virou para mim, seus olhos praticamente pulando com a rapidez com que seu cérebro estava girando. — Tudo foi tratado. Você está segura. Eu sei que isso parece horrível agora, mas só preciso que você tenha coragem e lide com isso. É uma droga. Mas você pode fazê-lo. — Ela não parecia tão convencida. — Diga-me que você pode fazer isso.

Ela respirou fundo e, ao fazê-lo, os ombros voltaram para trás, o queixo erguido um pouco. A determinação parecia boa para ela. — Eu posso fazer isso, — ela me disse com uma voz firme, estendendo a mão para a minha mão onde estava a coleira de Mackey.

— Bom. Eu vou deixar você saber se tivermos alguma informação.

Ela deu um pequeno aceno com isso, mas parecia que ela talvez não acreditasse em mim dessa vez.

Garota esperta.

— Obrigada, Quin.

Isso soou muito como um adeus para mim.

E foi, de certa forma.

Ela se virou, acendeu a luz e se moveu para dentro, colocando as fechaduras no lugar, depois acendendo as luzes externas também. Se eu soubesse alguma coisa sobre mulheres nessa situação, e eu sabia, ela acenderia toda a porra da luz na casa. Empurraria as cortinas do chuveiro, verificaria os armários, então provavelmente se trancará no banheiro, usando a banheira como uma cama, abraçando um taco como um amante.

Eu odiava essa imagem.

Queria estar lá para ela.

Espera.

Que porra é essa?

Não, não queria.

Eu absolutamente não queria.

Isso foi insano.

Obriguei-me a me afastar de sua casa, onde todas as luzes estavam acesas, entrando no meu carro, tentando sacudir o estranho desejo antinatural que tive de correr até aquela casa, dizendo a ela que eu manteria guarda durante a noite, então ela poderia dormir.

Porque essa merda não era como eu era.

Capítulo Cinco

AVEN

Minha casa estava iluminada como Mischief Night³, apenas desafiando aquelas pequenas merdas encrenqueiras a aparecerem e esmagarem minhas abóboras ou pintar minhas árvores.

Todo o interior da casa cheirava a limpo. E não apenas “oh, eu poli a madeira e limpei as janelas com Windex”, mas limpeza com solvente industrial. Solvente industrial com um aroma de algo mentolado, eu acho que para tentar cortar o cheiro químico.

Não funcionou.

Mas, ainda assim, tinha certeza de que minha casa não estava tão limpa quando eu saí. Todos os cantos pareciam aspirados e limpos. Os balcões estavam brilhando. Finn tinha conseguido algum brilho no meu piso de madeira que há muito perdera o revestimento.

Até mesmo os cômodos traseiros que eu tinha certeza que nunca foram tocados pelo perseguidor foram limpos. Meu cobertor que eu mantinha na parte de trás do meu sofá foi lavado, junto com minhas cortinas, e parecia que todas as minhas roupas. Sério, louco metuculoso. Mas isso funcionou a meu favor.

Inferno, até mesmo o interior da minha máquina de lavar cheirava a alvejante como se ele tivesse limpado isso depois de limpar tudo o que eu possuía dentro dela.

Eu ainda não fui capaz de me arrastar até o meu quarto para acender a luz. Cheguei na metade do caminho antes do meu estômago revirar, ameaçando mandar a comida chinesa de volta para cima. Decidi ir em frente e me permitir um pouco de fraqueza. Mas apenas pelo dia. Eu teria que voltar lá eventualmente, não importa o quão desconfortável isso me fizesse.

Por enquanto, fiz a Mackey um jantar de verdade, já que alguns

³ Mischief Night é um feriado informal no qual algumas crianças e adolescentes se envolvem em brincadeiras e pequenos vandalismos.

pedaços daquela carne vermelha brilhante que um dos caras de Quin entregou a ele antes de sairmos não eram uma refeição. Então me forcei a andar, fazendo chá, pegando cobertores e jogando almofadas, tentando decidir onde eu possivelmente me sentiria segura para dormir à noite toda.

Eu sabia, racionalmente, que não havia nada a temer.

Ele se foi.

O tipo “para sempre” de desaparecimento.

Mas ainda estava pulando com o vento e aos ruídos da casa. No final, peguei meu pequeno arsenal de armas usáveis, uma faca de cozinha gigante, uma frigideira de ferro fundido e um taco de golfe que foi deixado para trás pelo proprietário anterior, e fiz uma cama improvisada no banheiro, trancando a porta. E a escorando com uma cadeira de cozinha sob o batente da porta apenas por garantia extra.

Meus dois celulares estavam na beirada da banheira, enquanto eu olhava para o exaustor algumas horas se passaram.

Mais tarde, e não havia como dizer o quanto mais tarde, acabei por dormir.

Acordei nas primeiras horas da manhã com uma sensação doentia no estômago, um sinal da minha infância de que tive pesadelos, mesmo que minha mente não conseguisse lembrar deles ao acordar.

Respirando profundamente, saí do banheiro, dei uma volta em minha casa com um Mackey indignado que realmente só queria ir lá fora, não brincar de cão de guarda para sua proprietária traumatizada.

Não encontrando nada, não que eu realmente esperasse ver alguma coisa, encontrei minha bolsa onde guardei a maquiagem que Quin havia mencionado, e Jules havia fornecido, e finalmente fiz isso.

Subi as escadas.

Não havia mais como evitar, já que eu precisava me preparar para o trabalho, e a única maneira de fazer isso era ir até o meu quarto para tirar as roupas do meu armário.

Minha mão se fechou ao redor da maçaneta, fazendo-me respirar fundo a combinação química e o cheiro de menta que eu estava estranhamente amando, e a abri.

Finn tinha deixado as persianas para cima, as janelas abertas

para arejar, então a luz da manhã estava fluindo sobre a minha cama perfeitamente feita coberta por um edredom de cor creme um tanto delicado, completo com fronhas e lençóis novos. O tapete que ele parecia sinceramente esperar que eu gostasse era de pelúcia debaixo de meus pés descalços, bege, com um padrão de redemoinho de luz que era como se alguém tivesse pressionado dentro das fibras.

Era bem melhor e mais agradável do que meu tapete velho.

Eu estava quase um pouco espantada com o quão bom meu quarto parecia. Quase como se fosse um espaço diferente. Talvez fosse exatamente isso que Finn queria. Talvez ele soubesse que, se fosse diferente o suficiente, seria mais fácil esquecer o que acontecera.

Mas, mesmo enquanto eu me movia e admirava a novidade de tudo isso, senti meu corpo abraçando as paredes, mantendo uma grande distância do ponto em que o corpo estava esparramado, enquanto fazia meu caminho até o armário para tirar algumas roupas.

Era diferente, claro.

Mas não havia como o novo tapete apagar a memória de um homem morto, sangrando por todo o meu chão.

Até a lembrança fez meu estômago revirar.

Mas eu precisava manter o controle.

Precisava focar em fingir que nada aconteceu, colocar uma máscara, manter minha cabeça em linha reta.

Já era ruim o suficiente que a situação acontecesse.

Eu não precisava agir de maneira errada, e me enrolar na cadeia.

Tomei um longo banho quente e passei os movimentos para me preparar para o trabalho.

— Segure forte, — eu disse a Mackey, que nem se incomodou em levantar a cabeça do braço do sofá que ele sabia que não deveria estar em primeiro lugar. — Real assustador, você acabou por ser, hein?

Eu parei na vaga atrás do trabalho, um pouco paranoica, então checando meu rosto e pescoço no espelho retrovisor, querendo ter certeza de que a maquiagem, de nome Magic In A Tube, funcionava mesmo sob a luz da manhã. E enquanto, se você olhasse bem de perto, talvez pudesse ver um pouco de sombra, como um todo, não havia como você saber que eu tinha sido estrangulada e golpeada no rosto

apenas um dia e meio antes.

Minha garganta ainda doía, significando que minha voz ainda estava um pouco rouca. Mas eu consegui dizer aos meus colegas de trabalho que tinha ido a um concerto no fim de semana, e tive um pouco de excesso com o meu entusiasmo.

Depois disso, estava trancada em um quarto dos fundos com mulheres sem calcinhas e dois caras sem camisa pelo resto do dia.

Mesmo que eu não tivesse precisado me esforçar muito, me senti esgotada quando cheguei ao meu carro às seis horas, dirigindo para casa, para uma casa que parecia nojenta, e tentando apenas passar pelos momentos.

Quase voei para o meu telefone por volta das sete e meia quando ouvi o celular descartável iluminar na mesinha de centro.

Era apenas um texto, mas mesmo isso foi melhor que o silêncio do rádio durante todo o dia. Mesmo isso foi mais do que eu realmente esperava.

Nada de novo para relatar ainda. Como você está indo? - Q

Como eu estava indo?

Essa era uma pergunta complicada, não era?

Vendo como, dois dias atrás, eu era apenas uma garota com um perseguidor.

E agora eu era uma assassina.

Estava preocupada que isso fosse tudo o que eu estaria me vendo. Estava condenada a me julgar pela única situação horrível em que fui forçada?

Tempo, acho que era disso que eu precisava.

O tempo diria.

Sempre foi assim.

Aguentando.

Mais uma vez, e tente fazer com que seja pelo menos um pouco

convvincente.

Eu faria se eu pudesse.

Não houve nada por vinte minutos depois disso, deixando-me ter um buraco no meu estômago, pesado e nauseante, fazendo-me desejar ter forçado meus dedos a dizer alguma coisa, qualquer outra coisa.

Eu provavelmente pareceria chorona e patética.

E ingrata.

Mas então o celular sonorizou de novo, fazendo meu coração disparar no meu peito.

Encontre-me no She Bean Around.

Não foi exatamente um pedido. Normalmente, teria me arrepiado com a presunção de tudo isso. Eu não era exatamente fã de receber ordens, mesmo que fosse para uma reunião na melhor cafeteria da cidade.

Mas agora, em todo o meu desespero por não estar em minha casa, não sentir que tudo o que eu estava fazendo era viver algum disfarce gigante, eu entrei no meu carro e fiz meu caminho para a cidade.

Eu estacionei meu carro velho e enferrujado na frente do novo e brilhante de Quin, respirando fundo e puxando o espelho para baixo para ter certeza de que minha maquiagem ainda estava intacta, antes de fazer o meu caminho até as portas de She's Bean Around.

Era o único café da região, administrado por duas mulheres – Jazzy e Gala – ambas tão selvagens quanto seus nomes – que se vangloriavam por fazer o melhor café absolutamente naquela costa. Na minha humilde opinião, elas faziam muito bem. E, a julgar pela grande multidão no espaço um tanto pequeno com decoração de luxo, mas rústica, eu não era a única.

Vi a parte de trás de Quin no balcão, seu terno ainda de algum

modo perfeitamente alinhado, mesmo depois de um dia inteiro de trabalho. Fazendo meu caminho, ouvi Gala – a proprietária ruiva – falando. — Eu só estou dizendo. Eu sei que você tem cinco máquinas de café naquele lugar. Mandar aquela pobre menina aqui três vezes ao dia parece um exagero.

— Você está reclamando do negócio? — Quin perguntou de volta, parecendo divertido.

— Estou reclamando pelos pés daquela pobre garota, isso é o que eu estou dizendo, — ela disse a ele, balançando a cabeça enquanto se movia para colocar um filtro em uma máquina de café. — Não se preocupe, — ela continuou, — eu sei o seu pedido. Preto. Assim como todo mundo naquele escritório, exceto o filhote que gosta de chocolate quente.

Senti meus lábios se curvando, achando perfeitamente apropriado que essa fosse a bebida preferida de Kai.

— E um com creme e três açúcares, — disse Quin de repente, fazendo-me ciente de que ele sabia da minha presença, mesmo que não tivesse dito nada, e ainda estivesse a poucos passos atrás. — Você pode se aproximar, querida. Eu convidei você aqui afinal de contas.

— O quêeee? — Gala perguntou, saindo de trás da maciça máquina de café com seis potes ativos. — Você convidou uma garota aqui?

— Não exagere isso.

— Eu? Exagerar o fato de que eu te vi por toda a cidade há anos e nunca vi você com ninguém além de Jules? Por que eu faria isso?

— Alivie, ou Jules vai começar a encomendar a partir daquele lugar com o nome do pássaro.

— Você não iria, — Gala insistiu, olhando-o em desafio.

— Eu não faria? — Quin perguntou quando me movi ao lado dele no balcão.

— A coisa é, — Gala continuou, olhando para mim, — ele vai. Ele é um idiota desse jeito. Fique longe dele. Você parece uma garota legal.

— O que você está dizendo, Gala? — Quin perguntou naquele mesmo tom divertido, — que eu não sou um bom rapaz?

Sua única resposta a isso foi um bufo quando empurrou dois

cafés para viagem pelo balcão, e pegou o dinheiro de Quin. — Estou mantendo a gorjeta só porque você me ameaçou, — ela disse a ele, mas ele já estava pegando os cafés, claramente não planejando pegar o troco de qualquer maneira.

— Vamos nos sentar? — Quin perguntou, empurrando o queixo em direção à solitária mesa vazia no canto de trás.

— Claro, — eu concordei, me sentindo como uma adolescente desajeitada em seu primeiro encontro enquanto o seguia pela sala.

Exceto, você sabe, isso não era um tipo de encontro nem nada.

Eu não tinha certeza do que era isso.

Uma reunião, eu acho.

— A maquiagem cobriu bem, — ele disse quando puxou minha cadeira, uma demonstração de boas maneiras que eu estava completamente desacostumada. — Posso notar uma leve sombra, mas é provável que só porque eu sei que está aí. — Ele se moveu através da mesa para se sentar, empurrando meu café para mim. — Você dormiu na sua banheira, não foi?

— O que? — eu sussurrei, guinchando de volta na minha cadeira. — Como você...

— É algo que muitas mulheres fazem quando não se sentem seguras em suas casas, — ele disse, dando de ombros. — Finn gostaria de sua crítica de seu trabalho de limpeza.

— Você está falando sério? — eu perguntei, sobrancelhas erguidas.

— Sobre a limpeza, Finn é sempre sério.

— É o mais limpo que eu já vi a minha casa, mesmo depois que eu mesma a esfreguei por horas. Estou me acostumando com o cheiro de produtos químicos mentolados.

— O maldito Finn cheira isso a noventa por cento do tempo.

— O tapete é lindo. Eu sei que ele perguntou sobre isso. E a colcha. É bem mais legal do que a que eu tinha antes. Eu só...

— Não consigo dormir lá ainda.

Ou talvez nunca mais.

Eu não disse isso, no entanto. Não queria ser aquela garota fraca, chorosa e patética que precisava de alguém para segurar a mão dela. Não importa quão traiçoeira seja a paisagem. Eu poderia aprender a ser segura.

— Eu vou chegar lá, — eu disse em vez disso, com talvez mais determinação do que eu sentia.

— Ou você vai conseguir até que o mercado melhore, e você possa se mudar. Mas, só para o registro, — ele disse, soando um pouco mais sério de repente, — você não pode fazer isso por pelo menos um ano. Isso tem que ser resolvido primeiro.

— Eu percebi isso.

— Você vai passar por isso, — ele me assegurou.

— Claro que vou, — eu respondi, acenando. Eu não duvidei que um dia, algum dia, poderia passar por um período de vinte e quatro horas sem isso estar em minha mente. Hoje simplesmente não era esse dia. Amanhã também não seria. — Havia algo que você precisava falar comigo pessoalmente? — eu perguntei, dando uma rápida olhada ao redor, notando uma falta de privacidade bastante completa com a proximidade das mesas.

— Não, — ele disse, balançando a cabeça. — Nada mudou desde antes. Nenhum progresso hoje.

— Então, por que o café? — eu perguntei, envolvendo minhas mãos ao redor do copo.

— Achei que talvez você precisasse sair de casa. — Certo, mas ele poderia simplesmente ter me encorajado a fazê-lo, certo? Não precisava me convidar para sair. Especialmente quando ele parecia dizer que não estaríamos em contato, exceto pelo celular descartável que me deu. — E talvez com alguém que você não tenha que fingir por aí. Se você está se sentindo uma merda, se sinta uma merda. Não há necessidade de colocar uma máscara comigo. Eu sei o que aconteceu.

Isso era verdade.

E foi refrescante ter essa liberdade.

Dito isto, senti que precisava me controlar estando com ele. Porque ele estava me ajudando de graça, com certeza, mas também por um motivo que não conseguia saber. Só não queria que ele pensasse menos de mim, eu acho. Por mais estranho que isso tenha sido. Ele era

apenas um estranho. Apenas um *Solucionador*. Era isso. Ele não era um amigo, um confidente.

— O que está acontecendo? — ele perguntou no meu silêncio, também perdida em minha própria cabeça para perceber que o tempo estava passando. Fui sacudir a cabeça e negar que houvesse qualquer coisa, mas fui interrompida por ele. — Não ajudará fingir que a merda não aconteceu quando você é capaz de deixar sair. É assim que você acaba quebrando. A última coisa que você, ou eu e a minha equipe, precisamos é que você quebre.

Certo.

Isso era negócio.

Eu poderia apontar os dedos para eles se eu perdesse minha mente e admitisse o que tinha feito. E o que foi feito para encobri-lo.

Eles precisavam se certificar de que sua cliente não sáísse do fundo do poço. Para cobrir suas próprias bundas.

Essa realidade tornou essa reunião muito menos doce de repente.

— Certo, — eu concordei, trazendo meu café, tomando um gole mesmo que estivesse muito quente, de alguma forma revelando como queimava todo o caminho. — Não se preocupe.

As sobrancelhas escuras de Quin se juntaram enquanto ele me observava, a cabeça um pouco inclinada para o lado. — O que eu disse?

— Você e sua equipe não precisam que eu fique toda louca de camisa de força.

— Mais ou menos, foi o que eu disse, sim. Mas então, qual é a atitude?

— Nenhuma atitude.

— Lembre-me de convidá-la para a noite do pôquer, — ele disse, com os lábios ligeiramente inclinados. — Você não pode mentir, porra. Eu limparia o chão com você.

Ugh.

Isso era verdade, infelizmente.

Minha voz foi muito robótica para ser natural.

— Eu não seria tão arrogante. Tenho um talento especial para cartas. Meu pai me ensinou antes de morrer.

— O meu também, — concordou Quin, e de alguma forma, tendo esse pequeno detalhe da vida real dele conseguiu torná-lo esta força incognoscível e enigmática, este *solucionador*, para um ser humano. E ao fazê-lo, senti muito mais no mesmo nível que ele.

— Você sempre ganha?

— Ah, — ele disse, recostando-se na cadeira, seu peito se alargando, fazendo sua camisa esticar, um detalhe sexy que eu não tinha como notar. Agora. Ou nunca. E eu definitivamente não deveria voltar para o banheiro, e a imagem dele desumanamente perfeita com quase nenhuma roupa. — Depende da semana. E com isso, quero dizer, depende se Jules estiver jogando ou não. Ela poderia fazer isso profissionalmente. Nunca conheci alguém com uma cara de pôquer tão perfeita antes.

— Deve ser interessante ser a única garota em um clube de meninos. Especialmente tão jovem.

— Ela tem atitude além de seus anos. Ela se mantém em torno do escritório. Todos nós sabemos que estaríamos perdidos sem ela. E o seu lugar de trabalho?

— Bem, se estou na frente em vez de no quarto dos fundos, é legal. Divertido. Kennedy, a dona e seu melhor amigo Benny são hilários juntos. É um lugar bom e leve.

— Se você não está presa no quarto dos fundos depilando boceta o dia todo, é isso.

Eu estava começando a me perguntar se ele usava a palavra porque me fazia recuar. Não era uma puritana pelos padrões de ninguém, mas havia algo sobre ouvir esse tipo de palavra inesperadamente da boca de um homem realmente quente que desarmava uma mulher. Você não pode deixar de que seus pensamentos fossem para lá. Onde meus pensamentos definitivamente não precisavam ir.

— Depilo costas e peitos também. — Algumas vezes. Tudo bem, raramente. Mas ele não precisava conhecer essa parte.

Ele deixou escorregar, embora o olhar em seus olhos sugerisse que ele tinha a minha carta. — É algo em que você sempre esteve? — Senti minhas bochechas esquentarem, fazendo uma risada baixa e

estrondosa escapar dele, um som que parecia deslizar pelo meu sistema deliciosamente demais. — Porcaria de SPA, não boceta, — ele esclareceu, um fantasma de um sorriso em seus lábios.

— Era algo que me afastaria de duas dúzias de crianças que entravam todos os dias do ano carregando algum tipo de praga viral que estava destinada a todos os funcionários. E, além disso, quarenta mil um ano era muito mais tentador que dezenove.

— Você gosta de crianças?

— Eu realmente não passei nenhum tempo com nenhuma desde que deixei o emprego. Mas, sim. Quero dizer, você não pode fazer esse trabalho se você não gosta de crianças, pelo menos um pouco.

Para ser perfeitamente honesta, foi muito bom conversar. Não apenas sobre amabilidades de clientes, ou coisas de salão de beleza com colegas de trabalho. Apenas falando. Sobre mim. Sobre a vida. Fazia tanto tempo desde que eu tive isso que quase tinha esquecido como era bom quando alguém só queria te conhecer um pouco.

— Você? — eu perguntei quando ele não moveu a conversa imediatamente.

— Minha irmã tem alguns monstros que eu gosto. Eles vivem no estado de Nova York, então eu geralmente só os vejo em suas férias de verão.

Estranhamente, era quase difícil imaginar Quin com uma família. Não sei por quê. Quero dizer, quase todo mundo tinha uma família. Eu acho que, na minha cabeça, ele existia como este alto, escuro e salvador, cercado por todos os seus igualmente altos e interessantes colegas de grupos de trabalho.

— Como você se tornou um *Solucionador*? — eu perguntei, encontrando-me querendo saber mais, querendo todas as peças para o quebra-cabeça.

— Eu fui para a escola de direito primeiro.

Lei?

Agora isso não fazia sentido.

Como se passa de estar do lado certo, para fazer tudo em seu poder para obstruí-la?

— Ok, isso vai precisar de mais explicações.

Ele me deu um pequeno sorriso. — Dezoito, eu fui para o exército sabendo que eles pagariam pela minha faculdade. Não havia como se meus pais pudessem.

— Esta é a parte em que você diz *eu vi alguma merda. Isso me mudou?*

Ele bufou um pouco com isso, mas encolheu os ombros. — Isso não seria o caminho errado para colocar isso. Eu vi alguma merda – e fiz alguma merda – que me mudou. Foi também onde conheci Smith e Finn. Mas, independentemente disso, terminei a faculdade de direito. Passei no Bar⁴. Passei um ano fazendo isso antes que eu não pudesse aguentar mais. De lá, as coisas simplesmente se encaixaram. Eu tinha contatos. Sabia como fazer algumas coisas interessantes. As pessoas estavam dispostas a pagar muito para ter essas coisas feitas.

— Você nunca teve um dilema moral sobre isso?

— Eu não vou mentir sobre isso. Eu lido com um monte de babacas. Mais canalhas do que gente boa. Mas às vezes é um trabalho menos decadente como enterrar um caso lésbico de uma década para uma mulher casada que está prestes a se tornar a primeira Presidente Executiva de uma corporação gigante, ou se livrando de qualquer possível evidência de que algum garoto de um pobre político idiota que fez uma turnê de droga por toda a Europa.

— Garoto de um pobre político? — eu perguntei, voz gotejando com ceticismo.

— Se você conhecesse esse político, você entenderia o porquê esse garoto foi para as drogas. Nunca vi uma cobra vestindo um terno antes daquele dia que ele veio até mim.

Acho que eu poderia entender isso. Eu só tinha talvez, me deparado com dois políticos que não achei que fossem doninhas corruptas. — Por que você se mudou para Navesink Bank? Seu site disse que você estava aqui há apenas alguns anos, — esclareci.

— Eu nunca encontrei uma força policial mais corrupta do que esta. Não estou no negócio de pagar policiais, mas eles são muito menos propensos a tentar sair como policiais do ano, se estão tentando lucrar. Então, ninguém olha para o nosso caminho até aqui. Além disso, com

⁴ Na lei, Bar é a profissão jurídica como instituição. O termo é uma metonímia para a linha (ou "barra") que separa as partes de um tribunal reservado para espectadores e aqueles reservados para os participantes de um julgamento, como advogados.

toda a merda que acontece nesta cidade, isso também nos causa alguns negócios.

— É perigoso? Arrumar as coisas?

— Depende do trabalho. Miller e Kai estão mais no campo.

— Kai? Doce Kai?

— Doce Kai é um viciado em adrenalina. Se ele não está em um trabalho louco, está pulando de um penhasco, saindo de um avião, subindo em alguma parede impossível. Ele diz tem que compensar o nerd chato enquanto cresce.

— Ele tem uma queda por Jules, — eu observei, curiosa se eles soubessem. Ou se fossem muito densos sobre esse tipo de coisa.

— Ele tem uma coisa épica, não correspondida, uma vez na vida por Jules. Desde sua primeira semana no trabalho.

— É doce.

— É triste, — ele respondeu.

— Porque Jules não retribui.

— Porque acho que Jules é ignorante. Pensa que é apenas Kai sendo Kai. E ela talvez tenha uma ligação fraternal com ele. Mas ele acha que ela é o santo graal. Então nenhuma outra mulher jamais será capaz de chegar aos pés.

Ok.

Talvez isso tenha sido meio triste.

Eu não tinha pensado nisso dessa maneira.

Eu talvez já os tenha imaginado encontrando amor algum dia e tendo adoráveis bebês coreanos e irlandeses, presumo que tenha dado a eles cabelos ruivos.

Isso foi um pouco fantasioso e romântico da minha parte, eu acho.

— Não fique tão arrasada, querida, — disse Quin, dando-me o que eu poderia apenas chamar de um sorriso caloroso, algo que parecia estranho vindo dele. — Você já estava imaginando-os com uma cerca branca, com a vida média americana, filhos e um Golden Retriever?

— Cale-se, — eu disse, sentindo um sorriso puxando meus lábios. Estando sozinha. Apenas meia hora antes, teria dito que isso era impossível.

— Admita. Você estava ouvindo sinos de casamento e o estrondo baixo de uma, — ele começou, então parou para engolir em seco, como se o que viesse a seguir fosse realmente horripilante, — minivan.

— Eu não imaginei você como o tipo provocador, — eu observei, sentindo um pouco de aconchego no meu estômago que não sentia há tanto tempo que quase não conseguia nomear o que era. Atração. E mais do que apenas o tipo físico.

— Normalmente não sou, — ele me disse, mas parecia despreocupado por uma mudança incomum em sua natureza. — O que posso dizer, a ideia de um cara como Kai cruzando a estrada em uma minivan com um conjunto daquelas ridículas famílias de bonecos na janela de trás me deixa provocador.

— Jules correndo a margem do campo de futebol com aqueles sapatos stiletto de 12cm...

— Exatamente, — ele concordou, me dando um pequeno sorriso. — Olhe para isso, — acrescentou ele, me observando.

— Olhar para o quê?

— Essa pedra saiu dos seus ombros. Você só precisava sair de lá por um tempo.

Ele não estava errado. Aquele nó que estabeleceu em meu estômago, torcendo cada vez mais apertado pela hora, foi desvendado de repente. E esse foi o mais longo que passei o dia todo sem pensar no corpo, nos olhos arregalados de morte, no sangue, no modo como meu dedo apertara o gatilho.

— É bom poder esquecer por um tempo.

Quin me observou por um longo momento, algo em seus olhos profundos que não conseguia ler. — Se você precisar esquecer por um tempo, apenas me avise.

Ele estava me oferecendo amizade, esse homem intimidador, bem-sucedido, sem lei, oferecendo a mim, eu uma pessoa tediosa?

Além do mais, eu estava realmente considerando isso?

Inferno, eu sozinha como uma pessoa poderia estar no mundo,

ainda tinha uma escolha verdadeira sobre o assunto? Eu não estava em posição de recusar. Especialmente porque, com Quin, eu não teria que fingir. Ele sabia tudo. E porque ele era quem ele era, não me julgaria por isso.

— Vou manter isso em mente. Obrigada, — acrescentei, o que significa mais do que sabia que fosse possível.

— E talvez considere sair mais em geral. Eu sei que você é uma pessoa caseira, e não quero que você vá para o bar, e fique cansada toda noite, fazendo merda completamente fora da sua personalidade. Mas talvez leve aquela fera para o parque dos cães. Talvez veja um filme, ou venha passear aqui com um livro. Só não deixe essas paredes começarem a sussurrar para você.

— Sussurrando para mim? É uma maneira estranha de dizer isso.

— Não é? — ele respondeu, mas não disse mais nada, deixando-me a imaginar que paredes sussurravam para ele. E o que elas disseram.

— Se eu conseguir levar Mackey para dentro do meu carro, vou experimentar o parque. Talvez ele goste mais de outros cachorros do que de mim.

— Estou supondo que você o pegou do canil exatamente porque parece que ele odeia tudo e todos. Ele vai se aquecer com você. Afinal de contas, você é quem está encarregada do abridor de latas.

— Eu acho que...

O que quer que eu estivesse prestes a dizer foi interrompido pelo insistente toque do telefone de Quin. Se eu não estivesse enganada, parecia haver arrependimento em seus olhos quando tentou alcançá-lo. Mas eu acho que nós dois sabíamos que um homem tão importante quanto ele não poderia simplesmente ignorar seu telefone quando estava fora. Não apenas por algo tão simples como café com uma mulher que ele mal conhecia.

— Jules, leva sua bunda para casa já. Você já tirou trinta horas extras neste mês. Você é jovem. Você precisa de uma vida para... — Ele fez uma pausa quando, presumi que Jules falava com ele. Houve um profundo suspiro e um resignado aceno depois disso. — Sim. Tudo bem. Eu estarei lá dentro. Diga a esse filho da puta que esta é a última maldita vez. Sim. Ok.

Ele desligou o telefone, olhando para mim. — Você tem que ir, — eu disse antes que ele pudesse me dizer.

— Reiterar um cliente, — ele concordou com um aceno de cabeça. — Ele tem tanto sentido quanto uma preguiça cruzando uma estrada, — ele acrescentou enquanto se movia para ficar de pé. Deixada com pouca escolha, movi para ficar também. — Vamos lá, — ele disse, estendendo a mão e, quando me movi para passar por ele, sua mão pressionou a parte inferior das costas. Era um contato comum, casto, mas de alguma forma eu senti uma faísca no toque, uma pequena corrente elétrica que parecia percorrer minha espinha e se mover pela minha corrente sanguínea.

Ficou ali, uma presença de ancoragem, enquanto passávamos pelas mesas apertadas, depois pelas portas da frente e pela calçada, o ar outonal cheio de folhas e umidade mofadas, uma combinação que sempre achei reconfortante. Ele jogou o café no lixo e eu joguei o meu também, muito frio para beber de qualquer maneira.

Sua mão pressionou mais forte enquanto nós passamos ao redor do capô do meu carro, enquanto ele me levava direto para a minha porta.

— Obrigada por isso, — eu disse a ele, virando-me para encará-lo, fazendo sua mão deslizar para longe, instantaneamente parecia sentir a ausência de algo.

— Não deveria me agradecer por um pouco de decência comum, — ele disse, balançando a cabeça.

Isso era tudo o que foi.

Decência comum.

Claro.

De alguma forma, com o toque da mão dele nas minhas costas, comecei a pensar em algo mais.

Sempre fui mais realista do que qualquer outra coisa. Eu não sei o que me possuiu para pensar em qualquer coisa que fosse fantasiosa.

Acho que um argumento poderia ser feito para minha cabeça simplesmente não estar no lugar certo, dado o que estava acontecendo nos últimos meses.

— Ei, — disse Quin, sua voz mais suave. Antes que eu pudesse

levantar a cabeça para ver seu rosto, senti o roçar suave de seus dedos no meu queixo, seu dedo e polegar agarrando meu queixo e inclinando minha cabeça para cima. — Não leve tudo de volta, — ele disse, seu tom de voz ao mesmo tempo implorando e exigindo. O peso, eu tinha certeza do que ele queria dizer. — Faça um plano para amanhã, um passo a passo. Levante-se. Vá para o trabalho. Volta para casa. Leve Mackey para o parque dos cães. Largue-o em casa. Talvez volte um pouco para pegar o jantar. Então só vá para casa quando for hora de dormir. — Não deixe as paredes se aproximarem de você.

— Passos, — eu concordei, vendo a lógica nisso. Isso ajudava nos efeitos imediatos do ataque. Se funcionava com isso, com certeza poderia funcionar para essa situação também, isso ficaria confuso até eu me sentir melhor.

— Exatamente. Então, muito em breve, você vai começar a fazer essas coisas sem ter que pensar sobre isso, sem ter que pensar sobre o porquê de estar fazendo isso. Até lá, tudo será esclarecido. E talvez você consiga se mover, para uma nova casa que não possui os mesmos fantasmas.

— Você faz parecer fácil.

— Fácil? Não, — ele disse, seu polegar acariciando suavemente o lado do meu queixo. — Mas você consegue fazer isso.

— Como você pode saber disso? — eu disse, revirando os olhos, mesmo quando minha barriga começou a dar cambalhotas em seu toque. — Você nem me conhece.

— Não muito, não. Mas sei o suficiente para dizer que você vai passar por isso. Você passou por oito meses de assédio sem ajuda de ninguém, ninguém para se apoiar. Então você pode passar por isso. E agora você tem a mim.

Estava no meio de me convencer de que ele não queria dizer do jeito que eu pensava, talvez esperando que ele me beijasse quando vi seus olhos cintilarem em meus lábios.

Eu mal conseguia processar isso antes de sua cabeça baixar e seus lábios pressionarem os meus.

Realmente, era apenas uma sugestão de um toque, apenas a promessa de um beijo real, mas senti em algum lugar profundo. Eu podia sentir-me balançando nele enquanto se aprofundava, enquanto a mão dele deslizou pelo meu queixo, depois de volta para a base do meu pescoço, me segurando quando seus lábios exigiam mais, quando sua

língua saiu e invadiu, acariciando a minha, quando minha barriga ficou líquida, e meu batimento cardíaco entrou em disparada.

— Eu sabia que algo estava acontecendo com ela! — uma voz familiar chamou a poucos metros de distância. — Eu não disse que ela estava agindo de forma estranha, Kenny? — Oh Deus. Minha chefe, Kennedy. E seu melhor amigo, Benny. — A garota caseira tem um namorado, uhhuul!

Eu me afastei, meus quadris batendo contra o meu carro, os olhos abertos, largos, enquanto Quin olhava para mim, em seguida, em direção à calçada, avaliando a situação.

— Nós lhe contamos tudo! — Benny disse, aproximando-se. — Tudo bem. Eu contei a você sobre minha amarga batalha de custódia pelo meu bebê. — Seu cachorro. Tecnicamente, o cachorro do seu ex-namorado. Mas houve uma batalha de custódia desde o término.

Senti Quin dar um passo para trás quando me virei para Benny, que estava se aproximando de mim.

— Não é o que você pensa.

— Se agarrando na calçada na frente de *She's Bean Around* com esse pedaço sexy de homem? É melhor que seja o que eu penso. Oh, garota. E olhe para esse carro.

Foi nesse momento que percebi que o carro estava ronronando.

Significado, ele estava nele e indo embora.

Mesmo quando minha cabeça virou para olhar, ele estava dando ré e se afastando.

Ele nem olhou na minha direção.

Capítulo Seis

QUIN

O que diabos estava errado comigo?

Eu não tinha nenhum negócio mandando mensagens para ela, muito menos pedindo a ela para tomar café comigo.

Eu não era o tipo de homem que se sentava e se perguntava o que seu cliente estava fazendo, como eles estavam lidando, se precisavam de alguma coisa.

Era sempre o trabalho de outra pessoa fazer o check-in, certificar de que tudo estava indo como dissemos a eles.

No entanto, isso foi tudo o que consegui pensar depois das cinco, quando soube que ela provavelmente voltaria para aquela casa que já não se parecia muito com um lar. Consegui enterrar o impulso durante o trabalho por algumas horas antes de não conseguir mais lutar, e peguei meu telefone.

Quando ela entrou no café, parecia que ela era Atlas, dominando o mundo. Era uma sensação que eu entendia, que sabia que muitas outras pessoas que havia encontrado entendiam, que eu sabia por experiência, diminuiria lentamente até que só um pouquinho restasse em seu ombro. Você tinha que sobreviver. Eventualmente, seu cérebro recebia o memorando e fechava essa merda, apenas para assombrá-lo em raros momentos, ou no sono.

Não era meu lugar querer levantar isso, nem por um tempo.

No entanto, foi isso que tentei fazer.

Então eu fui e a beijei.

Foi bem fodido também, até que suas colegas de trabalho interromperam.

Que, enquanto me afastava, tentei me convencer de que era o melhor. Um beijo de dois minutos na frente do café nunca seria o

suficiente. Eu teria me oferecido para segui-la para casa. E então teria dito a ela que revistaria sua casa, aliviaria sua mente.

Então a merda ia cair.

Fosse ou não inteligente, ou mesmo ético, dada a situação, eu estava interessado. Talvez não em se estabelecer e criar uma família, mas em conhecer mais dela. Nua. De preferência nua.

Mas isso não era um lugar que eu pudesse ir.

Primeiro, porque não era profissional.

Segundo, eu não era um idiota que se aproveitava de mulheres vulneráveis. Isso não era meu acordo.

Aven foi perseguida por meses, em um grau que até ela não entendia completamente, e depois quase foi estuprada em seu próprio quarto. Então ela precisou matar o homem que a atormentava.

Pela aparência das coisas, ela ainda não tinha lidado com isso, pelo menos não do ponto de vista da liberação emocional.

Ela não podia estar em sã consciência agora.

Era errado conduzi-la a uma situação em que ela tinha que tomar uma decisão sobre algo como sexo quando não conseguia nem dormir em sua própria cama à noite.

— Esse é um bom humor que você está vestindo, — Jules me cumprimentou, café na mão, de alguma forma parecendo não menos fresca e pronta para aproveitar o dia agora, depois de cerca de 11 horas no trabalho, do que ela estava de manhã.

— Longo dia.

— Que você tem que terminar com Fenway, — Jules concordou com uma careta.

Todo o escritório mal tolerava o homem. Ele era o pior cliente até hoje, o que realmente dizia alguma coisa, já que lidamos com muitas dores no traseiro. Ele era mais frustrante do que qualquer coisa, recusando-se a levar qualquer coisa a sério, mesmo que fosse gravemente, não seguindo ordens diretas, arrancando nossas correntes por diversão. Mas ele também era um cliente com bolsos muito profundos e um hábito de fazer porcarias estúpidas sem pensar nas consequências, que frequentemente o levavam à minha porta. Mesmo depois que eu disse a ele um ano antes, que meu preço dobrará,

embora isso só fosse verdade para ele. Ele nem sequer piscou.

E, bem, eu poderia não gostar do homem, mas quando ele estava trazendo esse tipo de dinheiro para a mesa, você realmente não tinha escolha a não ser aceitar os casos dele.

Às vezes, administrar um negócio é uma droga.

A qualquer momento que Fenway Arlington chegava ao meu escritório era uma dessas vezes.

— Você recebeu alguma preliminar sobre o que ele fez desta vez?

— Envolveu um iate, — ela me disse, entregando-me um arquivo. — Esse não era dele. Uma parede em que ele bateu. E uma mulher que estava a bordo e que por acaso é casada com um Korol.

— Os Korols *russos*? — eu especifiquei, olhando para cima do arquivo de repente.

— O primeiro e único, — ela concordou com um sorriso falso. — Ele realmente gosta de fazer você trabalhar pelo dinheiro, não é?

— Vá para casa, Jules, — eu disse a ela, sabendo que ela estaria de volta ao escritório às sete e meia da manhã, independentemente de quando ela fosse para casa e fosse para a cama. — Mas mantenha o seu telefone ligado, — acrescentei quando ela foi para trás da mesa para pegar sua bolsa e telefone. — Caso precise de fiança por acabar com ele, — eu especifiquei. — Alguém por perto para sair com você? — eu perguntei, sabendo que não teria deixado ninguém entrar no escritório se ela estivesse sozinha, que ela era esperta demais para isso. Ela me enviou uma ligeira sobranceira erguida. — O quê?

— O Fantasma tornou-se corpóreo mais uma vez.

Jules se dava bem com todos os caras também.

Todos, exceto Gunner, que era chamado no escritório como O Fantasma. Concedido, Gunner não era exatamente amigável. Na verdade, ele tinha todo o charme de um leão em seu quinto dia sem matar. Ele era grosseiro, impaciente e tendia a latir em vez de conversar. Mas essas eram coisas que ela suportava de todos nós desde que ela começou, e suportava sem escrúpulos.

Mas ela e Gunner tinham, de alguma forma, saído mal de seu primeiro dia de trabalho, e continuavam a evitar um ao outro sempre que possível, e rosnavam um para o outro sempre que isso não

acontecia.

Felizmente para a moral no escritório, Gunner não estava por perto tanto quanto a maioria de nós.

— Tudo bem, eu vou sair com você, — eu concordei, estendendo a mão para a porta, sabendo que ela estava estacionada em frente no único local que não a sujeitaria a reboque, deixando o resto de nós estacionar nas vagas dos fundos. Isso foi acordado porque, em geral, ela era a primeira a chegar no escritório. E dois, nenhum de nós queria que ela andasse pelo beco sozinha tarde da noite ou no início da manhã, especialmente nesta parte da cidade.

Quando entrei de novo, lá estava Fenway Arlington, de pé atrás da mesa de Jules, folheando uma pilha de papelada que ela havia empilhado ali.

Fenway era jovem pela quantidade de problemas em que já se encontrara. Mas, acho, quando você cresceu mais rico que Deus, e foi criado por empregadas e manobristas, você tinha muito mais liberdade para despertar merda cedo na vida, e então adquirir o hábito disso mesmo quando você estava chegando aos vinte e cinco.

Com cerca de um metro e oitenta de comprimento e cabelos castanho-avermelhados e olhos castanhos claros despretensiosos, e a estrutura óssea clássica de três gerações de homens casando-se com modelos russas, vestindo um terno preto imaculado, você nunca saberia de olhar para ele que ele era uma história de tabloide ambulante e falante.

— Os arquivos são confidenciais, Fenway, — retruquei, sem me incomodar em amenizar meu humor. — Ou você gostaria que outras pessoas entrassem aqui e lessem isso? — eu perguntei, batendo seu novo arquivo no balcão. Nós não guardávamos arquivos físicos depois que um caso fosse fechado. Eles foram todos transferidos para zip drives, e mantidos em algum lugar que apenas as pessoas no escritório sabiam a localização. E só poderia ser acessado com as impressões digitais e as digitalizações de voz de três de nós dizendo uma certa combinação de palavras.

Quando se tratava de confidencialidade, éramos tão fanáticos quanto a CIA, que não queria que suas ações sujas fossem de conhecimento público.

Seu sorriso era lento, arrogante, infantilmente encantador se você fosse uma mulher percebendo isso. Acho que foi por isso que uma mulher de uma família tão proeminente, e notoriamente violenta,

poderia ser estúpida o suficiente para fugir com ele. — Quin, velho amigo, muito tempo sem vê-lo.

— Não é tempo suficiente, — eu respondi, sentindo que não precisava acariciar seu ego, já que ele não precisava, e eu era o melhor por perto, então não importava quanta atitude eu desse a ele, ele aceitaria.

— Oh, você sabe que senti minha falta, — ele anunciou, sentando-se na cadeira de Jules, chutando seus caros mocassins de couro castanho claro em cima de sua mesa, suas mãos indo para trás de seu pescoço. — Eu animo a associação.

Eu estava acordado por uma noite, e se eu conhecesse Fenway, um longo pernoite, de dar murro em ponta de faca, tentando mantê-lo concentrado, exigindo que ele seguisse as direções que eu sabia que ele desrespeitaria. Todo o tempo ele trataria como um jogo. Mesmo que a família Korol certamente não fosse um jogo, e esse era de longe o pior problema de que eu precisava consertar para ele.

E para fazer isso, teria que tirar Smith, Lincoln, Miller e Kai do caso de Aven, por mais urgente que fosse até encontrarmos a identidade e a base do idiota. Mas Miller precisaria negociar com quem possuísse o iate; Lincoln e Kai precisariam entregar qualquer mensagem que fosse enviada aos Korols. Smith, bem, ele estaria de olho em Kai e Lincoln de longe.

Eu também precisaria de rapidez no caso de Fenway. Isso deixaria... quem? Finn, que não faz trabalhos sociais. Ranger, que estava muito longe para fazer o bem. Realmente, apenas sobrava Gunner, que me daria um mundo de merda sobre isso. Este não era o seu tipo de caso, mesmo que ele tivesse as habilidades para lidar com isso.

Isso deixaria ao caso muito pouco pessoal.

Meu estômago revirou quando conduzi Fenway pelo corredor, batendo na porta do Gunner enquanto o fazia.

Fenway entrou no meu escritório, vasculhando seu próprio arquivo enquanto Gunner se dirigia para o corredor para conversar comigo.

Todos os meus homens eram durões. Todos e cada um deles tinham habilidades que lhes davam extremo valor. E cada um deles era letal.

Mas Gunner, Gunner era o único que realmente vestia o papel.

Ele tinha um metro e noventa e dois, sólido, coberto de tatuagens que ele estava exibindo com uma camiseta branca e uma camisa xadrez cinza e preta sem mangas deixada aberta na frente. Seu cabelo loiro escuro estava penteado para trás, e sua barba, enquanto cuidadosamente arrumada, fazia garotas daqui a porra da lua enlouquecer.

Ele também parecia perpetuamente levemente chateado.

Mesmo quando se aproximou de mim, seus braços estavam cruzados, as sobrelanceiras abaixadas. — Eu não estou lidando com essa porra.

Se ao menos todos pudéssemos desenhar essas linhas.

— Imaginei isso. É por isso desde que todos estão no caso Fenway. E desde que eles estejam, eu preciso de você no caso de Aven.

— Aven? — ele repetiu, os ombros diminuindo levemente. — O caso de perseguidor que se tornou uma limpeza completa?

— Sim. Esse. Nós não conseguimos descobrir quem ele é. Nós precisamos...

— Descobrir onde ele mora para que possamos limpar isso.

— Exatamente. Isso precisa acontecer, Gunner. Eu sei que não é o seu tipo usual de caso. Mas preciso de alguém sobre isso antes que exploda em nossos rostos.

— Entendi. Vou até lá, ver se consigo encontrar alguns vestígios na floresta que Finn teria esquecido.

Isso era, afinal de contas, parte de sua especialidade.

— Aprecio isso, — eu disse, o que significa mais do que ele poderia saber.

— Ei, — disse Fenway, saindo para o corredor segurando um pêndulo de mesa que Jules tinha me achado, que pensei que fosse bobo, até que um dia, eu cedi e usei, e achei estranhamente relaxante. — Eu vou te dar mil por isso.

Eu fui para alcançá-lo, mas ele o arrebatou. — São cem dólares em qualquer loja de material de escritório.

— Eu não quero um desses. Quero este.

Eu respirei fundo, sem vontade de sua merda infantil. Gunner me lançou um sorriso, um que disse que ele estava infinitamente feliz que isso fosse para mim e não para ele. Mesmo que isso significasse caminhar pela floresta a noite toda para evitá-lo.

— Melhor você do que eu, — ele declarou, apertando a mão no meu ombro antes de sair em direção à porta da frente.

— Você também não está pegando essa porra, — eu rosnei para Fenway, que estava segurando minhas abotoaduras na luz no meu escritório, esquecendo completamente o pêndulo.

Talvez eu devesse ter evitado atender meu maldito telefone.

Este era o tipo de noite para a qual não havia café suficiente.

Então, quando me movi para o trabalho, o pensamento mais estranho passou pela minha cabeça.

Eu preferiria ter ficado naquela calçada a noite toda com Aven.

Mas não poderia.

Eu tinha a presença chata de Fenway Arlington para me fazer companhia em vez disso.

Isso foi até que Aven chegou às portas, batendo nelas com os punhos, chamando meu nome histericamente.

E sangrando.

Capítulo Sete

AVEN

Havia alguém fora da minha casa.

Quero dizer, para ser justa, eles não estavam exatamente escondendo o fato de que eles estavam aqui. O que talvez fosse ainda mais estranho.

O SUV todo preto, literalmente, até mesmo todos os detalhes habituais metálicos na coisa eram pretos, com janelas escuras, estava estacionado há pouco alguns passos ao lado de minha casa.

A batida da porta foi o que me fez perceber que alguém estava aqui em primeiro lugar.

Eu, estupidamente, pulei, o coração palpitando, a barriga balançando, esperando que fosse Quin.

Eu até tinha acolhido a ideia o suficiente para correr, e deslizar, pela minha sala até a janela da frente, sem meu fiel taco ou frigideira para olhar pela janela.

Mas o homem que saiu do SUV definitivamente não era Quin. Nem era um dos homens que conheci em seu escritório - Kai, Lincoln, Finn ou Smith.

Ele não parecia nem um pouco preocupado se alguém o visse enquanto se aproximava preguiçosamente da traseira do SUV, abriu e voltou com lanternas e uma mochila que ele pendurou por cima do ombro antes de fechar o carro e dirigir-se para minha casa.

Eu pulei para trás da janela, meu batimento cardíaco começando a martelar no meu peito enquanto eu corria em direção a minha mesa de café onde eu tinha meus telefones, então de volta para a cozinha, pegando a frigideira do balcão.

Eu chamei Quin, esperando, mas não houve nada.

Como não havia nada?

Ele parecia colado ao seu telefone.

Desliguei, tentei de novo, indo até a janela sobre a pia da cozinha, olhando para fora enquanto o homem andava casualmente ao redor do meu quintal como se de algum modo ele pertencesse ali.

Mas mais uma vez foi para o correio de voz.

Com um grunhido patético e frustrante, enfiei o telefone no bolso, correndo em direção à porta da frente enquanto chamava Mackey em minha voz excitada: — Quer ir lá fora?

Ele levantou a cabeça do sofá, movendo lentamente os pés da frente no chão, fazendo um trecho lânguido completo com um bocejo épico, antes de se aproximar de mim, suas unhas clicando um pouco no chão duro, fazendo-me pensar em como no inferno eu poderia cortá-las sem perder a mão.

— Quer sair? Fazer as coisas de bons garotos? — eu perguntei, fazendo minha voz super animada, fazendo-o arranhar a porta impacientemente. Se eu o irritasse o suficiente, ele iria correr como um animal selvagem, latindo animadamente. — Quer pegar o esquilo? Vá pegar o esquilo, — eu exigi, abrindo a porta, ouvindo-o soar como um morcego saindo do inferno.

— Não precisa literalmente soltar os cães, boneca, — uma voz profunda e atraente chamou. — Se eu estivesse aqui para te machucar, você já estaria machucada. Tenho certeza que anunciei minha presença em voz alta o suficiente.

Ele estava fazendo isso de propósito?

Por quê?

— Quem é você? — eu atirei de volta, vendo a sombra se mover, sua camisa branca não exatamente escondendo-a.

A lanterna se moveu em sua mão, inclinando a luz para iluminar seu rosto. — Gunner.

— Gunner? — eu perguntei, sobrancelhas erguidas juntas.

— Eu trabalho com Quin, — ele explicou, parecendo irritado por ter que fazer isso. Como se eu fosse o inconveniente. Enquanto isso, estava me sufocando em meu próprio coração.

Que imbecil.

Eu acho que tinha que haver um em cada escritório.

— E você está na minha propriedade sem pedir porque...

Eu me movi para sair pela porta, chegando a segurar meu celular em uma mão, a frigideira na outra.

— Oh, — ele disse, os lábios se contorcendo de uma maneira não desagradável. — Você vai me fritar alguns ovos, boneca? Tem pão de centeio para torradas? Eu gosto.

Eu gaguejei por um momento. Genuinamente falando cuspiando. Porque, realmente, como alguém poderia prever tais palavras faladas a eles por algum cara quente aleatório invadindo sua propriedade?

— Eu não vou cozinhar seu *café da manhã*, — eu consegui quando meu cérebro pôde centrar por um momento.

— Bem, não, — ele concordou, balançando a cabeça, fazendo mais daquela coisa de contração do lábio quente. — Seria café da manhã para o jantar a esta hora, não é? A menos que você queira que eu fique a noite...

— Eu quero você fora da minha propriedade, — eu respondi. Ele poderia ter braços que pareciam poder esmagar crânios por piadas, mas se havia alguém que eu quisesse ficar, era o chefe dele, não ele.

— Não posso fazer. Tenho ordens. Você está presa comigo até novo aviso.

— O quê? — eu perguntei, minha voz um sussurro abafado que eu tinha certeza que ele não podia ouvir. Até que ele respondeu.

— Sim, eu não estou mais contente com isso do que você parece estar. Mas Quin tirou todo mundo e me colocou. Você só terá que lidar comigo.

— Esse arranjo vem com uma garrafa de tequila para torná-lo mais tolerável?

— O mesmo cara quando estou bebendo, boneca.

— Não era para você, — eu atirei de volta, fazendo uma risada baixa e estrondosa se mover através dele, em seguida, sair para o ar da noite. Foi um bom som também. Talvez porque eu tivesse a sensação de que esse não era o tipo de homem que achava motivo para rir com frequência.

— Você pode desligar o telefone, Aven, — ele disse, revirando os olhos para mim. — Eu não tenho planos de atacar você. Eu só preciso fazer esse trabalho, então posso ir para casa.

Deus, ele me fez soar como uma tarefa.

Se ele fosse ao menos um pouco amigável, eu poderia ter me sentido mal.

— Que trabalho?

— Procurar por uma trilha.

— Finn já fez isso.

— E se isso fosse a especialidade de Finn, então eu concordaria que isso é inútil. Mas a especialidade de Finn é limpar. A minha é rastrear a merda. Ou esconder rastreadores. Então, essa é a minha coisa. Volte para dentro e relaxe. Eu vou buzinar quando eu sair, então você saberá se algum outro barulho suspeito vier depois disso. E então você pode espancá-los com sua frigideira.

— Vamos lá, Mackey, — eu chamei, observando-o enquanto ele olhava para mim, sabendo exatamente o que eu estava dizendo a ele para fazer, e lentamente sentou sua bunda no chão. Eu juro que ele estava dizendo: *Faça-me, humana*.

— Sim, não pense que seu cachorro gosta de você, boneca.

Eu não consegui pensar em nada espirituoso para dizer, então levantei meu queixo, virei e voltei para dentro de minha casa, trancando a porta apenas no caso.

Quando caminhei para sentar no sofá, o estofado tão velho que estava começando a sentir a madeira por baixo, algo que Gunner disse começou a afundar.

Quin tirou todo mundo e me colocou. Você só vai ter que lidar comigo.

Quin tirou todo mundo do meu caso?

Isso não fazia sentido.

Eu pensei que era uma grande prioridade descobrir quem era o cara, e onde ele morava, para que as provas pudessem ser limpas, e todo o caso pudesse ser encerrado.

Ele fez soar como se estivesse no topo de sua lista.

E então apenas algumas horas depois, eu estava de repente no rodapé?

Meu estômago revirou, algo dentro dizendo que talvez, só talvez ele tenha me tirado da lista por causa do que aconteceu fora de She's Bean Around.

Por causa do beijo.

Eu gastei cada minuto desde que seus lábios tocaram os meus tentando não se concentrar nele, não ficar obcecada com isso.

Claramente, eu falhei nisso.

Foi o pensamento dominante que tive para me fazer companhia.

E que pensamento.

Eu juro, mesmo agora, horas depois, eu ainda podia sentir um leve formigamento nos meus lábios, ainda podia sentir a pele supersensível das minhas bochechas da leve queimadura de barba.

Apenas um beijo.

Um de muitos da minha vida.

Ainda, por alguma razão, foi memorável.

Isso soava juvenil e brega, mas era assim mesmo. Eu nunca tive um beijo que fez meu corpo esquecer que tinha joelhos antes.

Quin fez isso.

E então saiu correndo.

E tirou quase todos os seus homens do meu caso.

Inferno, eu nem conheci esse cara Gunner. Ele não esteve na reunião sobre o meu caso.

Por que a mudança?

E por que ele não tinha mandado pelo menos uma mensagem para me contar sobre isso?

Ele estava realmente sendo tão imaturo sobre a coisa toda?

Quero dizer, ele não tinha ideia de que eu ainda estava fantasiando sobre o beijo horas depois. Ele não tinha motivos para pensar que isso seria um problema.

No entanto, ele estava se distanciando de mim, e três quartos de sua equipe.

— Ugh, — eu rosnei, pegando meu telefone e frigideira confiável e indo para o banheiro, trocando as calças de ioga e uma camiseta de manga comprida. Eu fiquei na frente do espelho, esfregando a maquiagem com óleo, como as instruções sugeridas no tubo, fazendo um progresso muito lento para conseguir tudo isso.

Pelo menos eu nunca teria que me preocupar com a transpiração no trabalho.

As cicatrizes se instalaram, azul e roxo agora estavam misturadas com algum verde e amarelo, fazendo-me imaginar quanto tempo elas durariam, quanto mais eu teria que usar maquiagem que parecia sufocar meu rosto o dia todo.

Eu tinha acabado de desligar a luz do banheiro quando ouvi a buzina do caminhão de Gunner.

Suspirei enquanto descia as escadas, colocando meus pés em chinelos que mantinha junto à porta apenas para esse propósito. Arrastando Mackey de volta para dentro da casa. Ele teria ficado feliz fora, e longe de mim, a noite toda. Mas estava ficando muito frio. Eu estava preocupada que ele ficasse doente.

E, sejamos honestas, fugindo para encontrar um dono que ele gostasse mais.

— Mackey, — eu chamei, saindo para o degrau da frente, esperando que ele aparecesse, então não precisava perambular pelo perímetro como ele costumava fazer.

Abracei meus braços ao meu redor quando vi, e não ouvi nada, descendo, meus pés esmagando algumas folhas que eu não conseguia arrancar. Vermelho, amarelo e laranja, meu quintal parecia bonito à luz do dia. Mas sabia que em breve, eles se moldariam e seriam marrons, e não seriam nada além de uma monstruosidade.

— Vamos lá, Mack, está muito frio para isso, — eu lamentei enquanto contornava a minha casa, a luz do sensor de movimento ligando enquanto eu progredia. — Onde diabos você foi? — eu perguntei, momentaneamente me perguntando se talvez ele tivesse

seguido Gunner ao redor na floresta ou algo assim. Eu realmente não queria entrar naquela floresta. Mesmo se ela não fosse tão profunda. Quando me mudei para cá, deixei-a em paz. Mas então ele veio até mim através dela, e desde então, tudo o que ela fez foi me assustar.

Meus pés rangeram em uma pequena pilha de folhas perto da fundação da casa quando dobrei a esquina, o sensor de movimento atrás de mim desligando apenas alguns segundos antes do que estava à minha frente. Mas mesmo aqueles poucos segundos fizeram minha barriga balançar um pouco enquanto eu ouvia os sons de Mackey andando por aí. Mas com a brisa soprando através das árvores cheias de folhas secas, não havia como diferenciar um som do outro.

— Oh, — minha respiração saiu quando a luz atrás de mim se acendeu novamente. — Aí está você, sua dor na bu...

Eu não pude correr.

Eu não conseguia nem virar.

Mesmo quando eu fui torcer meus quadris para fazê-lo, para procurar o meu cão teimoso para que pudesse segurar sua coleira e puxá-la para dentro, senti uma mão perto da parte de trás do meu pescoço, contundindo em sua intensidade, unhas compridas e pontudas mordiscando a carne.

Eu respirei fundo para gritar, entendendo a total inutilidade disso. Mas antes que eu pudesse formar um pensamento depois desse, houve uma dor aguda na parte de trás do meu pescoço e minha cabeça, antes do lado do meu rosto já lastimável colidiu com a parede da minha casa, o duro golpe que causou foi doentio, mesmo quando as faíscas de dor dispararam no ponto de contato antes de se expandirem, até que houve uma dor latejante tomando todo o lado do meu rosto, minha visão ficando manchada mesmo enquanto eu provava o cobre metálico de sangue. O cheiro disso conjurou imagens terríveis que fizeram meu estômago revirar.

— Onde ele está, sua idiota?

De alguma forma, a parte do meu cérebro que poderia ser ofendida mesmo diante da dor e do tipo de terror que fazia um suor imediato estourar sobre cada centímetro de pele, encolheu-se com essa palavra. Novamente.

Mas esse pensamento foi substituído instantaneamente por outro.

Essa era uma voz feminina.

— Me responda! — ela gritou, puxando de volta novamente, então, quando eu levantei minhas mãos, ela me deu outro golpe, me jogando para frente, a força com a qual ela fez isso era de um homem adulto.

Minha visão nadou, piscando dentro e fora de foco, a dor fazendo bile subir pela minha garganta.

A mão puxou de novo, e eu sabia que esse golpe me derrubaria. Ou pior.

Mas antes que ela pudesse me empurrar para frente novamente, houve um grito, e um rosnado baixo vicioso, letal que acompanhou.

Tudo o que eu conseguia pensar enquanto a mão me soltava, e eu caí no chão, vomitando em uma pilha de folhas, era que talvez ele não gostasse exatamente de mim, mas Quin estava certo, eu controlava o abridor de latas. Então ele me protegeria.

Eu ouvi o grunhido, a maldição da mulher, em seguida arrastando.

Minha cabeça foi empurrada para o lado, lutando contra a tontura causada pelo movimento rápido demais, tentando obter pelo menos um pouco de visão, alguma coisa, qualquer coisa para dizer a eles, para dar a eles a chance de continuar.

Mas estava escuro.

Tudo o que vi foi uma mulher grande com uma jaqueta pesada esfarrapada, quase até o tornozelo, com cabelos castanhos e grisalhos em volta dos ombros.

Então ela estava na floresta, constantemente perseguida pelo meu pequeno protetor.

Minha mão plantou na casa, tentando me dar alguma força enquanto eu forçava minhas pernas a aguentar meu peso, desejava que minha visão ficasse firme.

Porque não poderia ficar aqui.

Nem mesmo com Mackey para me proteger.

E se ela voltasse com uma arma?

E se ela atirasse nele e depois viesse para mim?

Eu tenho que ir.

Eu tinha que conseguir ajuda.

E a única ajuda que eu tinha, aparentemente, não queria lidar comigo.

— Ow ow ow, — eu lamentei, movendo-me o mais rápido que pude em torno da minha casa, estremecendo quando as luzes acenderam, irritando a enxaqueca já batendo atrás dos meus olhos, nas minhas têmporas. Minha mão enfiou no bolso, pegando o celular, apertando o botão de chamada quando encontrei o número armazenado de Quin. — Atende, atende, atende, — eu implorei enquanto subia as escadas, pegando minha bolsa e chaves, trancando, em seguida, fazendo o meu caminho em direção ao meu carro.

Correio de voz.

Encerrei o telefonema e tentei novamente, chamando Mackey freneticamente enquanto entrava no carro, estendendo a mão para abrir a porta do passageiro enquanto ele corria, talvez atendendo ao meu tom frenético.

Ele pulou para dentro, eu bati a porta e joguei o carro no sentido inverso, mesmo quando terminei a ligação, depois tentei novamente.

Eu deveria ter conseguido o número de Gunner.

Se ele fosse o único no meu caso, chamar Quin era inútil.

Eu pensei, porém, que ele atenderia se eu chamasse. Especialmente várias vezes seguidas. Mas talvez ele tenha desligado quando foi para casa. Talvez estivesse morto.

Foi um tempo muito longo atravessar a cidade, estacionar no ponto em frente e, freneticamente, subir os degraus.

Era tarde.

Ninguém em sã consciência ainda estaria em seu escritório a esta hora.

Mas havia um raio de esperança quando vi uma luz brilhando pelo corredor da área de recepção.

E foi justamente então que perdi meu único fragmento de

orgulho.

Eu bati meus punhos na porta, chamando o nome de Quin enquanto Mackey fazia um barulho choroso ao meu lado.

Eu nem me importava que estivesse atraindo a atenção de um grupo de rapazes na esquina, caras que a esta hora, nesta rua, pertenciam à gangue da Third Street.

Assim como meu coração acelerava assustadoramente em pânico, pensando que era isso, eu não tinha outro lugar para ir, nenhuma outra maneira de me proteger durante a noite, mais luzes acenderam quando Quin entrou correndo na sala principal.

Seus olhos profundos me verificaram. Se eu não estivesse enganada, havia pânico ali, misturado com o choque, e uma dose saudável de confusão quando ele se dirigiu para a porta, digitando um código, depois deslizando algumas travas manuais, tendo que me empurrar para trás porque eu não estava presente o suficiente para me afastar quando ele empurrou a porta aberta.

— Aven, que porra aconteceu? — ele perguntou, me alcançando, me puxando para dentro.

Suas mãos foram para o meu rosto, emoldurando-o, empurrando-o para cima.

— Alguém me atacou, — foi a frase idiota que escapou dos meus lábios. Claro que alguém me atacou. Eu não tinha chutado minha própria bunda. Mas meu cérebro estava muito ocupado tentando processar o pânico e a dor para chegar a algo melhor para dizer do que isso.

— Como está a sua visão? — ele perguntou, a voz um pouco menos controlada do que normalmente era, mas tentando me manter focada.

— Melhor agora. Nadando antes. E eu vomitei, — eu adicionei com os dentes cerrados, de repente, muito, muito consciente do fato de que eu não tinha tido um momento para escovar os dentes, ou mesmo enxaguar a boca, depois do vômito.

— Você quebrou algum dente? — ele perguntou, pressionando o polegar na pele logo abaixo do meu lábio inferior, tentando abrir minha boca.

— Não. Só rachei meu lábio, eu acho, — eu disse a ele, tentando

manter minha boca mais fechada possível.

— Alguém invadiu? — Ele perguntou, os dedos desistindo da minha boca, indo até a minha têmpora, em vez disso, senti o calor pegajoso do sangue meio seco.

— Gunner tinha acabado de sair. Eu saí para pegar o Mackey lá fora. Ela veio atrás de mim.

Tudo sobre Quin ficou parado e duro com isso. — Ela? — ele perguntou, recuando para olhar meu rosto completamente.

— Sim. Eu tentei dar uma olhada. Mas estava escuro e eu...

— Uau, — disse outra voz, saindo do corredor ao meu lado.

Eu me virei para encontrar um homem sobre a altura de Quin, mas mais leve em feições, tudo sobre ele gritava *eu cresci com dinheiro!* Você conhece o tipo. Havia apenas algo sobre eles.

Suas sobrancelhas se uniram sobre seus quentes olhos castanhos. — Diga a palavra. Eu vou ter você em um avião, e com uma bebida doce na mão nas areias quentes das Maldivas em cerca de dezoito horas.

O mais louco era que eu tinha certeza que ele estava falando sério sobre isso.

Eu olhei de volta para Quin. — Eu liguei para você. Como dez vezes, — eu adicionei, a voz talvez um pouco acusadora. — Eu não consegui o número de Gunner, — acrescentei.

— Ok. Não vamos nos preocupar com isso agora. Fenway, — ele gritou para o homem, confirmando minhas suspeitas. Apenas pessoas ricas nomearam seus filhos nomes como *Fenway*. — Tem um armário aqui, — ele disse, o que significava atrás dele. — Pegue o kit de primeiros socorros.

— Sim, chefe — concordou Fenway, não exatamente apressou para fazê-lo, tudo sobre ele era lento, cheio do conhecimento de que o mundo esperava por homens como ele. Ele se moveu para trás de Quin quando Quin estendeu a mão por baixo do meu cotovelo, conduzindo-me pelo corredor, parando em uma porta sem nome e abrindo-a.

Um banheiro. Felizmente, com as escolhas de cor escura da marca registrada de Quin, azulejos cor de carvão profundas no chão, paredes azuis profundas, e pouca luz, perdoando a minha cabeça

latejante.

— Sente-se, — ele disse, empurrando-me para o banheiro. — Eu preciso limpar isso. Esses cortes na sua têmpora parecem sujos. Eu não quero que você tenha uma infecção. Talvez precisemos levar você para fazer uma varredura mais tarde. Mas vamos tentar evitar isso se pudermos. Haverá muitas perguntas. É melhor evitá-las. Fenway, porque merda está demorando, — ele parou quando meus ombros subiram para meus ouvidos, meus olhos apertados com o tiro de dor. — Desculpe, querida, — ele disse, com a voz baixa. — Quando o idiota chegar aqui há alguns analgésicos no kit.

— Tudo bem, mantenha sua calcinha, — anunciou Fenway, entrando no banheiro. — Eu tive que correr para o meu carro.

— Tem uma mulher *sangrando* aqui e você precisava correr para o seu carro? — Quin estalou, tirando o kit das mãos do homem, colocando-o no meu colo e abrindo-o.

— Descobri que seu kit tem Advil na melhor das hipóteses, — disse Fenway, e então houve o som distinto de pílulas tremendo em uma garrafa, fazendo com que nós dois olhássemos para vê-lo sacudindo uma garrafa de prescrição laranja. — Essa dor de cabeça atrás de seus olhos, querida, é um trabalho algo mais forte.

— Onde diabos você conseguiu Oxycodona⁵? — Quin perguntou, pegando-o da mão do homem, examinando-o.

— Não se preocupe. Eles são legítimos. Eu tenho artrite desde daquela vez em que caí daquele penhasco.

— Foi empurrado para o penhasco, — corrigiu Quin. Mas ele tirou a tampa, verificou as pílulas e entregou-me duas.

— Vou pegar uma bebida para ela, — Fenway ofereceu.

— Não leve uma hora dessa vez. Tudo bem, — ele disse, colocando um pouco de gaze em uma solução salina. — Isso vai doer, — ele me avisou apenas uma fração de segundo antes de se mover para começar a limpar o sangue e a sujeira.

Honestamente, a dor da enxaqueca estava superando qualquer outra coisa.

⁵ Oxycodona é um fármaco opioide analgésico, análogo semissintético da morfina, derivado da tebaína.

Ainda assim, as mãos de Quin eram hábeis, mas gentis, tentando me limpar rapidamente, mas com o mínimo de desconforto possível. — Eu acho que posso fazer com algumas suturas de borboleta se você quiser evitar pontos.

— Eu acho que todo mundo gostaria de evitar agulhas enfiando coisas em sua pele, — eu concordei, observando enquanto ele puxava o pequeno pacote aberto, em seguida, pegou o adesivo, em seguida, pressionou em três diferentes pontos na minha testa. — Seu lábio vai se curar. Só vai doer para comer ou beber por alguns dias. Você quer fazer um exame?

— Você acha que eu preciso disso?

— Para te dizer que você provavelmente tem uma concussão, não. Mas se você está preocupada com qualquer outra coisa...

— Estou mais preocupada com as perguntas que eles teriam que fazer para explicar isso, — eu admiti, acenando com a mão para o meu rosto.

— Tudo bem. A sua escolha, — concordou Quin, dando-me um aceno de cabeça quando Fenway voltou ao banheiro com uma garrafa de água e uma xícara de café com um canudo.

— Imaginei que você precisava disso, mas com esse lábio, o canudo pode ajudar, — ele explicou, entregando-o para mim, depois destorcendo a tampa da garrafa de água, e me entregando isso também.

Era este o cliente que Quin parecia aborrecido por ter que lidar? Ele parecia bom o suficiente para mim.

Eu coloquei o café entre meus joelhos, levantando a água para tomar as pílulas, rezando para que elas agissem logo. A última vez que eu tinha tomado qualquer remédio relacionado à dor, eu tinha dezessete anos e tinha acabado de remover meus dentes do siso.

— Tudo bem, vamos lá. Vamos levá-la para o meu escritório. Vou ligar para o Gunner. Quanto tempo depois que ele saiu você foi atacada? — Quin perguntou quando ele me levou para fora do banheiro, a mão na minha parte inferior das costas.

— Não muito tempo. Talvez dez minutos.

— Talvez ele pudesse ter visto essa mulher em algum lugar. Provavelmente estava procurando por um homem. Todos nós estávamos.

— Aparentemente não, — eu resmunguei quando me sentei, sentindo um pouco de pena de mim mesma.

— O que foi isso? — Quin perguntou, voltando-se para o outro lado de sua mesa.

Colocando distância.

Ou, pelo menos, era assim que meu cérebro estava escolhendo interpretá-lo.

— Nada.

— Ela disse *que aparentemente não*, — Fenway forneceu da cadeira ao lado da minha.

— Fenway, você pode esperar na área de recepção. Fique na mesa da Jules, pegue algo.

— Tentador, — disse Fenway, mas cruzou as pernas.

— O caso de Aven não é da sua conta, — disse Quin, disparando um texto.

— Aven, querida, — disse Fenway, virando-se para mim. — Estou aqui porque transei com uma mulher casada de algumas pessoas muito importantes em um iate que não pertencia a mim. E depois o iate bateu. Veja? Agora podemos ficar quites.

Isso foi, bem, um foda-se.

Talvez isso, e não em resposta ao que aconteceu entre nós, foi o motivo pelo qual Quin afastou sua equipe. Isso soou como algo que precisava ser tratado com luvas de pelica, que talvez exigisse mais atenção do que o meu caso.

Quin soltou um suspiro, o tipo sofredor, do tipo que dizia que Fenway tinha sido um espinho na bunda dele desde que ele me deixou horas antes.

— Porra, o que você quer dizer que ela foi atacada... — A voz de Gunner soou enquanto ele se movia pelo corredor, então parou na porta. Seus olhos se moveram sobre Fenway, mostrando um claro desgosto, algo que toda a equipe parecia sentir com o tipo, um cara rico e mimado na sala. Mas então seu olhar se desviou para mim, seus ombros caindo imediatamente. — Oh, foda-se.

— Puxa, uma maneira de fazer uma garota se sentir bem com o

rosto remendado, — eu disse, sentindo um pouco de vergonha. O que era ridículo, dada a situação, mas estava lá, no entanto. Não era fácil sentir-se decente sobre você em um bom dia quando estava cercada por três caras incrivelmente de boa aparência. Então, sentada aqui em roupas que não faz jus, com meu cabelo bagunçado, e meu rosto quase irreconhecível, sim, eu estava tendo problemas para manter minha cabeça erguida.

— Como diabos isso aconteceu? — ele perguntou, e como se a sugestão, Mackey veio arrastando suas unhas, clicando no chão enquanto ele se moveu para se sentar ao lado de Fenway.

— Ah sim, eu o deixei entrar. Ele estava brincando de cachorro de guarda do lado de fora do seu carro, — Fenway explicou, fazendo-me mais uma vez sentir como a mais covarde dos donos de cães. Toda a sua vida comigo foi lidando com o meu trauma e medo constante. Se os cachorros pudessem realmente cheirar isso, como dizia o ditado, então eu deveria cheirar positivamente a ele o tempo todo.

O olhar de Gunner foi para o cachorro, fazendo-o passar a mão pelo cabelo. — Porra. Eu deveria ter arrastado ele de volta para a porta antes de sair.

— Não é sua culpa que meu cachorro me odeia, — eu disse, encolhendo os ombros.

— Você viu alguma mulher quando estava lá fora? — Quin perguntou.

— Mulher? — Gunner perguntou, sobrancelhas juntas. — Isso foi uma mulher? — ele perguntou, cruzando para mim, ritmo cheio de propósito quando chegou perto, inclinando minha cabeça para cima.

— Com a ajuda de uma parede, — expliquei.

Gunner exalou, me soltando e se afastando para ficar de pé ao lado da mesa de Quin. — Eu não vi ninguém. Era uma cidade fantasma ali. Mas isso talvez explique um pouco de cabelo que eu encontrei pendurado em um galho. Muito longo para ser homem.

— Deixe-me adivinhar, cabelos castanhos e grisalhos?

— Sim.

— Você pegou mais alguma coisa sobre ela, querida? — Quin perguntou, anotando algo em um bloco na frente dele.

— Ela era alta e forte. E tinha um casaco marrom quase até o tornozelo. É realmente só isso. Ela estava fugindo quando parei de vomitar para dar uma olhada.

— Que porra você fez com ela para fazê-la atirar uma parede na sua cara? — Fenway perguntou, provocando um grunhido de Quin e uma investida de Gunner, que agarrou o homem pelas costas do paletó e começou a puxá-lo para a porta.

— Hora de você estar em outro lugar até que alguém queira lidar com você de novo, — ele disse ao homem, jogando-o para o corredor, depois batendo e trancando a porta. — Mais alguma coisa? O que ela disse?

— Ela me chamou de puta e me perguntou onde ele estava.

— E? — Gunner pressionou.

— E então Mackey sentiu o gosto da perna dela.

Não houve nem mesmo uma pausa antes que Gunner estivesse ao lado do cachorro, estendendo a mão para as bochechas, erguendo a boca aberta, completamente despreocupado com o barulho dos rosnados vindos de algum lugar no fundo do peito do cachorro. — Tem um pouco de sangue nos dentes. Vou ver se consigo uma amostra.

Com isso, ele levou meu cachorro para fora da sala, e Quin e eu estávamos sozinhos.

— Eu deveria ter te seguido até em casa, — ele disse no silêncio da sala.

Eu olhei para encontrá-lo saindo de sua cadeira, movendo-se em torno de sua mesa, em seguida, abaixando na cadeira que Fenway desocupou, e se aproximou.

— Gunner tinha estado lá, Quin. Isso não foi o suficiente para impedi-la.

— Então eu deveria ter dito a Fenway para levar seus problemas para outro lugar desta vez, e feito o que eu realmente queria fazer em primeiro lugar.

Meu estômago se agitou com isso, na profundidade que ouvi nele. — O que seria isso? — eu perguntei, precisando ouvir a resposta.

— Seguir você para casa, — ele respondeu imediatamente. — Então levar você até a sua porta. Então entrar. E ficar a noite.

Meu olhar caiu, não querendo revelar o quanto eu queria isso também, independentemente de como isso era bobo, o quão diferente de mim. Eu não era a garota que ficava casualmente. Eu não era mesmo a garota que ia para cama com um homem que ela não estava namorando.

Inferno, talvez tenha sido o trauma.

Talvez ele fosse o cavaleiro de armadura brilhante.

Ugh.

Isso me fez a donzela em perigo.

Que clichê.

Tão inferior a mim.

— Então ninguém estaria do lado de fora, — eu disse, levantando a cabeça, encontrando o olhar dele. — Desde de quando ele vem quando os homens exigem coisas dele.

— Eu acho que estamos no ponto agora onde você não pode voltar para sua casa, querida. Queria manter sua vida o mais normal possível. Mas essa mulher estará de volta. Na verdade, acho que é hora de você tirar umas férias do trabalho.

— Eu não posso tirar férias do trabalho, — eu me opus imediatamente, mesmo sabendo o quão bagunçado estava o meu rosto, e as intermináveis perguntas com as quais eu certamente seria importunada.

— As contas serão as últimas de suas preocupações se você acabar morta, Aven.

Essa foi uma frase mais fácil de dizer do que aceitar. Eu não era alguém como ele. Não tenho uma conta bancária cheia. Eu nem sequer tenho uma pequena poupança em caso de emergências.

Deus, por que eu não tinha economizado mais dinheiro quando trabalhei em um emprego melhor?

— Aven, você sabe que isso é o que tem que acontecer. Entendo que é uma droga, e você está preocupada. Mas você não vai se machucar novamente, ou ser morta, no meu turno. De jeito nenhum. Eu irei com você.

— O que eu devo dizer sobre isso? — eu perguntei, apontando

para o meu rosto.

— Você foi atacada, — ele disse, encolhendo os ombros. — Não entre em detalhes. Apenas deixe por isso mesmo. E que você precisa de um tempo livre. Olhe esse dano, entre o que você está passando agora, e as contusões de antes, e eles não vão negar nada a você, as bocetas só terão que ficar sem depilação esta semana.

Meus lábios se curvaram para isso. — Eu acho que você subestima a seriedade com que as mulheres encaram a depilação. Pode haver tumultos.

— Será como os anos 70 no Navesink Bank por um tempo, — ele atirou de volta, os lábios se contorcendo.

— Então o que eu devo fazer, então? Se eu não posso ir para casa? Se eu não posso ir trabalhar? Talvez devesse aceitar a oferta de Fenway e ir pra Maldivas. — Eu estava brincando, mas, no entanto, uma escuridão se moveu através dos traços de Quin.

— Eu quero que você fique longe de Fenway.

Senti minha testa levantar com isso. — Isso é uma ordem, Quin? — eu perguntei, sentindo minha espinha endireitar-se ligeiramente.

Isso não era algo que alguém tão consciente quanto Quin perdia. — Um pedido humilde, talvez?

— Não se preocupe. Bebês de fundo fiduciário que cortejam mulheres casadas não são exatamente o meu tipo.

Um pouco de tensão pareceu deixar seus ombros nisso. — Qual é?

— Meu tipo? — eu esclareci, ficando um pouco perto do queixo dele. — Eu não sei. Homens autônomos, eu acho, — eu admiti, sendo minha preferência geral. Eu gostava de homens que se erguiam das sarjetas. Bootstrappers⁶, meu pai teria chamado eles. Havia algo inegavelmente sexy sobre um homem determinado a se erguer no mundo.

Ele assentiu com a cabeça, desviando o olhar.

— E agora? — eu perguntei de novo, puxando seu olhar de volta para mim.

⁶ Um termo de desprezo aplicado a alguém que acredita na noção de que todo sucesso que obteve na vida veio de seus esforços e iniciativas

— Agora, você tem que deixar sua vida para trás por um tempo. Até que isso seja completamente limpo.

— Mas... como pode ser limpo se houver uma pessoa envolvida? — eu perguntei, o estômago se apertando com a ideia de que a correção poderia significar mais pessoas sendo abatidas. Independentemente do que a pessoa possa ter feito ou não na vida, tinha certeza que nunca ficaria no meu coração que as pessoas estavam mortas por minha causa.

— Que tal eu me preocupar com isso, e você se preocupa em tentar relaxar e processar isso.

— Mais fácil falar do que fazer. Então, estou tipo ficando lá em cima? É para isso que servem os quartos, certo? — uma sombra cruzou o rosto dele. — O que? — eu perguntei, as sobrancelhas se abaixando até que a tração das suturas de borboleta me parasse.

— Sim, é para isso que servem. Fenway também vai ficar lá.

— E você não gosta disso, — eu supus.

— Ele não é perigoso, — disse Quin. — Ele é apenas uma má notícia. Fique longe dele.

— Eu acho que já disse que não estava interessada. Você não precisa me avisar sobre ele. Ele é legal o suficiente. Talvez seja bom ter uma pequena companhia para manter meu cérebro longe das coisas ruins. Mas isso é tanto quanto isso vai.

— Bom, — concordou Quin com um aceno de cabeça. — Vamos lá, vamos ter vocês dois instalados. Está tarde pra caralho. Podemos nos preocupar em conseguir algumas roupas e tudo amanhã. Você precisa dormir. Esses remédios devem agir.

A dor estava desaparecendo, mas além disso, tudo que eu sentia era um peso nas minhas pálpebras. Eu não sabia se era porque, como ele disse, era tarde, ou um subproduto dos analgésicos.

Quin caminhou comigo até a porta, a mão na minha parte inferior das costas, algo que não fez, absolutamente não fez, a minha barriga ficar um pouco vacilante. Entramos na área de recepção onde Fenway estava de pé, parecendo não notar a hora tardia, com os olhos brilhantes e pecaminosamente acordados, segurando uma bolsa de couro na mão.

— Eu trouxe mais, — ele explicou. — Eu percebi que eu estaria

aqui por um longo período desta vez. — Ele olhou de Quin para mim. — Eu vejo que você não estava tão preparada. Posso te emprestar algo para dormir, — ele me disse, gentil, generoso. Talvez ele fosse apenas assim para entrar nas calças de uma mulher. Ou talvez ele fosse genuinamente bem-comportado. Era impossível dizer. Essa foi a parte difícil sobre caras ricos, cultos e suas atenções.

— Obrigada, — eu concordei, assentindo.

— Ah, vamos lá, Quin, isso não é necessário, é? — ele perguntou, e percebi que Quin tinha saído do meu lado para revistar o armário, voltando com o que parecia ser, bem, pulseiras de tornozelo. O tipo de gente usava em prisão domiciliar.

— Vendo como a última vez que você esteve aqui, mesmo depois de trancar sua bunda, você saiu e conseguiu ser preso por intoxicação pública no Canadá, enquanto eu estava tentando esclarecer sua última transa, sim, é necessário. — Ele disse a Fenway, fechando o dispositivo ao redor do tornozelo do homem. — E, isso é apenas precaução para você, querida, — ele me disse, estendeu a mão para a minha perna. — Eu quero que você fique aqui dentro por um tempo, mas você não é uma prisioneira.

— Sorte, — resmungou Fenway.

— Então, é só para estar seguro, — continuou Quin, ignorando-o. — Se você está fora, se algo acontecer, posso encontrá-la em minutos, em vez de horas ou dias.

— Esperto, — eu concordei, sentindo seus dedos roçarem a pele sensível no interior do meu tornozelo. — Tudo bem, vamos lá, — ele declarou, levando-nos de volta para a escada, depois para o segundo andar. Ele me deu o quarto que eu tinha estado na noite anterior, e Fenway o quarto mais distante daquele, algo que nos fez compartilhar um sorriso conhecedor pelas costas.

— Sirva-se de qualquer coisa na área comum. Eu terei Jules estocando mais desde que vocês estarão morando aqui por um tempo, e vamos encomendar o jantar antes que a última pessoa saia para o dia. Aven, eu estou a uma chamada de distância, — ele me disse, me dando um olhar que dizia que ele queria ter certeza de que eu não hesitaria em aceitar sua oferta. — Vou manter meu telefone comigo. Fenway, o mesmo não vale para você.

— O quê? Eu não posso pedir uma história para dormir? — Fenway perguntou, parecendo ferido, depois sorriu quando Quin rosnou e saiu.

— Você parece legal, — eu disse a ele quando estávamos sozinhos, ouvindo Quin fechar a porta atrás dele.

— Eu sou.

— Então por que Quin...

— Me odeia? — ele terminou por mim. — Sim.

— Eu sou um pé no saco. Nunca faço o que me dizem. Continuo entrando em problemas de tipo internacional. E não levo nada tão a sério quanto o Clube da Sorte Sem Alegria lá embaixo. — Ele caminhou para o seu quarto, voltando com uma camiseta simples. — Minhas calças não vão caber em você. Eu vou ter que sofrer com o conhecimento de que você está a poucos metros no corredor em minha camiseta, calcinha e nada mais.

— Eu poderia apenas dormir em minhas calças, — eu o informei, acenando para as calças de yoga que eu tinha colocado antes. Ao contrário da minha camisa, não havia manchas de sangue nelas. Embora eu soubesse que estaria dormindo exatamente como ele disse desde que eu tive aquela coisa estranha sobre não gostar de minhas pernas serem contidas no sono.

— Shh. Não, — ele disse, fechando os olhos, respirando exageradamente. — Camiseta e calcinha. Pernas longas emaranhadas no...

— Boa noite, Fenway, — eu disse um pouco com firmeza, abrindo os olhos, e um sorriso fácil puxou seus lábios.

— Boa noite, Aven. Se você precisar de mais analgésicos, apenas bata na minha porta. Ou se esgueirar na cama comigo. Essa é sempre uma boa maneira de acordar.

Com isso, ele desapareceu em seu quarto, deixando-me balançando a cabeça quando caminhei para o meu próprio quarto.

Mas fechei a porta antes de ir ao banheiro limpar o sangue seco restante, escovar os dentes e trocar para dormir.

Quando me abaixei na cama, o celular estava na minha mesa de cabeceira.

Não hesite em ligar. Eu não estarei longe disso novamente. PS: Gunner está cuidando do cachorro por enquanto. Durma um pouco,

querida. - Q

Um momento antes, minha mente estava correndo, repetindo os eventos da noite uma e outra vez, me repreendendo, ou me culpando por ser tão estúpida, por não dar uma olhada melhor, culpando minha própria maldita vítima.

Mas de alguma forma, com essa mensagem, eu poderia me enrolar na cama e minha mente estava quieta.

Assim como estava pensando o que isso poderia significar, o sono finalmente me reivindicou.

Capítulo Oito

QUIN

— Tenho outra ameaça de morte para Fenway esta manhã, — Smith me informou quando nos reagrupamos em meu escritório, tentando descobrir como conciliar dois casos importantes ao mesmo tempo.

— Sim, bem, a bunda dele está bem no andar de cima, o mais seguro possível. Podemos lidar com ele depois de descobrirmos quem é essa mulher. Essa mulher que sabe quem é Aven e esse homem que está desaparecido. Não podemos tem essa merda lá fora para qualquer um ouvir.

Eles sabiam que não havia espaço para discutir com isso.

Se essa mulher pôde ir a Aven, isso poderia significar policiais farejando. E, claro, eles não encontrariam o desgraçado. Era por isso que o Finn recebia muito dinheiro. Mas não havia garantia de que isso não quebraria Aven. Ela não foi treinada para lidar com policiais. Se eles pressionassem um pouco, ela poderia se romper.

Ela não iria para a cadeia no meu turno.

Eu prometi isso a ela.

Só porque o caso era mais complicado do que parecia originalmente, não significava que eu não planejasse cumprir essa promessa.

— Ei, — disse Gunner, pisando fundo, suas botas soltando pedaços de terra no chão enquanto ele fazia isso. Isso e a sujeira em seus braços e mãos, e os arranhões em seu rosto, superficial, provavelmente de galhos de árvores na floresta, junto com os círculos sob seus olhos me dizendo que ele não tinha visto sua cama na noite passada.

— Pegou algo? — eu perguntei, observando enquanto Mackey entrava, sentando atrás de Gunner como um animal de trabalho treinado, não algum cão de resgate aleatório e selvagem.

— Graças a Deus por essa fera tê-la mordido. Não havia como ir antes. Mas uma vez que a luz subiu, havia gotas de sangue seco na parte de trás da casa de Aven, em seguida, desaparecendo em uma pequena rua de trás ao longo de quatro pequenos barracos que alguém tem a coragem de chamar de casas.

— E? — eu pressionei, sabendo que não era isso.

— E eu levei o carro de Aven e fiquei lá por algumas horas. — O carro de Aven, porque ele sabia que seu SUV pareceria muito fora de lugar em uma rua como aquela, mas o pequeno carro de Aven passaria despercebido. — O casal drogado saiu a pé. Provavelmente para chegar a este lado da cidade para adquirir drogas. Uma mãe solteira levou seus três filhos para a escola. Um homem velho cambaleou para pegar o jornal. Mas a última casa não tinha nada. Nenhuma atividade

— Vale a pena olhar, — eu concordei, movendo-me para ficar de pé. — Você deveria ir para o andar de cima. Você não é bom para nenhum de nós se você estiver morto em seus pés.

A sobrançelha de Gunner se levantou com isso. — Você só quer que eu fique de olho em Fenway, certificar de que ele não está fazendo um movimento em sua garota.

Cristo.

Esse era o problema com Gunner, ele nunca mantinha suas opiniões para si mesmo. Normalmente, era uma característica que eu respeitava. Você sempre sabia o que ele estava pensando, onde estava.

Mas de vez em quando, em uma lua azul, eu queria que ele soubesse como filtrar o que dizia.

Porque cada conjunto de olhos na sala se moveu para mim, sobrançelhas levantadas, perguntas nas pontas de suas línguas, prontas para exigir respostas.

A minha garota.

Eu não sabia onde Gunner teve a ideia. Embora, talvez, houvesse um pouco mais de suavidade para ela do que meu cliente habitual. Talvez houvesse relutância em mudar o foco de um caso não remunerado para outro que nos tornaria uma grande fatia de grana. É verdade que o negócio não estava em desespero por dinheiro, mas minha equipe me conhecia. Eles sabiam que o negócio vinha primeiro. Negócio inteligente.

Como eu estava tratando seu caso simplesmente não era inteligente.

Acrescente o fato de que Aven era linda.

E, eu acho, foi fácil chegar à conclusão de que a razão pela qual eu estava tão no caso dela era que estava interessado.

Mas se algo estivesse acontecendo com Aven e eu, eu a teria levado para minha casa e passaria a noite com ela na minha cama, não batendo na porra do sofá no meu escritório.

— Cuidado, — eu disse a Gunner, mantendo o tom de voz.

— Você está tentando negar isso, chefe? — ele pressionou, realmente empurrando-o. Gunner era grosseiro em geral, mas ainda mais quando estava sem dormir.

— Sim. Estou negando isso. Ela não é minha. — Ela não era. Isso era verdade. Um beijo não significa nada no grande esquema das coisas. Mesmo se acordei de manhã com um pau duro apenas pela memória dele.

— Sim, tudo bem, — disse Gunner, assentindo. — Sua garota ou não, eu acho que ela merece alguém que não vai sair correndo com alguma herdeira francesa sem pensar duas vezes. Então eu vou subir. Deixe-me saber o que você encontra.

— Quer sair agora? — Smith perguntou quando ouvi passos acima de mim no quarto de Aven. Eram dez, mas ela ficou acordada até tarde. Este foi o primeiro movimento que ouvi lá desde a noite anterior.

— Sim, vamos acabar com isso, — eu concordei, indo para a minha mesa para pegar um kit de chave micha e luvas.

Gunner não estava exagerando sobre as casas em ruínas na rua lateral, mesmo no meio do outono, a grama em vários gramados era maior do que a altura do tornozelo, em pontos com folhas laranja e vermelhas queimadas.

— Estacione atrás, — Smith disse, com os olhos afiados olhando em volta. — O velhote será o guarda da vizinhança. Se estivermos estacionados aqui com janelas escuras, ele ligará para a polícia.

Eu me perguntava por que ele seria legal com viciados ao lado, mas tínhamos um problema com o meu carro, então fiz como Smith exigiu, mas quando se tratava da merda tática, era nisso que ele se

especializava. Se eu quisesse que um trabalho fosse bem, sabia que podia confiar em sua avaliação.

— Nem precisaria do kit de chave micha, — eu disse ao virarmos a porta dos fundos, meu queixo empurrando em direção à porta de tela e à janela quebrada na porta interna.

Nós fizemos o caminho para cima, deslizando em nossas luvas.

— Então qual é o negócio? — Smith perguntou, alcançando dentro da janela quebrada, virando a fechadura que abriu com um clique um tanto risível. Por que se incomodar em bloqueá-la?

— Qual negócio?

— Com você e essa garota.

— Pensei que você soubesse melhor do que ler muito sobre as coisas que Gunner fala, — eu disse, indo para frente, mas ele bloqueou o meu caminho.

— Gunner pode ser um falador, mas nós dois sabemos que o que sai é geralmente algo que você pode acreditar. E, não por nada, Quin, mas você está de plantão com ela? Não acho que eu não ouvi sobre isso. Supõe-se que seja sem comunicação depois de uma limpeza completa.

Essa sempre foi a regra.

Nós não queríamos nenhum contato, nenhum retorno caso eles se delatassem.

— E eu talvez tenha ouvido de uma certa ruiva fazedora de café que você estava tomando café com uma mulher que parecia muito com Aven.

Fodida Gala.

Eu deveria saber que ela não ficaria de boca fechada.

— Não falaremos disso, — eu disse, mudando de tática. Eu sabia melhor do que tentar mentir para Smith. E, além do fato de que ele era um humano detector de mentiras, eu o respeitava demais por isso.

— Tudo bem, — ele concordou, encolhendo os ombros. — Apenas certificando de que sua cabeça está em linha reta.

E ali estava o motivo pelo qual Smith era meu segundo em comando. Muitos homens no poder se orgulhavam demais para permitir

que alguém os interrogasse. Eu estava feliz por ter alguém por perto que me responsabilizaria por ações ou decisões questionáveis. As escolhas podem ser minhas, mas ficava feliz em saber que Smith me diria se eu estivesse sendo idiota.

— Tenho a sensação de que isso vai ser horrível. — Smith declarou, abrindo a porta.

A combinação inebriante de poeira, mofo e louça suja nos atingiu no rosto assim que entramos, fala de um espaço fechado durante dias.

Foi a primeira prova que nós estávamos no lugar certo.

Não que precisássemos, uma vez que nossos olhos se ajustassem à pouca luz interna.

Porque Smith estava certo.

Horrível do caralho.

Diante de nós havia um piso plano com uma pequena cozinha à esquerda, os azulejos nas bancadas rachados, os armários manchados de cozinhar no fogão. Ao lado da cozinha havia duas portas que, alguém poderia imaginar, o quarto e o banheiro. À direita e à frente ficava o espaço de estar com um grosso tapete de pele marrom-sujo, um sofá xadrez vermelho e marrom com uma mesa de centro e uma sala simples escurecida pelas persianas nas janelas, sem cortinas. O espaço de um homem. Sem frescura. Nenhum toque feminino em tudo.

Eu poderia ter me preocupado com a informação de Gunner sobre a mulher.

Exceto quando você olhava além do tapete, azulejo e mobília, tudo que você via era Aven.

Seu rosto estava olhando por trás das paredes, sorrindo, virada para a bunda, meio rindo. Havia uma colagem inteira de seu carro quebrando fora de seu trabalho, instantâneos de sua cabeça pendurada, de ela passando as mãos pelo cabelo, de sua inclinação sobre o capô do carro, tentando descobrir o que estava errado, em seu celular.

— Cristo, ele ainda tem essa merda no teto, — disse Smith, a cabeça inclinada para cima, fazendo-me olhar também, vendo seu rosto olhando para mim.

A merda assustadora não era apenas a massa de fotos.

Perseguidores perseguiram. Eles tiraram fotos. Isso era, em essência, normal.

Mas havia fotos dela dirigindo seu carro com placas da Califórnia, descarregando caixas em um dos prédios de apartamentos de nível médio da cidade.

— Que porra é essa? — eu assobieei, aproximando-me daquele conjunto de fotos. — Por que demorou tanto para progredir se ele a acompanha há anos? — Eu perguntei, não esperando uma resposta. Porque não parecia haver uma. Não fazia sentido. Não encaixava no perfil.

— Hei, no entanto, — disse Smith, movendo-se ao meu lado. — Olhe para esse ângulo.

— E isso? — eu perguntei, olhando para uma foto de Aven segurando uma caixa de suprimentos de cozinha, uma alça de uma panela descansando em sua bochecha enquanto ela a tirava do carro.

— Ele está tirando de dentro de seu antigo prédio de apartamentos, — ele me disse. E se talvez eu não estivesse tão distraído, teria percebido isso.

Isso, pelo menos, ajudou todo o começo da obsessão a fazer sentido. Ele provavelmente a viu, ou ela falou com ele no corredor, algo sem sentido para ela, mas algo que significava algo mais profundo para sua pequena mente distorcida.

De repente, entendi como ele chegou tão perto dela tantas vezes sem que ela suspeitasse. Ele era um vizinho. Ele estar por perto não teria sido incomum.

E, dado que era um complexo bastante considerável, pude ver como ela não o reconheceu quando ele começou a aparecer na casa dela. Ela era nova no prédio. Ele era uma das centenas de rostos.

Smith se afastou de mim, e eu pude ouvir o estriamento de gavetas, tirando-me para fora do meu estupor, finalmente, quando me movi para o quarto, acendendo a luz, observando como as partículas de poeira flutuavam em torno do ar viciado antes de meus olhos caírem. Outra colagem de fotos na parede que a cama de tamanho normal estava encostada.

— Porra, — eu assobieei, fechando a porta do quarto, não querendo que Smith entrasse nisso.

Porque esse cara, quem quer que fosse, gostava de manter um conjunto de fotos diferentes ao lado de sua cama. Onde ele podia olhá-las à noite e se masturbar.

Havia uma de Aven em seu antigo lugar ainda, em uma camiseta branca em um aguaceiro⁷, o contorno perfeito de seus seios em exibição. Então, havia algumas logo depois que ela se mudou, antes de ela ter as cortinas de suas janelas. Quando ela não sabia nada melhor, quando talvez achasse que o fato de que as janelas de seu quarto se chocavam contra a floresta era razão suficiente para não se preocupar com alguém que a visse quando trocasse de roupa em seu quarto.

Lá estava ela, de jeans e sutiã preto rendado.

Lá estava ela, de costas para as janelas, sem sutiã, uma calcinha de renda vermelha sexy colocando sua bunda redonda em exibição perfeita.

Lá estava ela, a toalha enrolada em volta dela, penteando o cabelo. Então, novamente, um momento depois, sem toalha.

Minhas mãos estenderam, arrancando as fotos, arrastando-as para baixo, sentindo como se eu estivesse invadindo sua privacidade apenas por estar na mesma sala com elas. Dobrando-as, joguei-as na lixeira vazia ao lado da cama, exceto por duas embalagens de barra de chocolate.

— Jacob Hill, — disse Smith, entrando enquanto eu pegava o saco de lixo, amarrando o topo, não querendo que nenhum dos outros caras visse o que eu já tinha visto. — Quarenta e sete. Nunca se casou. Costumava ser um soldador, mas está em invalidez permanente depois de cair e estourar as costas.

Smith, entre muitas outras coisas, era rápido na coleta de dados. Enquanto eu estava surpreso com todas as fotos, ele já estava revirando as gavetas.

— Começou a alugar este lugar há nove meses. Isso, o que, um mês ou mais antes de Aven dizer que ela começou a ver o cara?

— Sim, isso, — eu concordei, abrindo as gavetas do criado-mudo, pegando um livro de endereços, celular e caderno.

Todos os três viriam comigo.

Este lugar não precisava ser limpo do jeito que foi feito no de

⁷ Aguaceiro é uma chuva forte e de curta duração.

Aven. Ele só precisava ser despojado de cada último fragmento de evidência que levava de volta a Aven.

— Tenho um cartão aqui na carteira para um psiquiatra. Imaginem quanto tempo ele está fodido na cabeça. — Smith pensou, principalmente para si mesmo. — A parente mais próxima é listada como uma irmã. Algo me diz que é a garota louca com o pedaço retirado de sua perna.

Isso faz sentido.

Quem mais ignoraria uma casa cheia de fotos de uma mulher que não sabia que ela estava sendo fotografada?

Uma namorada certamente nunca toleraria isso.

— Tudo bem. Eu vou começar a limpar essa merda, — eu disse, pegando um cesto de roupa vazio do armário, e começando a empilhar qualquer coisa que precisasse ir, as fotos, diários, telefone, filme, câmeras, tudo dentro

Realmente, levou apenas cerca de uma hora para ter vasculhado cada polegada da casa, o forro do teto e sótão incluído. Smith coletou informações sobre o homem, coisas que esperávamos nos levaria à sua irmã. Eu revistei seu carro, encontrando fotos de Aven coladas sob o visor e outra câmera no porta-luvas.

Então, finalmente, estávamos voltando para o escritório.

— Você trabalha o ângulo da irmã. Eu terei Lincoln lidando com a destruição de toda essa merda. Quando você está planejando sair para lidar com os russos?

— Uma semana, — disse Smith, encolhendo os ombros. — Isso foi o mais rápido que eles poderiam ser incomodados para ter uma reunião.

— Provavelmente muito ocupado tendo reuniões com assassinos, — eu pensei enquanto entramos no escritório. — Pelo menos nos dá tempo para descobrir o que está acontecendo com a irmã antes de você sair. Jules, — eu disse, acenando com a cabeça para ela enquanto entramos.

— Trouxe-lhes um pouco de café. Até mesmo para o idiota, — acrescentou, referindo-se a Gunner. — E eu peguei alguns itens essenciais para Aven também. Ela não teve tempo para arrumar uma mala. Achei que não poderíamos tê-la vestindo as roupas de Fenway por

mais de uma noite.

Senti meu lábio enrolar com a ideia dela em suas roupas.

— Eu vou subir e conversar com ela sobre o que encontramos. Sua dor de cabeça se foi?

A testa de Jules enrugou, sabendo que uma machadinha no crânio normalmente não me impediria de informar um cliente quando eu tivesse algo a dizer.

— Sim, ela disse que só precisou de um pouco de Advil esta manhã para aliviar. Aqui, — ela acrescentou, me entregando um café.

— Você precisa de um aumento, — eu disse a ela, descendo o corredor.

— Muito em breve, estarei ganhando mais do que você, — ela atirou de volta, e eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

— E você merece cada centavo, — eu concordei, abrindo a porta para a escada.

Estava na metade quando a ouvi rir.

Foi o suficiente para me parar no meio do caminho, segurando o corrimão, ouvindo o som alegre e ressoante, algo que não tinha ouvido dela antes, e algo que eu sabia que iria roubar dela quando entrasse lá.

Uma parte de mim queria voltar atrás, voltar ao meu escritório para lidar com o trabalho, voltar mais tarde.

A outra parte, bem, sabia que provavelmente estava rindo com Fenway. E isso foi o suficiente para me fazer subir as escadas, digitando o código na porta um pouco com força demais, fazendo-me ter que digitar duas vezes, uma demonstração de descuido que ninguém jamais me acusaria.

Entrei para encontrar Fenway sentado em uma das extremidades do sofá, com o braço atrás das costas, casual como poderia estar na calça cinza e uma camisa branca de botão, ele sendo do tipo que nunca se vestiu informalmente, exceto para nadar ou jogar golfe.

Aven estava do outro lado do sofá, virada para ele, os pés apoiados na almofada do meio, o esmalte roxo cobrindo as unhas dos pés. Seus braços abraçaram suas pernas, um enorme sorriso iluminando seu rosto.

— Quin, meu homem, — Fenway cumprimentou, parecendo me ver primeiro. — Onde você esteve? Mandando Gunner para se certificar de que eu não estou seduzindo a bela Aven aqui? Então, não gosto de você.

O sorriso de Aven sumiu lentamente, deixando apenas um movimento de seus lábios de um lado. — Fenway estava apenas fazendo uma imitação do *Babá* indescritível.

Também conhecido como Ranger.

Fenway precisou do Babá algumas vezes ao longo dos anos, uma distinção que nenhum outro cliente tinha em seu nome.

— O que ele disse que parecia?

— Grosseiro. Razinza. Como Gunner, só que mais bravo.

— Não é impreciso, — eu permiti, sorrindo um pouco porque seus olhos ainda estavam dançando, e não querendo ser um completo desmancha-prazeres. — Como você está se sentindo? — eu perguntei, aproximando-me até que pudesse tirar o café do caminho e me sentar na mesa de café, estendendo a mão para o queixo, virando a cabeça para verificar os cortes, procurando por qualquer sinal de infecção.

— Não está ruim, considerando. Beber foi divertido antes que eu congelasse meu lábio.

— Inchado duas vezes seu tamanho normal, — concordou Fenway. — Ela tomou um gole de água, e sangrou novamente.

— Caramba, valeu! — Aven zombou, puxando um travesseiro por trás das costas e jogando-o nele. — Porque eu queria que todos soubessem disso.

Eu era todos.

Fenway era o confidente.

Eu estava com *ciúmes* de Fenway Arlington.

As maravilhas nunca cessariam?

— Quer sair daqui um pouco para que possamos conversar? — eu perguntei. — Eu tenho algumas informações para passar a você. E nós provavelmente deveríamos parar no seu trabalho. A imagino que você ligou, mas precisamos ter certeza que eles deixarão você livre por uma semana ou mais.

Tudo nela ficou tenso, formal.

Foi uma coisa triste de se ver.

— Sim, claro. Apenas me deixe encontrar os sapatos que Jules deixou para mim, — ela disse, pulando para cima, indo pelo corredor, deixando Fenway e eu sozinhos.

— Ela está bem, — ele disse, chamando minha atenção.

— O que? — eu perguntei, as sobrancelhas juntas, não acostumado a ver um olhar tão sério no rosto do homem.

— Ela passou por um inferno. Não sei os detalhes, mas eu vejo o rosto dela. E ela pula como um gato a qualquer som estranho. Mas ela está de bom humor. Você parece preocupado com ela.

— Eu me preocupo com todos os meus clientes. Até mesmo um dor na bunda como você, — acrescentei, tentando distraí-lo.

— Sim, eu olho totalmente para os meus clientes como você olha para ela, — ele concordou, assentindo, sorrindo sabendo que Aven voltava para a sala, o cabelo escovado mais para o lado, permitindo que alguns deles se espalhem pelo corte em sua têmpora. Ela estava insegura sobre ser vista por seus colegas de trabalho. Era ver como o que aconteceu não foi culpa dela, mas ela estava tentando mascarar um pouco disso.

— Tudo pronto, — ela declarou, forçando um sorriso, pegando um pesado suéter cinza nas costas do sofá, encolhendo-o.

— Tire fotos do lado de fora para mim, — Fenway exigiu. — Parece que não vou ver por um bom longo tempo.

— Bem, isso te ensinará a não roubar e a ser um adúltero.

— Ei, — Fenway chamou quando nos movemos pela sala, — eu não era o casado.

— Certo, porque isso é uma desculpa, — Aven disparou de volta quando a porta se fechou, travando automaticamente. — Ele é um personagem, — ela me disse enquanto descíamos as escadas. — Eu entendo por que ele tem problemas com mulheres. Ele é tão convincente. Você jura que ele quer dizer o que ele diz.

— Com toda a justiça, — eu disse enquanto a conduzia pela área de recepção, colocando minha mão na parte inferior das costas para levá-la em direção às portas da frente, querendo sair do escritório, —

Eu acho que ele realmente quer dizer o que diz. Ele só tem a atenção de uma galinha, sempre se movendo para o próximo objeto mais novo e mais brilhante.

— Eu acho que faz sentido, — ela concordou quando abri a porta do meu carro, levando-a para dentro. — Onde estamos indo? — ela perguntou um momento depois quando eu saí da cidade.

— Café de autoatendimento. Bean Around é ótimo, mas não quando você não quer sair do carro.

— Você tem sua voz séria.

Eu olhei de relance, os lábios se contorcendo. — Eu sempre tenho minha voz séria.

— Bem, mais ou menos. Mas agora você tem a sua voz “eu tenho algumas coisas de negócios para lhe dizer”.

— Há uma voz distinta para isso, hein?

— Mhm, — ela insistiu, virando-se em seu banco enquanto eu estacionava no café, fazendo o pedido, depois parando para pagar. — Então, — ela apertou quando o café dela estava em suas mãos, e eu puxei para a parte de trás do estacionamento para estacionar. — O que está acontecendo?

— Gunner encontrou a casa dele, — eu disse a ela, não para facilitar as coisas. — Smith e eu fomos lá. Babe, ele está te observando desde que você se mudou para Navesink Bank. Morou no seu primeiro prédio. Tinha fotos suas se mudando no primeiro dia.

Ela estava levando o café até os lábios, certa que queimaria a língua, mas parecendo precisar da distração enquanto eu falava. Mas naquela última parte, as mãos dela abaixaram, curvando-se com mais força em volta do copo de papel muito quente. — O que?

— Eu sei, — eu disse, assentindo, estendendo a mão para apertar seu pulso. — Você pensou que era só desde a mudança para a sua casa. Mas pelo que poderíamos dizer, ele te seguiu quando você se mudou, alugou uma casa apenas algumas ruas atrás, para que pudesse entrar pela floresta para olhar para você.

Seu olhar foi para a minha mão o tempo suficiente para eu sentir a necessidade de removê-la antes que ela olhasse pela janela da frente, observando um gaio-azul tremular de árvore em árvore. — Como eu poderia ter perdido isso por tanto tempo?

— Porque, até oito meses atrás, ele nunca pareceu se envolver com você. Ele apenas assistia. Apenas tirava fotos. Algo deve ter acontecido oito meses atrás para despertá-lo. Talvez seu psiquiatra tenha dito algo que ele não gostou, e parou de ir. Talvez você finalmente o tenha passado na rua e sorriu para ele, e ele tomou isso como encorajamento.

— Eu sei que você não me conhece tão bem, Quin, mas eu não sorrio aos homens aleatoriamente na rua.

Ela sorriu para todos os membros da minha equipe quando os conheceu, ainda que traumatizada e brutalizada como foi. Era um pequeno sorriso de cortesia, mas era tudo o que esses loucos precisavam. — Talvez ele tenha aberto a porta e você agradeceu. É impossível dizer. Bem, pelo menos até eu ler o diário dele. Mas algo desencadeou o gatilho. E então sua reação menos que excitada a seus avanços provavelmente foi o que o deixou mais irritado, mais violento.

Ela assentiu um pouco com isso, dentes mordiscando o interior de sua bochecha enquanto pensava. — Havia fotos minhas sem minhas roupas?

Ela sabia a resposta para isso.

Ela só precisava da confirmação.

— Aven...

— Isso é um sim, — concluiu, respirando fundo, segurando-o por tanto tempo que deve ter queimado seus pulmões, depois soltado lentamente. — Muitas? — ela perguntou.

— Havia uma colagem na parede do quarto dele. Na maioria delas você não estava totalmente nua. E tudo parou há oito meses.

— Exceto? — ela pressionou, pegando o fato de que eu estava deixando algo de fora.

— Exceto que a câmera que ele tinha com ele naquela noite também tinha algumas fotos.

Ela ficou em silêncio por tempo suficiente para que eu me mexesse desconfortavelmente no banco, cheia de todas as coisas erradas a dizer.

— É estranho que eu me sinta mais violada com as fotos do que com ele se masturbando do lado de fora das minhas janelas?

— Seu corpo é privado, querida. Com quem você faz, ou não, deve ser a sua escolha. Ele tomou isso de você. Ele se masturbando é apenas um idiota sendo nojento. Eu entendo isso de você.

— Qual era o seu...

— Não, — eu a interrompi.

Sua cabeça se virou, olhos ardentes. — O quê? Por que não?

— Porque saber seu nome não muda nada. Não há necessidade de humanizá-lo depois do fato. E é melhor que você nunca saiba.

— No caso desta mulher ir para a polícia, e eles começam a me perguntar sobre algum Joe.

— Algo assim, — eu concordei. — Embora, eu não acho que ela esteja indo para a polícia.

— Por que não?

— Primeiro, ela não tem provas de que algo tenha acontecido com você. Segundo, a casa dele, até que Smith e eu a limpássemos, parecia o sonho de qualquer perseguidor. Ela provavelmente sabia que isso não seria bom para ele.

— O que você fará quando a encontrar?

— Isso depende muito do comportamento dela quando começamos a observá-la.

— O que isso significa?

— Ela está fora de seu juízo como esteve na noite passada? Ela está falando disso pra todo mundo? Ela está realmente genuinamente preocupada com seu irmão?

— E nessas situações, o que aconteceria?

— Babe, não é assim que isso funciona, — eu disse a ela, balançando a cabeça. Eu tinha permitido muitas pausas no protocolo com o Aven. Eu não podia ir lá. Eu não poderia deixar isso em sua consciência se tivéssemos que fazer algo como ter a mulher comprometida. Fazê-la desaparecer.

— Ok, — ela disse, engolindo em seco. — Eu acho que isso é, de certa forma, uma resposta.

— Nós não... — Eu comecei, mas me interrompi, achando que a mentira não veio tão facilmente como deveria. Porque nós fazemos, uma vez em uma lua muito azul, matamos pessoas. Fazia parte do negócio. Os negócios iam mal. Alguém voltava atrás em sua palavra. Não era exatamente raro ser apanhado numa situação em que as balas começam a voar. Nesses casos, você tinha que fazer o que tinha que fazer para sobreviver. Caso encerrado.

Eu não poderia prometer a ela que não havia nem mesmo uma chance de que essa mulher pudesse ser baleada. Não tinha como eu saber.

E enquanto mentir para um cliente não era exatamente contra o meu código moral, de alguma forma mentir para Aven parecia que era.

Então eu não fiz.

— Fazemos todo o possível para preservar a vida a todo custo. Na maior parte do tempo, podemos. De vez em quando, não podemos, graças a circunstâncias além do nosso controle. Tentamos nos preparar para todas as eventualidades, mas as pessoas são coisas pavorosas e imprevisíveis. Você nunca pode saber o que é capaz de fazer.

— Isso é justo, — ela concordou, assentindo.

— Você quer acabar com essa merda?

— Deus, sim.

Capítulo Nove

AVEN

Dizer a minha chefe e colegas de trabalho sobre o meu 'assalto' foi como se poderia esperar. Houve choque e indignação. Havia abraços e insistência para que eu demorasse tanto quanto precisava para me recuperar, corpo e mente.

Houve também uma explosão inesperada de Benny sobre todos esses imbecis da cidade levantando as mãos para as mulheres. Isso foi seguido diretamente por ele me prometendo que teríamos uma maratona de filme de garota assim que eu me sentisse melhor.

— Cuide da nossa menina, — ele insistiu, dando um olhar duro para Quin antes que ele me levasse embora.

— Você parece cansado, — eu disse a Quin quando entramos em seu carro, sentada, fiquei observando enquanto ele passava a mão pelo seu rosto desalinhado, a memória daquele roçar no meu rosto enquanto ele me beijava ultrapassou todos os outros pensamentos. Parecia a muito tempo. Parecia que tinha sido um sonho.

— Foram duas longas... semanas, — ele admitiu, bufando um pouco.

— Você não precisa tomar conta de mim, — senti-me obrigada a dizer, embora estivesse gostando da companhia dele, talvez mais do que deveria. — Vá para casa e descanse um pouco.

— Quando há trabalho a ser feito? — ele perguntou, virando-se para mim, o lado de sua cabeça descansando no encosto de cabeça, o mais relaxado que eu já tinha visto, um pequeno sorriso puxando seus lábios.

— Eu me sinto obrigada a citar *O Iluminado* aqui, Jack.

Isso fez o sorriso se espalhar ainda mais. — Fã do King⁸?

— Isso é uma questão real? — eu atirei de volta, revirando os

⁸ Em referência a Stephen King.

olhos. — Quem não é fã do King? *O Iluminado*, *Os Condenados de Shawshank*, *À Espera de um Milagre*...

— Você está nomeando todos os que quebraram seu estilo habitual.

— Tudo bem. Então, *Pacto Maligno* e *A Coisa* também vêm à mente.

— Você viu isso?

— Viu o quê?

— O novo *A Coisa*?

Eu balancei a cabeça, encolhendo os ombros. Eu não ia ao cinema com frequência. Não porque não tivesse tempo ou porque estivesse muito longe. Eu apenas tendia a precisar me preparar para isso e, a essa altura os filmes já estava fora dos cinemas.

— Eu costumo esperar que as coisas venham em DVD para assisti-las, — eu disse a ele. — Eu meio que prefiro estar em casa em moletom, onde ninguém pode me julgar por comer uma pizza inteira e zombar das cenas de ação completamente irrealistas.

— Lembre-me de colocar os filmes *Bourne* para você algum dia.

— Nem me fale, — eu avisei, sorrindo um pouco quando ele sorriu, mesmo que isso puxasse o corte no meu lábio que estava curando. — E então poderíamos colocar em alguns filmes da franquia *Velozes e Furiosos*, e rir de como eles desafiam as leis da física!

Mesmo quando a risada passou por ele, reverberando no meu peito, percebi o quanto eu realmente queria isso. Fazer algo normal com ele. Assistir a um filme. Atrevidos. Comer pizza. Apenas duas pessoas. Não um *Solucionador* e sua cliente. Não um cavaleiro branco e sua donzela em perigo. Apenas um homem e uma mulher.

Eu me perguntei se isso seria possível, se as coisas fossem diferentes. Se nos dermos bem, se gostaríamos da companhia um do outro.

Se talvez algo pudesse acontecer.

Eu estou sendo parva e fantasiosa?

Possivelmente.

Eu mal conhecia o homem, afinal de contas.

Mas parecia haver apenas um puxão, leve, mas inconfundível.

E o fator atração? Sim, isso foi definitivamente parte disso também.

— Que olhar é esse, querida? — ele perguntou, levantando a mão, sua abotoadura pegando o sol, brilhou ofuscante por um momento, antes de sua mão passar por baixo do meu queixo, inclinando minha cabeça para cima.

A maior parte de mim queria mentir, desviar, não expor um pouco de vulnerabilidade. Mas, por algum motivo, a parte menor que queria compartilhar de alguma forma venceu.

— Eu estava pensando que teria sido bom conhecê-lo fora de toda essa confusão.

— Por que isso? — ele perguntou, olhos profundos observando, procurando por uma mentira.

Então dei uma meia verdade em vez disso.

— Eu acho que nós teríamos nos dado bem. Poderia... — Eu parei de balançar a cabeça um pouco. — Poderia ter tido um amigo na cidade.

— Um amigo, hein? — ele perguntou, algo em sua voz que eu não o conhecia bem o suficiente para interpretar, mas era profundo, pesado, algo que pesava suas palavras. Era algo que minha mente realmente queria que eu interpretasse como desapontamento por ser tudo o que eu queria, algo que tinha certeza que nós dois sabíamos que era uma mentira.

Houve tempos, no entanto, para um pensamento positivo.

Não era esse.

Eu não poderia ficar caída por Quin.

Ele estava na minha vida em uma capacidade profissional, nada mais.

Mas ele ainda estava apenas olhando para mim, olhos expectantes, a mão ainda gentilmente emoldurando meu queixo.

O que veio a seguir simplesmente explodiu de mim sem qualquer

pensamento consciente. Eu juro que fiquei surpresa quando as palavras encheram o ar, como se elas viessem de algum outro lugar, não de meus pulmões, da minha língua.

— Tem sido solitário aqui. — As palavras pingaram de verdade, pintaram fotos de mim sozinha em minha casa, nenhum telefone por perto porque ninguém ligava, ninguém para abrir presentes listrados de vermelho e branco cuidadosamente escolhidos no Natal, ninguém para enlouquecer com champanhe, então estourar Varinhas de confete, e beijo à meia-noite no Ano Novo, sem lembranças de noites divertidas com amigos, rindo até minha barriga doer, sorrindo até minhas bochechas, sem visões de abraçar perto das cobertas com um homem que me importava o suficiente para compartilhar não só meu corpo, mas meu tempo, meu eu.

Havia muito de mim naquelas quatro pequenas palavras.

— Sabe como eu passei o Ano Novo no ano passado? — ele perguntou, vendo as mesmas coisas que eu, como sabia que ele veria. Senti minha cabeça acenar, não querendo falar, para possivelmente arruinar o momento. — Eu estava em um quarto de hotel em Milwaukee, olhando para os casais andando na rua do meu quarto empoleirado no topo, uísque na mão, sentindo-me parecido com um estranho, como se estivesse perdendo algo que todo mundo gostava. Foi apenas mais um dia de trabalho para mim.

Ele tem sido solitário também.

Era uma coisa estranha na vida como nós tantas vezes esquecemos que os homens, especialmente homens ricos, poderosos e lindos, eram capazes de nossas mesmas emoções, nossos mesmos querer, impulsos e desejos.

Eu poderia imaginá-lo ali em sua suíte, todos os confortos que o dinheiro poderia comprar. E nenhum deles que o dinheiro não podia.

— Eu adormeci no meu sofá antes mesmo da bola cair. — Eu admiti, deixando de fora o fato de que eu talvez tivesse feito um pequeno, muito pequeno, choro antes de dormir, finalmente tirando a pontada de tristeza.

— Digo isso a você, — ele disse, acariciando o polegar levemente na minha bochecha. — Se nós dois não estivermos fazendo nada, que tal fazer algo para o Ano Novo? Nenhuma razão para nós dois sermos solitários tristes quando pudermos ser... — Ele fez uma pausa, parecendo lutar por um segundo, — amigos.

— Posso concordar com disso, — eu concordei, embora houvesse um pequeno e dolorido sentimento no meu peito quando disse isso. — Mas eu não voarei para Milwaukee.

— 1600 Broadway, # 7C

— Hm?

— Esse é o endereço para o meu apartamento na cidade. 1600 Broadway, # 7C. É onde estarei neste Ano Novo. Se você não tem nada acontecendo e não quer ficar sozinha, é uma curta viagem de trem.

— Eu quero champanhe e varinha de confete. E um chapéu que diz Ano Novo nele.

Seu sorriso estava quente quando sua mão caiu. — Acho que posso fazer esse trabalho, — ele concordou, sentando-se reto. Se ele percebeu ou não, era uma parede que ele estava colocando de volta.

Ele não era Quinton Baird, o cara que estava disposto a passar o Ano Novo com uma alma solitária. Ele era Quinton Baird, meu solucionador.

Respirei fundo, tentando conter a decepção, tentando me lembrar que os amigos não ficavam chateados com essas pequenas coisas.

— Quer voltar? — ele perguntou, mas ele já estava colocando o carro em marcha a ré.

— Sim, rápido, antes que alguém veja isso, — eu disse, apontando para o meu rosto quando ele se virou para olhar pela janela de trás. Leveza, o momento precisava de um pouco.

Mas Quin não me deixaria ter.

— Não diga isso, — ele me disse, o tom de voz implorando e exigindo ao mesmo tempo.

Com isso, voltamos para o escritório em silêncio pedregoso.

Uma parte de mim tinha ideias de confete, uma bola reluzente e risos com champanhe. A outra parte, no entanto, não conseguia superar a frieza do carro, a mudança em apenas uma fração de segundo.

— Olá moça bonita! — Kai cumprimentou de onde estava empoleirado na mesa de Jules, mexendo distraidamente as canetas em seu suporte.

Jules, aparentemente tão distraída quanto Quin alegara, estava folheando alguma papelada.

Quin passou por mim, dedos tocando casualmente meu quadril por menos de um piscar de olhos, depois desaparecendo pelo corredor. Eu me virei para ver as costas dele saírem, uma sensação de queda na minha barriga.

— Hey Kai, — eu disse com um sorriso forçado, quando a mão de Jules bateu na dele, fazendo o som das canetas se moverem imediatamente.

— Pare com isso, — ela exigiu suavemente, parecendo distraída.

Eu não senti falta, no entanto, do jeito que o olhar de Kai caiu, olhando para a mão dela sobre a dele. E, Deus, foi quase doloroso testemunhar o olhar de admiração, esperança e desejo.

Nunca um homem me olhou assim antes.

As chances eram, ninguém nunca olharia.

Então talvez minhas chances de amor profundo fossem próximas de nulas.

Mas isso não significa que eu não poderia torcer por esses dois.

Minivans, cercas brancas e saltos ficando presos nos bastidores de um pequeno jogo da liga.

Havia esperança para o amor no mundo.

Você tinha que apreciá-lo quando o visse, mesmo que não fosse seu.

— Fenway telefonou a cada dez minutos desde que você saiu pela porta perguntando quando a companheira de prisão voltará. Sua última ligação solicitou o jogo Banco imobiliário quando você voltasse — informou Jules. — Onde ele tem a ideia de que teríamos um jogo de... posso ajudá-lo? — Ela perguntou quando uma porta se abriu e fechou atrás de mim, fazendo-me virar para longe, escondendo meu rosto desarrumado.

— Entrega, — o homem nos informou, usando o que parecia ser equipamento de mensageiro de bicicleta, completo com uma grande bolsa preta pendurada ao seu lado, a alça em seu peito reforçada com fita adesiva metálica brilhante.

— Para quem? Eu não tenho notas sobre entregas, — disse Jules, ficando mais ereta.

Em resposta, o homem enfiou a mão na sacola, puxando para fora, um novo jogo embrulho do Banco imobiliário.

— Esse cara é bom, — Kai disse, assinando quando Jules cruzou os braços, claramente não se divertindo. — Você tem que dar crédito a ele por isso, certo? — Ele perguntou, pegando uma gorjeta para o cara, então segurando o jogo de tabuleiro para mim enquanto o homem saía. — Apenas lembre-se, — Kai me disse, tudo sobre ele estava sério. — Park Place nunca é um bom investimento. — Então ele deu um grande sorriso feliz, um que parecia muito comum para ele. Até mesmo uma sem noção como Jules enviou-lhe um meio sorriso antes de voltar ao trabalho.

— Acho que posso contar com Fenway para fazer uma compra tola e ostensiva como essa.

— É isso mesmo. Jogue com as fraquezas dele, — disse Kai, fingindo que um jogo amigável de banco imobiliário era de extrema importância. — Jules disse que ela está fazendo o pedido na *Famiglia* hoje à noite, — disse Kai, referenciando o local italiano de alto nível local. — Talvez eu possa ir e me juntar a vocês.

Havia algo em sua voz, algo muito diferente de Kai, ou parecia ser, mas não era algo que eu pudesse identificar.

— Sim, claro. Quanto mais, melhor.

— Eu não entendo como você continua ganhando! — Eu rosnei uma hora e meia depois, quatro jogos de profundidade em algumas rodadas inesperadamente competitivas de Banco imobiliário.

Eu nunca perdi em jogos de tabuleiro.

Quando meu pai estava vivo, ele insistiu que todas as noites de sábado era noite de jogo de tabuleiro. Nós três e amigos, se eu tivesse algum disponível, sentávamos em torno de uma mesa em nossa sala de estar com Banco imobiliário, Detetive, Jogo da vida, Imagem e ação, Palavras cruzadas, Pictionary, Perfil, Batalha naval, War. Você nomeia,

nós jogávamos. E meus pais não eram da opinião que você deveria deixar as crianças ganharem só porque são crianças. Eu aprendi a perder. E aprendi a odiar perder o suficiente para descobrir como vencer.

O Banco imobiliário, especialmente, era minha especialidade.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que perdi.

E, no entanto, Fenway continuava me batendo sem esforço, parecendo nem mesmo estar prestando atenção total ao jogo, olhando para *Lei & Ordem*: reprisando na TV a maior parte do tempo.

— Isso é o que eu faço, — ele disse, dando-me um de seus sorrisos encantadores.

— Ganhar em jogos de tabuleiro?

— Compra e venda de imóveis, — ele rebateu, os olhos dançando enquanto eu olhava para ele.

— Não é de admirar que você tenha escolhido ele! Aposto que eu iria chutar o seu traseiro em War.

— Não sei, querida. Eu estive em cada um desses continentes.

— Tudo bem. Palavras cruzadas! — Eu insisti, observando enquanto ele arrumava o dinheiro em pilhas para guardar.

— Eu poderia bater em você. Em três idiomas, — disparou de volta, nada sobre ele orgulhoso, apenas transmitindo fatos.

— Eu te odeio tanto agora, — eu disse, balançando a cabeça enquanto ele fechava a caixa, e a joguei sob a mesa de café.

— Má perdedora?

— Não! Não sou. Eu só gosto de ganhar às vezes. — Ou o tempo todo. O tempo todo também era bom. É realmente uma droga perder toda vez que você joga jogos de tabuleiro pela primeira vez em anos.

Se houvesse vida após a morte, meu pai estava lá irritado comigo.

— Oh, isso deve ser o jantar, — declarou Fenway, enquanto o bip do sistema de alarme podia ser ouvido pela porta.

A porta se abriu e entrou Kai, carregando três bolsas e uma garrafa de vinho embaixo do braço.

— Você tem idade suficiente para beber? — Fenway perguntou, pegando-a com um sorriso, indo em direção à cozinha para pegar o saca-rolhas, sabendo exatamente onde estava. Sabe, porque ele esteve no esconderijo aqui mais de uma vez ou duas.

— Ha, — disse Kai, espalhando os recipientes de plástico em toda a mesa de café, depois puxando-a para mais perto enquanto Fenway enchia xícaras de café com o vinho, já que o material de vidro não era algo que eles mantinham estocado ali. — Como você está, moça bonita? — Kai perguntou, sentando-se bem no centro do sofá, aparentemente como uma barreira entre Fenway e eu, mesmo que nós dois ficássemos respeitosa e pressionados em nossos lados do sofá.

— Ela é uma má perdedora, — informou Fenway, entregando-me o meu vinho, depois o de Kai antes de se mover para o lado do sofá e pegar o controle remoto.

— Eu não sou!

— Eu deixaria você ganhar, — disse Kai, batendo em mim com o ombro quando chegou a me entregar o meu ravióli.

— Vocês estão me fazendo parecer patética, — eu disse, balançando a cabeça. — Não, não isso! — Eu quase gritei quando Fenway clicou no *Ultimato Bourne*. Aquele estava de repente fora dos limites. Junto com todos os filmes de *Velozes e Furiosos*. E qualquer coisa de *Stephen King*. — Eu acho que tem sido bastante louca a minha vida ultimamente, — eu fui rápida em cobrir quando os olhos deles caíram em mim, preocupados. — Eu preferiria algo um pouco mais leve, — acrescentei.

— Como quiser, — disse Fenway, voltando a tela e passando para as comédias.

Quando essa rolou os créditos, nossas barrigas se encheram, minha cabeça um pouco zonzinha graças a Fenway sendo um pouco entusiasmado em derramar vinho, e Kai imediatamente sugeriu outro, eu senti de novo. O rebocador, a coisa que eu nunca acreditei.

E quando o segundo filme foi para créditos, e ele sugeriu um terceiro, não havia mais como negar.

Kai estava aqui por um motivo.

Ele estava lá como babá ou distração.

Mas para quem?

Fui salva da minha curiosidade um momento depois, quando Fenway pegou o controle remoto de Kai. — Tudo bem. Eu ou ela?

— O que? — Kai perguntou, fingindo ignorância.

— Por quem você está aqui para manter ocupado, Aven ou eu? Eu duvido muito que você tenha uma necessidade urgente de assistir o *Tirando o atraso* às dez da noite.

— Eu acho que você subestima meu amor por Robert De Niro, — Kai disse.

— Tem que ser ela, certo? — Fenway pressionou. — Quin não dá a mínima se eu ficar louco aqui em cima. Mas ele se preocupa com ela. E ele com certeza não quer que nós dois cheguemos perto. Então você está aqui para distrair e bloquear o pau, estou certo? — Houve um suspiro de Kai, que claramente não iria mentir diretamente nas nossas caras. Você tinha que respeitar isso. — Por que distrair? O que eles estão fazendo?

— Fenway, isso é...

— Alguma coisa está acontecendo com o meu caso? — eu perguntei, talvez um pouco ansiosa demais. Se algo estava acontecendo, envolvia essa mulher. E eu estava preocupada que não teria um bom final.

— Sim. Mas isso é tudo o que posso dizer.

— Você percebe que isso vai deixá-la louca agora, certo?

— O que eu posso dizer? Irrita-me essa coisa de babá. Onde está Ranger quando você precisa dele?

— Na floresta, onde humanos pobres e desavisados não têm que cruzar com ele, eu espero, — disse Fenway, curvando os lábios, os dois claramente não em boas relações.

— Sim. Bem, agora que eu estraguei tudo isso, eu posso descer para caminhar com Jules, não posso?

Com isso, ele deu um aperto no meu joelho, depois deu um pulo para fazer exatamente isso.

— Aqueles dois garotos malucos, — disse Fenway, antes de se virar para mim. — Não há realmente nenhum sentido em suar, querida. Eles fazem o que fazem. Nós sentamos aqui e permitimos que isso aconteça. Esse é o acordo quando nos inscrevemos. Nós não temos

mais nada a dizer sobre como isso é consertado, para aproveitar os benefícios de uma vida limpa de qualquer bagunça em que nos encontramos.

— Sim, mas... — Eu parei, percebendo o que estava prestes a dizer antes que escapasse dos meus lábios.

— Mas o quê? — ele pressionou. — Eu sou um menino grande, eu posso lidar com isso, — ele acrescentou quando eu hesitei novamente.

— Mas a bagunça em que estou não é culpa minha, — eu disse a ele, sabendo muito bem que todas as suas bagunças que ele estava, ele gostava de criar. — Eu não gosto da ideia de alguém lidar com meus problemas por mim.

— Ah, esse é o problema com você, senhorita certinha, — ele disse, dando-me um leve empurrão no termo que meu pai teria usado, palavras que você não ouvia muitas vezes. Na minha testa levantada, ele deu de ombros. — Você sempre teve que fazer tudo sozinha, então você não entende a liberdade que acompanha a delegação de tarefas.

— Liberdade que te dá espaço para foder mulheres casadas, você quer dizer? — Eu perguntei, me encolhendo com o meu tom frívolo, sabendo que eu estava apenas saindo do meu próprio orgulho.

— Oh, diga que não é assim, — ele disse, suspirando levemente. — Eu fui, e de alguma forma irritei a única pessoa neste escritório que ainda não me odeia.

— Você não me irritou. Estou apenas... ansiosa. E cansada, eu acho.

Era apenas um ditado, mas descobri assim que as palavras saíram da minha boca que eram verdadeiras. Eu estava cansada. O tipo que doía o osso. O tipo em que você podia se deitar na cama por dez horas, acordar e ainda estava exausta, que só precisava deitar de novo.

Talvez tudo o que aconteceu estivesse finalmente me alcançando agora que não havia mais nada para me preocupar. Eu estava fora da minha casa, segura. Eu não precisava levantar, ir trabalhar, colocar um rosto corajoso que não sentia.

Eu só tinha que existir.

E apenas existindo deixou um monte de espaço para as memórias voltarem, para a realidade se estabelecer em cima de mim.

— Talvez o vinho esteja indo para a sua cabeça, — ele sugeriu, não fazendo grande negócio disso. — Você deveria ver se você pode descansar um pouco. Você não vai se sentir bem se preocupando. Não, — ele disse quando eu fui pegar os recipientes na mesa de café. — Eu vou limpar.

— O quê? — eu perguntei, sorri calorosamente. — Você não vai aceitar outra pessoa em uma oferta para delegar uma tarefa indesejável?

— Não. Eu vou deixar sua bunda de senhorita certinha ir para a cama, e então eu vou te mostrar que eu sou mais do que um rostinho bonito.

Eu me movi para ficar em pé, estendendo a mão para apertar sua mão, feliz por uma chance de ir para a cama sem limpar, um luxo que eu não tinha tido em toda a minha vida adulta.

— Só pensando. Você sabe, um amigo, — ele disse, fazendo-me voltar no corredor. — Aquela coisa retangular na pia, é o que é referido pelos plebeus como uma ‘esponja’, correto? — ele brincou, incapaz de manter uma cara séria.

— Eu tenho fé em você, — eu disse a ele, dando-lhe um sorriso que pareceu lento no meu corpo cansado. — Boa noite, Fenway.

— Boa noite, Aven, — ele disse de onde estava inclinado, empilhando as embalagens da comida.

Fui para o meu quarto, lavando o rosto, depois cuidadosamente retirando as suturas borboletas, os cortes selaram, mesmo que estivessem vermelhos e feios ainda. As contusões também não eram menos proeminentes. Tentei evitar olhar quando passei pelo espelho durante o dia. Eu não queria ficar obcecada com isso, já que não havia conserto.

Apenas mais alguns dias, eu me lembrei.

Então eles seriam leves o suficiente para cobrir com apenas um pequeno encobrimento e alguma base de cobertura total. Nada mais daquelas coisas que Jules me deu, que eram mais frequentemente usadas para cobrir tatuagens.

Respirei fundo, tirando minhas roupas e entrando no chuveiro, tentando lavar a tensão residual pelo ralo.

Quando a água gelou, minhas pálpebras ficaram pesadas,

fazendo meus pestanejares mais lentos, fazendo com que eu rapidamente escovasse meu cabelo, vestisse uma calcinha e uma camiseta, já que Jules me comprou uma calça de pijama porque ninguém realmente usava mais camisolas, e deitei na cama, embalada pelo som da pia que ficava a alguns quartos de distância, sorrindo um pouco com a ideia de Fenway pegando água, sabão e comida em seus ternos caros.

Eram as pequenas coisas, às vezes, que ajudaram mais.

Então, por volta da meia-noite, eu lentamente adormeci.

Capítulo Dez

QUIN

O que eu realmente precisava fazer uma vez que Aven e eu voltássemos para o escritório era me arrastar de volta para minha casa, tomar um copo de uísque e dormir um pouco.

Realmente, essa foi a única explicação para minhas ações.

Não só contei a ela como estava sozinho no último Ano Novo, algo que nunca teria admitido a mais ninguém, mas depois fui em frente e a convidei para o meu apartamento na cidade para este.

Se ela estivesse sozinha.

Senhor sabia que eu estaria.

Eu geralmente ficava bem longe da Times Square a qualquer momento, desde o Dia de Ação de Graças até o Dia da Marmota. Não queria nada com os rebanhos de turistas indo ver a árvore ou as Rockettes, ou a bola caindo no Ano Novo, usando fraldas adultas, então eles não tinham que tentar encontrar um lugar para fazer xixi a noite toda.

E desde que meu apartamento estava na Broadway, onde as massas se reuniam, sim, não.

Não era onde eu queria estar.

E ainda assim, eu concordei em estar lá.

Por ela.

Que porra foi essa?

Era o que uma semana de cansaço fazia a um homem.

Ou então eu iria em frente e tentaria acreditar.

— Finalmente, — Smith cumprimentou quando entrei no meu escritório.

— Eu tinha meu celular se você precisasse de mim, — eu disse, balançando a cabeça. — O quê? — eu perguntei em sua sobrancelha levantada.

— Não estava interrompendo o seu encontro.

Fodido Cristo.

Eu gostava de trabalhar com uma alta proporção de homens, uma vez que eles tendiam a manter o drama baixo, mas também significava que era preciso suportar as pequenas coisas da vida. Nunca esquecerei a vez em que Kai usou uma camisa listrada para trabalhar e foi chamado de Hamburglar⁹ por três meses.

— O que vem depois, Smith? Beijar sentado debaixo de uma árvore?

Seus lábios se contraíram com isso. — Não me tente.

— O que você precisa de mim?

— Encontrei a irmã, — ele disse, jogando uma pasta na minha mesa. — Mary Hill. Quarenta e oito anos. Nunca se casou. Mora sozinha em um barraco muito parecido com o de seu irmão, mas no terreno da Third Street, apenas cinco ruas nessa direção, — ele disse, acenando com a mão para a esquerda. — Entenda isso, ele disse, folheando as páginas. — Jacob não só estava em terapia desde os dezessete anos, assim como Mary. Eu também não sou psiquiatra, mas acho que isso diz alguma merda da infância fodida.

Se tivéssemos o tempo, e a inclinação, poderíamos cavar, nós poderíamos descobrir exatamente que tipo de trauma foi. Mas neste caso, parecia que não havia razão. Jacob estava morto. Maria, bem, nós tínhamos que ver tudo sobre ela.

— Mude para algo que não parece que você está prestes a ir para uma festa de gala, — disse Smith, balançando a cabeça para o meu terno. — E nós vamos a pé. Dar uma olhada. Talvez ter uma conversa com ela.

Ele não quis dizer conversa em si.

Ele quis dizer uma ameaça agradável e amigável.



Tipo de ameaça, *nós sabemos que você atacou nossa amiga, e é melhor você ficar longe dela.*

Normalmente, era o suficiente para dissuadir as pessoas.

Especialmente mulheres.

— Tudo bem, me dê cinco minutos, — eu concordei, pegando uma camiseta do meu armário e indo para o banheiro. Eu, quase como regra, não me vestia com isso. Quando você era o rosto do seu negócio, o que você apresentava ao mundo dizia tudo que precisavam saber sobre isso. Se você se vestisse como um desleixado, ninguém confiaria em você. E desde que minha vida era o meu trabalho, não havia necessidade de eu ter uma provisão de jeans ou tênis ou merda assim. Ser desleixado para mim, era jogar uma camiseta preta com minhas calças.

Eu parei no caminho de volta, preparando uma dose, bebendo, e deixando queimar todo o caminho.

— Tudo bem, vamos lá, — eu disse, pegando uma arma, colocando-a no cós da minha calça.

Eu não planejava que as coisas dessem errado, mas você nunca sabia o que esperar.

— Você não estava brincando sobre um barraco, — eu murmurei enquanto nos movíamos pela rua tranquila, todas as casas escuras, exceto a que deveria ser branca, mas estava coberta de terra e musgo. Os degraus de tijolos da frente estavam desmoronando, a argamassa que supostamente deveria mantê-los unidos era nada além de um desejo e uma oração neste momento. Uma janela para o lado estava cortada, uma sacola de plástico amarelo brilhante usada para manter o vento frio fora. E provavelmente falhando epicamente.

— Ela está em sua última parcela do seguro desemprego. O dinheiro não é muito fluido agora.

— O que ela fez antes?

— Guarda durante a noite no colégio.

Bom trabalho para uma solitária com alguns problemas de saúde mental.

— Veja algum movimento na parte de trás, — disse Smith, sacudindo o queixo naquela direção, o que era infinitamente melhor do

que ficar na rua onde poderíamos ser notados.

Eu tomei fôlego, lutando contra a minha impaciência, meu desejo de apenas entrar e intervir bem ali. Se este fosse um homem, não estaríamos checando as coisas antes de entrar e distribuir as ameaças.

Ameaçar mulheres, em geral, não eram algo que qualquer um de nós queria assumir. Mas havia momentos em que era necessário.

Este era um deles.

— Merda, — Smith grunhiu, suspirando de onde ele estava empoleirado abaixo da janela, espreitando para o canto onde a cortina estava ligeiramente empurrada.

— O quê?

— Ela deve estar fora de seus remédios.

Eu não tive que perguntar.

Realmente, eu estava trabalhando lado a lado com Smith tempo suficiente para saber exatamente o que ele queria dizer quando ele disse merda assim.

Se Mary Hill estava fora de seus remédios, isso significava que ela estava dando um tempo. Isso significava que ela tinha algo que ela planejava usar para se matar.

Provavelmente, uma arma.

Então agora não estávamos aqui para ameaçá-la, estávamos aqui para tentar impedi-la de se matar.

Apenas quando você pensava que sabia o que esperar no trabalho, as pessoas tinham que ir e ser, bem, pessoas.

— Tudo bem, vamos, — eu disse, suspirando, levando Smith para a porta da frente, batendo um pouco rudemente na minha impaciência.

— Vá embora! — Mary estalou de dentro quando Smith tentou a maçaneta da porta.

— Vamos esperar sair sem buracos de bala, — ele disse antes de abrir a porta e entrar.

Loucura corria na família.

Mas, enquanto seu irmão perseguia mulheres indefesas, Mary apenas colecionava uma merda de bonecos de olhos frágeis e de aparência maligna de alguma época passada. Eles olhavam para você de todos os cantos da sala, empilhados em prateleiras, nas mesas do lado, apoiados ao lado da TV.

Eu juro que a música de circo começou a tocar na minha cabeça enquanto cruzávamos a sala de estar, fazendo a mulher se contorcer, olhos selvagens, um cigarro pendurado entre os lábios.

Meus olhos a percorreram, absorvendo o suor e manchas de comida em suas roupas, o pano sangrento amarrado em torno de sua perna. Eu apostaria bom dinheiro que ela nem sequer pensou em limpar aquela ferida filha da puta. Ela teria uma infecção furiosa no dia seguinte.

— Quem diabos é você? — ela rosnou, agitando a arma ao redor.
— Saia da minha casa.

— Receio que não podemos fazer isso quando parece que você está em um lugar ruim, e segurando uma arma, — argumentei, tentando ignorar a maneira como a boneca à minha direita parecia estar olhando para a porra da minha alma. Não havia nada mais arrepiante que bonecas, cara.

— Porra, você se importa se eu me matar? — ela respondeu de volta, acenando com a mão para fora. — Você não me conhece.

— Nós conhecemos você um pouco. Você é Mary Hill. Você costumava trabalhar na escola.

— Até que esses filhos da puta sugeriram que eu me aposentasse. — Ela não se aposentou, no entanto. Ela estava no desemprego. — E quando eu não me aposentei eles me demitiram. Reduzindo funcionários, minha bunda! Eles contrataram três novos guardas noturnos depois que eu saí.

— Bem, se eles não puderam apreciá-la, Mary, foi bom que você tenha saído, — Smith tentou, sua voz um pouco mais paciente do que a minha.

— Não tente me bajular, seu maldito J.Crew parecendo filho de uma cadela.

Adorável.

Também completamente fora da realidade, se ela pensasse que

Smith poderia ser modelo para J.Crew. Ele era mais um tipo de vida ao ar livre.

— Cristo, — Smith sussurrou em voz baixa, e eu tive que segurar um sorriso.

— Olha, Mary, — eu tentei. — Nós apenas queremos...

— Pare de dizer meu nome como se fôssemos amigos. Nós não somos amigos. Nunca vi suas caras feias na minha vida. Saia da minha casa antes que eu coloque buracos em vocês.

— Temo que não podemos sair quando parece que você vai se matar, — eu disse, indo direto, já que parecia mais sua velocidade.

— Não é da sua conta se eu faço ou não. É a minha vida viver ou terminar. E que porra eu tenho? Huh? Huh! Sem emprego. Sem amigos. Meu irmão está desaparecido. E aquele cachorro idiota...

— Controle-se, — Smith murmurou baixinho para mim.

— Você realmente deveria ter essa perna olhada, — eu disse, os dentes cerrados.

Realmente, o que estávamos fazendo aqui?

Ela não estava exatamente errada.

Era a vida dela.

— Foda minha perna, — ela gritou. — E foda-se vocês. Saiam da minha casa antes que eu chame a polícia!

— O que estamos fazendo aqui, chefe? — Smith perguntou quando Mary avançou para nós, arma levantada, olhos selvagens, tudo sobre ela dizendo que ela era completamente capaz de nos atirar naquele momento.

— Mary, — eu tentei uma última vez, sibilando minha respiração quando uma bala passou pela minha orelha, alojando-se no batente da porta com um ruído sólido.

— Eu disse vá!

E, na verdade, não havia muita escolha no assunto quando começassem a filmar, a menos que planejássemos atirar nela.

Que nunca esteve no plano.

— Tudo bem, estamos indo, — eu concordei, batendo no peito de Smith para que ele saísse primeiro, depois indo para fora com ele, observando Mary bater à porta, olhando para nós pela janela.

— Puta merda, ela está desequilibrada.

— Nós vamos ter que denunciar isso anonimamente, — eu concordei quando descemos a rua.

Ela estava completamente louca.

Ela precisava de um período de quarenta e oito horas para ser avaliada antes de machucar alguém. Com seu nível de raiva em relação a eles, a escola não parecia estar completamente segura com ela desequilibrada e manejando uma arma.

Smith pegou o celular descartável de reserva que ele tinha, nos primeiros dois dígitos de 9-1-1, planejando dar uma dica anônima sobre uma mulher louca atirando em sua arma.

Mas mesmo quando ele moveu o dedo para apertar o botão, um tiro soou, ensurdecendo no ar ainda a noite, fazendo-nos sacudir levemente, voltando, medo enchendo nossos estômagos.

Não houve mais nada.

Nenhum outro som.

Smith se moveu primeiro, girando nos calcanhares e voltando para uma corrida para os fundos da casa. — Merda, — ele sussurrou, exalando.

— Deveríamos chamar uma ambulância? — eu perguntei, pegando meu telefone. Um bom percentual de pessoas que pegavam uma arma para si mesmas não acabava encontrando suas sepulturas. Eles simplesmente tinham pedaços retirados de seus rostos ou cabeças e, geralmente, uma nova apreciação da vida.

— Ela engoliu, — disse Smith, colocando o telefone longe. — A porra do seu cérebro está em todas as cabeças de boneca, — ele acrescentou, fazendo-me encolher com o visual enquanto nós rapidamente saímos da rua lateral, não querendo que ninguém que ouviu os tiros pudessem nos nomear.

— Como foi... oh, cara, — cumprimentou Kai, esperando ao lado da mesa de Jules por nós, embora eu pedisse a ele para manter Aven ocupada por algumas horas.

— Ela saiu da equação, — eu lhe disse, exalando forte. Que porra de semana. Duas pessoas mortas. Uma mulher tendo que viver com o peso disso, mesmo que nada disso fosse culpa dela.

Isso significava, no entanto, que tudo acabara para ela.

De maneira permanente.

Ela poderia voltar para sua vida, sem medo de quaisquer consequências, nada que pudesse levar de volta a ela.

Os policiais encontrariam o corpo.

Um suicídio óbvio, não haveria como cavar, não havia necessidade de nos preocuparmos com alguma história em um diário sobre a garota que seu irmão estava perseguindo.

Foi feito.

Seu problema foi corrigido.

— Você precisa dizer a ela, — Kai disse, me observando. — Ela sabia que algo estava acontecendo e não estava feliz em ser tratada com luvas de pelica.

— Vá em frente, — disse Smith, assentindo. — Eu informarei todo mundo. E leve Jules para a limpeza quando ela voltar logo pela manhã.

Eu balancei a cabeça para ele, fazendo o meu caminho pelo corredor, em seguida, indo para o andar de cima.

E quando fiz meu caminho pelo corredor até o quarto dela, percebi algo que me parou no caminho.

Se seu problema foi resolvido, então ela terminou aqui, ela terminou comigo.

Ela voltaria para sua vida.

Eu voltaria para a minha.

E isso era o fim.

Não havia explicação para a sensação estranha de soco que senti com nessa compreensão.

Era quase o suficiente para me fazer querer me afastar, esperar mais um ou dois dias para contar a ela.

Mas eu não podia fazer isso.

Eu devia a ela dar-lhe a informação agora, não deixá-la se preocupar mais um dia.

E, bem, eu era um profissional do caralho, isso fazia parte do trabalho. Era assim que funcionava, eu encerrava um caso para poder passar para o outro.

Simples assim.

E, no entanto, pela primeira vez, parecia tudo menos simples.

Capítulo Onze

AVEN

A batida me acordou.

Grogue, um pouco confusa, olhei para o meu telefone, incapaz de dizer se era onze horas da noite, ou onze da manhã.

A batida soou novamente, fazendo-me piscar lentamente o sono dos meus olhos.

— Eu quero uma revanche, — chamei, imaginando que era Fenway.

Mas então a porta se abriu, me fazendo perceber que eu tinha esquecido de trancá-la. Eu estava um pouco confortável demais neste lugar.

Não era Fenway.

Não.

Quin estava em pé na minha porta, a luz do corredor atrás dele lançando seu corpo na sombra como um anjo escuro e vingador.

— Revanche? — ele perguntou, alcançando a parede para acender a luz, fazendo-me piscar forte contra a mudança dura.

Não foi até o seu olhar que eu percebi que devia ter me chutado no sono, porque os lençóis estavam enrolados em volta das minhas panturrilhas, deixando minhas coxas, até a linha da minha calcinha, expostas.

Meu cabelo um pouco úmido estava ao redor dos meus ombros, o tecido da minha camiseta embaixo molhada e fresco, fazendo um arrepio percorrer através de mim.

— Ah, sim. Fenway me bateu no Banco imobiliário quatro vezes, — eu admiti, franzindo o nariz, ainda um pouco amarga sobre isso.

Para isso, uma pequena risada rolou através dele quando entrou,

fechando a porta. — Se é algum consolo, ele perde no pôquer. Perde toda vez.

— Eu vou manter isso em mente, — eu disse enquanto ele continuava avançando, parecendo estar vindo em direção à cama para se sentar.

Ele parecia exausto.

Profundamente cansado.

O tipo de sono privado que dizia que quando ele caísse, ele ia bater com força.

Eu puxei meus joelhos para o meu peito, abrindo espaço para ele.

— Está tudo bem? — eu perguntei, observando enquanto ele se sentava, olhando para a parede enquanto passava a mão pelo seu rosto.

— Depende da sua definição de bem, — ele meditou, virando-se sobre o ombro para olhar para mim, seu rosto ilegível, fazendo-me perceber que ele estava certo, eu nunca iria vencê-lo em um jogo de cartas.

Minha perna moveu, meus dedos deslizaram em sua coxa, fazendo seu olhar ir lá por um minuto antes de sua cabeça se levantar. — Encontramos a casa da irmã.

— E você foi lá, — adivinhei.

— Nós estávamos planejando falar com ela. Ameaçando-a para ficar longe na pior das hipóteses.

— Mas? — eu perguntei, apertando o estômago.

— Os dois pareciam estar lidando com alguns problemas de saúde mental há muito tempo estabelecidos. Acho que a irmã está em uma espiral descendente há meses. Quando chegamos lá, ela estava reclamando, andando com uma arma.

— Oh, Deus... você não precisava... — Eu parei, incapaz de forçar as palavras para fora.

— Não, querida, — ele disse, estendendo a mão, colocando uma mão no meu joelho nu. Este momento foi sério, gravemente. Eu não deveria ter sentido nada, certamente não uma faísca que começou no contato e disparou para cima entre as minhas pernas, fazendo minhas

coxas pressionarem juntas enquanto meu sexo apertava com força. — Nós na verdade entramos para conversar com ela. Em nossos negócios, manter a contagem de corpos baixa é geralmente uma prioridade muito alta.

— Ela sabe disso...

— Não, — ele me cortou, balançando a cabeça, dando um aperto no meu joelho que era para ser reconfortante, mas meu corpo confuso decidiu interpretar de forma diferente. — Honestamente, ela estava tão fodida, Aven. Eu não acho que ela realmente considerou quem nós éramos. Apenas se enfureceu e delirou. Então atirou em mim e nos expulsou.

— Ela atirou em você? — eu gritei, indo em direção a ele, procurando, bem, feridas de bala, eu acho.

Quando minha vida chata começou a envolver procurar sangramento, feridas abertas nos corpos de homens lindos?

— Ela errou, — ele disse, mas havia uma pequena irritação em suas palavras que *adicionaram apenas* a sua sentença. Ele quase foi baleado por minha causa. — Mas esse foi o golpe final. Você não pode raciocinar com a loucura. Nós íamos chamar a polícia para ela ir ao hospital. Ninguém iria acreditar em suas divagações de qualquer maneira.

— Ok, — eu disse, respirando, sentindo-me relaxar um pouco. Isso não foi tão ruim. Quero dizer, se ela estivesse fora de si, seria melhor para estar com profissionais licenciados que saberiam como lidar com ela.

— Nós não tivemos a chance, — ele me disse, encolhendo os ombros. — Estávamos na metade da rua e ouvimos o tiro.

— Não, — eu disse, balançando a cabeça, não querendo aceitar isso, não querendo outro corpo na minha consciência.

— Isso não foi sua culpa, querida. Ambas as pessoas tinham problemas de saúde mental ao longo da vida. Você não pode manter as pessoas em uma panela de pressão como essa. Elas eventualmente explodem se não conseguem encontrar a ajuda certa. Essas pessoas, infelizmente não podiam, não tem nada a ver com você.

— Eu *o matei*, — insisti, sendo a primeira vez que eu disse em voz alta. O gosto era amargo e metálico na minha língua. Limão e metal. Uma combinação que fez meu estômago torcer dolorosamente.

— Ele ia te estuprar. E possivelmente matá-la também, Aven. Eu não dou a mínima para o que diz alguma besteira da lei. Quando alguém quer machucar você, você tem um direito dado por Deus para se proteger por qualquer meio necessário. Caso fechado porra. Você fez o que tinha que fazer. É uma porcaria que você teve que fazer. A razão pela qual você teve que fazer isso foi que esse cara era atrapalhado da cabeça, e não conseguiu a ajuda certa para isso.

Meu olhar baixou, tentando esconder o fato de que eu não conseguia concordar com ele do jeito que ele queria, o modo como uma vida inteira trabalhando em um negócio obscuro permitia que ele pensasse. Eu não discordava que o homem era louco.

Eu obviamente não me culpei pelo que ele fez.

Mas não conseguia me livrar da sensação de culpa que me atingiu em ondas aqui e ali. Para ele. E agora, para ela também, eu acho.

— Ei, — disse Quin, voz baixa, quase reconfortante, enquanto suas mãos se moviam, me agarrando sob os joelhos, e me arrastando para frente até que minhas pernas cobriram as dele, até que eu estava ao alcance. Seus braços se moveram ao meu redor lentamente, me arrastando contra seu peito, sua bochecha descendo no topo do meu queixo. — Vai melhorar, — ele me assegurou.

— Quando? — eu perguntei, nem mesmo fingindo que não estava derretendo nele. Eu nem tentaria. Era bom demais ter seus braços fortes ao meu redor, seu peito sólido contra mim, seu hálito quente no topo da minha cabeça.

— Não sei, querida, — ele disse, sua mão caindo de onde estava enrolada em volta do meu braço, movendo-se para acariciar suavemente minha coxa até meu joelho, depois de volta novamente. Suave, doce. Não é expectante. Não exigente. Apenas um toque inocente, mesmo. — Mas algum dia, não será a primeira coisa em que você pensa. E então não será a décima coisa em que você pensa. E então você passará dias, semanas, sem pensar sobre isso. A vida chega rápido a você. Quando isso acontecer, isso não passará de um pensamento sobressalente nesse laço vicioso em sua cabeça em momentos baixos. Nada mais. Não será assim por muito tempo.

— Promete? — eu perguntei, mais necessitada do que já tinha sido antes, inclinando a cabeça para olhar para ele, para procurar uma mentira em suas palavras.

— Eu prometo.

E não havia mentido.

E eu de alguma forma acreditei nele.

— Certo, — eu me ouvi sussurrar, a pressão no meu peito muito apertado para controlar qualquer coisa mais forte como meu corpo parecia mover sem que eu dissesse, por conta própria, me levando junto para o passeio enquanto eu ia mais longe, meio em seu colo, permitindo que meu joelho encontrasse o colchão ao seu lado, então meu outro joelho para encontrá-lo em seu lado oposto.

— Aven... — Ele tentou, mas sua voz já estava áspera, seus olhos se aqueceram.

Meus quadris afundaram em seu colo enquanto minhas mãos encontravam uma nova casa em seus ombros, parecendo equilibrada ali, esperando por permissão, um sinal de que ele estava junto também, que ele estava lutando com isso também, que isso ia acontecer seja lógico ou não.

Seus braços hesitaram, pesados para os lados por um longo momento antes de se levantarem, suas mãos os fortes deslizando pelos meus quadris, depois pelas minhas costas, cruzando os braços ao redor da minha bunda, me arrastando para mais perto.

— Seu lábio está cortado, — ele disse, com a voz embargada de pesar.

Meu lábio era a última coisa em minha mente. Ele poderia abrir de novo pelo que eu me importava, contanto que a pressão impossível na minha parte inferior do estômago pudesse ser aliviada, o tremor no meu peito justificado.

Minha cabeça inclinou para cima, minhas mãos deslizando para a parte de trás de sua cabeça, puxando-o para mais perto, selando meus lábios nos dele suavemente, docemente, o único tipo de beijo que meu lábio permitiria.

E assim que senti o contato, soube que era o suficiente. Aqueceu, chiou, moveu-se para baixo em minha mandíbula, garganta, peito, em minha barriga, onde se estabeleceu com uma sensação quente e turbulenta de que você poderia me embebedar, ficar viciada.

Sua língua se moveu, provocando a costura de meus lábios por um segundo, procurando entrada, que eu me permiti em um pequeno suspiro, minha cabeça caindo para trás, meus seios pressionando mais em seu peito, os mamilos endurecendo, o peso deles de alguma forma

sentindo como se estivesse aumentando.

Sua língua deslizou para a minha, o contato fazendo meus quadris balançarem, esmagando-o, deixando-me sentir a prova de que sua necessidade era tão premente quanto a minha, seu pau duro lutando contra os limites de suas calças, pressionando o material da minha calcinha, já molhada de necessidade.

Em um gemido necessitado, meus quadris se afastaram, então se enterraram novamente nele, precisando do atrito, precisando da doce promessa de liberação.

Sua mão deslizou para baixo, os dedos cavando a carne macia da minha bunda, me arrastando para mais perto, fazendo seu pênis deslizar para cima, pressionando o meu clitóris com cada passagem.

— Quin, — eu choraminguei contra seus lábios, sentindo-o se afastar, mas só assim ele poderia abaixar a cabeça, correndo os lábios para baixo do lado do meu pescoço, provocando um tremor através do meu sistema enquanto sentia a ponta da sua língua provocando a pele sensível, enquanto sua barba raspava em sua esteira, uma combinação que aumentou ainda mais a minha necessidade, até que parecia uma coisa arranhando, como uma sensação emocionante em meu estômago e mais baixo. — Por favor, — eu implorei, com as mãos deslizando de seus ombros, para baixo sobre seu peito, seu estômago, agarrando a bainha de sua camiseta, e tentando arrastá-la para cima.

Ele recuou, pegando a parte de trás de sua camisa, ajudando-me a arrastá-la, sibilando enquanto meus dedos gananciosos se moviam sobre seu peito, então entre os gominhos de seu abdômen, sentindo-os se contorcerem levemente sob o meu toque, enviando outra dose de desejo para o meu núcleo, encontrando-o quase insuportavelmente quente por saber que eu poderia afetá-lo, mesmo que um pouco como ele me afetava.

Suas mãos deslizaram ao meu lado, depois pelas minhas costas, alcançando até que ele agarrou a parte de baixo da minha camiseta.

— Braços para cima, querida, — ele exigiu, voz toda roca e grave. Em seu desejo, um som que eu sabia que ouviria em meus sonhos todas as noites pelo resto da minha vida. Meus braços ficaram pesados, levantando-se devagar demais até ficarem eretos no ar. Eu esperava que suas mãos fossem tão gananciosas quanto as minhas, para agarrar o tecido e arrastá-lo impacientemente. Mas de alguma forma, no calor do momento, ele encontrou paciência, avançando o tecido para cima, olhos absorvendo cada centímetro de pele à medida que ficava exposto, como

se eu fosse um presente que valesse a pena desembulhar, como se cada parte de mim fosse digna de sua maior atenção. A camiseta deslizou sobre a minha barriga, através dos meus mamilos, em seguida, finalmente para os meus braços, descartada descuidadamente no chão ao lado da cama.

— Porra, — ele rosnou, balançando a cabeça enquanto seus olhos se moviam para baixo, me absorvendo.

Seus dedos sussurraram em meus lados, fazendo cócegas em minhas costelas, em seguida, arrastando um caminho para dentro, as pontas de seus dedos provocando a parte inferior macia dos meus seios antes de suas largas palmas se fecharem completamente sobre as ondas, dedos curvando, cobrindo minha pele.

Eu também me senti assim, exposta.

Naquele momento, eu era tão dele quanto ele.

Se apenas por enquanto.

Seus dedos se moveram para os lados, permitindo que seus polegares passassem pelos botões endurecidos dos meus mamilos, trabalhando-os em círculos suaves até que se esticaram tanto que a tensão era dolorosa.

Então e só então sua cabeça mergulhou quando ele me arqueou ligeiramente para trás para que seus lábios pudessem se fechar em torno de um dos picos, sugando profundamente, rolando sua língua ao redor até que eu estava choramingando, até que meus quadris estavam um ritmo desavergonhado e insistente contra o seu pau.

Sua boca moveu, criando o mesmo tormento em meu outro mamilo enquanto a pressão parecia se estabelecer em profundidade, torcendo, apertando, ameaçando explodir, para me deixar em pedaços depois.

— Quin, por favor, — eu implorei, empurrando seu peito, deixando espaço para minhas mãos deslizarem por seu estômago, e encontrar o botão e zíper de suas calças, trabalhando com dedos desajeitados, frustrantemente pegando o material por um segundo antes finalmente se soltou.

Minha mão deslizou para dentro, palma se fechando sobre a cabeça de seu pau sobre sua cueca boxer, uma gota de umidade lá que fez meu sexo apertar com força.

Meus dedos se moveram para cima, tentando agarrar o cós da cueca, querendo arrastá-la para baixo, libertá-lo, deixar-me finalmente senti-lo deslizar dentro de mim, pôr fim ao tormento.

— Espere, meu bem, — ele disse, com a voz mais profunda do que um momento antes, enquanto suas mãos afundavam em meus quadris, empurrando-me, deslizando-me de seu colo para o lado na cama.

Eu me movi para sentar, para tentar alcançar suas calças e cueca enquanto ele se torcia para se ajoelhar nas minhas coxas. Mas a mão dele pressionou minha barriga inferior, mantendo-me imóvel, pedindo-me para ficar parada.

E com a fome que eu vi em seus olhos quando suas mãos foram para o pequeno tecido de seda que estava me cobrindo, eu sabia melhor do que lutar contra algo como o que ele tinha planejado.

O material deslizou pelas minhas coxas, panturrilhas, fora dos meus tornozelos, apenas uma fração de segundo antes de suas mãos pressionarem minha parte interna das coxas, espalhando-as na cama e seu corpo abaixado.

Sua língua deslizou pela minha fenda escorregadia. Um tremor passou por todo o meu corpo enquanto seus lábios se fechavam em torno do meu clitóris, sugando com força, me fazendo sentir que ia gozar ali mesmo antes de me afastar, permitindo que sua língua traçasse através do ponto sensível, levando-me para cima rapidamente.

Meus dedos se enrolaram nos lençóis ásperos de algodão enquanto meus quadris empurravam levemente em sua boca, enquanto seus dedos saíam da minha coxa e se moviam entre, pressionando contra minha boceta por um longo momento antes de deslizar para dentro, empurrando preguiçosamente, oferecendo o atrito que precisava mais do que eu precisava do meu próximo suspiro.

— Não, — eu lamentei, batendo minha mão na parte de trás do seu pescoço quando ele se afastou, tentando segurá-lo onde eu precisava dele, implorando pelo fim do tormento.

— Shh, — ele disse, movendo-se para pressionar, as mãos deslizando até as cinturas de sua calça e cueca boxer, levando todas as minhas objeções à ideia de vê-lo gloriosamente nu, sentir seu corpo pressionado contra o meu, deslizando no meu.

Ele se moveu para o lado da cama, tirando a carteira da calça antes de descartá-la, pegando uma camisinha enquanto meus olhos

passavam por ele, observando cada linha dura de músculos, a dura e dura presença de seu pau, prometendo.

Sua mão moveu-se para baixo, acariciando-se uma vez antes de fazer um curto trabalho para nos proteger, então sentando ao lado da cama, estendendo a mão para o meu quadril, — Venha aqui, — ele exigiu suavemente, me ajudando, puxando até que eu estivesse escarranchando-o mais uma vez. — Abra, — ele exigiu, deslizando os dedos pelas minhas costas, cavando meu traseiro ligeiramente, puxando meu corpo para cima para que eu pudesse me mover para frente, e deixar seu pênis deslizar pela minha fenda até senti-lo pressionando contra a entrada do meu corpo.

Meus olhos foram para seu rosto, encontrando seu olhar profundo já no meu, penetrante, parecendo ver em todos os cantos de mim.

Em uma exalação instável, meus quadris se moveram para baixo, sua dureza pressionando para frente, deslizando dentro de mim. Meus lábios se separaram em um gemido quando abaixei devagar, sentindo cada centímetro espesso me alongar, me reivindicando como dele de um jeito que de alguma forma me senti nova, como algo que eu nunca tinha experimentado antes.

— Porra, querida, — ele rosnou quando eu o peguei completamente, parando para respirar, deixando o momento entrar. — Monte-me, — ele exigiu, os dedos esmagando em minha bunda, seu corpo tenso, tão necessitado de liberação como eu.

E com isso, meu corpo parecia lembrar o quanto precisava disso, levantando-se, movendo-se, montando-o devagar no começo, depois mais rápido, minhas mãos pousando em seus ombros para segurar.

Meus suspiros se transformaram em choramingos que mudaram para gemidos. Sua respiração ficou irregular, seu corpo ficando mais apertado. Um músculo marcou em sua mandíbula quando senti minhas paredes começarem a apertar.

— Goze, Aven, — ele exigiu, usando minha bunda para me guiar, levando-o mais e mais rápido quando o orgasmo começou a se elevar, apenas uma onda enrolada onde nossos corpos se encontraram por um longo momento antes de eu levantar, então o levei profundamente novamente quando a tensão estourou, enviando as ondas através do meu sistema, quase alarmando com sua intensidade, fazendo-me gritar seu nome, caindo para frente, enterrando meu rosto em seu pescoço enquanto ele empurrava para cima de mim, arrastando-o para fora,

ordenhando tudo que valia a pena antes de sentir a completa rendição do meu corpo, e encontrar sua própria libertação. Meu nome era como uma oração em seus lábios, um som mais sagrado do que qualquer coisa que eu já tinha ouvido antes.

Seus braços deixaram minha bunda, enrolando em volta de mim, me segurando em seu peito enquanto eu lutava para encontrar minha respiração, para voltar completamente para o meu corpo.

A umidade na minha pele esfriou no ar, fazendo um arrepio percorrer através de mim, e os braços de Quin para me apertar, antes de liberar, me tirando de cima dele. Senti a perda de seu corpo como uma pontada quando ele me acomodou na cama e puxou os cobertores para me cobrir.

— Volto já, — ele disse, desaparecendo no banheiro por um momento enquanto eu me enrolava de lado, respirando fundo, percebendo o que tinha acabado de acontecer. Eu dormi com ele.

E, estranhamente, no rescaldo, parecia um bocado de adeus.

Meu caso acabou.

Eu estava segura para voltar para a minha vida.

E isso significava que eu não tinha mais motivos para ficar aqui, vendo Quin.

Ele voltaria a trabalhar, viajando pelo mundo todo.

Eu, bem, ficaria presa em Navesink Bank, voltando à minha antiga vida.

O único problema era que agora eu sabia que havia algo faltando, algo que tinha me convencido de que não precisava mais.

E eu tinha certeza de que não era apenas companhia, um homem em geral.

Não.

Eu acho que era Quinton Baird.

Como se pensasse que seu nome o chamasse de volta, ele saiu do banheiro, apagando as duas luzes antes de caminhar em direção à cama.

Eu recuei, abrindo espaço, não tendo percebido até aquele

momento que ele realmente ficaria. Não parecia que homens como Quin passassem a noite depois do sexo.

Mas talvez eu não soubesse o suficiente sobre o homem para chegar a tais conclusões.

Ele se moveu sob as cobertas, colocando-se de costas, em seguida, jogando um braço para fora, enrolando-o em volta do meu corpo e arrastando o lado bom do meu rosto para o peito. Seu braço se estabeleceu como uma âncora em torno dos meus quadris, impedindo a retirada, mesmo que fosse algo que eu quisesse. O que eu não queria. Porque o batimento cardíaco dele estava embaixo do meu ouvido, forte, claro, constante, e foi o som mais suave que eu já ouvi na minha vida.

Debaixo de mim, seu corpo se afrouxou, sua respiração ficou profunda e até mesmo com o sono, desmaiando mais rápido do que qualquer um que eu conhecido antes. Mas parecia que ele não tinha conseguido uma boa noite de descanso em dias, ou semanas, e o sexo provavelmente só tirou a pequena reserva que lhe restava.

Eu fiquei acordada um pouco mais, o dedo gentilmente traçando as linhas de seu corpo, de alguma forma querendo guardar todos eles para a memória, uma parte de mim sabendo que esta era a primeira e também a última vez que nós ficaríamos assim.

Mesmo quando adormeci, a ideia veio com uma pontada, monótona e insistente.

Eu acordei com uma sensação de cócegas no meu nariz, fazendo-me amassar e expirar bruscamente, tentando fazê-lo parar, meu cérebro não estava pronto para ficar acordado. Mas quando essa ação foi recebida com uma risada que ressoou até o meu peito, a atenção veio em mim em um flash ofuscante.

Eu estava na cama.

Descansando em Quin.

Porque ele passou a noite.

Depois que fizemos sexo.

E essa sensação de cócegas era uma mecha do meu cabelo em suas mãos, correndo sobre a ponta do meu nariz.

Eu pressionei, olhando para ele, um pouco irritada com o quão sexy ele poderia parecer na primeira hora da manhã, quando eu provavelmente parecia um troll, meu cabelo todo, meu rosto provavelmente vincado com pequenas linhas do cabelo no peito que eu adormeci.

— Você parecia um touro zangado, — ele me informou, com um sorriso caloroso, mais aberto do que eu já vi antes.

— Você sabe, você poderia ter acabado de chamar meu nome.

— Onde estaria a diversão nisso? — ele perguntou, encolhendo os ombros, passando o dedo pelo meu nariz.

Ele parecia descansado. Ele estava tão barbado como sempre, mas os círculos sob seus olhos se foram, e havia uma suavidade em suas feições que não estavam lá desde que eu o conheci.

— Que horas são? — eu perguntei, a única janela neste quarto era no banheiro.

— Seis.

— Seis? — eu recuei, deixando a minha testa cair de novo no peito dele. — Por que você está acordado? Por que você está me fazendo acordar? Seis da manhã ainda é hora de dormir.

Outra daquelas risadas reverberaram e se moveram deliciosamente através de minhas entranhas.

— Seis da manhã está dormindo, — ele corrigiu, dobrando-se um pouco, rolando-me para o lado. — Estamos queimando a luz do dia.

— Oh, pendure a luz do dia, — eu resmunguei quando a cama mudou, então pulei quando ele se levantou.

— Quer compartilhar um banho? Ser verde¹⁰ e essas coisas? — ele perguntou, parado na porta do banheiro, ainda gloriosamente nu, sem uma gota de autoconsciência, um sorriso sexy puxando seus lábios. — Eu lavo suas costas. E sua frente.

— Ugh, você é malvado, — eu disse, me alongando, depois me

¹⁰ Expressão usada para economizar água e energia. Preservar o meio ambiente.

movendo para ficar de pé. — Subornando-me para me levantar nesta hora ímpia.

Mas eu o segui, deixando-o me puxar para o chuveiro, pressionando um beijo suave de boca fechada nos meus lábios, uma vez que nenhum de nós tinha escovado ainda.

Suas mãos tinham acabado de deslizar para a minha bunda quando houve uma batida na porta do corredor, seguido pela voz clara de Gunner em todo o espaço, alto como poderia ser. As pessoas na rua provavelmente poderiam ouvi-lo.

— Ei, Quin. Traga sua bunda aqui. Não há tempo para uma foda matinal. Alguém acabou de bombardear o Porsche de Fenway.

Fiquei chocado com essas palavras, com o que parecia ser a verdade delas, a realidade de que esse era o tipo de coisa com que ele lidava diariamente em sua vida.

— Porra, — ele rosnou, pegando o sabonete, esfregando bolhas em cada centímetro de pele e cabelo de alguma forma em menos de um minuto, depois virando sob a água para lavá-lo. — Desculpe, querida. Preciso ir a uma reunião, — ele disse, tocando meu quadril no caminho, envolvendo uma toalha em volta da cintura, depois desaparecendo no quarto.

Havia uma pequena mochila na prateleira de cima do armário. Fenway me disse quando eu perguntei que elas estavam em todos os quartos, apenas uma simples troca de roupas para vestir, caso precisassem delas, camisetas e calças genéricas.

Quin provavelmente tinha um terno completo no andar de baixo, gravata e tudo.

Eu respirei fundo, lutando contra a decepção, em seguida, tomando o meu tempo esfregando meu corpo, escovando os dentes e cabelos, então finalmente me vestindo, e fazendo o meu caminho para a sala comum.

Fenway tinha ido embora, provavelmente tendo que fazer parte da reunião em relação ao seu carro, que provavelmente custou mais do que a minha casa.

Eu não tinha certeza do que deveria fazer comigo mesma. Meu caso acabou. Eu não precisava mais do esconderijo. Eu poderia voltar para a minha vida. Mas eu tinha um rastreador no meu tornozelo. E não conseguia sair do quarto sem alguém digitar um código.

Imaginando que era uma eventualidade que viria cedo demais, voltei para o meu quarto, dobrando cuidadosamente todas as minhas roupas limpas em uma sacola de compras reutilizável que Jules havia fornecido, e uma sacola plástica que encontrei na cozinha.

Então fiz uma xícara de café e sentei-me na sala de estar, fingindo estar assistindo TV, mas apenas revirando os acontecimentos dos últimos dias.

Sua vida pode mudar em um instante.

Eu acho que nunca tinha percebido isso antes, tendo sempre feito tudo de acordo com um plano, nunca assumindo riscos, nunca saindo do limite. Nada realmente aconteceu, então minha vida tinha sido a mesma por muitos anos.

Então mudou tudo de uma vez.

Era assustador, estranho e desconfortável.

Mas também estranhamente estimulante, revelador.

E agora eles iam me dizer que eu tinha que voltar para a minha antiga vida, manter meu antigo status quo.

A única coisa mais triste que isso era perceber que Quin não estaria mais por perto também.

Claro, isso era novo. Ele era novo para mim, mas isso não mudou o fato de que eu me senti conectada, talvez até um pouco ligada.

— Ugh, — eu rosnei, pulando para cima, olhando para as janelas da frente, o vidro um pouco mais grosso que o normal, então achei que era resistente a balas.

Eu não queria ser aquela garota, aquela que via anéis e ouvia sinos de casamento só porque dormiu com alguém.

Eu simplesmente não conseguia me livrar da sensação de que era mais do que isso, mais do que o sexo. Foi uma sensação de puxão no meu interior, algo parecido com o que senti naquela manhã quando acordei e sabia que meu perseguidor ia se tornar mais do que isso.

Um pressentimento.

Algun fenómeno que nunca existiu em minha vida até recentemente.

Antes que eu pudesse considerá-lo demais, havia passos na escada, depois o bipe do teclado enquanto alguém pressionava os dígitos.

Eu me virei, a barriga tremulando ligeiramente, esperando Quin.

Mas Fenway e Gunner entraram no espaço.

— Hei, querida, — Fenway cumprimentou, sua voz e rosto perdendo um pouco de seu brilho e encanto, a reunião claramente tirando alguma coisa dele. — Desculpe por tudo isso, — ele disse, descendo o corredor, estranhamente mal-humorado, entrando em seu quarto.

Deixando-me com Gunner.

— Todos, menos eu, estão de pé em uma hora, — ele me disse, arrancando o curativo imediatamente. — Eu tenho o prazer de ficar para trás para cuidar de Fenway e Jules. Você tem as suas coisas? Eu tenho o seu vira-lata esperando lá embaixo. Ah, e a propósito, — ele disse enquanto eu saía porque havia uma picada incaracterística em meus olhos, e Gunner era possivelmente a última pessoa que eu queria ver isso: — Eu mudei seu óleo. Você sabe que a luz não é enfeite né?

— Obrigada, — eu resmunguei, indo para o meu quarto, fazendo o meu caminho para a pilha de pertences na cama.

Uma visão da noite anterior brilhou diante dos meus olhos, me fazendo precisar respirar fundo e tentar abafar os sentimentos que acompanhou.

Não foi até ouvi-lo falar que percebi que Gunner havia me seguido. — Ele não deveria ter ido lá, — ele disse, fazendo-me saltar e virar meio-culpada. — Não com você.

— Puxa, obrigada, — eu disse, sem me incomodar em deixar meu tom amigável. — Além disso, não é da sua conta.

— Não, não é, — ele concordou. — Mas aqui está você depois que ele cruzou a linha, e você está chateada com isso. Eu gostaria de poder te dizer que você vai ter corações e flores, Aven. Mas você não vai. Isso é duro, e você pode pensar que eu sou um filho da puta o quanto você quiser, eu sou, mas não vou mentir para você, sua melhor aposta é pegar sua merda e seu vira-lata, entrar no seu carro, e esquecer que você precisou consertar sua vida, esquecer que sua vida já desviou fora da reta e trilha mesmo por um minuto.

Ele não estava errado.

Essa era talvez a pior parte.

Eu precisava ser realista.

Eu precisava, acima de tudo, manter minhas coisas juntas.

Eu tinha conseguido isso até agora, não ia perder isso agora.

— Certo, — eu concordei, respirando fundo. — Eu precisava disso, — eu admiti, olhando para ele, dando-lhe um aceno de cabeça, a coisa mais próxima que poderia chegar a um agradecimento.

— Correto. Venha. Eu vou sair com você.

E então ele fez.

Eu saí do prédio com Mackey coçando no banco de trás, e um buraco aninhado no meu estômago, algo venenoso e escorrendo, fazendo meu estômago e abdômen se sentirem ácidos e azedos.

Mas, eu me lembrei, isso era simplesmente como tinha que ser.

Ele tinha sua vida.

Eu tinha a minha.

Essa foi apenas a verdade fria e feia.

Eu aprenderia a viver com isso.

Junto com tudo mais.

Capítulo Doze

QUIN

Eu morreria feliz se nunca tivesse que pisar novamente na Rússia.

Esquecer a dinâmica cuidadosa entre a lei e os criminosos. Esquecer o fato de que meu russo era de má qualidade na melhor das hipóteses. Esquecer, inclusive, que quando você lidava com esse tipo de homem deste país, você estava lidando com os seres humanos mais frios e cruéis do planeta.

Eu apenas nunca quis saber desse tipo fodido de frio novamente. Isso penetrava em seus ossos. Isso faz você pensar que nunca seria capaz de se aquecer novamente.

As rodas tinham caído por pouco menos de oito horas. Pareceu mais tempo. Parecia uma vida inteira que eu estava sentado naquele maldito quarto de hotel, esperando que Miller e Kai voltassem, esperando que Smith dissesse que tudo estava bem. Alguma coisa. Qualquer coisa.

A viagem de avião foi uma tortura. Nove horas sem nada para fazer além de pensar. Minha equipe não era muito tagarela quando estava prestes a entrar em um trabalho. Eles precisavam acertar suas mentes, passando por cima da merda. Especialmente Miller e Kai, que estariam na linha de frente com homens muito perigosos.

Todos nós estávamos presos aos nossos pensamentos.

E o meu, bem, eles estavam focados em um rosto lindo com alguns arranhões e hematomas, grandes olhos azuis profundos que ficavam pesados quando eu estava dentro dela. Mesmo apenas esse pensamento fez meu pau tentar agitar a vida ali mesmo no avião.

Eu não queria ir para lá.

Eu disse a mim mesmo depois do beijo que tinha que manter isso sob controle, mantê-lo profissional. Não porque eu não queria, mas porque era errado. Sua vida estava de cabeça para baixo e girando ao

redor. Eu era a bússola apontando para o norte. Foi isso. Uma mulher como ela em seu perfeito juízo nunca teria escolhido dormir comigo.

Mas isso aconteceu.

E eu não mentiria.

Foi o melhor que eu já tive.

Seus choramingos e gemidos, seu gosto doce, o jeito que ela me montou como se fosse a única coisa que importava no mundo, o jeito que ela se aconchegou em mim e adormeceu.

Foi bom.

Cada segundo disso.

Eu queria repetir.

Eu queria várias repetições.

Dito isto, isso era tudo pelo que eu era bom. Repetir. Não compromisso. Não se estabelecendo. Minha vida não tinha raízes. Mulheres como Aven precisavam que elas crescessem e prosperassem.

Eu não estava pensando.

Estava vivendo na fantasia.

E então minha vida real veio bater na porta.

Eu planejei voltar, encontrar algumas palavras para dizer, não importa o quão ruim eu estivesse em tais coisas, explicar, para, eu não sei... só não voar para a Rússia sem explicação.

Mas quando subi para vê-la, encontrei Gunner em seu quarto, desfazendo a cama.

— Onde ela está? — eu perguntei, voz um pouco acusadora.

— Eu a aconselhei a fazer as malas e seguir em frente com sua vida.

— O que você disse? — eu rosnei, com certeza ouvi mal. Gunner era um idiota às vezes, mas ele não costumava ser intencionalmente ofensivo. E isso, bem, sim, isso teria machucado Aven.

— Você está apaixonado por ela? Ela é a divisora do jogo? — ele perguntou, levantando o queixo um pouco. Eu hesitei. Estes não eram o

tipo de palavras que você esperava ouvir de Gunner. — Exatamente. Então, se você não a ama, e ela não é a mudança do jogo, então você precisa deixá-la sozinha. Ela já passou por isso o suficiente. — Com isso, ele pegou a roupa de cama e passou por mim. — Não se preocupe, vou ficar de olho nela.

Ele tem sorte que ele se foi quando eu virei, ou poderia ter dito foda-se ao profissionalismo, o arrastado e o acertado.

— Ele vai ficar de olho nela, — eu resmunguei baixinho, fazendo Lincoln olhar do documento que estava estudando.

— O que é que foi isso?

— Nada, — eu menti, virando-me, observando as cabeças cobertas de peles se moverem na rua abaixo de mim, uma nova camada de neve caindo logo antes de chegarmos. Como se o pé no chão já não fosse suficiente.

Eu estava esperando que esta reunião fosse bem.

Eu não queria ficar aqui mais do que o necessário.

Foi talvez mais duas horas depois, quando a porta apitou e se abriu, trazendo Kai, que parecia cansado, algo que você não via com frequência. O homem era uma máquina, verdadeiramente parte cyborg. Ele nunca precisou de café. Então ele parece abatido, sim, disse muito.

— Como foi? — eu perguntei de qualquer maneira, precisando dos detalhes. E talvez a distração.

— Aquele bastardo agarrou a porra da minha bunda, — declarou Miller, jogando a bolsa na mesa do lado de dentro da porta, cada centímetro dela zumbindo com agitação.

A garota solitária em um clube de meninos na maior parte do tempo desde que ela não passava quase nenhum tempo no escritório com Jules, Miller era uma força a ser reconhecida.

Era fácil subestimá-la com pouco mais de um metro e cinquenta e cinco, e uma figura leve, com longos cabelos negros brilhantes e grandes olhos castanhos, ela parecia mais adequada para passar seus dias em um salão de beleza do que negociar acordos entre canalhas.

Mas no caso de Miller, definitivamente parece estar enganando.

Quando se tratava de bolas, ela nos fazia bater. Até mesmo Kai.

— Então eu entendo que as coisas não vão a lugar algum? — eu perguntei, observando Kai chutar para fora de seus sapatos, em seguida, cair na minha cama, fechando os olhos, colocando os braços sobre o rosto e fechando o mundo para fora.

Não é bom.

Isso não foi nada bom.

Eu só tinha visto Kai desligado talvez três vezes em seu tempo comigo. Certa vez, quando ele estava entregando uma mensagem sobre um desvio de reféns, um grande traficante de drogas sendo mantido pelo nosso cliente, pela filha de dezesseis anos do nosso cliente. Parte do trabalho de Kai era descobrir isso desde que ele era nossa primeira linha de defesa. E o que ele descobriu foi que a garota havia sido estuprada por toda a organização. Nós a levamos de volta dentro de uma hora, uma daquelas vezes em que tínhamos corpos por aí, dessa vez muitos deles. Finn ganhou muito dinheiro naquela semana. E Kai não pôde funcionar por quase um mês depois. Outra vez, quando ele perdeu um cliente diante de seus olhos. E, finalmente, quando ele de repente perdeu seus pais e sua irmãzinha em um acidente de carro um ano e meio antes.

Foi isso.

Caso contrário, ele era uma rocha.

— Temos um problema, — disse Miller, sacudindo o queixo para o vestíbulo enquanto ela acenava com o cartão-chave para o seu quarto, fazendo Lincoln e eu seguirmos em frente, quase todos nos deparando com Smith enquanto nos movíamos para o corredor.

Também havia tensão nele, um tique-taque dos músculos de sua mandíbula, uma haste de metal em sua espinha.

Parecia que Miller era a única que mantinha totalmente sob controle. E eu acho que sabia por quê.

— Tudo bem, — ela anunciou quando nos mudamos para o seu quarto do outro lado do corredor, suas roupas espalhadas sobre a cama, maquiagem em todos os balcões do banheiro. Ela poderia ter sido uma fodona certificada, mas ela era uma garotinha de um lado para o outro. — Então, agora temos dois clientes, — ela anunciou, colocando a mão no bolso, tirando um pedaço de papel dobrado, gasto e macio, que havia sido guardado dentro de um bolso por um tempo.

Estendi a mão, desdobrando-o e encontrei duas palavras dentro.

Ajude-me.

— A esposa, — eu imaginei, olhando para ela, sentindo meu corpo ficar tenso também.

— Ela entregou para Kai depois que desfilaram ela com todos os seus muitos, muitos hematomas. E, a julgar pela maneira como ela estava dobrada para um lado, algumas costelas quebradas também.

Merda.

Bem, isso explicava.

Kai se sentiu culpado por deixá-la lá, por permitir que ela ficasse mais cinco minutos com seus agressores.

Mas isso, isso era um negócio complicado.

Fazê-los parar de tentar matar Fenway seria difícil o suficiente, mas provavelmente poderia ser feito se houvesse dinheiro suficiente para a coisa toda. O mesmo aconteceu com o cara que era dono do iate. E os policiais na cidade onde ele bateu.

Mas isso?

Este seria um tipo de projeto de longo alcance.

Teríamos que lidar com a situação do Fenway, depois fingir que tinha acabado, deixar os guardas soltos.

E então nós teríamos que configurar uma extração.

Isso era um projeto de duas semanas que foi bem cortante e seco para um mês ou mais, que ia ser feio, confuso, e exigir que nós voássemos em Finn e talvez até Ranger, tanto quanto ele iria chutar e gritar sobre isso.

Honestamente, precisávamos de Gunner também. Mas eu não podia deixar Jules para segurar o forte e tomar conta de Fenway.

Nós precisaríamos de armas e planos urbanos e uma quantidade excessiva de equipamentos de vigilância.

Felizmente, estávamos bem no meio de um país cheio de ex-membros da KGB que vendiam qualquer coisa para alguém cujos bolsos fossem fundos o suficiente.

— Temos que tirá-la, — disse Smith, voz de aço.

Meus olhos foram para Miller, encontrando seu rosto um pouco impassível.

Veja, os homens se assustaram quando viram uma mulher agredida e abusada. Como deveriam. Como eu esperaria do tipo de homem que empreguei.

Mas sempre foi diferente com Miller e Jules.

Elas não ficavam vermelhas de raiva quando uma cliente entrava espancada e chorando, implorando por ajuda. Elas não andavam como animais selvagens, apenas esperando a chance de sair e exigir justiça.

Sempre havia uma calma quase perturbadora diante de uma mulher espancada.

Uma vez, cerca de um ano para levá-la ao time, perguntei a Miller sobre isso.

— Para você, isso é chocante, — ela disse, balançando a cabeça para mim. — Homens usando sua força contra as mulheres. Como deveria ser. Vocês são bons homens. Você detesta a ideia de alguém atacar alguém mais fraco que você. Mas você tem que entender, Quin, nada disso é chocante para nós. Mulheres. Nós corremos e carregamos pedaços de paus para espantar qualquer um que pule da floresta, mantemos as chaves entre nossos dedos quando andamos até nossos carros, porque qualquer homem que passa pode se transformar em um predador, poderia tentar nos tornar suas presas. No momento em que tomamos consciência do fato de que historicamente temos sido um jogo aberto para o sexo masculino, é algo em que temos que pensar constantemente. Devemos ir ao banheiro no cinema quando o filme acaba depois do expediente? E se alguém estiver escondido em uma das cabines? Isso era só um barulho normal na casa, ou alguém estava fora da minha janela? Você anda nesta terra não constantemente preocupado que alguém irá atacar e estuprá-lo. Nós não temos esse luxo. Então, quando isso acontece, porque sabemos que pode acontecer a qualquer momento, isso não nos surpreende. É uma realidade sombria e feia de que estamos conscientes diariamente.

— O que você tem a dizer? — perguntei a ela quando ela não disse nada sobre a esposa.

— Eu digo que é a coisa certa a se fazer. Mas que nós não entramos nisso. Eu sei que Kai quer atacar lá amanhã, armas em punho, e tirá-la. Mas, honestamente, Quin, o abuso é provavelmente de longa data. Eu acho que foi assim que ela viu Fenway como uma fuga. Tenho certeza de que agora é pior com a traição, mas tenho certeza de

que ela aguenta isso por algumas semanas, enquanto temos um plano real e concreto no lugar que não acaba com a metade de nós mortos por guarda-costas russos.

Eu respirei fundo, assentindo. Havia uma coisa que você podia contar com Miller, e isso era uma cabeça no lugar.

— Tudo bem, então ficamos aqui até o acordo com Fenway terminar, — eu concordei, olhando para a equipe. — Então, precisamos encontrar um lugar para alugar sem perguntas. Precisamos encontrar suprimentos. E precisamos colocar Finn e Ranger aqui. Assim que o acordo com Fenway terminar, é preciso parecer que deixamos o país. Eles precisam voltar ao status quo. Então podemos entrar. Espero que ninguém tenha planos para o Natal.

Isso foi mais ou menos uma piada.

Nenhum de nós tinha planos para férias.

A pequena família que tínhamos entre nós geralmente não nos queria nas mesas de jantar. E tudo bem. Essa foi a vida que escolhemos.

— Natal na Rússia, — ponderou Miller, suspirando. — Bem, pelo menos será um Natal branco. E Ano Novo. E fodendo a Páscoa.

— Quem vai falar com o Kai? — Smith perguntou, sacudindo a cabeça em direção ao meu quarto do outro lado do corredor.

— Seria o trabalho perfeito para Jules, — Miller sugeriu, sorrindo puxando um pouco seus lábios. — Mas já que ela não está por perto, eu farei isso. Pode parecer melhor vindo de mim, — ela anunciou, passando por mim, tirando meu cartão do bolso do meu peito enquanto ela fazia isso.

— Isto será um evento, — anunciou Lincoln, movendo-se para empilhar toda a merda de Miller para um lado da cama para que ele pudesse se sentar.

Seria também.

Por sorte, chegamos ao país com identidades e passaportes falsos alegando que éramos da Flórida. Pode não funcionar para sempre. A cobertura provavelmente não aguentaria muita pesquisa.

Mas, se íamos fazer isso direito, isso significava que teríamos que limpar a casa.

Significa que todos dentro do complexo Korol provavelmente acabariam em um banho de soda cáustica antes do Ano Novo. Se alguém fosse deixado vivo, eles poderiam vir cavando. Se eles cavassem o suficiente por tempo suficiente, eles nos encontrariam. E isso era algo que não podíamos permitir.

— Fazendo muito bem este ano, — acrescentou Lincoln, mexendo em algum dispositivo de aparência de tortura que encontrou na mesa de cabeceira de Miller. Garotas com seus dispositivos de beleza. — Eu não acho que alguma vez soube que você é tão filantrópico, Chefe.

Ele não estava errado.

Este era o meu negócio, em primeiro lugar.

Eu fazia porque era bom nisso.

E porque isso me fazia uma merda de dinheiro.

Eu fiz coisas aqui e ali quando eles cruzaram meu caminho para o bem maior, mas ninguém me chamaria de algum cavaleiro branco para salvar o mundo.

— Pense que talvez o seu tempo com Aven suavizou o seu coração frio, cara, — acrescentou Lincoln, sorrindo.

Lincoln, um amante das mulheres, um diletante em série sem remorso, parecia muito mais duro do que ele. Na realidade, ele era o tipo fodido para segurar sua bolsa enquanto você experimentava roupas. Sem reclamar. Enquanto o resto de nós, até agora, se mostrou bastante comprometido com o não-compromisso com o sexo oposto, incluindo Miller e Jules, Lincoln teve meia dúzia de namoradas nos dois anos desde que eu o aceitei.

Se eu quisesse apenas uma foda, eu teria uma foda. Não quero isso. Quero alguém na minha cama quando chegar em casa que dá uma merda sobre o meu dia duro. Alguém que me faça panquecas no meu aniversário.

Isso foi o que ele disse a Gunner quando ele estava lhe dando notícias sobre seu último rompimento, nenhuma de suas mulheres conseguiu aguentar seu estilo de vida, sua agenda errática, a preocupação, por mais do que algumas semanas ou meses. Ele levou os rompimentos bem, aparentemente, talvez gostando da ideia de uma garota mais do que as próprias meninas, pulando de um rompimento para o próximo relacionamento sem realmente fazer qualquer luto.

Vai haver uma mulher um dia, Lincoln, que vai fazer você parar por completo. E qual é a melhor parte, ela não vai cair aos seus pés como todas essas outras. Eu não posso esperar para ver você ter que trabalhar por isso, Miller o provocou quando ela revirou os olhos para ele anunciando uma nova garota apenas duas semanas após a última ter levado toda a sua merda de volta. E eu apostaria um bom dinheiro que ela nem sabe cozinhar panquecas.

— Não seja ridículo, — eu disse, balançando a cabeça.

Eu de coração mole.

Ninguém jamais falaria isso.

Pelo menos a minha equipe.

Lincoln não disse nada, mas atirou um olhar para mim antes de eu me virar para sair.

Não foi até mais tarde naquela noite, Miller convencendo Kai a voltar para seu próprio quarto, que minha mente estava quieta novamente.

E quando ficou quieta, ao que parece, ela encontrou espaço para se esgueirar.

Foi melhor assim.

Gunner estava certo.

Eu não tinha nenhum negócio indo lá com ela.

Eu nunca fui o tipo de homem que não era capaz de se controlar antes.

Mas não fui capaz com ela.

E quando afrouxei a gravata e caí na cama, com um uísque no joelho, meu telefone pareceu me insultar na mesinha de cabeceira.

Antes que eu pudesse pensar sobre isso e, portanto, me convencer disso, minha mão estendeu, percorrendo os contatos, indo para a entrada de Aven, tanto seu descartável como seu celular pessoal listados. Eu não tinha ideia de que tipo de tempo havia sobrado no descartável, então mandei em seu pessoal em vez disso.

Você não disse adeus. - Q

Pareceu demorar horas para a resposta, mas talvez fossem apenas alguns minutos, mas naquele momento percebi que, embora fosse apenas por volta de oito em Moscou, estava chegando ao meio-dia em Navesink Bank.

Você estava ocupado.

Não tão ocupado. Eu fui falar com você e Gunner estava tirando a cama.

Espere. Deixe-me deixar essa imagem afundar por um minuto. Como é a Rússia?

Frio pra caralho. Vodca em todos os lugares. É um pesadelo.

A propósito, envie um pouco de neve. Estive esperando. Vestindo meu pijama do avesso e tudo mais.

Sozinho em um quarto de hotel na Rússia de todos os lugares, senti um sorriso puxando meus lábios, percebendo que era outro pequeno pedaço dela que eu não conseguiria de outra forma.

Meus dedos hesitaram em meu teclado, sem saber o que dizer, sem saber o que havia para dizer.

Gunner não deveria ter lhe dito para partir.

Embora eu acredite completamente que ele é capaz de ser tão ousado, ele realmente fez alguns bons pontos. E eu sabia que o que você estava fazendo estava pressionando.

Pressionando, sim, mas nós tínhamos alguma merda que precisávamos discutir.

O que? Só porque dormimos juntos? Eu sou uma mulher adulta, Quin. E, ao contrário do que você pode pensar de mim, eu também não sou ingênua. Sabia exatamente aonde estava me metendo com você.

Eu nunca te chamei de ingênua.

Na verdade, me incomodou que ela pensasse que eu pensaria isso dela, quando, na realidade, todos os meus pensamentos que pertenciam a ela eram positivos. Ela foi resistente, forte e determinada. Ela não perdeu completamente a merda no meio de uma situação que faria qualquer um sentir como se o mundo estivesse girando fora de seu eixo. Inferno, mesmo com um rosto ferido, ela encontrou razão para rir

e sorrir. Ela era mais forte do que se dava crédito. E nunca pensei em nada menos que isso.

Por que você está me mandando uma mensagem, Quin?

Isso foi contundente para ela. Eu me perguntei se era simplesmente a parede que estava pronta, graças a uma comunicação que lhe permitia reunir seus pensamentos. Ou se talvez ela fosse simplesmente um pouco desleixada, não importasse com suas afirmações em contrário, e isso a tornava mais ousada.

Infelizmente, não tive uma boa resposta para ela.

Esta é uma boa pergunta.

E isso foi para a noite.

Eu me perguntei se quando ela subisse em sua banheira ou em seu sofá mais tarde, porque duvidava que ela tivesse retornado à sua cama, se ela pudesse dormir um pouco.

Eu, eu não obtive sequer uma soneca.

E foi um hábito que durou a semana seguinte.

Uma vez que os planos estavam em andamento, não havia tempo para luxos como descanso. Tivemos que realizar uma operação de estilo militar em solo estrangeiro sem sermos mortos ou capturados. Esta foi, sem dúvida, uma das operações mais perigosas em qualquer uma das nossas carreiras.

Ocupado como estava, minha mão se contraiu em direção ao meu telefone naqueles minutos antes de dormir, querendo entrar, querendo manter contato, apesar de saber que era uma má ideia.

Não foi até oito dias quando finalmente percorri meus contatos para o nome dela.

Foi um dia de merda.

Miller tinha Sergai Korol gritando em seu rosto por horas, fazendo-a voltar puta e com um humor horrível. Kai estava taciturno, dizendo que a esposa havia desfilado ao redor deles novamente, provavelmente com novas lesões para relatar.

Além disso, Fenway estava irritado com suas exigências. O homem poderia ter feito uma fortuna, mas ele não ficou rico com milhões de dólares para dar a alguns russos gananciosos.

Nós ficamos parados com as negociações.

E nós já estávamos na primeira semana de dezembro.

Seria um longo mês.

Ou mais.

E isso estava pesando em mim.

Eu acho que só precisava de algo bom.

E essa coisa, para mim, era a voz dela.

Tão brega quanto essa merda foi.

— Alô? — ela resmungou, voz grogue, apenas meio focada, me fazendo olhar para o relógio na TV. Se fosse quase 5 da manhã aqui, era apenas por volta das nove da noite lá. E ela já estava dormindo?

— Ei, querida, — eu disse, pegando um dos notebook que Smith trouxe desde que desembarcamos, abrindo-o e ligando.

— Quin? — ela perguntou, soando alerta, mas confusa.

— Sim.

— Que horas são? — ela perguntou, e eu a ouvi se arrumar.

— Nove aí. Cinco aqui.

— De *manhã*? — ela sussurrou, e houve um pequeno estrondo.
— Eu sei que você é um madrugador, mas isso está levando ao extremo.

Eu sorri com isso, já sentindo um pouco da tensão escorrendo dos meus ombros. — Eu não fui para a cama ainda.

— Por que não? — ela perguntou, e eu podia ouvir a água correndo, provavelmente, percebi, ela fazendo um pouco de café.

— Dia longo. Eu não pude me acalmar.

Houve uma pausa enquanto ela cuidadosamente escolheu suas palavras. — As coisas não estão indo como você esperava?

— As coisas são muito mais complicadas do que eu planejava.

— Isso é péssimo, — ela disse, fazendo um clique, e ao fundo, eu podia ouvir as unhas de Mackey no chão enquanto ela, eu imaginei, o

deixava do lado de fora.

— Você tem Netflix? — eu perguntei depois que ouvi a porta abrir e fechar, depois a batida abafada.

— Ah sim? — ela meio declarou, meio perguntou, provavelmente descartando pela questão.

— Acesse isso.

— Acessar o Netflix? — ela repetiu. — Por quê?

— Apenas me diga quando fizer.

— Mandão, — ela resmungou baixinho, mas eu podia ouvir suas mãos nas teclas de seu notebook quando ela ligou. — Ok. Está ligado.

— Quer assistir *Duro de Matar: Um Bom Dia para Morrer* comigo e sobre quão irrealistas são as sequências de ação?

— Você... quer assistir a um filme comigo? — ela perguntou, tom quase hesitante, como se estivesse preocupada que, esclarecendo, eu poderia mudar de ideia.

— Sim.

— Oh, hum, tudo bem, — ela concordou, e eu pude ouvir o clique quando ela digitou. — Ok, diga quando.

Então passamos as próximas duas horas assistindo um filme que era uma versão vaga e patética do primeiro da série.

— Você não pode estar falando sério, — eu disse, sorrindo pela janela para o sol, cegando brilhante contra a neve branca. Houve outra poeira na tarde anterior. — Você não pode pensar que *Duro de Matar 4.0* é o segundo melhor da série.

— Eu gosto de Justin Long. Eu sei, eu sei. Essa é uma opinião impopular, mas acho ele crível. — Ela terminou com um longo bocejo que me fez perceber que estava ficando tarde para ela.

— Você deveria dormir um pouco, querida, — eu disse, tentando manter a decepção fora da minha voz.

— Você é o único que precisa dormir, — ela disparou de volta, mas soou mais grogue no momento.

— Eu vou pegar algumas horas antes do dia começar de novo.

— Isso foi divertido, — ela disse depois de um longo e tenso silêncio.

Foi isso.

Fiquei realmente surpreso com o quanto eu gostei de algo tão bobo quanto assistir a um filme com uma mulher. Uma mulher que eu não conseguia nem tocar. Ela estava a meio mundo de distância, e ainda assim esta foi uma das noites mais agradáveis que eu tive em anos.

— Talvez possamos tentar de novo com a franquia *Busca Implacável*, — ofereci.

— Eu acho que posso encontrar algum espaço na minha agenda.

— Parece bom. Boa noite, Aven.

— Bom dia, Quin.

Por volta das três da tarde no horário da Rússia, meu telefone tocou, e eu encontrei um convite para me juntar a um jogo online de Banco imobiliário.

E bem ali, no meio de uma reunião de estratégia, entrei no jogo dela.

Ela limpou o chão comigo no primeiro round.

Então no segundo.

Mas finalmente consegui me vingar na terceira tentativa.

Foi ela quem me mandou uma mensagem naquela noite, contando-me a história de como Mackey lidara com sua primeira viagem ao parque dos cães, parecendo fazer qualquer coisa em seu poder para irritar os outros cães. A saber, derrubando as tigelas de água e arrebatando as bolas de tênis que não pertenciam a ele.

Dois dias depois, duas noites de conversa aleatória sobre tudo, desde suas antigas tradições de Natal, quando o pai dela estava vivo, até como eu passei as férias enquanto estava no serviço, Miller e Kai finalmente chegaram a um acordo com os Korols.

Quatro ponto cinco.

Sim, milhões.

Fenway poderia poupá-lo, os Korols estavam dispostos a se contentar com isso. Tudo o que restava era ligar para obter o dinheiro.

E eu e minha equipe estávamos “saindo”.

— Pare de tocar nas coisas, merda. — Finn rosnou enquanto eu jogava algumas coisas finais na minha mochila que estava em volta.

Ele tinha voado alguns dias antes, e sem trabalho para fazer ainda, ele estava sendo uma dor real na bunda dia e noite sobre o que nós fizemos e não tocamos. Não importa que estivéssemos aqui há algumas semanas e cada um tocasse quase tudo que havia para tocar em cada quarto. E esqueça que, não importando o que fizéssemos ou não tocássemos, Finn limparia cada centímetro como se tivéssemos cometido alta traição nesse quarto e não precisássemos esperar por isso.

— Em apenas alguns minutos, eu pararia de incomodá-lo, e agiria de maneira irrestrita aqui.

Ele também precisava disso. Você poderia sempre dizer quando ele estava precisando de um trabalho, quando o foco obsessivo era algo que ele estava desejando. A limpeza não era apenas um trabalho para ele, apenas algo em que se destacava. A razão pela qual ele era tão bom, era de anos fazendo isso em sua própria vida, dirigindo-se meio louco com o ritual de tudo isso. Trabalhando para mim, ele conseguiu aproveitar suas compulsões em algo útil, e deixou ir um pouco em sua vida pessoal. Seu lugar ainda tendia a ter o cheiro de menta química que você aprenderia a igualar a ele em geral, mas ele poderia sentar e tomar uma xícara de café com você agora sem precisar levantar e esfregar as janelas de repente.

Mas algo estava claramente acontecendo com ele. Na vida dele. Em sua cabeça. Era por isso que ele estava tão ansioso, tão pronto para começar a esfregar.

Ele teria tempo de sobra para recuperar a cabeça enquanto fazia uma limpeza completa em sete quartos de hotel, incluindo o seu, excluindo Ranger, já que ele deve ter se perdido em algum lugar da floresta porque ninguém podia entrar em contato com ele.

— Você tem as instruções para a cabana? — eu perguntei, o que significava o percurso pela floresta por uma colina longa e íngreme que teríamos que ir a pé, já que não queríamos que nenhum motorista da cidade soubesse onde estávamos. Ele me deu um aceno de cabeça apertado, desembalando os limpadores que precisou comprar no mercado, então eles não eram do seu tipo habitual, e estava claro que

isso era um problema para ele. — Tente chegar lá até tarde hoje à noite. O checkout é antes do meio-dia.

Com isso, saí, passando por Smith no saguão, pois estávamos fazendo o melhor que podíamos para fingir que nenhum de nós se conhecia, excluindo Miller e Kai.

— Você acabou de pegar uma caixa de música da catedral? — Miller perguntou alguns minutos depois de nos movemos pela cidade, colocando tanta comida quanto pudéssemos nos espaços deixados em nossas mochilas.

— Sim, — eu concordei, não vendo nenhum ponto em mentir, já que a coisa estaria na cabana conosco até a hora de sair.

— Você nunca pega lembranças.

Isso era verdade. Eu estava em quase todos os lugares do mundo que alguém poderia precisar da minha ajuda. Mas se você olhasse para minha casa, nunca saberia que eu estive fora do Navesink Bank.

O lugar de Miller, no entanto, era um mapa de todos os lugares em que ela estivera e até quantas vezes ela estivera lá. Essa era a sua terceira viagem à Rússia que eu sabia, mas ela ainda pegou um conjunto de bonecas Matryoshka. Eu apostaria um bom dinheiro que ela tinha um conjunto de porcelana imperial e um lenço de Pavlovo Posad em casa também.

Miller era um caso estranho de quantidades iguais de raízes e asas. Ela adorava viajar, ver novos lugares, comer comida nova, pegar palavras de maldição locais para acrescentar ao seu dicionário sujo. Mas quando ela estava em casa, ela se estabelecia profundamente. Ela não era como eu, Smith e Gunner, que tinham lugares mal decorados, uma mochila sempre pronta ao lado da porta da frente. Ela escolhera cuidadosamente a pintura em todos os quartos, escolhera meticulosamente cada peça de mobiliário e arte. E ela cobriu suas prateleiras em suas memórias de outros lugares.

— Não, eu não pego, — eu concordei, não querendo nenhuma outra pergunta. Porque, francamente, eu estava tentando não perguntar na minha própria cabeça, eu não precisava delas de outras pessoas.

Obviamente, eu não precisava de uma caixa de música coberta com catedrais russas coloridas. Então, todos da minha equipe sabiam exatamente para quem era.

Cristo.

— Você viu o que Kai tem? — Miller perguntou, deixando isso pra lá, algo que eu estava incrivelmente grato quando nos instalamos no interior da floresta depois de cuidadosamente dividir em equipes e entrar em diferentes pontos. Eu balancei a cabeça. Eu tinha investido um pouco na minha própria compra para prestar atenção em todos os membros da equipe. Eu quase consegui me convencer de que os amigos compravam presentes uns para os outros de tempos em tempos também.

— Um globo de neve. Com catedrais pintadas à mão por fora. E por dentro.

Globos de neve não eram uma lembrança russa tradicional. Não teria sido encontrado na rua principal do mercado. Ele precisaria procurar fundo por isso.

Mas claro que ele fez.

Porque o Natal estava chegando.

E Jules colecionava globos de neve.

— Claro que sim, — eu disse, com a voz um pouco distante. Talvez, pela primeira vez, entendendo um pouco a merda que Kai faz. Jules era, afinal de contas, apenas sua amiga também. Mesmo que seus sentimentos fossem mais que isso. Mas ele ainda fazia merda assim. Peguei suas coisas que ele sabia que a faria sorrir, não apenas o dinheiro ou os cartões de presentes que o resto de nós costumava lançar em suas férias.

Cerca de uma hora e meia depois, chegamos à cabana. Era, bem, o que você esperaria de uma velha cabana de caça abandonada. Tinha um quarto, um banheiro, embora não houvesse água corrente e uma enorme lareira para se aquecer. E cozinhar. E uma pilha gigante de madeira seca empilhava uma parede.

— Não se preocupe, — disse Smith, passando por Miller em direção ao banheiro. — Vou começar a usar o banheiro de compostagem agora.

Miller não tinha muitas regras. Ela ficaria bem dormindo no chão ao lado de seis homens com apenas um fogo para se aquecer no inverno russo. Mas ela não estaria usando o banheiro lá fora em dezembro. Ou nunca.

E como nenhum de nós gostava muito da ideia de um banheiro externo, sempre havia a opção de Smith juntar algo dentro que seria

muito menos repugnante do que entrar na floresta.

— Há alguns baldes lá atrás, — acrescentou Lincoln enquanto se movia em direção à lareira para acendê-la. — Eu colocarei neve neles e trazer para derreter.

Nosso banho seria improvisado assim por um tempo.

Mas todos nós lidamos com pior.

Nós nos daríamos bem.

Meu telefone tocou no meu bolso, o descartável que peguei na rua para contatar um ex espião local sobre armas, sabendo que aqueles fodidos eram sorrateiros e treinados o suficiente para rastrear meu número de volta para mim, e então provavelmente exigir dinheiro para manter meu nome em segredo. — Sim? Fiz uma pausa, ouvindo o homem tagarelar nos horários e datas. — Você está falando sério? Sim, não. Tudo bem. Eu ainda as quero. Tudo bem. Sim.

— O que é que foi isso? — Kai perguntou de onde estava empilhando a comida que todos nós tínhamos reunido em uma mesa na sala de jantar. Carne enlatada, feijão e arroz. Eu tinha a sensação de que todos nós iríamos perder alguns quilos simplesmente não querendo engolir muito daquilo.

— O espião. Ele quer se encontrar hoje à noite. Cerca de uma caminhada de três horas daqui, — eu disse a eles, indo para minha bolsa, pegando um novo conjunto de meias, luvas secas e dois outros chapéus para enfiar nos bolsos do meu Casaco de neve forrado de lã.

— Você não pode estar fazendo uma viagem assim sozinho, — Smith falou do banheiro.

— Não posso arriscar toda a equipe em algo assim.

— Então deixe-me ir, — Kai sugeriu, sempre ansioso para entrar em perigo, qualquer que seja a forma que possa tomar.

— Você sabe como esses caras são, — eu disse, balançando a cabeça. — Eles ficam nervosos se alguém aparece em seu lugar ou até mesmo com você. Ele vai querer me ver. E eu só.

— Não gosto disso, chefe, — Lincoln chamou quando o fogo se acendeu. Não demoraria muito para aquecer o espaço congelado.

— Eu também não. Mas é assim que tem que ser. Eu quero vocês aqui. Equipe de duas pessoas para sair e conseguir comida se você

precisarem. Mas não Miller e Kai que deveriam ter ido embora há muito tempo. Sem ofensa, — eu disse a Kai, encolhendo os ombros, — mas você se destaca aqui.

Kai deu de ombros, sabendo disso. Nas áreas mais populosas do mundo, ele se misturava com qualquer multidão. A maioria dos lugares era um caldeirão. Mas havia algumas áreas onde um cara coreano realmente se destacava, então se ele deveria ter ido embora, ele precisava ser um fantasma.

— Consiga toda a vigilância funcionando. Tome notas. Eu quero repassar tudo quando eu voltar. O que pode não ser até amanhã. Eu não quero fazer essa viagem de volta no escuro. Mas vou fazer o check-in à meia-noite. Se eu não fizer, dê o fora deste país.

Ninguém se encolheu com a possibilidade disso. Um de nós ficando para trás. A morte era algo que poderia estar em qualquer esquina para pessoas como nós. Era uma parte do trabalho. Todos nós tínhamos que saber o que fazer se isso acontecesse.

— Tudo bem. Eu estou fora. Segure o forte.

Com isso, não sendo um cara de despedidas, eu me joguei de volta no frio, mochila no meu ombro, dinheiro pesado no fundo.

Foi uma longa caminhada com nada além de meus próprios pensamentos para me fazer companhia. E, como se poderia esperar, eles voltaram para ela, de volta às horas, todas as noites que passávamos no telefone. Eu tenho que ouvir sua tagarelice, me dizendo coisas que soam como segredos. Inferno, eu até a ouvi rir. Uma risada real e rolante. Que eu tirei dela, não Fenway. Foi só para mim. Eu juro porra, essa merda parecia um presente.

E isso era cerca de cinquenta vezes brega demais para mim. Então, forcei a cabeça, pensando, em vez do plano, na logística, de todas as formas possíveis de dar errado.

O cara era o que eu esperaria, aproximando-se dos cinquenta anos, sólido, mas não gordo, corado, áspero e paranoico como todo fodido. Após cerca de dez minutos de negociação, tivemos um acordo para trocar o dinheiro pelas mercadorias na manhã seguinte. Ele então me arrastou para a cidade para me mostrar um hotel onde eu poderia passar a noite, e me encheu com vodca demais. E desde que eu odiava vodca, uma dose era demais.

Cheguei ao meu quarto, liguei para minha equipe, tomei um banho e caí na cama, mais exausto do que estivera há muito tempo,

meus ossos cansados de toda a caminhada através da neve. E eu ia ter que acordar logo de manhã e fazer tudo de novo.

Eu deveria ir dormir direito.

Minhas malditas pálpebras estavam pesadas.

Eu não tinha nenhum negócio pegando meu telefone.

No entanto, foi exatamente isso que fiz.

Capítulo Treze

AVEN

Eu estava cuidadosamente alinhando massa de lasanha em uma camada de molho e queijo para o jantar, Mackey aos meus pés no caso de eu deixar cair tanto como um pouco de molho no chão como havia feito um momento antes, no meu pé, onde ele prontamente lambeu, deixando-me surpresa ao ponto de soltar um grito quando quase derrubei toda a comida no chão, quando meu telefone começou a tocar da mesa de centro na sala de estar.

As coisas, para todos os efeitos, acalmaram de volta ao meu ritmo normal. Significado, bem, devagar. Um pouco entediante. Previsível.

Eu estava de volta ao trabalho, os cortes no lado da minha cabeça se transformando em cicatrizes vermelhas simples que Benny insistiu que eu precisava esfregar óleo de vitamina E todas as noites para aliviá-los. Mas não a vitamina E líquida, tinha que estar as de gel. Isto era, aparentemente, da maior importância. Eu não tinha certeza se isso funcionaria, mas estava disposta a tentar. As contusões eram leves o suficiente para serem cobertas com alguma maquiagem normal, pesadas no amarelo e verde para cobrir, mas muito mais respiráveis do que as outras coisas.

Eu estava tentando, no entanto, não ser tão fechada, não passar toda a minha vida dentro da minha casa, pulando nas sombras, mesmo sabendo que nenhuma delas eram meus fantasmas voltando para me assombrar.

Depois do trabalho, fiz questão de ir ao *She's Bean Around*, tomando um café, mesmo que meu orçamento ainda estivesse apertado. Conversava com as meninas que trabalhavam lá. Eu às vezes lia um livro.

Então eu levava Mackey ao parque dos cães a cada três dias, algo que ele fingia odiar, mas na verdade gostava. Ele até deixou alguns estranhos coçá-lo atrás das orelhas. Ele estava se aquecendo. E parecia que ele estava ressentido por eu estar prejudicando sua reputação na

rua, mesmo que ele secretamente gostasse disso.

E eu tinha até feito planos hoje, por mais malucos que parecesse, de ter Gunner para jantar. Ele fez questão de me checar aqui e ali. Eu acordei uma manhã com ele varrendo meu quintal da frente. Quando eu perguntei a ele o que estava fazendo, ele deu de ombros e me informou que se minha bunda preguiçosa não faria isso, então ele teria que fazê-lo. Outra vez, ele parou no meu trabalho no caminho para o escritório, me dizendo que Fenway estava exigindo mais uma noite de jogo e que, se eu não concordasse, ele ia me amordaçar, me prender e me arrastar para lá porque não podia. Não aguentava o homem por mais um minuto.

Era uma amizade estranha, mas de alguma forma estávamos nos dando bem. Eu acho que porque sabia exatamente como ele era e estava bem com isso. Ele sentiu que eu não tinha nenhum desejo real de mudá-lo, então poderia ser apenas o idiota ao meu redor.

Naquela noite, eu lhe pedi comida, já que ele era um excelente exemplo de quando mulheres mais velhas afirmariam que os homens pensam com seus estômagos, e um filme. Só para não estar sozinha todas as noites.

Eu acho que, a partir desta situação desagradável, algo de bom veio disso.

Eu estava vendo uma maneira diferente de viver minha vida.

E eu estava gostando disso.

Imaginando que era Gunner ligando para perguntar que tipo de cerveja eu gostava, mas não aquela merda de cidra. *Eu não vou ser pego comprando aquilo*, eu apertei o botão do alto-falante com meu dedo mindinho, meus dedos cobertos de molho e ricota.

— Não há nada de errado com a cidra, — eu disse ao telefone enquanto pegava a toalha de papel no bolso para limpar minhas mãos.

— Nunca disse que havia.

Então, tudo bem.

Esse não era Gunner.

E, por mais que gostasse de Gunner, essa voz era ainda mais bem-vinda. Mesmo só de ouvir isso enviou um arrepio estranho de antecipação através do meu sistema.

— Oh, oi, — eu disse, esfregando com mais força para poder pegar o telefone e aproximar a voz de mim. — Isso é cedo para você.

— Dia longo, — ele disse, soando abatido.

— Você parece cansado.

— Exausto pra caralho, — ele admitiu.

— Então por que você está me ligando? — eu perguntei, caindo no sofá. A lasanha podia esperar. Eram pelo menos mais duas horas antes que Gunner aparecesse de qualquer maneira. — Você deveria dormir um pouco.

— Eu vou, — ele disse, seguido de um breve silêncio. — Queria falar com você primeiro.

Meu pobre coração.

Não havia como negar que na última semana e meia... ou foram duas semanas? Eu não tinha certeza. Mas, sim, não havia como negar que meus sentimentos por Quin não eram mais amigáveis. Se eles tivessem sido apenas isso.

Esperei por suas ligações. Não me importando se era tarde. Salvei os textos que ele enviou intermitentemente. Pensei em cada palavra sua. Desde as histórias de sua infância, sua irmã e seus pais até os infundáveis contratempos de construção em seu escritório, e tudo mais.

Eu estava começando a conhecê-lo.

E o que havia para saber, sim, eu realmente gostei.

Mesmo.

Tipo, quando ele ligou, eu senti uma vibração na minha barriga.

Tipo, quando estava sozinha na cama depois de uma das nossas ligações, eu pensava nele e meu corpo esquentou, meus seios incharam, meu sexo apertou com força na necessidade.

Era uma loucura o tipo de conexão que você poderia construir com uma pessoa a meio mundo de distância.

— O que você queria conversar? — eu perguntei, sabendo que ele tinha que ficar de boca fechada sobre seus negócios no exterior, tanto que eu nem sabia onde na Rússia ele estava. Ele geralmente era o único

a dirigir a conversa, perguntando coisas de mim, depois me contando coisas sobre ele também.

— Como eu não consigo parar de pensar em te colocar debaixo de mim novamente.

Oh, uau.

Está bem então.

Sim.

Eu não esperava isso.

Ele foi, para meu desapontamento às vezes, nada além de amigável, casual, apropriado em nossas conversas. Nada que ele tenha dito poderia ser interpretado como algo diferente de uma conversa comum.

Eu estava supondo, com um buraco no estômago com a ideia, que ele genuinamente não queria mais nada de mim dessa forma, que talvez uma vez fosse o suficiente para ele, que talvez não tenha sido tão bom para ele quanto foi para mim.

Minha mente se dirigiu em círculos nauseantes sobre todas as possíveis razões que ele só queria falar comigo.

Eu acho que nunca realmente me ocorreu que ele realmente só queria me conhecer. Antes de nos deixarmos ir lá novamente.

— Oh, — a palavra saiu de mim, soando aérea.

Oh, foi uma resposta estúpida. Eu deveria dizer algo flertar, algo tímido. Apenas alguma coisa.

Mas encontrei minha mente de repente em branco.

— Me diga que você também está pensando sobre isso, — ele exigiu, sua voz baixa, profunda, rouca. — Diga-me que você está pensando sobre aquela noite, você na cama, eu entre suas coxas, a língua movendo-se sobre sua doce boceta até que você estivesse choramingando, implorando por liberação.

Ele parou ali, esperando por uma resposta. — Eu estive pensando sobre isso também, — eu admiti, minha voz quase um sussurro.

— Sim? — ele perguntou, a voz ainda mais áspera, e eu podia

imaginá-lo a meio mundo de distância, sozinho em um quarto de hotel, a mão alcançando dentro de suas calças e cuecas boxer para libertar seu pênis esticado. A ideia fez o meu sexo apertar com força quando uma corrida de líquido atingiu minha calcinha. Eu sabia onde isso estava indo. Houve um segundo de hesitação, de incerteza. Sexo por telefone, para todos os efeitos, soava incrivelmente estranho. Mas, novamente, acho que nunca imaginei isso com alguém como Quin. Francamente, qualquer coisa com Quin, eu estava convencida, seria sexy como o inferno. — Eu fui ganancioso da última vez, — ele me disse, com voz baixa, retumbando.

— Não, você... — Eu comecei a objetar, apenas para ele me cortar.

— Eu precisava estar dentro de você demais. Mas o que eu realmente quero fazer é lambar esse doce clitóris seu até que você estivesse gritando meu nome. E assim que você estivesse acalmando, enfiaria a minha língua na sua boceta apertada, porra, até que você gozasse contra a minha boca novamente.

Tudo o que eu diria sobre isso, possivelmente, não seria sexy, sim, esqueça tudo isso.

Minhas coxas apertaram, a pressão se tornou extremamente dolorosa com a necessidade de liberação.

— Quin, — eu me ouvi choramingar, implorando pelo quê? Eu não tinha certeza. Talvez permissão. Instruções. Era nova nisso, me senti tão desajeitada quanto uma virgem na cama pela primeira vez.

— Você vai deslizar sua mão em sua calcinha para mim, querida? — ele perguntou, lendo o momento, sabendo o que eu precisava. — Pense em mim empurrando minha língua, e dois dedos em sua vagina, fodendo com você exatamente como você precisa agora, rápido e firme, levando você ao orgasmo.

Não havia como não seguir as instruções dele. Minha mão deslizou em minha calcinha, pensando em seus dedos em vez dos meus, minhas costas arqueando levemente contra as almofadas do sofá, meus olhos fechados, tentando imaginar que eu estava lá com ele, em seu hotel, sentindo suas mãos em mim, seus lábios. Provocando meu pescoço e seios, sua voz no meu ouvido.

— Mas eu não deixaria você gozar desta vez; ainda não, — ele me disse, sua voz toda de cascalho, soando como se sua mandíbula estivesse apertada com a tensão. Tudo o que tive em resposta foi um longo e alto gemido. — Eu deslizaria minha língua até sua parte interna

da coxa, seu estômago, sobre seus mamilos, sugando-os até que você estivesse se arqueando em minha boca. Então moveria meus quadris, deixaria meu pau escorregar até sua boceta molhada até que você se contorcesse debaixo de mim, me implorando para te foder.

— Quin, por favor, — eu gemi, sentindo minhas paredes apertarem, querendo o final feliz.

— Sim, algo assim, — ele concordou. — Só então eu deslizaria meu pau dentro de sua boceta apertada, sentiria você se balançar contra mim enquanto eu te fodo, devagar no começo, então mais duro enquanto suas unhas cravam nas minhas costas, enquanto seus gemidos ficam altos o suficiente para acordar os vizinhos. — Mesmo quando ele disse isso, eu ouvi meu gemido escapar dos meus lábios, algo que normalmente nunca acontecia quando eu me tocava. Acho que era completamente diferente quando eu não estava exatamente sozinha. — Você vai gozar para mim, baby? — ele perguntou, a voz tensa. Eu sabia que quando gozasse, ele também faria.

E o som ecoou, essa percepção me empurrou para o limite. — Foda-se, sim, — ele rosnou enquanto eu gritava seu nome, as ondas passando por cima de mim até que meu corpo ficou mole e pesado, até que apenas manter o telefone no meu ouvido era um esforço real com meus membros fracos. — Cristo, soa bem quando você chama meu nome quando você goza, — ele disse um momento depois, soando um pouco sem fôlego também. Sem saber o que dizer, se eu fosse capaz de dizer qualquer coisa, um som baixo e estrondoso me escapou. Houve uma longa pausa antes que ele quebrasse o silêncio novamente. — Aven...

— Sim?

— Eu não liguei para você só por isso.

— Tudo bem se você fez, — eu admiti, sabendo que era verdade. Eu o teria de qualquer maneira que pudesse.

— Eu disse a você amigos, — ele disse.

— Ainda somos amigos, — insisti. Houve um longo silêncio na linha, o único som que parecia ser um bocejo épico. — Você precisa dormir um pouco, — eu o lembrei, lentamente me dobrando, a magia do momento aparentemente desaparecendo, apenas me lembrando a quão sozinha eu estava, que distância ainda havia entre Quin e eu, tanto literal quanto figurativa.

— Sim, — ele concordou com o que soou como um suspiro em

sua voz.

O que eu deveria dizer aqui?

Isso foi legal.

Falo com você mais tarde.

Vamos fazer isso de novo algum dia.

Nada disso estava errado.

Mas ainda estavam errados em dizer.

— Boa noite, Quin, — eu disse em vez das dúzias de coisas que estavam rolando na minha cabeça.

— Obrigado, querida.

E com isso, e nada mais, o telefonema acabou, e a realidade voltou para mim muito rapidamente.

Eu poderia ter sentado e rolando as coisas na minha cabeça até que eu ficasse um pouco mais louca.

Mas me arrastei até o banheiro, tomei banho, me vesti e voltei a cozinhar.

Gunner apareceu quarenta minutos depois, sem se incomodar em bater desde que deixei a porta aberta quando deixei Mackey sair.

— Você está falando sério? — ele rosnou para mim enquanto se movia para dentro, uma sacola de papel marrom no braço.

Senti meus lábios puxarem para cima ligeiramente, mas mantive minha cabeça abaixada. — O que você quer dizer com isso?

— A porta, mulher. A porra da porta, — ele disse, colocando a sacola ao lado de onde eu estava deslizando fatias de manteiga entre os espaços do pão.

— Eu pensei que vocês disseram que eu estava segura agora, — eu comentei, trabalhando para manter meus lábios em uma linha reta. O que posso dizer, foi divertido provocar tão fácil alguém como Gunner.

— Segura de um fodido e sua irmã louca, claro, mas não vamos convidar o próximo para o chá, ok? Cristo.

— Isso é cidra? — eu perguntei, sorrindo enquanto ele colocava o

pacote de seis cerveja no balcão enquanto eu pegava o alho.

— Eu perdi cinquenta pontos de homem ao levar isso para o caixa.

— E, no entanto, olhe, você sobreviveu. Que filme você trouxe? — eu perguntei, acenando para as caixas de DVD, talvez um pouco encantada que ele era da velha escola o suficiente para tê-los, não comprando tudo digital.

— *Identidade Bourne e Velozes e Furiosos*, — ele disse casualmente, olhando para as caixas, completamente inconsciente da sensação leve que eu tinha nos títulos. — O que? — ele perguntou, olhando para cima, vendo algo no meu rosto que fez suas sobrancelhas franzirem.

Eu queria assistir a esses filmes com Quin, não com Gunner. Eu queria rir de como os carros desafiavam as leis da física e como ninguém humano poderia ser tão treinado quanto Jason Bourne. Dito isto, eu me recusei a ser *aquela garota*. Aquela garota que não podia aproveitar as coisas que ela tinha há anos, porque ela igualava isso a um cara. Inferno não ia sobre isso.

— Nada, — eu disse, dando-lhe um sorriso irônico. — Eu acho que você acabou de recuperar alguns pontos de homem por essas escolhas. Diga-me, Gunner, você vive sua vida um quarto de milha de cada vez? Você come seu atum sem a crosta? Você ainda é um estraga prazeres?

Seus lábios se contraíram com isso. — Viu isso algumas vezes, hein? — ele perguntou, acenando a caixa ao redor.

— Eu talvez quisesse pegar um Challenger por cerca de cinco anos depois que ele saiu. Mas, ah, estou levemente apavorada em ultrapassar o limite de velocidade, quanto mais competir. — Voltei-me para ele, tentando segurar o sorriso enquanto eu jogava outra citação de filme para ele. — Mas uma coisa que Edwin sabe é que não é como você fica ao lado do seu carro...

— É como você corre seu carro, — Gunner terminou para mim. — Isso será duas horas de você citando a coisa toda, não é?

— Quatro, — eu disse, inclinando-me para tirar a lasanha e colocar o pão de alho. — Eu vi os filmes *Bourne* tanto quanto os *Velozes e Furiosos*.

— Bem, se essa lasanha é mesmo tão boa quanto parece, eu

acho que posso aguentar pela noite.

E então ele fez.

E depois de um início agitado de tentar não tirar sarro das corridas e cenas de ação, caímos em um ritmo. Eu quase me esqueci de Quin. Quase. Você sabe, até Gunner sair e me deixar sozinha com meus pensamentos.

No dia seguinte, não houve ligação.

E não foi até que eu estava me preparando para dormir, o que significava que em seu tempo, ele já estava em seu novo dia, que eu recebi um texto.

Sem privacidade.

Então foi isso.

Por dois dias inteiros, deixando-me com um buraco no estômago, imaginando que o que quer que estivesse acontecendo com o seu trabalho, deve ter sido sério de repente, já que ele tinha conseguido encontrar tempo todos os dias para ligar e mandar mensagens.

Eu tive que lutar para manter minhas mãos digitando algo como *eu assisti Velozes e Furiosos com Gunner hoje à noite. E desejei que fosse você.*

Tão, quão excessivamente sentimental e patético isso me faria soar? Mesmo se fosse verdade.

Eu acho que tinha esquecido isso sobre namoro, a incerteza, o segundo adivinhando a si mesmo, as noites olhando para o seu teto, incapaz de dormir porque você está tentando dissecar o que foi dito ou feito, tentando fazer sentido, tentando encontrar significado nisso.

Agora, eu meio que lembrei porque eu estava tão feliz sozinha por tanto tempo.

No dia seguinte, recebi uma foto de onde quer que ele estivesse na Rússia, uma foto matinal de neve fresca que pesava sobre as árvores. Parecia que estava na floresta, mesmo que isso não fizesse sentido.

Cansado dessa merda. Mas achei que você poderia gostar.

Fui em frente e sorri para aquela maldita foto por dez minutos como uma idiota apaixonada antes de ir para a cama, fazendo-me não escrever de volta imediatamente, não ser a garota que estava esperando por seu telefonema. Mesmo se eu estivesse.

Eu estava na loja, olhando as decorações de Natal quando finalmente peguei meu celular, tirei uma foto de duas caixas.

Estrela ou anjo?

Houve apenas alguns minutos antes do meu telefone soar.

Estrela. Colocando em sua árvore?

Normalmente eu não faria. No ano passado, havia colocado uma triste árvore de fibra óptica e me livrei dela um dia. Eu não tinha ninguém para compartilhar o feriado de qualquer forma, não tinha nenhum presente debaixo da árvore, então qual era o ponto de tudo isso, certo?

Eu achei que eu nunca percebi o quão deprimente essa mentalidade era até que minha vida se agitou um pouco.

Então, este ano, eu arrastei minha velha árvore de dois metros do sótão, junto com um recipiente de plástico cheio de ornamentos, e eu tinha colocado luzes coloridas por toda parte.

Mas o topo estava faltando alguma coisa.

Daí as compras.

Eu talvez até tenha pegado alguns presentinhos para Fenway, Gunner e Jules junto com meus colegas de trabalho, já que eu os via com mais frequência. Eu já havia jogado com Fenway três vezes, além de algumas noites de cinema. A prisão domiciliar estava desgastando

seus nervos. Ele alegou que a parte de seu caso que deveria tê-lo submetido a tais medidas tinha acabado, que Quin estava simplesmente sendo paranoico. Mas qualquer que fosse a ameaça que Quin jogou contra ele foi o suficiente para mantê-lo lá em cima, embora eu soubesse que ele havia escapado antes.

Eu imaginei que seus Natais, talvez excluísse Jules, seriam tão solitários quanto os meus. Então eu planejei assar alguns biscoitos, e talvez fazer alguma comida, e levar até lá no final da noite de Natal.

Eu percebi que era hora. Apenas algumas semanas restantes.

Não houve nada depois disso enquanto eu andava na loja, algo que não era excessivamente como eu. Eu poderia fazer a *velocidade de fazer compras* em um esporte olímpico. Eu entrava, sabendo que precisava disso, daquilo e da outra coisa, e tinha anteverões para todo o resto. Primeiro, foi por necessidade graças a um orçamento rigoroso. Mas também, eu fiquei nervosa quando fiquei presa dentro daqueles lugares falsos e muito claros por muito tempo.

Talvez fosse apenas um desejo de não ir para casa e ficar obcecada com o fato de que a comunicação entre Quin e eu desde o sexo por telefone tinha sido estranha, assim como o espaço entre nós depois de ter sexo de verdade tinha sido estranho.

Tudo o que eu sabia era que, quando saí de lá, também tinha um presente para embrulhar para Quin.

Estava muito me tornando aquela garota que eu odiava tanto.

Mas eu não conseguia me impedir de colocá-lo debaixo da árvore. E pensando nele quando coloquei a estrela no topo.

Não tive notícias dele até as primeiras horas da manhã de Natal. Quase duas semanas e meia depois.

Duas semanas e meia.

Mas desta vez, não foi um texto informal.

Eu estava deitada no meu sofá na sala de estar, coberta por três cobertores, porque tínhamos entrado na parte do inverno onde não importava o quão alto o calor estava, você sempre acordava com um calafrio na pele, olhando para as luzes piscando preguiçosamente na

minha árvore, piscando as lâmpadas brilhantes de uma forma que provocou uma sensação quente e turbulenta que eu conhecia apenas como nostalgia de mover pelo peito e pela barriga.

Minha mente voltou para os anos passados, o sono apagado impacientemente dos meus olhos, pijamas listrados de vermelho e branco, uma bagunça enrugada ao redor do meu pequeno corpo enquanto descia as escadas em direção à janela da frente, onde a árvore se erguia como um farol, a porta sendo aberta muitas vezes. E havia pilhas de caixas cheias de pacotes, todas prometendo uma alegria que eu nunca conseguira segurar quando adulta. Meus pais sentavam e me observavam, com fumegantes xícaras de café entre as mãos, pálpebras pesadas e olhos cansados, que eu não sabia o suficiente para perceber que eles tinham ficado acordados a noite toda organizando o que seria meu prazer.

Não haveria nada disso hoje de manhã, eu tinha acabado de pensar naquela ligeira tristeza quando meu telefone começou a tocar no chão ao meu lado, fazendo Mackey soltar um grunhido e rolar de onde estava dormindo sob a saída de aquecimento.

Eu me virei para o meu lado, estendendo a mão para agarrá-lo, sentindo uma emoção quase embaraçosa por dentro ao ver o nome de Quin iluminado na minha tela. Eu estava tão animada, na verdade, que quase perdi a ligação antes de me lembrar de passar o dedo pela tela.

— Olá?

— Feliz Natal, querida, — ele me cumprimentou, a voz não como eu me lembrava. Talvez tenso, um pouco triste. Parecia estranho dar uma palavra humana tão comum a alguém que parecia enigmático demais, que transcendia coisas como felicitação festiva comum.

— Feliz Natal, — eu disse a ele enquanto puxava as cobertas para cima de mim, me sentindo um pouco menos sozinha no mundo.

— Você tem alguma neve no chão?

— Ugh, não, — eu resmunguei. Eu não via um natal branco há anos. — Eu aposto que você tem.

— Eu poderia passar uma década sem nunca mais ver a neve e ser um homem feliz. Você está assistindo *Uma História de Natal*?

Sorri quando minha cabeça girou no travesseiro para onde eu adormecera em sua maratona habitual de vinte e quatro horas. E lá ainda estava, uma tradição reconfortante.

— Claro.

— Ele já atirou em seus olhos?

— Não, ele está ouvindo o rádio. Como você está passando o seu Natal?

Houve uma pausa. Ele, imaginei, lutando com quanta informação era segura para compartilhar. — Em um barraco na floresta com a maioria da minha equipe, comendo carne enlatada e feijão, e desejando que eu estivesse em qualquer outro lugar.

A profundidade da verdade em suas palavras fez uma pontada passar por mim. Não importava quão sozinha eu estivesse no momento, pelo menos eu estava em casa, eu tinha o conforto disso, minha árvore, uma geladeira cheia de guloseimas para fazer um bom jantar de Natal. Ele poderia estar cercado por seu povo, mas não tinha nenhum conforto nisso.

— Isso é uma droga, — eu disse a ele, significando isso.

— Sim, — ele concordou, e eu podia ouvir um som estranho.

— O que é isso?

— A neve sempre amorosa, — ele rosnou. — A única privacidade em uma cabana de um cômodo é fora.

Ele não queria que eles soubessem que ele estava falando comigo. Deveria ter feito meu estômago revirar, mas percebi que também o mantive em segredo. Eu não havia falado com Fenway, Gunner ou Jules sobre os textos ou ligações. O que nós tivemos foi totalmente entre nós dois.

E, eu acho, isso deveria ter me perturbado. Eu não queria ser um segredinho sujo de ninguém, uma garota de clichês que só encontra um homem às duas da manhã.

Mas, de alguma forma, não parecia errado e decadente, algo que eu precisava esconder. Em vez disso, parecia algo especial, algo entre nós dois, excluindo o resto do mundo com suas opiniões altas e desagradáveis. Foi uma das poucas vezes na minha vida que algo era totalmente meu, sem a opinião pública.

Eu gostei disso.

— Você acha que o trabalho será muito mais longo? — eu perguntei, sabendo que não poderia ter detalhes, mas imaginando que

uma linha do tempo não seria exatamente pedir muito.

— Porra, se eu sei, — ele resmungou, deixando claro que a cabana na floresta estava deixando-o no limite. Eu acho que estar preso com sua equipe em um quarto deve ter sido irritante na melhor das hipóteses. Era uma maneira infalível de colocar suas relações com as pessoas à prova, colocá-las em um cômodo no bosque sob metros de neve, com nada além de comida intragável para comer, e pouco para lhe fazer companhia.

Isso abalava alguém tão imperturbável quanto Quinton Baird.

— Espero não mais do que outra semana. As coisas estão... progredindo, — ele disse cuidadosamente. — E então isso acabará. E Gunner precisará sair.

Gunner era conhecido como o Fantasma. Quando eu o pressionei sobre isso uma vez, ele disse que era porque ele era bom em desaparecer. Eu arriscaria um palpite de que sua especialidade que Quin achava atraente o suficiente para empregá-lo, com atitude grosseira e tudo mais, era que ele era capaz de fazer com que outras pessoas desaparecessem também.

Alguém neste caso precisava desaparecer.

Eu me perguntei quem poderia ser, já que não era Fenway.

Então, por algum motivo, uma ideia me ocorreu.

A esposa.

Com quem Fenway estava tendo um caso.

Se essas pessoas eram ruins o suficiente para que Fenway precisasse se esconder por mais de um mês, então alguém poderia imaginar que a esposa não estava se saindo muito melhor.

Por isso ainda estavam na Rússia, eles estavam tentando ajudá-la.

Deus.

Essas pessoas poderiam ser melhores?

Eu me senti como uma pessoa egoísta em comparação.

— Bem, mais do que meio caminho pronto, certo? Tenho que olhar para o lado bom.

— Você pode se imaginar trancada em um quarto com Smith, Lincoln, Finn, Kai e Miller por semanas?

— Poderia ser pior. Gunner também poderia estar aí. E pelo que ouvi, Ranger faz Gunner parecer o Sr. Simpatia.

— Isso é verdade. Sempre um forro de prata. Embora, se eu tiver que ouvir Miller dizer mais uma vez o quanto ela sente falta de chuveiros reais...

— Espere. O que? Miller é uma garota? — eu perguntei, sentando-me ligeiramente, rolando a tensão do meu pescoço por dormir encostada no braço do sofá.

Como eu não sabia essa informação? Eu ouvira mencionarem Miller pelo menos meia dúzia de vezes. O Negociador junto com Kai, o Mensageiro, eles eram os primeiros da equipe a entrar em situações perigosas. Mas, eu acho, sempre que alguém fala sobre seus colegas de trabalho, eles dizem coisas como *os caras* ou *a equipe*. Os pronomes não eram usados com frequência.

— Sim, ela é uma figura. Mas ela geralmente não está muito por perto. Dentro e fora do escritório. Ela é um dos membros mais ocupados da equipe.

— Interessante. Eu imagino que você não queira falar sobre eles agora, no entanto. Desde que você tem estado muito preso a eles. Que tal você terminar de me contar essa história sobre como você foi confundido como um grande contrabandista ópio? — eu perguntei, puxando meus joelhos para o meu peito, abraçando os cobertores em volta de mim.

Não foi uma má maneira de passar a manhã de Natal, ouvindo as histórias malucas que duraram décadas e vários continentes. Na verdade, eu diria que foi a melhor que passei desde que meu pai morreu tantos anos antes. Cada um desde então foram um grande desenvolvimento seguido por uma decepção épica.

Este, porém, era especial.

Ouvir Quin rir também.

Não uma daquelas gargalhadas que pareciam inflamar meu sangue, mas uma risada alta e rolante que me fez imaginá-lo na profundidade de um joelho na tundra russa com a cabeça jogada para o céu, o sorriso fazendo a pele ao lado de seus olhos escuros enrugue.

Isso foi uma novidade, algo para se segurar.

Um presente de Natal, tão descolado quanto isso.

E eu estava cuidando disso.

— Quin, se Finn derramar mais uma porra de spray... — Eu ouvi uma voz de mulher chamando, fazendo Quin soltar um grunhido.

— Produtos químicos mentolados. Eu quase sinto falta do cheiro, — eu admiti, sorrindo um pouco enquanto observava minha árvore.

— Ele não conseguia encontrar a merda de hortelã aqui. E ele não está feliz com isso. Meio cheira a chiclete. É nojento.

— Estou falando sério, Quin. Vou pegar a frigideira e...

— Tudo bem, estou chegando, — Quin resmungou, depois suspirou com força.

— Você tem que ir, — adivinhei.

— Eu tenho que ir, — ele concordou, parecendo arrependido. — Tenho a sensação de que se eu não diminuir a situação, alguns viajantes vão encontrar uma cabana cheia de corpos daqui a seis meses.

— Tudo bem. Você vai brincar de domador de leões, — eu concordei, sentindo uma pequena pontada de tristeza que já tinha acabado, mesmo que tivéssemos ficado no telefone por quase uma hora. — Espero que as coisas acabem logo para você, para que você possa voltar para casa.

— Eu também, querida. Eu também. Tenha um bom feriado, — ele me disse antes de terminar a ligação.

Eu abracei meus joelhos no meu peito, me perguntando se talvez, apenas talvez, a estranha sensação, insistente afundando e subindo ao mesmo tempo no meu interior estivesse possivelmente me dizendo algo. Sobre o Quin. Sobre como eu me sentia sobre ele. Sobre como ele provavelmente se sentia sobre mim também desde que continuou iniciando o contato. Eu acho que, nesta situação, o tempo diria.

Ele estaria de volta à cidade em algumas semanas.

E então realmente poderei ver se ele estava se sentindo como eu estava. Como se talvez fosse algo especial, algo que valesse a pena ser explorado, algo importante.

Capítulo Quatorze

QUIN

Isto estava finalmente, finalmente acabando, porra.

Acontece de apenas termos sorte de Sergai Korol e a maior parte de sua equipe de proteção se amontoaram em um SUV e se dirigiram para fora da cidade um dia depois do Natal, deixando apenas quatro caras guardando esse mamute de um complexo que ele chamava de lar.

Graças a um planejamento meticuloso feito por Smith, que havia preparado técnicas de extração que incluíam opções furtivas e de modo de combate completo, pudemos descobrir as programações da guarda, os melhores pontos de entrada e saída, e entrar e sair sem precisar levantar qualquer tipo de atenção.

Já estávamos a meio caminho do aeroporto rural, antes que nosso equipamento nos dissesse que os guardas perceberam que ela estava desaparecida.

Kai se sentou ao lado dela no avião, a mão enrolada em torno da dela, sussurrando para a mulher que tinha cortes recentes e hematomas, e ainda estava andando torta, as costelas quebradas claramente não estavam em vias de consertar.

Gunner nos encontraria no aeroporto, a levaria e sumiria com ela para sempre.

Eu, bem, tudo em que conseguia pensar era ficar em casa. Conseguir um banho de verdade, dormir em uma cama e uma refeição sólida.

Talvez uma que eu compartilharia com o Aven.

Porque, francamente, alguma coisa estava acontecendo lá.

Era território estrangeiro para mim.

Especialmente porque não nos vimos cara a cara em mais de um mês. Era estranho para mim como poderíamos forjar um vínculo sem contato físico. Mas não havia como negar que tínhamos. Eu havia contado a ela histórias que apenas as pessoas que estavam lá, Smith, sabiam. Eu ri e me senti mais leve enquanto conversava com ela do que sentia em anos. Talvez nunca. Eu tinha escutado as histórias dela sobre sua infância, especialmente sobre o pai dela que tinha sido um homem bom em todas as contas, e a adolescência dela com uma mãe que escolheu um homem sobre ela. Ela riu até que provavelmente tinha lágrimas escorrendo pelo rosto, lembrando algumas das loucuras insanas que Benny com quem ela trabalhava, disse no dia-a-dia.

E ela gozou com meu nome em seus lábios.

Por cima do maldito telefone.

Eu nunca fui fã de sexo por telefone antes. Até a ideia parecia decadente e impessoal. Mas não foi isso. Não com ela. Foi sexy. Novo. Emocionante. Satisfazendo. Mesmo que isso me fizesse querer mais do que antes, o que não parecia possível.

Havia essa sensação no meu interior, algo que eu entendia, algo que tinha conhecido toda a minha vida, algo que sabia confiar quando sentia. Um instinto.

Sobre ela.

E porque eu sempre segui quando senti, eu tinha toda a intenção de entrar em contato com ela para algo em pessoa assim que estivesse limpo e com menos cansaço.

Mas as primeiras coisas foram as primeiras, eu tive que parar no escritório para me certificar que tudo estava correndo bem com apenas Jules e Gunner por perto para ficar de olho nas coisas. A temporada de Natal nunca foi uma loucura para começar, mas queria ter certeza de que não havia casos urgentes que Jules tivesse guardado para si mesma, porque ela não queria nos distrair do caso em que estivemos.

Passei duas horas lá, examinando os arquivos, antes de finalmente decidir desligar o modo de trabalho e voltar para casa para me sentir humano novamente.

Eu estava saindo pela porta da frente quando vi.

Eles.

Eu os vi.

Aven.

E Fenway.

Aven não tinha absolutamente nenhum motivo para estar deste lado da cidade. Não havia nada aqui para ela.

Exceto, claro, Fenway.

Desde que ela não tinha ideia de que o resto de nós estava de volta.

Ela estava saindo de seu carro estacionado, sorria enorme ao ver Fenway andando pela rua.

— Amada! — Ele chamou, sorriso tão acolhedor quanto ela enquanto ele estendia os braços, e esperou que ela os encontrasse.

Algo, eu assisti com um nó na garganta, como ela fez, jogando os braços ao redor dele. Suas mãos desceram pelas costas dela, afundando em sua bunda, e a segurando contra ele enquanto ele a girava em círculos, a cabeça enfiada na orelha dela, falando com ela enquanto ela soltava um grito de prazer.

Fenway?

Porra... Fenway?

Era ele que estava usando o seu tempo quando eu fui embora? Um homem que ela alegou não ter interesse? Um homem que eu avisei a ela?

Eu assisti enquanto ele a colocava de volta em seus pés, suas mãos deixando sua bunda para emoldurar seu rosto, finalmente livre de trauma, mais bonito do que poderia ter imaginado, olhando-a por dois longos minutos, antes de baixar a boca dela.

O soco no estômago foi o suficiente para tirar o ar de mim.

E isso foi tudo o que eu poderia fazer.

Eu me virei, andando até o beco ao lado do meu prédio, com a mente acelerada, o coração batendo mais do que quando estávamos nos infiltrando em um prédio com russos fortemente armados treinados para atirar primeiro e fazer perguntas depois.

Meu braço balançou bem diante da boca do beco, meu punho colidindo com a implacável parede de tijolos, a dor ricocheteando no

meu pulso, o calor escorrendo pelos meus dedos deixando-me saber que eu havia rasgado os nós dos dedos.

Ótimo.

Como eu poderia explicar isso para alguém.

O que poderia ser dito?

Oh, eu vi uma garota com quem não estava envolvido tecnicamente oferecendo sua boca para um homem que eu não gostava.

Sim, essa merda não funcionaria.

Eu me joguei no meu carro, minha cabeça batendo no volante enquanto eu exalava uma respiração profunda.

Tanto para a porra do meu instinto sobre isso.

Foi a primeira vez que falhei comigo.

Eu acho que havia uma primeira vez para tudo.

Capítulo Quinze

AVEN

Eu não tinha ideia do que diabos estava acontecendo.

Um momento, estava recebendo uma mensagem de Fenway dizendo-me para vir dizer olá, e tchau, porque ele estava finalmente livre, e voando para Sydney para o Ano Novo. Porque, aparentemente, os fogos de artifício não podiam ser adiados. E, eu imaginei que depois de semanas preso em um pequeno espaço, ele estava ansioso para ter o sol no rosto, areia sob seus pés e, vamos admitir, mulheres seminuas em cima dele.

— Tente não se meter em mais problemas, — eu disse a ele, dando-lhe um olhar severo.

— Eu? Problemas? Por que, o que faria você pensar que eu seria capaz de tal coisa?

— Quatro milhões de dólares. — Ele havia escorregado e me contou na noite anterior o que seu último contratempo estava lhe custando, nunca retornar à Rússia e quatro milhões de dólares. Ele fez isso da maneira casual que apenas as pessoas ricas conseguiam com grandes somas de dinheiro. *Oh esses sapatos? Eles foram uma pechincha. Apenas mil e quinhentos dólares!* Enquanto isso, meus sapatos eram da Payless. Baratos. E ainda me preocupei com o custo por uma semana. Quatro milhões de dólares por um erro foi simplesmente absurdo. Isso fez meu peito ficar apertado toda vez que eu pensava nisso. E, no entanto, Fenway parecia tão calmo quanto poderia ser sobre toda a situação.

— Sim, isso afetaré meus grandes planos de aniversário este ano, — ele concordou, assentindo, fingindo parecer sério.

— Seus grandes planos de aniversário custariam milhões? Você poderia cavar poços e dar água potável a todos na África por isso, seu bundão ostentoso.

— Ei agora, eu dou muito para caridade, — ele insistiu, parecendo nem um pouco insultado por eu tê-lo chamando de bundão.

— Fodendo nos seios das atrizes não conta como caridade, — eu lhe dei um sorriso.

— A cara. Seus padrões são muito altos!

De lá, conversamos por mais alguns minutos, prometendo manter contato. Ele me disse que iria aparecer se estivesse em Jersey novamente. Eu disse que seria legal mesmo que tivesse a sensação de que era apenas uma daquelas coisas que as pessoas diziam. *Nós deveríamos pegar bebidas e pôr o papo em dia qualquer dia desses!* Enquanto isso, ninguém tem qualquer intenção de fazer uma coisa dessas.

— Tudo bem, é melhor eu dar o fora daqui antes que Quin saia com a mangueira de incêndio.

Com isso, ele beijou minha bochecha e desapareceu em um carro executivo que parecia estar esperando por ele na esquina.

Voltei-me para Quinton Baird e Associates, imaginando se teria uma desculpa válida para entrar, talvez para encontrar Quin. Mas com Gunner e Fenway fora, não havia razão racional para eu estar lá. Claro, eu via Jules com bastante frequência, mas não nos relacionávamos exatamente.

Ficaria estranho.

E desesperado.

Então voltei para o meu carro e dirigi para casa.

E fiz algo que sinto muita, muita, muita envergonha toda vez que penso nisso, esperei com meu telefone.

No primeiro dia, eu o desculpei.

Ele estava fora do país há semanas. Ele estava hospedado em uma cabana na floresta comendo carne enlatada e arroz. Ele provavelmente queria um banho, um bife e uma boa noite de sono em sua própria cama. Eu sequer poderia julgar isso.

Achei que ele ligaria quando estivesse limpo, alimentado e descansado.

E ainda assim não houve ligação.

Ou texto.

Não naquele dia.

Ou o próximo.

Ou o próximo.

No quarto dia, eu estava bem feliz no modo: que porra?

Quer dizer, eu não estava imaginando todos esses textos e ligações nas últimas semanas.

Para ser justa, ele nunca disse que queria namorar comigo. Esse foi o meu próprio pensamento positivo. Mas, no mínimo, havíamos forjado uma amizade. Uma firme. Um com segredos de ambos os nossos passados na mistura. Conversamos, de uma forma ou de outra, várias vezes ao dia desde o Natal. Até que, aparentemente, ele estava voltando para os Estados Unidos.

Isso foi bizarro, certo?

Quem faz isso?

Pelo menos sem motivo.

Mas se ele tinha uma razão, eu estava completamente no escuro quanto ao que poderia ter sido.

Eu tentei fingir que não me importei quando terminei o último dos meus biscoitos de Natal, enquanto me perguntava se era cedo demais para desmanchar a árvore, enquanto ouvia meus colegas falarem sobre seus planos para o Ano Novo.

Mas parecia não haver fim para os pensamentos girando.

Então veio a manhã do Ano Novo.

E meu cérebro estúpido e traidor não conseguia pensar em nada além da pequena promessa que ele fez, o que parecia ser uma vida inteira atrás.

Sobre 1600 Broadway, # 7C.

Eu nem tinha escrito isso. Normalmente, eu era terrível com coisas como endereços. Aquele, por qualquer motivo, ficou comigo.

E esta manhã, enquanto observava as mulheres no salão terem seus cabelos penteados para os planos de Ano Novo na cidade em algum lugar, eu não pude deixar de lembrar disso.

1600 Broadway, # 7C.

Era onde ele estaria? Sozinho em seu apartamento com uma bebida na mão, com vista para a cidade, sentindo como se estivesse sozinho?

Pensando em mim?

— Ugh, — eu rosnei, empurrando meus braços em minhas mangas do casaco com força suficiente para fazer meus ombros contraírem com uma pontada, dando tchau para meus colegas de trabalho que estavam terminando a noite, entrando no meu carro, e indo para minha casa silenciosa.

Eu ainda não conseguia dormir no meu quarto. Eu me forcei a tentar várias vezes, vestir uma camisola e subindo sob os novos lençóis. Mas assim que me espalhava, sentia uma sensação de sufocamento na garganta, como se suas mãos estivessem em cima de mim novamente, como se eu estivesse revivendo a noite. Tipo, eu pensei quando alcancei a luz, tive sua vida em minhas mãos novamente. Era quase estranho andar em direção à porta e não ver o corpo ali. Mesmo que a parte racional do meu cérebro soubesse que não estaria.

Mas o sofá era meu novo lugar seguro com Mackey a poucos metros de distância, dormindo sob a calefação do aquecedor onde eu havia colocado sua nova cama de cachorro macia que ele passava metade do dia tentando destruir.

Mesmo dormindo longe de tudo, eu ainda acordava no meio da noite, às vezes, doente do estômago, sufocando um grito.

Isso passaria.

Eu sabia que isso era temporário.

Talvez uma vez que eu seguisse em frente, conseguisse um novo lugar para morar, isso se tornaria ainda mais infrequente.

Ou talvez eu nunca seria capaz de dormir completamente durante a noite novamente.

O tempo diria.

— Ei, broto, — eu disse quando Mackey voou para fora da porta aberta, indo fazer o tour pela propriedade. Ele estava ciente de tudo desde a noite em que atacou a mulher que estava batendo minha cabeça na casa.

Eu caminhei para dentro, olhando para a garrafa de champanhe que tinha colocado no balcão, comprei por impulso no dia anterior, quando estava com muita raiva dele e como ele ignorou toda a nossa situação. Só durou até eu chegar em casa, tirá-la da sacola e colocá-la no balcão.

Então tudo que eu conseguia pensar era como seria patético beber champanhe, algo destinado a celebrar, sozinha em minha casa sem nada para celebrar.

Não foi exatamente um ano marcante para mim. Insegurança financeira incapacitante, um perseguidor que subiu ao nível dez, um rosto surrado, sangue nas minhas mãos, sexo com um homem que claramente não me queria. Quero dizer... foi um verdadeiro ano fodido para mim.

Eu acho que uma discussão poderia ser feita para celebrar o término. Para outra rotação ao redor da Terra, eu pude ver como uma chance de mudar as coisas, sair do meu conforto, tornar minha vida algo que nunca tinha sido antes, algo que eu acordasse de manhã realmente animada para experimentar.

Eu não pude, no entanto, parecer reunir o entusiasmo para sentar e formular um plano sobre como criar tal revisão.

Inferno, talvez eu apenas precisasse me mover.

Eu não tinha uma data exata para quando de repente seria autorizada a fazer uma coisa dessas, se eu pudesse até com o quão ruim o mercado tem sido por aqui, e não poderia mais, aparentemente, chegar a Quin. Acho que poderia perguntar ao Gunner. Ele tinha acabado de voltar, ontem, atirando em mim um texto exigindo algo “cheio de queijo” em algum momento da semana seguinte. Talvez eu pudesse obter alguns detalhes dele também. Sem ter que perguntar, porque ele deixaria claro que achava que, o que aconteceu com Quin era completamente inaceitável, da parte de Quin. E talvez um pouco tolo da minha.

E ele não tinha ideia de que tinha ido além do último dia no escritório depois que fizemos sexo.

Eu não poderia imaginar o sermão que receberia dele se ele soubesse. Especialmente se percebesse que as coisas tinham ido para o sul como ele sabia que iriam.

Mas sim.

Talvez eu tenha terminado com Jersey.

Talvez fosse hora de algo novo. O Sul em algum lugar. Talvez na Flórida, onde o que eu poderia obter com a venda da minha casa poderia me dar algo decente. Eu não gostava muito de cobras, jacarés ou umidade, mas pelo menos era diferente.

Meu telefone tocou, fazendo minha barriga vibrar esperançosamente enquanto me lançava para ele. Havia uma distinta e familiar sensação quando percebi que não era ele.

Era Fenway.

Uma foto de sua comemoração, duas mulheres pressionavam os dois lados dele em biquínis minúsculos que mal passavam pelas leis da decência, bebidas geladas meio derretidas em suas mãos. O próprio Fenway estava sem camisa, exibindo um peito e abdômen que era mais musculoso do que você esperaria, um pouco dourado de suas horas ao sol.

Festejando no Ano Novo como deveria ser. É melhor sua bunda bonita não estar sentada sozinha na casa com aquele cachorro.

Ugh.

Isso era exatamente o que eu estava fazendo, percebi quando caminhei para deixar Mackey na porta com um bastão gigante que era praticamente um galho inteiro de árvore que ele destruiria sistematicamente por toda a casa, deixando farpas até para a próxima semana, não importando o quanto eu limpasse depois.

Eu caí no sofá, estendendo a mão para ligar a TV, assistindo comerciais das festividades, e sentindo uma profunda infelicidade pressionar-me, fazendo meus ombros se sentirem mais baixos, minha cabeça cair.

Pouco mais que vinte minutos depois, encontrei-me movendo para ficar em pé, caminhando em direção à porta, recolhendo meu casaco e pegando a bolsa e as chaves.

Eu não sabia para onde estava indo, só sabia que não poderia ficar presa nessas quatro paredes por mais tempo.

Não foi até que me encontrei estacionando na estação de trem que percebi o que realmente queria. Apesar de saber que era uma ideia terrível, que estava pedindo mais dor, que se eu aparecesse lá, deixaria que ele visse que estava morrendo de vontade de vê-lo, que estava

caidinha por ele.

Normalmente meu orgulho nunca deixaria esse deslize.

Mas eu me peguei saindo do meu carro, pegando o pacote listrado vermelho e branco que estava no meu banco do passageiro desde que eu o comprei. Para ele. E indo em direção ao terminal para comprar um bilhete para a Estação Penn.

1600 Broadway, # 7C. É onde eu estarei neste Ano Novo. Se você não tem nada acontecendo e não quer ficar sozinha, é uma curta viagem de trem.

Isso foi o que ele me disse todas aquelas semanas atrás.

Eram as palavras que rodeavam a minha cabeça durante toda uma hora e vinte minutos na cidade, sentada ao lado de um grupo de jovens de apenas vinte e um anos que claramente estavam em casa antes de irem para a cidade, falando alto e felizes. E porque eu não estava também, era desagradável para mim.

Eles não sabiam que alguns de nós tinham uma noite longa e difícil, provavelmente cheia de decepção?

Oh, por ser tão jovem e não afetado pelo mundo em geral ainda.
A vida está prestes a te foder em quatro anos ou mais.

Ugh.

Eu estava sendo aquela garota.

Eu desviei o olhar do grupo, observando as luzes à distância antes que o túnel as bloqueasse de vista.

Meu estômago estava em nós enquanto me ocupava da lacuna e saí do vagão do trem, fazendo meu caminho através do terminal da Estação Penn, o cheiro da comida no quarteirão me lembrando que eu não tinha comido nada desde o almoço. Mas não havia tempo para isso. Se eu não fosse direto para lá, ia voltar atrás.

E nunca saberia.

Se havia algo pior do que engolir seu orgulho e talvez ter seu coração esmagado, era nunca saber.

Eu queria saber.

E se saber significava que eu ia arrastar minha bunda para casa

com um buraco no peito, então que assim seja. Pelo menos eu nunca mais me perguntaria o porquê.

Os táxis eram um desejo e uma oração em noites ocupadas como esta, então puxei as lapelas do meu casaco para tentar manter o frio longe das minhas orelhas, e comecei a andar.

Vinte minutos e vários membros quase adormecidos depois, eu estava em pé na frente do prédio depois de ter passado a multidão insana por toda parte, tentando me convencer a seguir em frente.

— Senhorita? — perguntou o porteiro, parado em um casaco que não parecia quente o suficiente, luvas brancas nas mãos, olhos cor de mel me observando e a minha indecisão.

— Você já viu *O Grande amor da minha vida*? — eu perguntei, imaginando que eu tinha uma chance melhor com ele, sabendo que ele parecia ter pelo menos mais de cinquenta anos do que com alguém da minha idade.

— Sim senhorita.

— Lembra como Nick e Terry concordam em se encontrar no Empire State Building seis meses depois do cruzeiro, se ainda sentissem o mesmo um pelo outro? — Eu perguntei, observando enquanto ele assentia.

Seus olhos percorreram até meus pés e depois de volta para o meu rosto. — Você não parece estar em uma cadeira de rodas, senhorita. Eu acho que você pode fazer isso lá, — ele disse, sacudindo o queixo em direção ao prédio. Assim, como se a decisão foi tomada, ele se moveu para agarrar a porta, abrindo-a para mim.

O bafo de ar quente me conduziu para dentro, e eu estava ao lado das portas do elevador que subiam, esperando que ele voltasse para baixo, abrindo-se com um som alegre.

Era isso.

Não havia como voltar agora.

Engoli em seco enquanto ia até seu andar, respirando fundo para tentar acalmar as batidas inquietantes do meu coração.

O barulho que anunciou seu andar foi o suficiente para me fazer sacudir quando as portas se abriram.

Meu corpo ficou pesado enquanto forçava minhas pernas a me

levarem pelas portas e depois pelo corredor até o número sete, ficando do lado de fora por um longo momento antes que eu pudesse forçar meu braço a levantar e bater.

Suavemente.

Apenas duas vezes.

Apenas o suficiente para eu ouvir, se houvesse alguém dentro.

Se ele estivesse aqui mesmo.

Esse pensamento nunca me ocorreu antes.

E se ele decidiu não vir?

E se ele estivesse de volta a Navesink Bank, e eu fosse apenas uma garota tola e extravagante que...

A porta se abriu.

E lá estava ele.

Como se estivesse esperando, debaixo de toda a dúvida e insegurança, que ele estaria.

Ele parecia bem também. Fazia tanto tempo desde que eu o tinha visto pessoalmente que quase tinha esquecido todas as linhas perfeitamente esculpidas em seu rosto, a profundidade em seus olhos escuros, a seriedade em seus lábios que pareciam beijáveis demais naquele momento.

Ele parecia um pouco diferente também. Esta foi talvez a primeira vez que seu rosto estava recém raspado. Eu acho que talvez tenha crescido na floresta, para o que deve ter sido uma barba bem cheia, uma que eu senti uma pontada por não ter conseguido ver, e ele provavelmente precisasse raspar completamente quando chegou em casa. E, se eu não estivesse enganada, todas aquelas refeições desagradáveis na cabana deviam significar que ele comia o mínimo possível, porque parecia um pouco mais magro.

Aposto que isso fez com que os músculos de seu abdômen se aprofundassem ainda mais.

Jesus.

Minha mente não precisava estar indo para lá neste exato momento com ele olhando para mim, as sobrancelhas um pouco

vincadas, como se minha presença não fizesse sentido algum.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, tom frio.

Seu tom nunca foi frio antes. Pelo menos não quando estava se dirigindo a mim.

Houve um sentimento de afundamento no meu estômago enquanto eu engolia em seco, desejando que minha voz saísse mais forte do que estava sentindo no momento. — É véspera de ano novo.

— Sim, — ele concordou, me dando um arquear de sobrancelha.

Não apenas frio, gelado. Glacial.

Pisquei com força, desejando manter-me controlada, apenas tirar a próxima frase. Depois disso, aconteça o que acontecer, eu poderia me arrastar para fora do prédio e chorar meu coração sobre uma fatia do Sbarro¹¹ antes de pegar o próximo trem de volta a Navesink Bank, onde poderia cavar um buraco bem fundo e enrolar até morrer de vergonha por isso.

— Você disse uma vez que, como somos amigos, se estivéssemos sozinhos no Ano Novo, para nos encontramos aqui.

Sua mão subiu, um copo de uísque captou a luz enquanto ele descansava os nós dos dedos no batente da porta, bloqueando qualquer possível entrada. Ele nem precisava falar, isso estava dizendo o suficiente.

— O problema é que não somos mais amigos, Aven. — A sensação de afundamento em minha barriga intensificou, fazendo-me sentir subitamente enjoada e não mais interessada em uma pizza nova-iorquina deliciosa e gordurosa. Eu estava prestes a me virar e arrastar meu orgulho preso para o elevador quando ele falou de novo. — Estávamos a caminho de nos tornar muito mais do que amigos. Isso até eu pegar você e Fenway se beijando bem na rua em frente ao meu prédio.

Oh.

Bem.

Isso explicava, não é?

¹¹ É uma cadeia de pizzarias especializada em pizzas de estilo nova-iorquino vendidas por fatia.

Ele tinha voltado então.

E ele saiu para testemunhar o que era uma saudação completamente inocente, pelo menos da minha parte, e despedida. Sim, ele me levantou pela minha bunda. Eu também disse a Fenway que estava fora dos limites, algo que ele claramente não poderia ter ouvido de onde provavelmente estava olhando do outro lado da rua. E sim, ele me beijou na boca. Mas não foi um beijo. Foi um beijinho. Durou menos que um piscar de olhos. E, novamente, eu disse a ele que um beijo na bochecha era tão amigável quanto o que iríamos conseguir. Outra coisa que ele não poderia ter ouvido do outro lado da rua.

E Quin realmente não gostava de Fenway. Então lá estava ele pensando que estávamos construindo algo há mais de um mês, mesmo à distância, e chega em casa para me encontrar, ele pensou, com um homem que o fez passar o Natal em um barraco na floresta na Rússia.

Ele havia me alertado especificamente de Fenway também.

Eu pude ver por que ele esteve chateado.

Mas isso não significava que estava tudo bem.

Por tirar conclusões precipitadas.

Não me confrontar se ele tivesse um problema.

Apenas o silêncio como um menino de cinco anos que não conseguiu o que queria.

Meu queixo se levantou, e eu senti um desafio em meus olhos, algo que ele sem dúvida percebeu ao julgar pela maneira como as sobrancelhas franziram ligeiramente.

— Se você vai ficar de mal com alguém, provavelmente deve ser Gunner, — eu disse, deixando as palavras aterrissarem, sem dizer mais nada, exigindo que ele pedisse respostas.

— Gunner? Você *fodeu* com Gunner? — ele perguntou, com a mandíbula apertada.

— Não, na verdade. Eu não estou fodendo ninguém. Mas, caramba, obrigado por pensar que estou apenas me enroscando com todos os seus conhecidos. Eu posso ver que você tem uma opinião muito alta sobre mim. Feliz porra de Ano Novo, Quin. — Eu gritei, empurrando seu presente em seu peito, surpreendendo-o o suficiente para alcançá-lo quando me virei, e me afastei.

— Espere, espere, — ele disse assim que cheguei ao elevador, de repente as mãos livres, chegando a enrolar seus dedos ao redor do meu braço, forçando-me a virar para encará-lo. — Você não pode dizer uma merda assim, e ir embora.

— Realmente? Eu não posso? Mas você pode apenas *assumir* coisas sobre mim e ir embora, certo? Isso é totalmente legal? Se você tivesse talvez andado por aí, Quin, você teria visto que aquele suposto beijo entre Fenway e eu durou um segundo. E foi a maneira dele dizer adeus antes de partir para a Austrália para passar por todas as belas mulheres de Sydney, não havia nada entre nós além da amizade, e muitas noites de jogos de tabuleiro desde que ele estava preso. E eu estava muito solitária, Quin. Era inocente. Ele é um amigo.

A tensão em suas feições pareceu diminuir imediatamente. O tique-taque em sua mandíbula se foi. O aperto de sua boca diminuiu. E eu não vi nada além de alívio em seus olhos.

— O que foi aquilo sobre Gunner, então? — ele perguntou, os dedos diminuindo o seu aperto, mas não me soltaram como se estivesse com medo de que, se o fizesse, eu desapareceria nas portas do elevador que apenas se abriam para o nosso lado.

— Ele esteve em minha casa algumas vezes por semana desde que você se foi.

— Pelo quê? — ele perguntou, as sobrancelhas franzidas como se essa informação não fizesse sentido.

— Arrumar meu jardim. Segurar Mackey para que eu pudesse cortar as unhas. Assistir filmes. E comer.

— Comer, huh? — ele perguntou, os olhos ficando brilhantes. — Sim, isso soa como ele. Você fez parecer mais.

— Para provar um ponto.

— Sobre?

— Assumindo as coisas.

Seus lábios se contraíram com isso. — Porque isso faz de você e eu um idiota, como diz o ditado?

— Não, — eu disse, balançando a cabeça. — Neste caso, o único sendo um idiota é você.

Para isso, o lábio se contorceu em um sorriso genuíno quando

uma risada baixa e estrondosa se moveu através dele.

E para mim, droga.

Por mais que eu quisesse manter a guarda, pelo menos até que eu pedisse desculpas, não havia como negar a maneira como meu corpo respondia a ele.

— Justo o suficiente, — ele concordou, sua mão deslizando do meu bíceps e descendo pelo meu braço para fechar em torno do meu pulso, dando um aperto antes de deixar cair o contato, algo que eu senti com uma pontada, mesmo se ainda estivesse um pouco irritada com ele. — Eu fui um idiota por ter assumido o pior de você.

— E por me dar o tratamento silencioso quando você deveria ter sido um adulto, e me confrontado sobre isso, — acrescentei.

Seus lábios se contraíram novamente, mas ele os pressionou em uma linha como se soubesse que ele deveria falar sério agora. — Por isso também, sim.

Com mais nada, levantei meu queixo um pouco. — Estou esperando por algo aqui... — eu perguntei, dando-lhe um olhar aguçado.

Ele me deu um sorriso caloroso, dando um passo mais perto até nossos dedos estarem praticamente tocando, então deslizou suas mãos ao meu redor, dobrando-as na minha parte inferior das costas e puxando minha barriga para a dele, fazendo uma sensação quente e pegajosa se mover pela minha barriga. — Me desculpe por ter tirado conclusões precipitadas. E te dar o tratamento silencioso. E machucar você.

— Eu não disse que estava ferida...

— Baby, — ele me cortou, balançando a cabeça para mim como se eu estivesse sendo boba. — Você quer que eu confie em nós. Eu vou admitir isso. Eu fui um idiota. E ver aquela merda me irritou porque a minha primeira parada depois que me limpasse e conseguisse dormir era ver você. E deixar claro que amizade com você não era o que eu queria. Agora seja sincera com sua merda também. Eu te machuquei.

— Tudo bem, — eu resmunguei, não conseguindo fazer contato visual, então estudei o botão superior aberto dele. — Você me machucou, — eu admiti, as palavras pouco mais que um sussurro. — Mas, quero dizer, não é como se tivéssemos qualquer tipo de acordo...

— Não sei como foi para você, querida, mas isso deixou de ser amizade no minuto em que eu te liguei de meio mundo de distância.

Deixou de ser amizade para mim quando dormimos juntos. Se não antes disso, realmente.

— Vamos lá, — ele disse, liberando-me de repente, mas mantendo a mão na parte inferior das costas enquanto me levava de volta para sua porta aberta. — Podemos conversar em outro lugar que não seja em frente ao elevador, — ele explicou enquanto entramos em seu apartamento.

Agora eu sabia que Quin estava bem. Cada um de seus ternos provavelmente custaria mais do que todo o meu guarda-roupa. Seu carro era como uma maldita espaçonave. E, bem, seu prédio de escritórios de alguma forma conseguiu fazer uma favela parecer uma vizinhança de luxo.

Também era arriscar que ele tinha alguma residência em Navesink Bank. Uma casa ou apartamento. Alguma coisa. Era provavelmente estupidamente bonito e elegante, como tudo o mais que ele colocou as mãos.

Mas eu não acho que isso realmente tenha me atingido, como ele estava indo na vida, até entrar em seu apartamento na cidade.

Por quê?

Bem, porque ele estava na Broadway.

Então, mesmo um apartamento do tamanho de uma caixa de sapatos provavelmente era para mais de um milhão.

Mas o lugar de Quin não era uma caixa de sapatos.

Dentro, à direita, estava a cozinha, completa com eletrodomésticos de aço inoxidável, bancadas de ardósia, uma mesa de bar para comer e armários feitos de algum material que eu nem conhecia olhando, mas eram cor de areia, e eu arrisquei um palpite de que eles eram estupidamente caros.

Ao lado, havia uma porta que dava para a cama e o banheiro, imaginei.

Diretamente para frente estava a sala de estar com paredes de cores claras, o que era um pouco incomum para Quin, mas provavelmente era para manter o lugar leve e arejado, pisos de madeira

escura, um sofá de couro em frente a uma TV gigante e todo o caminho. No final, janelas do chão ao teto com vista para a cidade.

— Ei! — eu disse quando ele clicou a porta fechada, meus olhos pegando uma pilha de itens em sua mesa.

Uma caixa embrulhada.

Varinhas de confete.

E champanhe.

Como eu havia pedido, ele estava pronto.

Quin foi até a mesa, quase parecendo meio tímido.

— Como você tem tudo isso, mesmo estando chateado comigo?

— Mesma razão, eu acho, que você apareceu aqui esta noite, — ele me disse, pegando o champanhe e tirando o papel.

— Espere... esse champanhe *rosa*? — eu perguntei, sobrancelhas erguidas juntas.

— Já viu *O grande amor da minha vida*, querida?

— Acabei de dizer ao seu porteiro sobre isso! — eu disse, um sorriso se espalhando tão grande que quase doía. — Ele me disse quando eu hesitei que não parecia estar em uma cadeira de rodas, então, essencialmente, eu deveria arrastar minha bunda até aqui.

— Eu lhe devo uma gorjeta gigantesca, — disse Quin ao estourar a cortiça. — Você pode pegar as taças? Ao lado da geladeira, — ele esclareceu.

— Você só... por acaso tem duas taças de taças de champanhe? Eu nem tenho taças de vinho adequadas.

— De que outra forma você deveria brindar algo grande acontecendo? — ele perguntou, enchendo-as enquanto eu as segurava, então entreguei uma para ele.

— Que grande coisa estamos brindando? — eu perguntei, apenas necessitada o suficiente para ter que ouvir isso dele.

Sua cabeça se inclinou para o lado um pouco, seu sorriso caloroso. — O começo disso, — ele ofereceu, tilintando meu copo.

— O começo de quê?

Sua cabeça inclinou-se para a minha, nossas testas quase se tocando. — Nós, Aven. O começo de nós.

Nós.

Ele disse isso.

E não havia como negar o sentimento crescendo no meu peito ao ouvi-lo.

— Bem, eu vou beber a isso, — eu concordei.

E nós bebemos.

E foi dois segundos depois que a taça deixou meus lábios que ele estava colocando a sua na mesa, alcançando a minha, e colocando-a lá junto com a sua para que nossas mãos pudessem estar livres. Ele se moveu para fora, enquadrando meu rosto, inclinando-o ligeiramente enquanto sua cabeça abaixava, reivindicando meus lábios com os dele.

Finalmente livre de ferimentos, ele não teve que ser gentil desta vez, com cuidado. Seus lábios estavam com fome e duros, queimando os meus de uma maneira que dizia que os sentiria lá mesmo depois que o beijo tivesse acabado.

Meu corpo derreteu no dele, minhas mãos afundando em seus braços antes de deslizar para dobrar atrás de seu pescoço.

Eu não sei quanto tempo ficamos assim, mas quando o rosto dele finalmente puxou do meu, meus lábios pareciam inchados e sensíveis. — Eu sei o que deveríamos fazer para recuperar o atraso, — ele começou, com as pálpebras pesadas, mais sexy do que qualquer coisa que eu já tinha visto antes, porque sabia que elas estavam assim por minha causa, — mas eu tenho imaginado você na minha cama por mais de um mês.

Haveria muito tempo para recuperar o atraso.

— Leve-me para a cama, Quin, — exigi, inclinando-me para frente, roçando meus lábios na lateral do seu pescoço, fazendo um rosnado baixo, quase inaudível, atravessar seu peito.

Suas mãos deslizaram através de minhas costelas, em seguida, pelas minhas costas para afundar em minha bunda, cavando, e puxando até que eu estava fora de meus pés com pouca escolha a não ser arrastar minhas pernas para cima e envolvê-las em torno de suas costas enquanto minha língua traçava o lóbulo da sua orelha.

Eu estava vagamente ciente de passar pela casa antes de Quin dobrar um pouco para frente, e minhas costas encontraram o colchão. Não houve sequer uma pausa antes que ele puxasse o meu aperto, suas mãos agarrando o cós da minha calça e calcinha, e arrastando-as pelas minhas pernas com impaciência, cada controle que ele normalmente possuía desapareceu de repente. Seus dedos encontraram a bainha da minha blusa, arrastando-a para cima, fazendo-me levantar para tirá-la, em seguida, descartando-a no chão enquanto sua mão livre alcançava atrás de mim para soltar meu sutiã.

Em segundos, eu estava completamente nua na frente dele enquanto ele se movia para ficar fora da beira da cama, os olhos passando por cima de mim enquanto ele impacientemente encolheu os ombros para fora do casaco, e soltou seus botões. Suas mãos fizeram o trabalho rápido em suas calças e cuecas boxer, então ele estava tão nu para mim como eu estava para ele, movendo-se sobre mim, nossos corpos pressionando deliciosamente juntos enquanto sua cabeça se movia, os lábios descendo pelo meu pescoço, depois para baixo em meu mamilo, fazendo-me arquear-me na sensação com um gemido.

Sua língua rolou o broto endurecido até que estava quase dolorosamente esticando, chupando-o com força antes de passar pelo meu peito para me torturar ainda mais enquanto ele equilibrava a metade do meu corpo em um braço, permitindo que sua mão pastasse sobre minha barriga, minha coxa, até o joelho, depois para a parte interna da coxa, fazendo minhas pernas se abrirem na cama, convidando o toque dele.

Ele não provocou.

Nós dois estávamos longe demais para sugerir coisas sem preencher a necessidade.

Seus dedos sussurraram sobre a dobra da minha coxa mais interna antes de entrar e deslizar pela minha fenda escorregadia, encontrar meu clitóris, e trabalhar em círculos lentos e firmes quando seus lábios deixaram meu mamilo e voltaram para provocar meu pescoço.

— Tão molhada para mim, — ele rosnou enquanto seus dentes beliscavam meu lóbulo da orelha, seu polegar se movendo para trabalhar meu clitóris para que pudesse mover os dedos para baixo para pressionar dentro de mim. Meus quadris se ergueram para encontrar o seu toque, precisando de mais, desesperados pelo fim do peso na parte inferior do meu estômago, o sentimento enrolou por dentro.

— Quin, por favor, — eu exigi quando minhas mãos o alcançaram, tentando arrastá-lo sobre mim.

— Por favor, o quê? — ele perguntou, os lábios descendo pela minha mandíbula em direção aos meus lábios.

Não havia espaço para qualquer insegurança aqui, apenas um fim para o tormento.

— Por favor, foda-me, — eu exigi, a mão se movendo para agarrar seu pau duro, acariciando-o ao ritmo que seus dedos estavam me fodendo.

Ele permitiu o contato por um longo momento enquanto seus dedos se enrolavam e passavam por cima da minha parede superior até que eu estava ofegante. Então perdi seu toque enquanto seu corpo se movia sobre o meu, seu pênis deslizando contra a minha boceta enquanto seus lábios reclamavam os meus até que eu estava me contorcendo debaixo dele, mãos arranhando em suas costas e ombros.

Seu peso mudou para equilibrar em um braço quando ouvi a gaveta se abrir, e ele abriu a embalagem para nos proteger.

Seus lábios liberaram os meus para que ele pudesse olhar para mim enquanto seus quadris se moviam, e seu pênis bateu profundamente dentro de mim, me reivindicando completamente com um único golpe.

— Porra, — ele rosnou quando meu gemido foi alto o suficiente para alertar os vizinhos.

Seu corpo mudou de repente, se ajoelhando, agarrando minhas pernas, e as puxando para descansar em seu ombro, os tornozelos cruzados, seu braço dobrando sobre eles em torno da coxa, segurando-as firmes quando ele começou a me foder.

Duro.

Rápido.

Se ele não estivesse segurando em mim, eu estaria batendo de volta contra a cabeceira da cama com a força por trás de cada impulso, seu pênis batendo tão profundamente quanto meu corpo permitiria a cada golpe, me levando mais rápido do que sabia que era possível.

Sua mão livre se moveu para fora, dedos pressionando minha barriga, fazendo a pressão ainda mais intolerável enquanto seu polegar

deslizava para baixo para trabalhar meu clitóris.

O acúmulo foi demais.

Fazia muito tempo.

E começou, minhas paredes começaram a apertar em torno dele, ameaçando um final feliz.

Parecendo sentir isso, a mão de Quin deixou meu clitóris, agarrando meus tornozelos e arrastando minhas pernas para baixo para pressionar na cama em um ângulo, coxas apertadas enquanto ele me fodeu mais forte, mais rápido, seu corpo ficando apertado com sua própria necessidade de liberação.

— Goze, Aven, — ele exigiu, uma mão plantando ao lado do meu ombro quando ele se dobrou sobre mim, mantendo contato visual enquanto seu pênis batia profundamente, fazendo a tensão se soltar com uma onda de prazer pulsante.

— Quin. — Não foi um grito nem um gemido. Foi um som desesperado e implorando quando o orgasmo rasgou quase violentamente através de mim.

— Porra, — ele rosnou, empurrando através dele, arrastando-o para fora, antes de plantar fundo, seu corpo empurrando forte uma vez quando ele veio com o meu nome em seus lábios.

Seu outro braço desceu do meu outro lado, seu corpo enrolado sobre o meu, seu rosto enterrado no meu pescoço quando ele desceu do seu orgasmo, enquanto trabalhava para nivelar sua respiração e as batidas frenéticas de seu coração que eu sentia contra o meu peito.

Meus braços se moveram, enrolando-se ao redor dele, puxando-o para mim enquanto eu tentava encontrar alguma aparência de controle sobre o meu corpo estranhamente saciado e quase dormente.

Um longo momento depois, seus lábios pressionaram meu pescoço, sua respiração quente sobre a pele enquanto ele falava, — Espero que você não tenha planos para a próxima semana, porque eu planejo mantê-la na cama por todo tempo, — ele me disse, um pequeno sorriso puxando seus lábios geralmente sérios, seu rosto completamente à vontade, algo que era realmente uma visão, ver em um homem tão reservado quanto ele era. — Eu já volto, — ele me disse quando meu corpo perdeu o dele, e ele saiu da cama para caminhar em direção ao banheiro.

Forcei meus membros pesados para cima, deslizando sob seus lençóis macios, e os puxei para cobrir meu corpo, agora frio com a falta de contato.

Ouvi a pia correndo e, apenas alguns segundos depois, Quin voltou, lindamente nu. Minha cabeça virou no travesseiro, observando-o enquanto ele se movia em minha direção, nem mesmo tentando esconder o jeito que eu estava olhando para ele. Quando você claramente trabalhou para ter um corpo como esse, você esperava que ele tivesse olhos sobre ele sempre que estivesse em exibição.

Ele não se moveu para mim, no entanto.

No último segundo, ele se desviou para a cômoda, vasculhando o interior. Eu teria reclamado, mas, bem, com ele se afastando de mim, significava que eu tinha a chance de olhar para suas costas e sua bunda musculosa. Eu nunca tinha me considerado uma pessoa de bunda até o momento. Mas a bunda de Quin? Sim, sim.

Ele se virou um segundo depois, vindo para o meu lado da cama com roupas na mão. Ao meu olhar interrogativo, ele encolheu os ombros. — Camiseta para você. Calças para mim. Temos que assistir à queda da bola, e arruinar completamente o meu maldito apartamento com varinhas de confete, — ele me informou, me entregando a camiseta e inclinando-se para vestir a calça de algodão xadrez preto e branco.

Decidindo que a ideia de poder iniciar um novo ano corretamente com ele de fato superou de algum modo o aconchego na cama, eu peguei a camiseta e a vesti, pegando sua mão quando ele a ofereceu para mim, e caminhamos para o espaço principal da casa novamente.

— Ligue o canal, — ele exigiu enquanto desviou para a cozinha para pegar o champanhe e as varinhas. — Eu estava evitando essa merda como a peste, — ele me disse quando me sentei no sofá para ver uma reprise de *007 - Cassino Royale* na tela.

— Bond, hein?

— Eu gosto da versão de Craig, — ele me disse, entregando-me minha taça de champanhe, em seguida, movendo-se para sentar ao meu lado, chegando a agarrar minhas coxas e puxou-as sobre as dele.

— Eu também. Um pouco menos misógino, — eu concordei, olhando para a Times Square. Tínhamos dez minutos para gastar. — Então... — eu disse depois de alguns minutos de silêncio, apenas observando os locutores na TV tentando não parecer levemente bêbados e congelados.

— Então? — Ele perguntou quando eu não continuei.

— Quanto tempo depois dessa bobagem você acha que podemos nos aventurar na Sbarro? — na sua sobancelha levantada, dei de ombros. — Eu não jantei, — expliquei. — Eu tinha certeza de que estava prestes a chorar sobre uma fatia enquanto esperava o trem de volta para Navesink Bank. Mas agora que não estou, eu meio que ainda quero de qualquer maneira.

Seu rosto caiu um pouco com esse comentário enquanto sua mão se movia para escovar meu cabelo atrás da minha orelha. — Eu posso ser um idiota às vezes, querida, mas não quero você chorando sobre uma pizza por minha causa.

Um pouco desconfortável com a intensidade que vi em seus olhos, dei de ombros. — Eu não sou muito de chorar, — eu desviei. — Acho que eu meio que gosto de você, — acrescentei, dando-lhe um pequeno sorriso.

— Sim? — ele perguntou, seus próprios lábios se inclinando. — Bem, isso é conveniente porque eu acho que gosto de você também.

Não havia como negar a estranha sensação de aperto no coração que eu tive com suas palavras, fazendo-me deslizar para frente, descansando minha cabeça em seu peito enquanto sua mão foi para minha coxa, e assistimos na TV como todo mundo lá fora, apenas alguns andares abaixo de nós, empolgada com o começo de um novo ano.

Nós não fomos bregas.

Nós não contamos.

Pelo menos não em voz alta.

Mas no segundo em que a bola caiu e a placa acima se iluminou com a data do ano novo, a mão de Quin deixou minha coxa para encontrar meu queixo, inclinando-a para cima. — Feliz Ano Novo, querida, — ele disse, acariciando meu queixo.

— Feliz Ano Novo, — eu disse a ele de volta.

E eu ainda estava sorrindo quando seus lábios se fecharam sobre os meus.

Foi de longe o melhor Ano Novo que eu já passei.

E meu instinto estava me dizendo que era por causa da pessoa

com quem estava, a pessoa que eu esperava que passasse muito mais
Anos Novos comigo.

Epílogo

QUIN

Um dia

Eu não conseguia lembrar a última vez que acordei com uma mulher ao meu lado na cama. E eu tinha certeza de que, mesmo quando tive no passado, nunca tinha sentido essa estranha, quase irresistível sensação de aperto no meu interior por vê-la lá, seu cabelo escuro espalhado sobre as fronhas, seus cílios descansando suavemente em sua pele de porcelana.

Suprimentos à parte, eu honestamente não achei que ela iria aparecer. Eu tinha aceitado que passaria a noite assistindo filmes de Bond, bebendo demais e tentando afogar a ideia de que a queria ali comigo.

Quando houve uma batida na porta, pensei que era para as pessoas do apto ao lado que pareciam estar fazendo um jantar, outros dois casais convidados já haviam batido em minha porta.

Mas então lá estava ela.

E ela estava com raiva de mim por assumir besteiras.

O que, para ser sincero, foi a reação correta.

Ela estava certa. Eu tinha tirado conclusões precipitadas e me afastei como um adolescente enlouquecido demais para confrontá-la sobre isso.

Inferno, eu deveria saber que Fenway estava sendo Fenway.

Eu tinha acabado de construir nosso reencontro por muito tempo, tinha todas essas ideias de merdas sobre como seria, e vê-la com ele pareceu um soco.

Mas por ser uma bichinha, eu não só tinha me deixado em um estado de espírito por dias que todo mundo no escritório estava pisando em ovos ao meu redor, até mesmo Jules, normalmente destemida. E eu

machuquei Aven.

Mesmo observando-a na minha cama, os cobertores se acumularam ao redor de seus seios, sua respiração lenta e uniforme, a mão ainda no meu quadril de quando ela tinha saído do meu peito em algum momento da madrugada, mas estendeu a mão para manter contato, eu estava quase tendo dificuldade em lidar com o fato de que eu tinha atrasado meu acesso a isso sendo um idiota teimoso por dias.

Mas isso não importava agora.

O que importava era que ela estava aqui.

E essa última noite foi o primeiro Ano Novo que eu já passei com uma mulher.

E parecia certo.

Eu senti meu instinto suficiente em minha vida para saber quando apareceu. Como fazia toda vez que eu olhava para Aven.

Isso era novo, claro, mas estava acontecendo em algum lugar.

AVEN

Três Dias

Kennedy fechou o salão nos dois dias seguintes à véspera de Ano-Novo, sabendo que praticamente todas as mulheres da região estavam lutando contra uma ressaca enorme e fazendo idas ao ginásio para cumprir suas resoluções e que uma visita ao salão estava abaixo na sua lista.

Eu havia combinado com Gunner para olhar Mackey por mim, algo que ele fez com um texto que declarou “*Não chore para mim quando as coisas derem errado, boneca*”. Ele não era uma alma compassiva, mas eu o entendi bem o suficiente para saber que era o jeito dele de tentar me proteger. Mesmo que isso o fizesse soar como um idiota.

Passamos aqueles dias no apartamento de Quin na cidade.

Nós conversamos e fizemos sexo e compartilhamos refeições, eu obtive meu Sbarro no próximo final da manhã, cruzando caminhos com mulheres com a maquiagem da noite passada, e homens com óculos de sol mesmo no interior.

— Sagrada ressaca, Batman, — eu murmurei, sentindo a mão de Quin apertar meu quadril onde ele estava situado desde que saímos de seu apartamento.

Notei que, conforme os dias passavam, ele estava sempre me tocando. Como se estivesse com medo de que, se ele não me segurasse, eu poderia escapar.

Mas eu, com certeza não estava reclamando.

Tínhamos trocado presentes, me fazendo perceber que ele estava pensando em mim no Natal, assim como eu pensava nele. Ele tinha me dado uma genuína caixa de joias musical russa.

Ele abriu meu presente, um pouco de piada porque eu não o conhecia bem o suficiente na época para conseguir algo verdadeiramente pessoal, ele havia jogado a cabeça para trás e rido, infantil, quase dolorosamente atraente.

Eu lhe dei uma placa com uma inscrição que deixou o cara no local de personalização genuinamente chocado.

Para o melhor contrabandista de ópio do mundo.

Ele tinha pendurado em seu corredor como se fosse o melhor presente que já tinha recebido.

No terceiro dia, subimos em seu carro ao raiar do dia, ambos tendo trabalho para chegar, uma vida a ser retomada.

— Menina, isso é um *brilho*, — declarou Benny assim que eu entrei no trabalho naquela manhã, apontando um pente para mim. — Você nem mesmo tente negar isso. Kenny, — ele chamou, contando com a nossa chefe em suas reflexões, — vejam Aven. Ela tem esse *eu fui bem fodida por um homem delicioso até não poder andar direito por um dia* brilhando nela, não tem? Por favor, me diga que foi aquela coisa gostosa com o terno e o belo carro. Diga-me que ele é seu homem.

Não havia como parar o sorriso terrível que eu podia ver refletido no espelho atrás dele. Feliz, feliz. Eu nunca tinha visto esse olhar no meu rosto antes.

— Ele é meu homem.

QUIN

Cinco dias

— Oh meu Deus. Você não pode estar falando sério, — zombou Aven enquanto eu a levava para dentro da minha casa pela primeira vez, tendo passado a noite anterior em sua casa porque Gunner disse que estava cansado de ser babá de cachorro para que nós pudéssemos *foder como coelhos a semana toda*. Eu me perguntei então se talvez houvesse mais do que simplesmente Gunner sendo Gunner, se talvez ele tivesse pensado que algo estava se construindo entre os dois, se ele estava chateado por eu ter conseguido a garota.

Eu teria me sentido mal, mas estava feliz demais aproveitando Aven para pensar muito.

— Sério, — ela disse, balançando a cabeça para mim. — Isso é loucura. Ninguém deve ter permissão para ter dois lugares agradáveis como este.

Eu não tinha nascido com uma colher de prata na boca. Eu precisei lutar e chegar ao topo, mal conseguindo dormir durante os meus vinte e poucos anos e metade dos meus trinta, tentando construir alguma coisa, tentando sair do teto quase inquebrável que parecia ser a educação da classe média baixa.

Então, quando me senti pela primeira vez para assinar a papelada no apartamento da cidade e depois entrei pela primeira vez com as chaves na mão, senti.

Temor.

Mas, para ser perfeitamente honesto, desde então, ainda não senti a mesma sensação. Quando comprei o prédio e o reformei, quando fiquei em hotéis de luxo, quando comprei minha casa. Acabou de se tornar minha nova norma.

Foi bom e humilhante poder ver minha vida através das lentes de alguém que ainda estava no lugar na vida que eu havia estado.

Aven trabalhou duro e manteve a cabeça acima da água, mas há muito tempo aceitara que nunca saberia como era dirigir um carro de luxo ou morar em uma casa que custava mais de um milhão e meio.

Eu tinha comprado o lugar por um capricho quando me cansei de sair com uma mala no hotel da cidade enquanto meu escritório estava sendo reformado. Eu fiz o passeio com o agente para a primeira casa em sua lista, dei a volta e fiz uma oferta antes mesmo de sair da propriedade.

Era um lugar onde pendurei meu chapéu.

Mas eu não tinha jeito com a decoração, apenas disse a Jules para dizer ao estilista para não colocar nenhuma merda de babado nela.

— Cale-se, — ela disse quando entramos pela entrada da cozinha que era facilmente maior do que todo o seu piso inferior com bancadas de quartzo, armários brancos e aparelhos de fachada de ardósia plana. — Eu poderia realmente ter espaço para espalhar ingredientes aqui, — ela declarou, indo até a ilha, abrindo os braços até que o peito dela estivesse descansando, fazendo com que sua bunda aparecesse.

E, bem, eu não estava prestes a deixar passar essa oportunidade, eu estava?

Eu me movi em direção a ela, os pés silenciosos pelo chão de ladrilhos, então quando minhas mãos agarraram as calças de yoga e calcinhas, e as puxei para baixo para expor sua bunda para mim, seu ar saiu dela em um surpreso *Oh*.

Minha mão deslizou entre suas coxas, encontrando seu clitóris enquanto eu desfiz de meu botão e zíper com a outra mão, liberando meu pau, e acariciando-o quando senti sua boceta ficar molhada com a necessidade.

Ela estava sempre molhada por mim, sempre gananciosa por mim dentro dela. Não importava se eu tivesse terminado de fodê-la dez minutos antes, fazendo-a gozar três vezes, se eu roçasse meus dedos sobre ela novamente, ela estava se contorcendo com a necessidade mais uma vez.

Nós tivemos a conversa na noite anterior, depois que ela se atrapalhou em sua mesa de cabeceira por preservativos que não tinha. Os testes e a conversa sobre pílulas, por mais instigante que fosse tê-la no calor do momento, ainda eram necessários, algo que precisávamos para sair do caminho.

E depois disso, recebi o aval de tê-la crua, nada entre nós, sentindo o calor escorregadio dela ao meu redor.

Eu agarrei meu pau quando sua boceta estava molhada o suficiente para cobrir minha palma, acariciando seu desejo aveludado sobre mim antes de levá-lo pela base, e levando-o entre suas coxas, batendo forte e profundo antes que ela pudesse antecipar, fazendo seu corpo sacudir para frente, suas mãos batendo no balcão enquanto ela soltava um gemido.

Minha mão seguiu sua espinha para deslizar no cabelo na base de seu pescoço, afundando e torcendo, puxando até que ela arqueou de volta para mim para aliviar a atração em seu couro cabeludo.

E então eu a peguei, o som dos meus quadris batendo em sua bunda e coxas preenchendo o espaço aberto e silencioso, encontrando os gemidos que faziam minhas bolas parecerem como se estivessem em um maldito aperto de mão.

— Toque sua boceta para mim, — eu exigi, observando como ela não hesitou, apenas moveu a mão entre suas coxas para trabalhar seu clitóris. — Boa menina, — eu rosnei, sentindo suas paredes apertarem em torno de mim quando ela chegou perto.

Foi apenas alguns segundos depois, quando ela apertou quase o suficiente para que eu não pudesse continuar empurrando, em seguida, começou a pulsar ao meu redor enquanto ela gritava meu nome, sua mão escorregando no balcão. Se eu não a tivesse pelos cabelos, ela teria caído para frente com a intensidade de seu orgasmo.

Eu encontrei o meu, alguns segundos depois, enchendo-a com o meu esperma, algo que nunca tinha me atraído antes, mas parecia de alguma forma importante agora, significativo, certo.

Mas, novamente, todas as malditas coisas com ela até agora pareciam certas.

AVEN

Três meses

— Eu disse não, Quin, — eu bati, acenando com a mão cheia de alface em sua cozinha.

Veja, nós não brigamos com frequência. De fato, raramente. Mas era inevitável às vezes, sendo nós dois muito teimosos para o nosso próprio bem.

— Por que não? — ele perguntou, recostando-se na geladeira, o rosto impassível.

— Oh, caramba, eu não sei. Porque custa *setenta e cinco mil dólares*. Que tal isso? — eu perguntei, colocando a alface na tábua de cortar, e firmemente cortando-a com uma de suas facas extravagantes. *Bom demais para as facas Bed, Bath e Beyond¹², aparentemente.*

Ok.

Eu estava talvez sendo um pouco teimosa sobre isso.

Mas estava indo contra tudo do que eu construí minha vida ao redor, senhorita certinha e trabalho duro. Tudo o que eu tive na minha vida, porque eu trabalhei duro por isso. Nada nunca veio facilmente. E certamente nada nunca me foi dado.

Inferno, eu até me senti estranha quando Quin pagou pelo jantar. Mesmo depois de três meses. Mesmo que por quantas vezes ele me levou para fora, eu fiz a ele refeições caseiras.

Apenas me sentia estranha.

Eu não tinha certeza se ficaria totalmente confortável com a ideia de ser cuidada. Especialmente vendo que eu tinha conseguido cuidar de mim mesma desde o dia em que fiz dezoito anos.

E ali estava ele, aparentemente indiferente, ou simplesmente não entendendo, o meu problema com ele pagando pelas pequenas coisas, e de repente me oferecendo um carro de luxo extravagante.

Ele estava apenas sendo ele mesmo, generoso, sendo um bom sujeito. Corrigindo um problema. O problema é que o meu carro tinha finalmente, *finalmente*, chutado o balde. O tipo final. O tipo em que o mecânico simplesmente voltou como um médico depois de uma cirurgia para me dizer que não havia nada que ele pudesse fazer, desistiu da luta e foi para o grande cemitério metálico no céu.

— Eu tenho o dinheiro, Aven. Isso não vai quebrar o banco. —

¹² Loja de produtos domésticos popular.

Ele estava me observando, mesmo com a cabeça abaixada para tentar esconder a estranha mistura de gratidão e constrangimento que eu estava sentindo naquele momento, pude sentir seu olhar em mim.

— Isso não é realmente o ponto.

— Qual é o ponto então? — ele perguntou, vindo atrás de mim para puxar a faca da minha mão e me virar. — Não se arriscar, — ele explicou enquanto colocava a faca fora do meu alcance. — Você é a única sempre me dizendo que eu preciso ser franco com você, querida. Você precisa seguir o seu próprio conselho aqui. Qual é o problema? Você precisa de um carro. Eu quero te dar um. Qual é o problema?

— Eu não preciso de cuidado, — eu soltei, balançando a cabeça.

— Precisa? — ele perguntou, sobrancelhas franzidas. — Não. Obviamente, você não precisa de mim, ou de ninguém, para cuidar de você. Você estava indo muito bem antes de eu aparecer, querida. Mas isso não é sobre você *precisar* que eu cuide de você, mas sobre eu *querer* fazer isso, quero que você tenha uma maneira de se locomover. E, não por nada, mas é uma maneira que tenho de não me preocupar com o carro pegando fogo enquanto você dirige. Isso não está vindo com cordas e condições. Eu assinarei o registro para você. É seu livre e claro não importa o que. Eu dormirei mais fácil com você em um carro decente, Aven. Isso não significa que estou pensando menos de sua capacidade de cuidar de si mesma. Aceite o presente.

Bem, ele tinha um bom argumento, não é?

— Eu só...

— Oh, pelo amor de Deus, — Gunner rosnou quando entrou na cozinha. — Isso é o que está segurando o meu jantar? — ele perguntou, parecendo positivamente enojado com a ideia de seu estômago estar vazio por cinco minutos extras por causa da nossa discussão sobre um carro. — Pegue a porra do carro, boneca, — ele disse, passando por nós para espiar o forno. — Mostre sua gratidão a maneira nua. E consiga este maldito ziti assado no meu estômago. Eu estou murchando aqui, — ele acrescentou, tirando uma azeitona da salada e colocando-a em sua boca no caminho de volta para fora da cozinha.

Gunner vinha muito para as refeições.

Se ele soubesse que eu estava cozinhando, ele estava na porta.

Normalmente com uísque para Quin, cidra forte para mim e um osso para Mackey.

A companhia dele era sempre bem-vinda, já que nós dois gostávamos de sua natureza espinhosa.

— Eu não recusaria alguma gratidão nua, — disse Quin, um brilho perverso em seus olhos, fazendo meus lábios se curvarem.

— Eu acho que isso pode ser arranjado, — eu concordei, pressionando meus lábios juntos. — Mas depois que nós alimentamos Gunner. Ele vai começar a resmungar lá fora, se não o fizermos, — acrescentei.

— Então você vai aceitar o carro.

Eu respirei fundo, sentindo uma sensação de giro no meu peito que sugeria que talvez, apenas talvez, ser cuidada por Quin pudesse ser uma coisa boa. — Eu vou aceitar o carro.

QUIN

Um ano

Eu não tinha certeza se ela sabia que dia era.

Eu tinha tirado o dia de folga do trabalho pela mesma razão, observando-a como uma bomba-relógio, certo de que haveria algum colapso com relação a isso.

Um ano depois que ela foi atacada em seu quarto e matado um homem.

Ela se recuperou como só as mulheres pareciam capazes.

Não era que isso não a afetasse, isso aconteceu.

Ela era paranoica sobre fechaduras. Mesmo depois que ela se mudou para minha casa, e me viu ajustar o sistema de alarme, ela tinha que se levantar antes de dormir e checar as fechaduras. Assim que ela subia no carro, eu pude ouvi-la checando as fechaduras. Ela pulava às vezes quando um galho tocava uma janela, ou havia um relâmpago do lado de fora que fazia uma sombra aparecer no vidro.

Provavelmente nunca haveria um dia em que ela deixasse de ser mais cuidadosa do que antes que aquela porcaria chegou em sua vida.

Mas ela não quebrou. Ela não tinha pesadelos que eu poderia dizer.

E ela estava lidando com o aniversário daquele dia como se fosse qualquer outro dia.

— Ei, — ela chamou, entrando, incerta mudando de pé para pé, algo que ela não era geralmente conhecida, fazendo-me dar a ela toda a minha atenção. — Você sabe que dia é hoje? — ela perguntou se aproximando de mim, mas não vindo sentar no meu colo como normalmente faria.

— Babe... — Eu comecei, sem saber o que deveria dizer.

Mas então ela me deu um pequeno sorriso. — Um ano atrás, nos encontramos pela primeira vez.

Porra.

Ela poderia ser mais bonita?

Ela estava escolhendo não ver este dia como o aniversário do pior dia de sua vida. Não. Ela estava preferindo lembrar como o dia que levou a todos os melhores que havíamos compartilhado juntos.

Eu havia dito a ela mil vezes pelo menos antes.

Mas toda vez que eu fiz, ela olhou para mim como se fosse a primeira vez. Com admiração. Com pura alegria.

— Deus, eu te amo, porra, — declarei, estendendo a mão, agarrando o braço dela e puxando-a para o meu colo.

— Eu também te amo, — ela declarou, aconchegando-se em meu pescoço.

Eu também senti isso também.

O sentimento certo no meu interior.

Ela havia me confessado há muitos meses que também sentia isso, que tinha acertado desde o começo, mas achava que era estranho demais admitir, sem perceber que também me sentia assim.

Talvez hoje fosse o dia em que eu pudesse tirar aquele anel da

minha mesa de cabeceira e dar a ela.

Fazê-la minha para sempre.

Nada no mundo jamais pareceu mais certo.